

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

LUCAS SILVA SUNIGA

**A EXPERIÊNCIA VIVIDA DE PESSOAS IDOSAS QUE PERDERAM PARCEIROS
AMOROSOS DE LONGA CONVIVÊNCIA**

CAMPINAS

2025

LUCAS SILVA SUNIGA

**A EXPERIÊNCIA VIVIDA DE PESSOAS IDOSAS QUE PERDERAM PARCEIROS
AMOROSOS DE LONGA CONVIVÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Escola de Ciências da Vida, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Engler Cury

CAMPINAS

2025

S957e	<p>Suniga, Lucas Silva</p> <p>A experiência vivida de pessoas idosas que perderam parceiros amorosos de longa convivência / Lucas Silva Suniga. - Campinas: PUC-Campinas, 2025.</p> <p>216 f.</p> <p>Orientador: Vera Engler Cury.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Escola de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2025.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Luto. 2. Casais. 3. Idosos. I. Cury, Vera Engler. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências da Vida. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia. III. Título.</p>
-------	---

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

LUCAS SILVA SUNIGA

A EXPERIÊNCIA VIVIDA DE PESSOAS IDOSAS QUE PERDERAM PARCEIROS
AMOROSOS DE LONGA CONVIVÊNCIA

Dissertação defendida e aprovada em 10 de
dezembro de 2025



Professora Dra. Vera Engler Cury

Orientadora da Dissertação e Presidente da
Comissão Examinadora

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
(PUC-Campinas)



Professora Dra. Vera Lucia Trevisan de Souza

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
(PUC-Campinas)



Documento assinado digitalmente
JOHNELISE DE LUCAS FREITAS
CPF: 11.715.701-09 44.41-0000
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

Professora Dra. Joanneliese de Lucas Freitas
Universidade Federal do Paraná
(UFPR)

Agradecimentos

Se o luto de pessoas mais velhas por seus parceiros amorosos de longa convivência foi compreendido como vivência intersubjetiva e responsabilidade coletiva da comunidade humana de que os enlutados são membros, o mesmo é verdade a respeito desta pesquisa. Sem o apoio dos meus pais e familiares, de sangue ou de consideração, que me deram condições materiais e suporte emocional - não apenas desde o processo seletivo do Mestrado, mas desde o nascimento - e me forneceram modelos que me fizeram valorizar o amor e o conhecimento esta pesquisa não existiria. Obrigado!

Sem os meus amigos, que acompanharam minha trajetória de vida e acadêmica, me acolheram e me apoiaram, alguns até me ajudando a revisar passagens do texto, ideias e conceitos, esta pesquisa não teria sido possível. Ainda que tivesse sido possível, todavia, sem amigos como vocês, nenhuma vida acadêmica, por mais bem sucedida que pudesse ser, teria sentido. Obrigado!

Agradeço, ainda, pelo apoio e trocas com os demais membros do meu grupo de pesquisa, que me ajudaram a ver o que eu não via e que me apoiaram nos momentos difíceis e celebraram minhas vitórias. Aos que já o integravam antes de minha chegada agradeço por me acolherem e por me permitirem dividir seu lar e sua pequena comunidade com vocês. Aos colegas de entrada e aos novos, agradeço por integrarem comigo também essa família simbólica. O mundo acadêmico pode ser árido e escuro, mas a parceria e companheirismo pode amaciá-lo e torná-lo mais claro.

Se isto é verdadeiro para os demais membros de meu Grupo de Pesquisa, cabe aqui um agradecimento especial a minha orientadora, que me apresentou o mundo mágico e encantador da Atenção Psicológica Clínica comprometida com nosso tempo e com a vida das pessoas como vividas e simbolizadas por elas, a Pesquisa Fenomenológica e o trabalho com narrativas como estratégia metodológica, que traduzem muito de quem sou e do que dá sentido à minha vida. Agradeço pela paciência, pela franqueza gentil ao corrigir meus erros, pela valorização dos meus acertos e pelo acolhimento de minhas angústias como pesquisador em formação. Agradeço por me ajudar quando sozinho eu não conseguiria e por acreditar em mim e me ajudar a fazer o mesmo para enfrentar o que sozinho eu já era capaz. Mil vezes obrigado.

Agradeço também a todos os professores que passaram por minha vida e despertaram em mim o amor pelo Ensino, pelo conhecimento, por olhar as coisas mais de perto e pelos templos que frequentamos na forma de escolas e Universidades para dividirmos esse processo.

Cabe ainda agradecer às pessoas mais velhas que inspiraram esta pesquisa ao dividirem comigo suas experiências após a perda de seus parceiros, antes ainda que a ideia da pesquisa existisse: Dona Zélia, Isaura e Edite. Agradeço ainda aos participantes desta pesquisa, que por vezes abriram suas casas para mim e se dispuseram a confiar em mim e se abrirem comigo a respeito de suas vivências, por mais mobilizadoras que pudessem ser. Esta pesquisa, é dedicada a essas pessoas, aos participantes e a seus parceiros falecidos. Particularmente, dedico-a a minha avó, Lourdes e a seu parceiro falecido, Aparecido Suniga, “vovô Cido”.

Agradeço, ainda, a minha primeira e mais enfática revisora: Luiza, minha própria parceira amorosa. Sem nossa parceria amorosa e cumplicidade e o medo de viver sem ela, não teria sido possível me conectar com muito do que vivenciaram e vivenciam os participantes ou realizar esta pesquisa.

Finalmente, sem uma fonte de renda que me permitisse me dedicar mais tempo à pesquisa esta dissertação, também não teria sido possível, portanto, agradeço à população brasileira pelo financiamento desta pesquisa e destaco que:

“O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil”.

Resumo

A perda por morte de um dos parceiros em casais que construíram uma relação amorosa de muitos anos, tende a ser vivida com grande mobilização afetiva, podendo estar associada ao desenvolvimento de doenças, ao aumento da intensidade do declínio cognitivo e da mortalidade. O objetivo deste estudo foi compreender a experiência vivida de pessoas idosas em relação ao luto pela morte de parceiros(as) amorosos(as) de longa convivência. Foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, empírica, de natureza exploratória, teoricamente baseada nos princípios da Abordagem Centrada na Pessoa, desenvolvida pelo psicólogo norte-americano Carl Rogers. O caminho metodológico inspirou-se na proposta fenomenológica do filósofo Edmund Husserl e na antropologia filosófica de sua discípula Edith Stein. O pesquisador realizou 10 Encontros Dialógicos individuais com pessoas com idades entre 63 e 86 anos cujo relacionamento com o (a) parceiro(a) durou entre 21 e 68 anos. O encontro com cada participante constituiu um acontecer clínico pautado em atitudes facilitadoras por parte do pesquisador de compreensão empática, consideração positiva incondicional e congruência. Uma questão norteadora era comunicada verbalmente pelo pesquisador ao iniciar cada encontro: “Estou interessado em compreender a vivência do luto e gostaria que você me contasse como tem sido sua vida após o falecimento do(a) seu(sua) companheiro(a).” Após cada Encontro, foi escrita uma Narrativa Compreensiva a partir das impressões, percepções, ideias e sentimentos que impactaram intersubjetivamente o pesquisador. Na sequência, foi escrita uma Narrativa Síntese que incluiu os elementos significativos, estruturantes do fenômeno em foco enquanto experiência humana universal singularmente vivenciada pelos participantes da pesquisa. A partir destes elementos, foram identificados 3 campos estruturantes, organizadores da experiência vivida dos participantes: “Afetos vividos e o espírito do tempo: nossa história está escrita nas paredes”, “O sentido da vida compartilhada como casal emerge da experiência de se reconstituir como pessoa” e “Achei que era impossível,

mas hoje sou feliz". Concluindo, o fenômeno foi compreendido como multifacetado: (a) atravessado por aspectos culturais e geracionais; (b) diverso a partir das histórias de vida individuais e da convivência a dois; (c) atravessado pelo envelhecimento, suas perdas e potencialidades como momento do desenvolvimento humano; (d) estruturado como processo de resignificação e de reconstrução da própria vida (e) influenciado pela presença ou ausência de apoio familiar, comunitário e social. Espera-se que este estudo contribua para um aprofundamento da compreensão psicológica a respeito do fenômeno do luto, auxiliando no desenvolvimento de intervenções psicológicas clínicas - e intervenções em saúde de forma mais ampla – e de políticas públicas mais adequadas e sensíveis à experiência vivida de pessoas idosas que perderam seus parceiros.

Palavras-chave: abordagem centrada na pessoa; experiência vivida de luto; idosos, pesquisa fenomenológica; casais

Abstract

The death of a long-term love partner tends to be a very painful experience. It can bring forth the onset of an increase in the rates of mortality, cognitive decline and development of diseases. The goal of this research was to comprehend the lived experience of elderly people regarding the bereavement of their long-term love partners. An exploratory qualitative research was conducted. The research was theoretically based on the principles of the American psychologist Carl Rogers' Person-Centered Approach. Methodologically it was inspired by Edmund Husserl's classic Phenomenology, and Edith Stein's philosophical anthropology. Ten individual dialogical encounters were carried out by the researcher with participants whose age ranged from 63 to 86 years. Their love relationships lasted from 21 to 68 years. The encounters were carried out aiming to provide the participants a trusting relationship environment of unconditional positive regard, empathetic understanding and congruence. Each encounter began with the verbal expression of the guiding theme by the researcher: "I'm interested in understanding grief experiences and would like you to tell me about how has your life been after the decease of your partner". After each Dialogical Encounter, a Comprehensive Narrative was produced, conveying the impressions, perceptions, ideas and feelings that have intersubjectively impacted the researcher. A Synthesis Narrative was then produced including the significant elements that structure the researched phenomenon as a universal lived experience uniquely lived by each participant. Three structuring fields framing the participants' lived experiences were identified: "Lived affections and the spirit of a time: our story is carved on the walls", "The meaning of the life shared as a couple stems from the experience of rebuilding oneself as a person" and "I thought it wasn't possible, but today I'm happy". Summarizing, the studied phenomenon was understood as multifaced and (a) influenced by cultural and generational aspects, (b) diverse according to each individual and shared life story

(c) marked by the developmental and individual possibilities and challenges of ageing (d) structured as an open process of actualization and rebuilding of one's life (e) influenced by the presence of family, communitarian and social support or lack thereof. We hope this study contributes to deepen psychological understanding of grief, helping to develop clinical psychological interventions – and interventions in health fields as a whole – as well as public policies that are adequate and sensible to the lived experience of elderly people bereft of their love partners.

Keywords: person-centered approach, grief lived experience, elderly, phenomenological research, couples

Sumário

Lista de Figuras.....	9
Lista de Tabelas.....	10
Apresentação.....	11
Capítulo 1 – Breve histórico sobre o tema do luto em relacionamentos amorosos na literatura e nas pesquisas psicológicas com ênfase na experiência vivida.....	13
A perda de parceiros amorosos como fenômeno humano.....	13
Envelhecimento: aspectos desenvolvimentais e demográficos.....	18
Capítulo 2 – Panorama atual de pesquisas científicas sobre o luto vivido por pessoas idosas	21
Objetivo da Revisão Integrativa.....	21
Método da Revisão Integrativa.....	21
<i>Procedimentos.....</i>	<i>22</i>
<i>Levantamento dos materiais.....</i>	<i>22</i>
<i>Seleção dos materiais.....</i>	<i>23</i>
<i>Organização dos dados.....</i>	<i>25</i>
<i>Análise de dados.....</i>	<i>26</i>
<i>Resultados da Revisão Integrativa.....</i>	<i>27</i>
<i>Dados de identificação.....</i>	<i>27</i>
<i>Descrição e análise crítica das seções dos artigos.....</i>	<i>29</i>
<i>Calache et al. (2022)</i>	<i>30</i>
<i>Gibson et al, (2019)</i>	<i>31</i>
<i>Hisamatsu et al. (2020)</i>	<i>34</i>
<i>Hout et al. (2020).....</i>	<i>36</i>
<i>Näppä & Bjorkman-Randström (2020).....</i>	<i>38</i>
<i>Thomas (2021).....</i>	<i>40</i>
<i>Thompson & Kim (2023).....</i>	<i>43</i>
<i>Unidades Compreensivas e Categorias Temáticas.....</i>	<i>47</i>
<i>Processo de perda.....</i>	<i>48</i>
<i>Elaboração do luto.....</i>	<i>49</i>
<i>Reconstrução da própria vida.....</i>	<i>50</i>
<i>Síntese Narrativa.....</i>	<i>51</i>
<i>Conclusão da Revisão Integrativa</i>	<i>59</i>
Capítulo 3 – Caminho metodológico da pesquisa.....	61
Objetivo.....	61
Método.....	61
<i>Fenomenologia Clássica de Edmund Husserl, emergência histórica e desenvolvimento.....</i>	<i>61</i>
<i>Antropologia Filosófica de Edith Stein.....</i>	<i>65</i>
<i>A perspectiva de Walter Benjamin a respeito das Narrativas.....</i>	<i>69</i>
<i>Princípios da Abordagem Centrada na Pessoa.....</i>	<i>71</i>
<i>O caminho para compreender experiências vividas de luto.....</i>	<i>74</i>

<i>Participantes.....</i>	74
<i>Procedimentos.....</i>	76
<i>Encontros Dialógicos.....</i>	77
<i>Análise dos resultados.....</i>	81
<i>Cuidados éticos.....</i>	81
Capítulo 4 – Narrativas da vida após a perda de um parceiro amoroso.....	83
A caminho dos Encontros Dialógicos.....	82
Catarina.....	82
Claudia.....	91
Riobaldo.....	100
Maria.....	107
Dora.....	116
Dona Benjamin.....	123
Jó.....	131
Xerazade.....	136
João.....	145
Gelsomina.....	153
Narrativa Síntese.....	162
Campos estruturantes.....	167
Capítulo 5.....	168
Primeiro campo: Afetos vividos e o espírito do tempo: nossa história está escrita nas paredes.....	168
Segundo campo: O sentido da vida compartilhada como casal emerge da experiência de se reconstituir como pessoa.....	173
Terceiro campo: Achei que era impossível, mas hoje sou feliz".....	182
Considerações Finais.....	184
Referências.....	188
Apêndices.....	201
Apêndice A – Convite da pesquisa	201
Apêndice B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	202
Apêndice C - TERMO DE CONSENTIMENTO PARA TRATAMENTO DE DADOS PESSOAIS.....	204
Apêndice D – Questionário Sociodemográfico.....	207
Apêndice E – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas.....	208

Lista de Figuras

Figura 1 – Fluxograma do processo de seleção dos artigos.....	25
--	-----------

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Buscas em inglês.....	22
Tabela 2 – Buscas em português.....	23
Tabela 3 - Dados de identificação dos artigos da Revisão Integrativa.....	28
Tabela 4 – Unidades compreensivas e categorias temáticas.....	47
Tabela 5 – Dados socioeconômicos dos participantes.....	75
Tabela 6 – Dados complementares dos participantes.....	76
Tabela 7 – Campos estruturantes.....	167

Apresentação

Parcerias amorosas e o amor que pode nelas ser vivido sempre me intrigaram. Cresci cercado de pais, tios e avós carinhosos, que viviam relacionamentos que, apesar de suas ambiguidades e imperfeições (que caracterizam todas as relações propriamente humanas), eram fonte de sentido e satisfação e ocupavam um lugar central na vida dessas pessoas. Buscando o amor e a satisfação em parcerias amorosas, encontrei apenas a mim mesmo e a minhas fantasias. Não entendia como isso acontecia e, procurando entender, descobri a Psicologia e suas lentes para compreender o humano. Com o tempo, amadureci e pude começar a ver um pouco além de mim. Nesse processo (inesgotável), finalmente encontrei o amor. Complexo, ambivalente, real. Assim, interessei-me pela Psicologia Clínica, pela Abordagem Centrada na Pessoa e pela Fenomenologia, como frestas pelas quais se pode ver o mundo e as relações como de fato são vividos e significados pelas pessoas, para além das fantasias e identificações.

Já a morte, se fez presente mais tarde para mim. Atendendo clientes em psicoterapia de tempo indeterminado e no Plantão Psicológico, como Estagiário do Serviço-Escola de Psicologia da PUC-Campinas, fui atravessado pelo peso do luto vivido por pessoas que perdiam entes queridos e se sentiam presas em seus sofrimentos, por vezes significativamente debilitantes. Mais tarde, já formado e atendendo clientes como Psicólogo Clínico em processos de psicoterapia de tempo indeterminado, ver como a morte dava sentido para a vida compartilhada com alguém à medida que era rememorada me intrigou. Segue intrigando.

A peça que faltava para compor o quadro de meu tema de pesquisa veio de um sonho. Semanas antes, duas pessoas mais velhas com as quais convivía haviam falecido. Uma delas era meu avô. Viajamos com minha avó, e vê-la rememorando sua convivência com ele foi comovente. Na viagem, sonhei com uma senhora próxima de minha família, que havia perdido seu parceiro de longa convivência recentemente, me dizendo que gostaria de conversar comigo.

Conversamos e a convivência que ela tinha com a memória e com a ideia de seu parceiro falecido compuseram para mim um mistério: Como é possível viver após a perda de um parceiro amoroso com o qual se conviveu por décadas? Como as pessoas vivem após essa perda? É possível viver de forma satisfatória?

Este mistério e o esforço para compreendê-lo deram vida a esta pesquisa. Pessoalmente, tendo abandonado a fantasia do “felizes para sempre”, ainda não me parecia possível que, depois de ter vivido uma parceria de longa data, que por vezes pode também ter sido um grande amor, perdendo-o, a vida ainda pudesse ter sentido.

Desenvolvendo a pesquisa, deparei-me com a morte e o amor como essências universais da experiência humana que dão sentido e peso à vida. Por outro lado, deparei-me com formas de amar, constituir parcerias, morrer e lidar com a morte que só podiam ser compreendidas no horizonte histórico dos participantes – homens e mulheres de seu tempo, época e geração – e a partir de suas histórias de vida e de convivência singulares.

Para minha grande surpresa, descobri que, por inúmeras razões, é possível não reencontrar um sentido de vida por tempo indefinido, mesmo após o fim de uma convivência amorosa que envolvia grande sofrimento. Por outro lado, mesmo para pessoas que viveram relacionamentos amorosos que consideravam satisfatórios e que viveram grandes alegrias com quem se foi, por vezes foi possível encontrar novos sentidos e reconstruir a si mesmo a à proporia vida. Descobri, enfim, que parcerias amorosas de longa convivência e seu fim objetivo, talvez como todo fenômeno humano, não se submetem a fórmulas prontas e podem ser vividos de formas tão plurais quanto forem as pessoas, sendo perpetuamente atualizados por aqueles que os vivenciam.

Capítulo 1 – Breve histórico sobre o tema do luto em relacionamentos amorosos na literatura e nas pesquisas psicológicas com ênfase na experiência vivida

A perda de parceiros amorosos como fenômeno humano

A perda de parceiros amorosos é uma vivência humana significativa. No campo da cultura, aparece já no primeiro mito de que se tem notícia na epopeia de Gilgamesh, rei de Uruk, que, desafiando os deuses, é condenado a viver sem seu parceiro, o enviado dos céus, Enkidu (Foster, 2019). No mito, Enkidu adentra uma caverna cuja soleira Gilgamesh não pode cruzar. Nesta caverna, Enkidu ascende aos céus para viver com os deuses. A vivência do mítico rei da Idade Antiga não destoa da de Camões (1598/2013), no Renascimento ao cantar a morte de sua parceira Dinamene, afogada em sua travessia para Portugal, ou da vivência do personagem Riobaldo, de João Guimarães Rosa (1956/2019) ao lamentar a morte de Diadorim em “Grande Sertão: veredas”.

Ovídio (8 a.c./2011), poeta e escritor romano, nascido em 43 a.C. e falecido por volta de 17 ou 18 d.C., renomado por sua excelência técnica e por ter escrito obras como “Metamorfoses”, “Amores” e “A Arte de Amar”, narra a história de Philemon e Baucis, um casal de idosos que, após envelhecerem juntos, recebem a graça dos deuses e pedem para morrerem juntos, de modo a não testemunharem a morte um do outro. No momento da morte do casal, ambos são transformados em árvores, podendo viver para sempre lado a lado.

André Gorz, um filósofo austro-francês, também conhecido pelo pseudônimo Michel Bosquet que como jornalista ajudou a fundar em 1964 o semanário *Le Nouvel Observateur*, escreveu uma carta à sua companheira Dorine:

Você acabou de fazer 82 anos. Continua bela, graciosa e desejável. Faz cinquenta e oito anos que vivemos juntos e eu amo você mais do que nunca. Recentemente me apaixonei por você mais uma vez, e sinto em mim de novo um vazio devorador, que só o seu corpo estreitado contra o meu pode preencher. À noite eu vejo, às vezes, a silhueta de

um homem que, numa estrada vazia e numa paisagem deserta, anda atrás de um carro fúnebre. Eu sou esse homem. É você que esse carro leva. Não quero assistir à sua cremação; nem quero receber a urna com a suas cinzas. Ouço a voz de Kathleen Ferrier cantando: “*Die Welt ist leer, Ich will nicht leben mehr*” [“O mundo está vazio, não quero mais viver”, em alemão], e desperto. Eu vigio sua respiração, minha mão toca você. Nós desejaríamos não sobreviver um à morte do outro. Dissemo-nos sempre, por impossível que seja, que se tivéssemos uma segunda vida, iríamos querer passá-la juntos (Gorz, 2008, pp. 99-100).

À época, Gorz estava com 85 anos e temia a morte de sua esposa, então com 82 anos e um quadro avançado de aracnoidite.

O sofrimento e a relevância desse fenômeno, conotados por essas e outras expressões artísticas ao longo da história da humanidade, têm sido estudados em pesquisas psicológicas e epidemiológicas no campo da ciência a respeito das perdas e do luto enquanto um conjunto de modificações comportamentais, psicológicas e fisiológicas após a morte de alguém (Worden, 2013).

Na Psicologia Moderna, cujas raízes remontam ao século XIX (Schultz & Schultz, 2015) e, mais especificamente, na Psicanálise, o luto como experiência humana foi compreendido a partir de sua dimensão simbólica, incluindo perdas não necessariamente relacionadas à morte real de alguém, podendo se estabelecer a partir de perdas concretas (ou percebidas como tal) de abstrações que ocupam seu lugar (Freud, 1917/2010). Assim, passou-se a uma compreensão com base nas relações entre alguém e o que foi perdido enquanto um processo, um trabalho do luto que equivale a uma tarefa de adaptação que depende de reorganizações internas da personalidade. Estas deveriam se dar no sentido de um desligamento gradual do objeto perdido a que o enlutado deve renunciar subjetivamente, frente à sua ausência

na realidade externa, e de novas escolhas de investimento libidinal que devem, paulatinamente, substituir aquele objeto sob pena de se deprimir melancolicamente e se desvitalizar.

Ainda no paradigma psicanalítico, essa perspectiva do luto gradual, linear, contínuo e focado no enlutado e em sua relação com o objeto perdido, foi aprofundada por Bowlby (1998), que explorou como as diferentes formas de apego desenvolvidas na infância influenciavam as vivências de perda na vida adulta. Contemporaneamente, em releitura lacaniana da obra de Freud (1917/2010), autoras como Ana Suy (2022) têm ido além na aproximação entre luto e amor, ao defenderem que tanto a elaboração de perdas quanto a sustentação de faltas – que caracterizam o processo de luto por morte – não diferem, de um ponto de vista psicodinâmico, das perdas e faltas que devem ser elaboradas em relacionamentos amorosos saudáveis e satisfatórios. Para Suy (2022), como ocorre no luto por morte, a incapacidade de elaborar a insuficiência de nós mesmos ao tentarmos satisfazer fantasias alheias ou a insuficiência dos demais quanto à sua capacidade de satisfazerem as nossas, poderia produzir essa desvalorização do Eu, essa ferida narcísica e, em última instância, levar à melancolia.

Outro paradigma relevante neste tema, é o de Elizabeth Kübler-Ross (1969/1996), psiquiatra suíça-americana que se tornou pioneira no estudo da morte e do morrer, na tanatologia e nos cuidados paliativos. Ela ficou mundialmente conhecida pelo seu livro publicado em 1969, “Sobre a Morte e o Morrer”, e pelo modelo dos cinco estágios da morte e do luto: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Seu trabalho revolucionou a forma como os profissionais de saúde lidavam com pacientes terminais, promovendo tratamento mais humanizado.

Esse era um modelo relativamente linear (com estágios podendo se sobrepor e voltarem a se manifestar em maior ou menor grau ao longo do tempo). Nele, o processo de reorganização interna do enlutado ainda permanecia como o foco e haveria estágios pelos quais o enlutado passaria em sua relação não com o que perdeu, mas com a perda em si, até que chegasse ao

estágio em que predominasse a “aceitação”; ou seja, até que a tarefa do luto tivesse sido concluída a partir da assimilação da perda. Até esse momento histórico, o luto enquanto processo, enquanto tarefa subjetiva, era compreendido sob uma perspectiva individual.

Em propostas mais recentes, como a do Modelo Dual do Luto proposta por Stroebe e Schut (1999), o luto aparece como uma tarefa que é tanto individual quanto coletiva. Em sua proposta os autores questionam os modelos anteriores por compreenderem o luto em si mesmo como algo que transcende a “tarefa” que os embasava e seu processo como não-linear – nem contínuo nem descontínuo – mas sim oscilatório. Quanto ao aspecto de tarefa, defendem que o luto não envolve apenas a aceitação de uma perda, por exemplo, mas de várias perdas que acompanham a principal, como o acesso a habilidades, ciclos sociais e recursos financeiros com que a pessoa perdida contribuía na vida de quem a perdeu. Em outros casos, como nos lutos por perdas de filhos, por exemplo, apontam ser comum a emergência de problemas conjugais a partir de processos de luto distintos de cada genitor, destacando as consequências da morte para a totalidade da vida do enlutado. Nesse sentido, questionam a ideia de tarefa como algo fixo – tendo em vista a grande variedade cultural (atravessada inclusive por questões de gênero) do que significa processar o luto – e como algo a ser realizado exclusivamente pela pessoa que o está vivenciando, uma vez que há uma rede de pessoas afetadas pela morte de alguém que por vezes apoiam umas às outras, de modo a elevar a “tarefa” do luto a um nível interpessoal e coletivo.

Nesse sentido, outro ponto central de questionamento desses autores (Stroebe & Schut, 1999; Stroebe et al., 2007) a partir de seu Modelo Dual do Luto a respeito dos paradigmas anteriores, refere-se ao luto restrito a seus aspectos tidos como negativos e enquanto algo que deve ser combatido; uma vez que estas perspectivas desconsideram as reorganizações de identidade, as uniões familiares, as ressignificações da relação dos enlutados com a pessoa que morreu e diversos outros aspectos tidos como positivos que podem acompanhar o processo do

luto. Para eles, o processo, cuja intensidade se reduziria paulatinamente, ocorreria em uma alternância, entre momentos orientados à perda e ao enfrentamento (“*Loss-oriented*” e “*confrontation*” no original), marcados pelo contato com a perda e com os sentimentos que ela desperta, e momentos orientados à reorganização e à evitação (“*Restoration-oriented*” e “*avoidance*” no original), marcados por negações, por evitações e pelo engajamento em novos papéis sociais e atividades. Além disso, ambos os momentos coexistiriam e se alternariam com a vida cotidiana (“*everyday life experience*” no original) para além do luto. Neste paradigma, a ausência desse caráter oscilatório do luto poderia, inclusive, ser preditiva de um curso patológico do mesmo.

Além disso, contemporaneamente, o estudo do luto tem se aprofundado e se especializado à medida em que se o tem compreendido como fenômeno complexo, sensível a variações culturais, aos diferentes momentos do desenvolvimento em que se instala, à natureza da relação com a pessoa que falece, à causa da morte e a outras variáveis. A partir disso, ele tem sido pesquisado em suas manifestações particulares e vicissitudes, como evidencia a pluralidade de categorias propostas por manuais ligados ao luto (e.g. Worden, 2013) para suas ocorrências específicas como “Luto complicado”, “Luto não autorizado”, “Luto antecipatório”, “Luto por suicídio”, “Luto por aborto”, “Luto e pessoas idosas”, dentre outras.

Na contramão dessa tendência, malgrado as particularidades e idiosincrasias dessa experiência, pesquisas Fenomenológicas têm questionado tanto a ideia de uma tarefa do luto quanto a distinção entre formas de perda. Nesse sentido, trabalhos como o de Freitas (2013) apontam que, apesar das inúmeras possibilidades de manifestação do fenômeno do luto em cada horizonte histórico (Freitas, 2024), que enquanto fundo da percepção deve ser considerado, há uma estrutura essencial do luto enquanto experiência humana que implica a resignificação de uma relação Eu-Tu em perdas por morte de qualquer natureza. Esta resignificação seria um processo contínuo, portanto, sem fim; uma nova forma de se abrir para

o mundo da vida, permeado por intersubjetividade e intercorporeidade, após uma perda que jamais implicaria sua superação ou esquecimento, ainda que o sofrimento ligado a ela venha a ser aplacado. O sentido da vida após a perda seria, portanto, processual; estaria em constante atualização.

Finalmente, do ponto de vista epidemiológico, estudos longitudinais têm correlacionado (ainda que sem estabelecimento de relações de causalidade) a perda de pessoas próximas ao aumento da mortalidade, ao aumento do consumo de álcool e ao desenvolvimento de problemas cardiovasculares (Stroebe et al., 2007), e a perda de parceiros amorosos em específico à emergência de sintomas depressivos e ansiosos (Schaan, 2013; Onrust & Cuijpers, 2006; Purrington, 2023) e a declínios cognitivos mais intensos (Singham et al., 2021).

Assim, a relevância científica e humana da perda de parceiros amorosos faz com que seja necessário compreender as diferentes vivências possíveis deste evento de vida a partir de aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Especificamente, faz-se necessário compreender a vivência deste fenômeno nos diversos momentos do desenvolvimento humano e, em particular, na velhice, em decorrência de suas perdas características e de aspectos demográficos nacionais e internacionais.

Envelhecimento: aspectos desenvolvimentais e demográficos

No que diz respeito aos aspectos demográficos, há um envelhecimento populacional global e nacional e um consequente aumento da população idosa. Em termos mundiais, pode-se citar, por exemplo, dados da Organização Pan-Americana de Saúde (2021) que apontam que, em 2020, mais de 8% da população mundial tinha mais de 65 anos e que, até 2030, essa proporção tende a dobrar. A nível nacional, pode-se citar dados como os do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022) segundo os quais, entre 2010 e 2022, houve um aumento de quase 60% na proporção da população com 65 anos ou mais no Brasil, e que projetam que, em 2070, haverá uma proporção de 38,7% de idosos na população brasileira.

Quanto ao envelhecimento, visto pelo prisma da Psicologia do Desenvolvimento, vale destacar a pluralidade de velhices possíveis em cada cultura e contexto. Desenvolver ou não doenças crônico-degenerativas, manter ou não a capacidade cognitiva e física, viver ou não com os filhos e familiares, sobreviver ou não a eles, viver ou não em instituições e comunidades, ter ou não apoio de suas comunidades e ter ou não redes sociais densas são apenas algumas das possibilidades que permeiam inúmeras possibilidades de velhice, com mais ou menos autonomia, independência e saúde física e mental (e.g. Baltes, 2006; Papalia & Martorell, 2021; Neri, 2006).

Desta forma, faz-se necessário compreender a experiência vivida do luto como fenômeno que se manifesta de maneira singular em cada pessoa de modo a possibilitar intervenções psicológicas, cuidados em saúde e delineamentos de políticas públicas mais sensíveis à vivência dessa população. Neste sentido, estudos qualitativos empíricos, fenomenológicos, de natureza exploratória como este, ao se proporem a apreender os múltiplos significados da vivência humana que emerge da perda de parceiros amorosos, contribuem para que se possa acolher essas pessoas no contexto da comunidade humana em que estão inseridas (Bello, 2015). Especificamente, pesquisas como esta podem contribuir, por exemplo, para a proposição de políticas públicas que visem garantir o acesso a direitos como a dignidade da pessoa humana, acesso à saúde, respeito e à convivência na comunidade e família positivados em nosso ordenamento jurídico em nossa carta constitucional (Constituição da República Federativa do Brasil de 1988) (Brasil, 1988) e no Estatuto da Pessoa Idosa (Lei Nº 10.741/2003) (Brasil, 2003). Finalmente, intencionamos contribuir para com a comunidade científica no sentido da produção de conhecimentos que permitam a concretização dos objetivos da “Década do Envelhecimento Saudável” (2021-2030) das *United Nations* [Organização das Nações Unidas] (2025a) cujas áreas de atuação definidas pela Organização Pan-Americana de Saúde (2021) incluem: “Mudar a forma como pensamos, sentimos e agimos

com relação à idade e ao envelhecimento” e “Entregar serviços de cuidados integrados e de atenção primária à saúde centrados na pessoa e adequados à pessoa idosa”.

Assim, a partir do problema de pesquisa em torno de como vivem as pessoas idosas após perdas desta natureza e do sentido que atribuem a suas experiências, definimos como objetivo “Compreender a experiência vivida de pessoas idosas que perderam seus(suas) parceiros(as) amorosos(as) de longa convivência”. Antes de irmos a campo para a etapa empírica desta pesquisa, detalhada no Capítulo 3, entretanto, desenvolvemos uma Revisão Integrativa de literatura de modo a traçar um panorama a respeito do que vinha sendo produzido a respeito deste tema na ciência psicológica.

Capítulo 2 – Panorama atual de pesquisas científicas sobre o luto vivido por pessoas idosas

Com o intuito de compreender o contexto atual de estudos científicos sobre o tema da perda de parceiros amorosos, foi realizada uma Revisão Integrativa de literatura.

Objetivo da Revisão Integrativa

Estabelecer um panorama do conhecimento científico recente acerca das experiências vividas por pessoas idosas que perderam seus(suas) parceiros(as) amorosos(as).

Método da Revisão Integrativa

Trata-se de uma Revisão Integrativa de Literatura com análise dos resultados pautada na Fenomenologia Clássica de Edmund Husserl como operacionalizada por Clark Moustakas (1994). Quanto à Revisão, foi desenvolvida como um levantamento ordenado e pormenorizado de materiais científicos de natureza qualitativa a respeito de um determinado tema visando compreender o estado presente do conhecimento científico a seu respeito (Mendes et al., 2008; Souza et al., 2010; Canuto & Oliveira, 2020). A Revisão teve por questão norteadora: “Como pessoas idosas vivenciam a perda de seus(suas) parceiros(as) amorosos(as)?”.

A ideia de vivência foi aqui compreendida como um conhecimento pré-conceitual, intuitivo, que a pessoa tem a respeito de si mesma e do mundo como se desvela, a sua consciência a cada momento, enquanto fenômeno, quando o sujeito se volta a ele intencionalmente. Já a noção de experiência vivida foi empregada no sentido de um conhecimento que se tem a respeito das vivências (Bello, 2015).

Quanto ao termo “idosos”, referiu-se a indivíduos com 60 anos ou mais, em consonância com a definição cronológica proposta pelo Estatuto da pessoa Idosa – Lei número 10.741, de 1º de outubro de 2003, que baliza políticas públicas nacionais.

Procedimentos

Levantamento dos materiais. O levantamento foi realizado entre 27 de fevereiro de 2024 e 5 de março de 2024 e, sempre aplicando o filtro temporal de “5 anos anteriores” ou equivalente quando estava disponível. Quando indisponível, optou-se pelo recorte “2019-2024” para garantir que eventuais artigos de 2024, com poucos meses corridos até então, também pudessem ser incluídos. Além disso, visando explorar o estado da arte da literatura científica como um todo, tanto internacional quanto nacionalmente, foram realizadas buscas em inglês e em português em bases internacionais e nacionais.

O processo se iniciou por buscas em inglês realizadas conforme a “Tabela 1 – Buscas em inglês”. As palavras-chave foram alteradas a partir da ausência de resultados em certas bases de dados e portais de periódicos e aparecem em ordem cronológica. Ao todo as buscas em inglês produziram 53 resultados:

Tabela 1

Buscas em inglês

Palavras-chave utilizadas	Base de dados	Número de Resultados
elderly AND grief AND partner AND qualitative study	Pubmed	19
	Portal de Periódicos CAPES	2
	LILACS	0
	PyscInfo	0
elderly AND grief AND spouse AND qualitative study	Pubmed	13
	Portal de Periódicos CAPES	3
	LILACS	4
	PyscInfo	0
elderly AND grief AND partner	PyscInfo	6
	LILACS	2
elderly AND grief AND spouse	PyscInfo	4
	LILACS	0

Na sequência, foram realizadas buscas em português apresentadas na “Tabela 2 – Buscas em português” em ordem cronológica, também adaptadas frente a ausência de resultados em certas bases de dados e portais de periódicos:

Tabela 2*Buscas em português*

Palavras-chave utilizadas	Base de dados	Número de Resultados
idosos AND luto AND parceiros AND estudo qualitativo	SciELO Brasil	0
	Portal de Periódicos CAPES	0
	LILACS	0
idosos AND luto AND cônjuges AND estudo qualitativo	SciELO Brasil	0
	Portal de Periódicos CAPES	0
	LILACS	0
viuvez AND estudo qualitativo	SciELO Brasil	0
	Portal de Periódicos CAPES	1
	LILACS	0
envelhecimento AND luto	SciELO Brasil	1
	Portal de Periódicos CAPES	17
	LILACS	10

Ao todo, as quatro buscas em português, produziram 29 resultados. Desta forma, somando ambos os levantamentos, foram obtidos 82 materiais.

Seleção dos materiais. A primeira filtragem realizada foi a de materiais em duplicidade. Dos 82 materiais encontrados com os termos em português e inglês, permaneceram, após o descarte de duplicidades, 65. Na sequência, também foram lidos os títulos e resumos dos materiais e excluídos aqueles em que idosos não aparecessem como participantes/sujeitos principais ou em que a média de idade dos participantes não fosse superior a 60 anos. Além disso, foram excluídos aqueles em que o luto por parceiros amorosos e/ou cônjuges não fossem os temas principais. Foram excluídos, por exemplo, artigos relacionados à experiência dos idosos com relação ao luto pelos próprios corpos e doenças e à experiência de médicos com o cuidado paliativo. Após esta nova filtragem, dos 65 materiais, permaneceram 20.

Uma terceira filtragem foi realizada, então, a partir do Tipo de Material e do Tipo de Pesquisa, de modo a excluir tanto materiais que não fossem artigos científicos (dissertações de

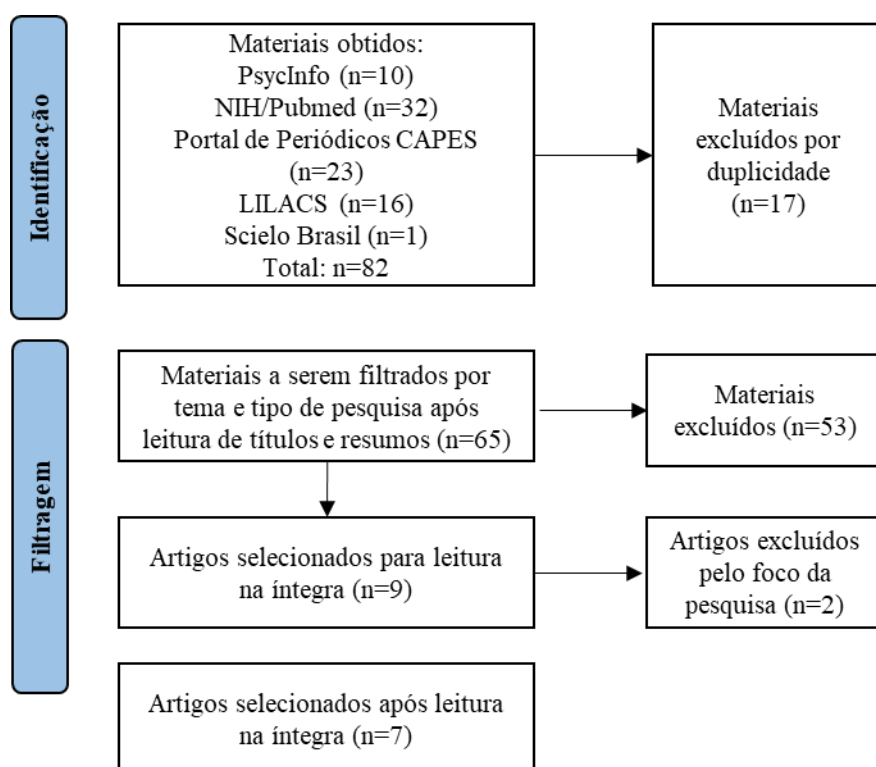
mestrado, teses de doutorado e livros) quanto os que não se tratassem de Pesquisas Qualitativas de caráter empírico. Foram excluídos estudos quantitativos empíricos e revisões de literatura quantitativas, qualitativas e mistas. Após esta terceira filtragem, foram selecionados 9 artigos para leitura na íntegra.

Após a leitura na íntegra, o artigo de Reis et al. (2023), foi excluído por focar lutos simbólicos relativos ao envelhecimento, não o luto pela morte de um parceiro amoroso ao passo que o de Velsen et al. (2024) foi excluído por enfocar o desenvolvimento de uma intervenção e a experiência de usuários com relação ao *software* desenvolvido ao invés do luto de idosos por parceiros amorosos em si.

O processo de filtragem dos artigos foi diagramado na “Figura 1 – Fluxograma do processo de seleção dos artigos” conforme sugerido pelo *Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses* (PRISMA) (Page et al., 2021). Ainda que se trate de uma Revisão Integrativa, optou-se por esse modelo de diagramação por se entender que facilita a compreensão e apresentação do processo de Revisão.

Figura 1

Fluxograma do processo de seleção dos artigos



Organização dos dados. Para organização dos dados foram criadas planilhas do Microsoft Excel [*software* de computador] em que os artigos foram fichados a partir de seus dados de identificação (ano de publicação, autores, título, nacionalidade, idioma e citação parentética) e seções (introdução, objetivos, método, discussão e conclusão). Esses dados foram extraídos sob a ótica da adequação entre seção e conteúdo, ou seja, ainda que uma informação estivesse na introdução, quando se compreendeu que ela dizia respeito aos objetivos, ela foi fichada nessa coluna e essa realocação foi explicitada. Finalmente, houve, na presente revisão, um esforço de padronização da apresentação dos dados dos artigos independentemente de sua versão original no que diz respeito à ordem das informações nas próprias colunas. Assim, na seção método, por exemplo, primeiro foram apresentados o tipo de estudo, intervenções (quando realizadas), os participantes, suas formas de

recrutamento/convite e seus critérios de inclusão e exclusão, descrição das funções de cada pessoa envolvida no estudo, coleta/produção de dados e análise dados, ainda que estas informações não aparecessem nessa ordem no material original.

Análise de dados

A análise dos resultados foi realizada sob a lógica da Fenomenologia Clássica de Edmund Husserl como operacionalizada por Clark Moustakas (1994) em seu método heurístico. Trata-se de um método em que o próprio pesquisador é um instrumento de pesquisa por voltar-se à própria experiência para buscar a estrutura essencial de um fenômeno humano (Brisola & Cury, 2016). Assim, a análise contou com as seguintes etapas: *epoché*, redução fenomenológica transcendental (aqui levada a cabo com a construção de unidades compreensivas e categorias temáticas), variação imaginativa e Síntese Narrativa.

Na *epoché*, o pesquisador suspende seus preconceitos e juízos apriorísticos, sociais, familiares, pessoais e científico-objetivos, abandonando uma atitude natural em prol de uma fenomenológica, intuitiva, voltada para a consciência de si no aqui e agora, intencionada para o fenômeno, enquanto mantém esses conhecimentos e expectativas prévios entre parêntesis (Moustakas, 1994; Moreira, 2002). Nesta etapa apreenderam-se os sentidos intuitivos dos fenômenos de forma apriorística, ou seja, como afetavam o pesquisador de modo imediato, sem elaborações e reflexões de cunho racional (Bello, 2017). Estes sentidos foram transpostos à escrita como unidades de sentido.

Ainda na atitude de distanciamento e suspensão da *epoché*, foi realizada a redução fenomenológica transcendental com a busca por elementos estruturantes do fenômeno, ou seja, sem os quais deixaria de ser o que é (“*Horizontalizing*”, Moustakas, 1994, p.83). Na sequência, foi realizada a variação imaginativa, ou seja, um exercício reflexivo em que se aventam diversas possibilidades de manifestação do fenômeno de modo a eliminar elementos aparentemente estruturantes que se revelem incidentais, ou seja, que poderiam não estar

presentes sem que o fenômeno se descaracterizasse. Desta forma foram obtidos os elementos estruturantes. Esta etapa foi transposta à linguagem escrita a partir da construção de unidades compreensivas, aglutinadas em categorias temáticas (“*Clustering the Horizons Into Themes*”, Moustakas, 1994, p. 83).

Finalmente, estas unidades compreensivas e categorias temáticas foram amalgamadas em um todo coerente por meio de uma Síntese Narrativa que busca apreender a totalidade do fenômeno (“*Organizing the Horizons and Themes Into a Coherent Textural Description of the phenomenon*”, Moustakas, 1994, p.83). Todavia, malgrado o esforço despendido nesse sentido, vale a ressalva do próprio Moustakas (1994) de que esse processo não esgota a totalidade do fenômeno, apenas aproxima dela um pesquisador de um dado tempo-espço e ponto de vista. Esta ressalva, está em consonância com as discussões recentes da Fenomenologia Crítica a respeito do horizonte histórico do próprio pesquisador e de seu fundo constitutivo que não são suspensos na *epoché* e na apreensão do fenômeno por sequer integrarem o campo perceptivo do investigador (Freitas, 2024).

Resultados da Revisão Integrativa

Dados de identificação. Os dados de identificação são apresentados na “Tabela 3 – Dados de identificação dos artigos da Revisão Integrativa”, segundo a ordem alfabética do sobrenome do(a) primeiro(a) autor(a) dos artigos.

Tabela 3*Dados de identificação dos artigos da Revisão Integrativa*

Ano	Autores	Título	Nacionalidade	Idioma	Citação parentética
2022	Calache, J., Coutinho, T., Silva, J., Quintiliano, G. & Reis, R.	Viuvez: modificações no autocuidado e na saúde entre pessoas idosas	Brasileira	Português	Calache et al., 2022
2019	Gibson, K., Peacock, S., & Bayly, M.	Qualitative exploration of emotional and social changes from diagnosis to bereavement for spousal caregivers of persons with dementia	Canadense	Inglês	Gibson et al., 2019
2020	Hisamatsu, M., Schinchi, H. & Tsutsumi, Y.	Experiences of spouses of patients with cancer from the notification of palliative chemotherapy discontinuation to bereavement: A qualitative study	Japonesa	Inglês	Hisamatsu et al., 2020

Ano	Autores	Título	Nacionalidade	Idioma	Citação parentética
2020	Hout, E., Peters, S., Jansen, L., Rober, P., & Akker, M.	An exploration of spousal caregivers’ well-being after the death of their partners who were older cancer patients – A phenomenological approach	Belga	Inglês	Hout et al., 2020
2020	Näppä, U. & Björkman- Randström, K.	Experiences of participation in bereavement groups from significant others’ perspectives; a qualitative study	Sueca	Inglês	Näppä & Björkman- Randström, 2020
2021	Thomas, T.	Social Support Experiences of Spousally Bereaved Individuals in a South African Township Community: The Botho/Ubuntu Perspective	Sul-africana	Inglês	Thomas, 2021
2023	Thompson, M. & Kim, A.	Understanding the Experiences of Elderly Bereaved Men and the Bond With Their Pets	Estadunidense	Inglês	Thompson, 2023

Descrição e análise crítica das seções dos artigos. Quanto aos dados das seções dos artigos, compreendem objetivos, método e resultados e aparecem, na sequência, em texto corrido segundo a ordem alfabética do sobrenome do(a) primeiro(a) autor(a) dos artigos.

Calache et al. (2022). Objetivos: Embora não haja uma seção “Objetivos”, no “Resumo” os autores identificam como objetivos do estudo: Identificar as características sociodemográficas de pessoas idosas viúvas e identificar as modificações no autocuidado e na saúde dessas pessoas. Método: Trata-se de um estudo qualitativo de natureza exploratória. Participaram do estudo 30 idosos da cidade de Itajubá, Minas Gerais, de áreas rurais e urbanas, viúvos há pelo menos 6 meses. Na seção “Resultados”, os autores trazem dados complementares dos participantes: tinham uma média de idade de 74 anos, e, em sua maioria, tinham baixo grau de escolaridade (ensino fundamental incompleto ou menor). Além disso, para cada participante do sexo masculino, havia 3 do sexo feminino. 90% eram católicos e 73% haviam perdido os parceiros há mais de 11 anos. Mais de 70% tinham renda entre 1 e 2 salários-mínimos. Como critério de exclusão dos participantes os autores citam os “que não contemplaram a entrevista semiestruturada”, sem informações adicionais do que entendem por isso, e “questionários sociodemográficos incompletos”. Os participantes foram convidados a participar da pesquisa a partir de um grupo no aplicativo WhatsApp. Após o convite via aplicativo, os idosos deveriam responder por escrito às seguintes perguntas: “A viuvez provocou modificações nas suas práticas de autocuidado? Comente isso para mim” e “O que a viuvez modificou na sua saúde?”. As respostas foram analisadas a partir da Teoria das Representações Sociais, com a identificação de ideias centrais nas respostas e posterior organização das mesmas em “Discursos do sujeito coletivo”. Resultados: Os autores trazem como resultados 4 quadros com “Discursos do sujeito coletivo”. Entretanto, esses quadros se sobrepõem de forma pouco clara ou coerente, com muitas intersecções entre os quatro Discursos e sem distinções claras entre eles. Desta forma, os dados foram reorganizados, aqui, a partir de uma síntese de elementos identificados nos quatro. O sujeito coletivo dos Discursos se sente livre após a morte do parceiro, retomando hábitos de autocuidado como a prática regular de exercícios físicos, o cuidado com as roupas e acessórios que utiliza e a retomada de

hobbies variados. De forma ambivalente, também sente falta de sentido na vida e nas atividades realizadas antes da morte do(a) parceiro(a), agora vividas como vazias e indiferentes, além de se sentir desamparado e solitário. Esse sentimento é remediado apenas parcialmente pelo apoio dos filhos, que não é suficiente para motivá-lo ao autocuidado. O sujeito coletivo sente que foi abandonado após o falecimento. Nesse sentido, refere o desenvolvimento de doenças crônicas degenerativas como artrose, diabetes e hipertensão e a dificuldade em frequentar consultas médicas e cuidar de si (exercitando-se, tomando remédios ou seguindo orientações em saúde).

Gibson et al, (2019). Objetivos: Neste artigo não há uma seção “Objetivos”. No “Método”, entretanto, as autoras apontam o intuito do artigo como sendo o de realizar uma análise qualitativa de entrevistas com cônjuges enlutados de pessoas com demência. Método: Trata-se de um estudo qualitativo de natureza exploratória. Os participantes foram entrevistados duas vezes por uma mestrandia em Psicologia. Participaram 8 mulheres e 2 homens, com média de idade de 81,6 anos que haviam perdido o parceiro há pelo menos 12 meses. Os participantes viviam, em sua maioria, em suas próprias casas de forma independente ou com auxílio, no caso de comunidades para idosos. Além disso, 7 dos cônjuges morreram em instituições de longa permanência e 3 em hospitais. Não há informações adicionais sobre os participantes, como dados socioeconômicos ou escolaridade. Foram convidados a participar da pesquisa a partir de indicações de trabalhadores de instituições de doenças neurológicas, centros comunitários e anúncios na internet. As entrevistas foram realizadas em uma cidade de pequeno porte do Canadá, entre 2014 e 2015, em suas próprias casas. Foi aplicado um questionário de identificação em que os participantes avaliaram suas saúdes, redes de apoio e experiências do cuidado e do luto. As entrevistas tiveram intervalo de duas semanas entre elas. As primeiras duraram entre 60 e 120 minutos e, as segundas, entre 20 e 60. As perguntas foram aprovadas por um psicólogo e por três enfermeiras. Não há mais dados sobre essa aprovação. O questionário propunha que o participante começasse a entrevista por qualquer das perguntas,

que orbitavam o equilíbrio (subentende-se que psicológico/existencial) e o que o promoveu ou facilitou durante o luto, além de perguntas sobre mudanças na vivência do luto ao longo do tempo e sobre como a vida do participante vinha sendo até então. As primeiras entrevistas foram gravadas digitalmente (não há especificação se com ou sem vídeo) e transcritas, sendo realizadas notas de campo. Não há detalhes sobre os procedimentos de transcrição. Após a transcrição das primeiras entrevistas, a partir do questionário, perguntas foram selecionadas para suprir lacunas a serem preenchidas na segunda entrevista. A análise de dados foi realizada pelo método de Braun e Clarke, citado pelas autoras, com a leitura das transcrições das entrevistas e posterior codificação indutiva das mesmas, linha a linha, até que padrões fossem identificados. Após identificar os padrões “social” e “experiências emocionais no cuidado e luto”, os códigos identificados foram aglutinados sob esses dois temas que foram, então, revisados e refinados para que refletissem os dados obtidos. Resultados: Foram identificadas duas grandes categorias: “Reações emocionais à mudança” e “Variação das conexões sociais ao longo da jornada do cuidado e do luto”. Quanto à primeira categoria, foi composta por quatro subtemas: (a) “luto memorável sobrepondo luto persistente”; (b) “sentimento crescente de desesperança e sobrecarga”; (c) “o alívio como algo comum porém disfarçado”; e (d) “a gratidão como pedra fundamental do luto construtivo”. Quanto à segunda categoria, foi composta por três subtemas: (a) “importância da inclusão social ao longo da jornada do cuidado e do luto”; (b) “perda repetida da parceria”; (c) “afastamento de interações sociais se deve a necessidades” (“*withdrawal from social interactions is contingent on needs*” no original). Quanto ao primeiro bloco de subtemas, as autoras destacam que os participantes relataram sentimentos mais intensos e perceptíveis de luto sempre que eventos externos demarcavam o adoecimento e o risco da morte, como no caso do diagnóstico, que demarcou o início do luto para os participantes. Analogamente, quando houve institucionalizações, esse momento demarcou um momento de sofrimento intenso. Além disso, a possibilidade de viver o luto de

forma antecipada foi destacada como atenuante do luto após a morte. Outro aspecto destacado pelas autoras foi a sensação de impotência dos participantes frente à realidade de o parceiro viver o fim de sua vida em uma instituição, embora os trechos trazidos como exemplos possam ser interpretados como impotência frente à mudança de personalidade e comportamento do parceiro. Nesse sentido, os participantes referiram não expressar seus sentimentos de sobrecarga para poderem dar continuidade ao cuidado para com o parceiro. Embora os participantes tenham se sentido aliviados com a morte do parceiro e com o fim do sofrimento deles e de si próprios, sentiam que precisavam esconder esses sentimentos e pensamentos dos demais. Ao longo do processo, os participantes também narraram como o luto foi sendo transformado em gratidão pelo parceiro e pelo que dividiram, e pelo fim do sofrimento de ambos e em otimismo quanto à reconstrução da vida após o cuidado. Quanto ao segundo bloco de temas, as autoras destacaram a importância do apoio de familiares, comunidades e amigos nas fases iniciais do adoecimento. Especificamente, morar em comunidades, com auxílios como alimentação e cuidados em saúde, contribuiu para esse sentimento de pertencimento e amparo. Outro ponto para o qual as autoras chamam a atenção é a dupla perda vivenciada pelos participantes, sendo a primeira no momento do diagnóstico ou institucionalização, e a segunda no decesso. Os participantes relataram, ainda, a perda do ciclo social do parceiro à medida que seus sintomas se agravavam. Isto tanto pelo afastamento de pessoas ligadas a ele quanto por iniciativa dos próprios participantes, que se sentiam exaustos e sobrecarregados ou não queriam fazer o parceiro se sentir sozinho ou excluído. Após a morte do parceiro, os participantes levaram tempos variados para se sentirem aptos a retomar suas atividades sociais. Muitos deles, inclusive, precisaram de até dois anos para “recuperarem suas energias” e vivenciaram esse período com autoindulgência, não se forçando a engajarem em atividades desprazerosas ou obrigações após uma jornada de cuidado extenuante, física e emocionalmente.

Hisamatsu et al. (2020). Objetivos: Neste artigo não há uma seção “Objetivos”. No “Resumo”, entretanto, os autores expõem como propósito do artigo: compreender a experiência de cônjuges de pacientes oncológicos de hospitais japoneses, desde a notificação da interrupção da quimioterapia paliativa até o luto após a morte do paciente. Método: Trata-se de um estudo qualitativo longitudinal de natureza exploratória. Participaram do estudo 12 esposas e um marido de pacientes oncológicos cujas quimioterapias haviam sido interrompidas. A média de idade dos participantes foi de 67,3 anos. A média de tempo de falecimento após a interrupção da quimioterapia paliativa foi de 2,5 meses. Os participantes foram convidados a participar da pesquisa por indicação dos médicos responsáveis pela quimioterapia paliativa de seus cônjuges e provieram de 3 hospitais japoneses. Duas entrevistas semiestruturadas foram realizadas pela primeira autora, uma professora universitária da área de Enfermagem. A primeira tinha as seguintes perguntas: (a) “Como você se sentiu após a interrupção da quimioterapia paliativa?”; (b) “O que você pensou depois da interrupção da quimioterapia paliativa?”; e (c) “Como você viveu/foi sua vida (*How have you lived*” no original) após a interrupção da quimioterapia paliativa?”. Já a segunda, não teve suas perguntas descritas. Os autores apenas afirmam que seu conteúdo orbitou os sentimentos, pensamentos e modos de vida dos participantes até a morte dos parceiros. A primeira entrevista aconteceu entre 12 dias e 2 meses da interrupção da quimioterapia paliativa, enquanto a segunda, foi realizada entre 3 e 11 meses após o falecimento. Ambas foram gravadas (não explicitam se com vídeo ou não) e contaram com anotações de campo. As primeiras foram realizadas em uma sala privativa em cada hospital enquanto, as segundas foram realizadas na casa dos participantes. As entrevistas tiveram duração média de 67 minutos. Quanto à Análise dos Dados, foi realizada a partir da Teoria Fundamentada e consistiu na codificação de transcrições das entrevistas, seguidas da criação de subcategorias e da derivação de categorias mais amplas a partir delas. As categorias foram, em sua construção, cotejadas com as anotações de campo e discutidas entre os autores até que

um consenso fosse obtido. Resultados: Os autores identificaram 16 subcategorias e 6 categorias, sendo que a categoria “Dificuldade em enfrentar o luto” foi identificada como a categoria principal, estando associada às outras cinco. As categorias foram, então, organizadas em uma sequência narrativa (“*storyline*” no original). A primeira categoria identificada foi a de “Espanto frente à interrupção da quimioterapia paliativa”. A esse respeito, os autores compreenderam que os participantes não entendiam a necessidade de interromper o tratamento, suas vantagens e a dinâmica dos cuidados paliativos e se sentiram impotentes frente à decisão da equipe médica. Quanto à segunda categoria, “Dificuldade em enfrentar o luto”, os participantes se arrependiam de não terem se planejado para a possibilidade do falecimento e de terem evitado pensar sobre o assunto. Além disso, sentiam-se amedrontados com a possibilidade de ficarem sozinhos após a morte do parceiro. A terceira categoria foi “Dificuldade em abandonar as esperanças quanto à sobrevivência do paciente” e foi marcada pelo desejo dos participantes de que o tratamento fosse mantido e que outras formas de prolongamento da vida fossem encontradas. A quarta categoria foi “Estupefação/inconformismo (“*bafflement*” no original) frente ao cuidado no estado terminal”. Quanto a esse aspecto, os pacientes se mostraram perdidos e confusos quanto ao cuidado necessário nessa etapa, sentindo-se amedrontados quanto à possível piora dos sintomas e do sofrimento dos parceiros, e inseguros quanto às suas capacidades de cuidar deles corretamente. Outro ponto de preocupação dos participantes foram os altos custos do tratamento e das internações. Quanto à quinta categoria, “Hesitação em ser honesto com o paciente”, os pesquisadores apresentaram o arrependimento por parte dos participantes em não terem discutido a morte do parceiro com eles, bem como suas vontades a respeito do fim de sua vida e de seu pós-morte. Na terminalidade, embora desejassem conhecer a perspectiva do paciente a esse respeito, sentiam-se culpados em perguntar e temiam causar mais sofrimento a ele ou serem insensíveis. Quanto à sexta categoria, “Saber como viver com o paciente até o

falecimento”, os participantes expressaram seu desejo em realizar os últimos desejos dos parceiros e em garantir que sofressem o mínimo possível, evitando tratamentos e internações desnecessários.

Hout et al. (2020). Objetivos: Compreender os aspectos psicossociais do bem-estar de cônjuges que cuidaram de um parceiro que morreu por câncer. Método: Estudo qualitativo fenomenológico de natureza exploratória. Todas as entrevistas foram realizadas pela médica infectologista, primeira autora deste trabalho (Hout). Participaram do estudo pessoas que frequentavam a pastoral ou o hospital da Universidade de Leuven [Bélgica], com idade média de 75 anos, que haviam perdido os parceiros por morte ligada ao câncer entre 3 e 12 meses antes da entrevista. O tempo médio como cuidadores do(a) parceiro(a) foi de 2 anos. Os participantes foram escolhidos de forma intencional, de modo a garantir que houvesse diversidade de gênero, tempo de relacionamento, tipo de câncer, duração da doença e local da morte. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas a partir de perguntas abertas em torno do cuidado e do processo de luto, mas estas perguntas não foram explicitadas. Ao longo das entrevistas, Hout procurou manter um estado de "não-saber", em acordo com o método fenomenológico e interagiu com os entrevistados, pedindo que aprofundassem ou esclarecessem determinados aspectos a partir do fluxo narrativo adotado por cada um deles. Foram realizadas anotações de campo. As entrevistas foram gravadas em áudio e, na sequência, foram transcritas por todos os pesquisadores. Foram entrevistados novos participantes até que, segundo os autores, a saturação da amostra fosse atingida. Neste estudo, esse processo consistiu em que não houvesse mais novos insights a partir das entrevistas segundo pelo menos dois dos três pesquisadores que analisavam os dados. As entrevistas foram lidas e relidas pelos pesquisadores que, então, produziram um relato (“*report*” no original) narrativo a respeito da totalidade dos dados e criaram um esquema de codificação descritivo e temático a partir do qual cada linha de cada entrevista foi codificada. O processo de codificação em si mesmo não

foi detalhado. Resultados: A análise dos dados revelou três momentos para a vivência do luto: (a) “1 - Primeiros momentos do Luto”; (b) “2 - Luto em processo” e; (c) “3 - Seguindo em frente com a vida”. O primeiro momento foi marcado por descrença, raiva e arrependimento, além de sobrecarga com os ritos e burocracias fúnebres e por os participantes encontrarem consolo em terem realizado os desejos do parceiro a respeito do funeral. Foi marcado também por alívio pelo fim do sofrimento do parceiro, pela liberdade de poder descansar e por um rememorar frequente dos últimos momentos com o parceiro. Quanto ao segundo momento, os pesquisadores identificaram a predominância de sentimentos ambivalentes quanto à morte do parceiro, como gratidão por terem vivido o relacionamento, de um lado e, de outro, solidão e medo. Nesse sentido, a maior parte dos participantes relatou se sentir solitária mesmo antes da morte do parceiro, pela perda dos hobbies e do tempo para si mesmos, além da perda da possibilidade de se comunicarem de forma significativa com seus parceiros durante o período da doença. Além disso, sentiam-se solitários no tempo que antes preenchiam com os cuidados para com a pessoa que morreu. Entretanto, os participantes relataram se sentirem acolhidos e apoiados por amigos, familiares, psicólogos e outras pessoas enlutadas, referindo que esse apoio os fazia se sentirem menos solitários embora, por vezes, reprimissem suas emoções por receio de sobrecarregar os familiares. Muitos participantes procuravam falar sobre o luto enquanto outros evitavam fazê-lo, evitando encontrar pessoas que não soubessem sobre o falecimento. Além disso, os participantes relataram um esvaziamento de suas vidas sociais pelo afastamento de amigos do(da) parceiro(a) falecido e dos profissionais com os quais conviviam antes do falecimento, com frequência, por anos. Finalmente, quanto ao terceiro momento identificado, “seguindo em frente com a vida”, os participantes contaram sobre a dificuldade de reconstruir a vida sem a presença física do parceiro(a), tendo de aprenderem a desempenhar funções pelas quais ele(a) era responsável e a viverem sozinhos. Além disso, os participantes procuravam manter hábitos e rotinas que tinham com os parceiros ou parceiras, dizendo que

isso os fazia se sentirem mais perto deles. Finalmente, as diferentes expectativas quanto ao luto tendiam a estar acompanhadas de vivências de satisfação ou frustração, quanto a como os participantes se sentiam ao longo do tempo.

Näppä & Bjorkman-Randström (2020). Objetivos: O objetivo declarado deste estudo foi descrever a experiência de pessoas que perderam pessoas significativas (“*significant others*” no original) ao participar de grupos de luto. Entretanto, o foco dos grupos de apoio mútuo em proporcionar a ideia de que os falecidos haviam tido uma boa morte segundo o Modelo 6s [Modelo a respeito de parâmetros de dignidade na morte], e a análise dos dados a partir desse modelo permitem a inferência de que houve um objetivo específico não descrito. Este seria o de verificar a hipótese de que o modelo de intervenção criado à luz do 6s e a compreensão que ele enseja de que a pessoa querida teve uma boa morte (como avaliada por esse modelo) contribui para o curso saudável do luto. Método: Trata-se de um estudo qualitativo interventivo. Foram realizados grupos de apoio mútuo ao luto. Participaram do estudo 46 pessoas, sendo 33 delas mulheres e 13 homens. Cada grupo tinha entre 12 e 13 participantes e 2 ou 3 conselheiros. A mediana da idade dos participantes era de 64,5 anos para as mulheres e 66 para os homens e, em 35 dos 46 casos, a pessoa perdida era um parceiro. Além disso, os participantes tinham perdido a pessoa querida entre 3 e 6 meses antes do início dos grupos e tinham níveis variados de escolaridade sem que algum deles se destacasse. A maior parte deles era aposentada (24 dos 46). Os participantes foram selecionados a partir de convites de enfermeiros ou membros de organizações religiosas ligados a um Hospital de um condado sueco com 130.000 habitantes. Quanto aos conselheiros, eram enfermeiras, assistentes sociais e membros de organizações religiosas. As reuniões foram realizadas semanalmente, por 5 semanas e tiveram duração de 2 horas. Tiveram temas específicos a serem abordados em cada reunião. O primeiro foi uma apresentação do grupo e de seu método de trabalho. O segundo, focou o período de adoecimento antes da morte. O terceiro, o período da morte. O

quarto, o período após a morte e os ritos fúnebres e, o quinto foi um esforço de representar metaforicamente a pessoa falecida e sua vida com o enlutado. Segundo os autores, os conselheiros tinham anos de experiência em aconselhamento de grupos de luto e procuraram acolher os participantes e garantir que todos participassem, ao invés de tentarem orientá-los/educá-los. Após a participação nos grupos, os participantes responderam a uma pergunta qualitativa: “Se você participou do grupo de enlutados, qual o papel desempenhado por ele em seu processo de luto?”. Os participantes responderam a essa pergunta 5 semanas após o início da participação nos grupos (n=46) e, em follow-up, um ano após a participação nos grupos (n=39). A análise dos dados se deu a partir do Modelo 6s para uma boa morte, organizado em 6 categorias: (a) autoimagem, (b) autodeterminação, (c) relação sociais, (d) controle dos sintomas, (e) síntese e (f) sumarização. Além disso, foram analisados a partir da perspectiva dos participantes da relação com a Equipe de Cuidados Paliativos no processo de adoecimento da pessoa perdida. Além disso, as respostas foram analisadas a partir do modelo de Análise de Conteúdo. Esta consistiu em leituras repetidas das respostas e organização das mesmas em unidades de sentido semelhante que, então, foram comparadas a partir de suas similitudes e diferenças e organizadas em categorias a partir de sua relação com o modelo 6s. Resultados: Os resultados foram organizados a partir das esferas do Modelo 6s e da relação com a equipe de cuidados paliativos. Quando à primeira esfera (autoestima), os participantes avaliaram positivamente a participação no grupo como uma forma de se sentirem acolhidos e incorporarem a perda em suas identidades. Além disso, no follow-up, embora os participantes ainda vivenciassem o luto, o faziam com aceitação e referiam o grupo como fonte de um senso de pertencimento. Quanto à esfera da autodeterminação, em um primeiro momento, os participantes avaliaram positivamente sua participação no grupo, sentindo-se mais seguros para enfrentar o luto. No follow-up, as respostas foram, na perspectiva das autoras, positivas e negativas. Quanto à esfera das relações sociais, as respostas após 5 semanas do início dos

grupos foram positivas, apontando o grupo como uma fonte relevante de apoio, inclusive por parte dos profissionais, no sentido de os enlutados não se sentirem tão sozinhos ou solitários em seu sofrimento. Entretanto, no follow-up, os participantes, embora mantivessem essa percepção, apontaram a necessidade de apoio adicional de amigos, familiares e psicólogos. Quanto ao controle dos sintomas físicos, houve apenas um relato que os mencionasse em um primeiro momento, referindo melhoras em seu sono, enquanto, no follow-up, os participantes avaliaram a participação nos grupos como precoce, sugerindo que aconteceram muito perto do falecimento, antes de um momento posterior, em que precisaram de apoio e o grupo já havia sido encerrado. Quanto à esfera da síntese e sumarização, os participantes, em ambos os momentos de resposta, destacaram a importância do apoio recebido pelos membros do grupo e a facilitação exercida pelos conselheiros no sentido de acolhê-los e ajudá-los a expressarem seus sentimentos, embora o luto permanecesse. Além disso, sugeriram uma reorganização dos grupos em que os enlutados mais novos participassem entre si e o mesmo ocorresse com os mais velhos, além de sugerirem que os grupos tivessem menos participantes (em torno de 5) e mais sessões. Finalmente, quanto à Equipe de Cuidados Paliativos, os participantes expressaram sua gratidão e a importância do apoio que tiveram dela ao longo do adoecimento de suas pessoas próximas que viriam a falecer.

Thomas (2021). Objetivos: Embora não haja uma seção “Objetivos”, a autora se propõe a responder três perguntas nesta pesquisa: (a) “Quais são as experiências de apoio social de pessoas enlutadas por seus parceiros em um contexto de guetos/zonas segregadas (“townships” no original) da África do Sul?”; (b) “Quais são as necessidades de apoio social de parceiros enlutados nesse contexto?”; e (c) “Como o botho/ubuntu explica/se relaciona com as experiências desta população?”. Método: Trata-se de um estudo qualitativo de natureza exploratória realizado no paradigma construtivista e interpretativista (“*interpretativist*” no original). Quanto ao construtivismo, trata-se, segundo a autora, da construção da realidade a

partir da experiência individual com o mundo externo. Quanto ao interpretativismo, enfoca a dupla interpretação dos fenômenos humanos pesquisados: primeiro pelo participante que interpreta sua realidade social e, em seguida, pelo pesquisador que interpreta a perspectiva dos participantes. Neste sentido, a pesquisadora destaca seu lugar social de mulher negra criada na mesma zona segregada em que vivem os participantes como um dado relevante para sua interpretação. Participaram do estudo 5 mulheres e 1 homem, negros, todos residentes na zona segregada de Ikageng no noroeste da África do Sul, que haviam perdido seus parceiros. Os participantes tinham uma média de idade de 63 anos e a média de tempo de perda do parceiro era de 5,6 anos. Foram convidados a participar da pesquisa a partir do método bola de neve: à medida que possíveis participantes se voluntariavam, indicavam outras pessoas que eram, então, convidadas a participar da pesquisa. As entrevistas foram realizadas pela própria pesquisadora. Contribuíram para a pesquisa um consultor sobre conhecimentos nativos residente na região noroeste da África do Sul, familiarizado com os ritos fúnebres e com o luto de grupos deste recorte cultural e uma intérprete do idioma Setswana e seus dialetos. A intérprete auxiliou a pesquisadora na tradução das transcrições. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas em torno dos temas: (a) “Experiência dos participantes após a morte do parceiro(a)”; (b) “Reflexões sobre o processo de luto dos participantes após a morte do parceiro(a)”; (c) “Adesão a práticas/conduitas culturais compulsórias após a morte do parceiro(a)”; e (d) “Mecanismos de enfrentamento da morte do parceiro(a)”. Além destas entrevistas, uma entrevista também foi realizada com a intérprete do idioma Setswana acerca dos ritos e tradições da cultura dos participantes, sendo, também ela, transcrita e traduzida. As entrevistas foram transcritas e traduzidas com o auxílio da intérprete e codificadas apenas pela pesquisadora. Após a codificação, padrões foram identificados e temas foram construídos a partir de checagens e aprofundamentos de impressões da pesquisadora com os participantes. Na sequência, os temas foram apresentados aos participantes como parte do processo de

definição de sua versão definitiva. Resultados. Foram identificados quatro temas: (a) “Fontes de apoio social durante o luto”; (b) “Apoio social inadequado após a morte do parceiro”; (c) “A necessidade de aconselhamento do luto”; e (d) “Restrições e isolamento social sistemático durante o período tradicional do luto: “É como se você fedesse!” (“*It is as if you smelled*” no original)”. Quanto ao primeiro tema, os participantes mencionaram igrejas, patrões, vizinhos, familiares e amigos como importantes fontes de distração e apoio para lidar com questões práticas e emocionais durante o luto. Uma entidade citada particularmente como fonte de apoio foram as burial societies, muito comuns na África do Sul. Nestas sociedades, os membros se amparam financeira e materialmente (inclusive com a realização de afazeres domésticos) em torno do adoecimento, falecimento e luto por entes queridos de seus membros. Esse apoio, recebido também da parte da família da pessoa falecida, foi apontado como atenuador dos sentimentos de tristeza e solidão dos participantes e foi mais frequente por parte de familiares mais próximos com o passar do tempo. Quanto ao segundo tema, os participantes se mostraram perdidos e frustrados com a falta de apoio nos primeiros dias após o falecimento. Alguns dos motivos apontados pelos participantes foram sua dificuldade em se abrir com os demais por medo de fazê-los sofrer e o ressentimento de outros familiares com relação a contribuições da comunidade para os rituais fúnebres, à herança do parceiro e, no caso das enlutadas, à culpa atribuída às esposas pela morte de seus maridos e a patrões que as obrigaram a voltar ao trabalho menos de uma semana após o falecimento. Outro aspecto relevante nessa temática foi a falta de apoio financeiro, emocional e para lidar com problemas cotidianos após a morte do(a) parceiro(a), além da falta da intimidade que tinham com os parceiros após o decesso. Quanto ao terceiro tema os participantes apontaram a necessidade de apoio ao luto por profissionais ou pessoas que passaram pela mesma experiência, inclusive para filhos do casal que, por vezes, recebem menos apoio que o(a) genitor(a) que sobreviveu ao(à) parceiro(a). Quanto ao quarto tema, os participantes descreveram experiências de luto compulsório e segregação entre 2

meses e 1 ano após a morte do parceiro. Nesse período, tiveram de usar roupas pretas ou específicas da cultura Setswana, sendo que, para o participante homem, o luto foi mais curto e a exigência quanto à vestimenta foi menos intensa. Para as mulheres, esse código de conduta pôde ser flexibilizado a partir de escolhas individuais e acordos feitos com os parceiros antes da morte. Para as que efetivamente vestiram-se conforme a tradição do luto, as experiências foram de ostracismo e hostilidade, em transportes privados, no trabalho e nas interações sociais. As participantes atribuíram isso à repulsa dos demais para com sua sefifi, que nesta cultura representa uma energia das trevas, da morte e da má sorte que as contamina após a morte do(a) parceiro(a) até que passem por um ritual de ablução/purificação ao final do período do luto compulsório. À medida que o tempo passava, entretanto, puderam gradualmente retomar suas atividades mesmo antes do ritual. Todos os participantes se submeteram a rituais desta natureza, que demarcaram o fim de seu luto compulsório. Após a cerimônia os participantes referiram o interesse dos demais em se aproximar deles. Além disso, na seção “Discussão”, a autora aponta a experiência de solidão e desamparo do participante do sexo masculino deste estudo, que relata ter recebido apoio apenas de sua filha após o funeral.

Thompson & Kim (2023). Objetivos: Embora o artigo não apresente uma seção “Objetivos”, os autores definem o intuito do estudo como sendo “Compreender a experiência de interação e tutoria (“ownership” no original) de idosos e seus animais de companhia (“companion animals” no original) após a morte de suas cônjuges”. Método: Trata-se de um estudo qualitativo de natureza exploratória baseado na “Fenomenologia Transcendental” como operacionalizada por Moustakas (1994). Participaram do estudo 13 homens com idades entre 65 e 89 anos, tutores de animais de estimação, cujas parceiras haviam morrido. Não há menção do tempo transcorrido desde a morte das parceiras. As autoras apontam que os participantes se enquadravam nos critérios de inclusão, mas não os explicitaram. Entretanto, destacaram que todos os participantes compreendiam como os animais de estimação se relacionavam com seus

lutos. Quase todos os participantes eram brancos, aposentados, não haviam se envolvido em novos relacionamentos amorosos e eram tutores de cachorros (pelo menos 10 dos 13). Uma minoria (1 a 3) declarou outra “raça/etnia” (“*race/ethnicity*” no original), trabalhava em tempo parcial, envolveu-se em novos relacionamentos amorosos e era tutora de gatos. Os participantes foram convidados a participar da pesquisa a partir de panfletos em instituições de cuidados com idosos, clínicas veterinárias, clubes, cafés e centros de convivência, de anúncios em redes sociais e por indicação de participantes que já haviam se voluntariado. Foi aplicado um breve questionário sociodemográfico e foram realizadas entrevistas abertas, aprofundadas a partir do fluxo narrativo de cada participante. Embora as autoras afirmem que as perguntas orbitavam o fenômeno investigado, não há mais informações a este respeito. As entrevistas tiveram gravação de áudio e foram realizadas presencialmente ou via telefone. Além disso, foram realizadas novas entrevistas com os mesmos participantes quando as pesquisadoras sentiam necessidade de esclarecer ou aprofundar algum ponto. Não há exemplos ou informações adicionais a este respeito. As entrevistas foram transcritas e novos participantes foram entrevistados até que as autoras julgassem que as amostras estavam saturadas. Nesse quesito, embora cite referências de pesquisas que encontraram números fechados de participantes recomendáveis para atingir essa saturação, não explicitam o que compreendem por ela ou como a definiram. A análise de dados foi realizada seguindo 4 etapas do método fenomenológico transcendental como operacionalizado por Moustakas (1994): *epoché*, redução fenomenológica transcendental, variação imaginativa e síntese de aglomerados de significado e estruturas de experiência. A *epoché* consistiu na suspensão de juízos e preconceitos dos pesquisadores acerca do fenômeno pesquisado e de uma abertura intuitiva a ele. Esse processo foi escrito e essa postura foi assumida novamente a cada entrevista, de modo a garantir a manutenção desse estado de “não saber”. Quanto à redução fenomenológica transcendental, consistiu na apreensão intuitiva do fenômeno como se apresentava à consciência das

pesquisadoras no momento das entrevistas. Foi subdividida em horizontalização, com transposição à linguagem escrita das falas a respeito do fenômeno, criação de “aglomerados de sentido” (“*clusters of meaning*” no original) e descrição textual desse processo para cada participante. Na sequência, esse relato foi enviado aos participantes para verificar sua fidedignidade. Não houve sugestões de alterações por parte deles. Quanto à variação imaginativa, foi um processo de apreensão da estrutura da experiência de cada participante e sua transposição para a linguagem escrita. Finalmente, a síntese de aglomerados de significado e estruturas de experiência foi a integração desses dados em um todo coeso textual capaz de identificar o que havia de significativo na experiência dos participantes. Resultados: Foram construídos 6 temas: (a) “O vínculo com os animais de estimação se tornou mais forte e próximo após a morte da esposa”; (b) “Os homens puderam expressar seus sentimentos de luto aos animais de estimação”; (c) “Os companheiros animais ajudaram os homens no processo de luto”, (d) “A presença dos animais de estimação foi importante em momentos em que a presença da esposa teria sido valiosa”; (e) “Os companheiros animais ajudaram os homens com seus sentimentos de solidão e conectividade social”; e (f) “Os animais de estimação contribuíram para a construção de um novo normal (“*new normal*” no original) por fornecerem a eles um propósito e uma rotina durante o luto”. Quanto ao primeiro tema, os participantes expressaram como o vínculo com os animais de estimação havia se estreitado, tanto por serem os únicos na casa quanto por lembrarem aos participantes da esposa e se configurarem como uma extensão do vínculo com a parceira falecida. Quanto à segunda categoria, os participantes referiram que falar sobre o luto com os animais de estimação os ajudava a pensar sobre ele. Embora as autoras não façam essa interpretação, a fala dos participantes apresentada pode sugerir uma identificação entre eles e os animais de estimação, já que ambos devem superar a perda (uma vez que os animais também perderam uma tutora) e reconstruir suas vidas sem a mesma pessoa. Os sinais dos animais de estimação, interpretados como sofrimento e falta da

pessoa falecida como descrito pelas autoras, podem ter contribuído nesse sentido. No que diz respeito ao terceiro tema, os participantes contaram sobre como seus animais de estimação pareciam consolá-los e ajudavam a afastar pensamentos e sentimentos de raiva, revolta, tristeza e desamparo, bem como ideias suicidas. Por vezes, a mera presença tida como amável pelos tutores foi suficiente para acalmá-los. Além disso, os animais de estimação também proporcionavam risadas e sentimentos de alegria e prazer aos participantes. Quanto ao quarto tema, os participantes narraram como a presença dos animais de estimação em momentos em que estariam com suas esposas os ajudaram, por exemplo ao chegar em casa, nas refeições, vendo televisão e ao dormir, fazendo-os se sentirem acompanhados e conectados. Quanto ao quinto tema, além de ajudá-los a se sentirem menos solitários, os animais de estimação contribuíram para que os participantes pudessem ter interações sociais, por exemplo em passeios, com outros tutores. Quanto ao último tema, os participantes contaram sobre como a presença do animal de estimação contribuiu para que se sentissem úteis, importantes por ainda terem de despender cuidados e cumprir rotinas, e suprir expectativas e sobre como a convivência com os animais de estimação deu propósito a suas vidas após a morte da parceira.

Unidades de sentido.

Diversidade de enfoques. Foi observada uma importante variedade de enfoques dos estudos, tanto no que diz respeito a recortes na população de idosos de um grupo específico que perderam os parceiros, quanto no que diz respeito às perguntas/problemas específicos de pesquisa. Nesse sentido, são exemplos: o interesse pela influência da relação com animais de estimação sobre o luto dos idosos, a influência do luto por um parceiro no autocuidado e a experiência de idosos que conviveram com adoecimentos de seus parceiros (por exemplo por câncer ou demência).

Multiplicidade de fontes de cuidado e apoio ao luto. Os diversos estudos apresentaram como fonte de apoio e cuidado comunidades, organizações da sociedade civil,

membros de organizações religiosas, assistentes sociais, enfermeiras, médicos, psicólogos, amigos, familiares, patrões e até mesmo animais de estimação,

O Processo do morrer dos parceiros e experiências de luto. Os parceiros e parceiras dos(as) idosos(as) terem morrido após adoecimentos com mudanças de comportamento e personalidade ou não, bem como terem sido cuidados ou não pelos participantes, em casa e/ou em instituições, e terem tido mortes dignas na perspectiva dos participantes, parece ter levado a experiências distintas de luto após a morte.

Gênero e sexualidade dos participantes. Sobre os participantes, destaca-se a participação mais frequente de mulheres que perderam parceiros do gênero oposto do que de homens nas amostras, exceto no estudo de Thompson & Kim (2023), de que participaram exclusivamente homens. Além disso, de todos os estudos incluídos nenhum deles incluiu pessoas da população LGBTQIAPN+ ou pessoas em relacionamentos não-heteroafetivos.

Multiculturalidade. Destaca-se também a multiculturalidade dos estudos; realizados na Suécia, Canadá, Japão, Bélgica, África do Sul, Brasil e Estados Unidos. Além disso, aponta-se a pluralidade de manifestações do fenômeno nesse sentido, com variações socioculturais importantes. Dentre elas, a solidão dos parceiros de pacientes oncológicos japoneses durante o processo de terminalidade e luto, o intenso apoio comunitário e institucional canadense e a grande especificidade do luto na cultura *botho/ubunthu* da África do Sul, com negação ativa de apoio social aos enlutados e, em especial, às mulheres enlutadas.

Unidades Compreensivas e Categorias Temáticas.

Após a identificação de Unidades de Sentido, mediante movimento reflexivo detalhado na seção relativa à Análise de Dados (“2.2. Análise de dados”), foram obtidas 8 Unidades Compreensivas aglutinadas em 3 Categorias Temáticas que se seguem na “Tabela 4 – Unidades Compreensivas e Categorias Temáticas”:

Tabela 4*Unidades Compreensivas e Categorias Temáticas*

Categoria temática	Unidades compreensivas
Processo de perda	Jornada até a morte
	Despedida
	Dignidade na morte
Elaboração do luto	Apoio especializado ao luto
	Ambivalências
	Lembrar para poder esquecer
Reconstrução da própria vida	Esquecer para poder lembrar
	Reorganizando a vida relacional

Processo de perda. “A jornada até a morte”: A jornada até a morte foi vivida como impotência, silêncio e solidão, como um caminho ao longo do qual se acompanhou o parceiro, com ele se viveu e dele se cuidou. Impotência pela falta de controle sobre as mudanças no parceiro e sobre a morte, seu momento de acontecimento e suas condições. Silenciosa e solitária, concretamente, pelo distanciamento de atividades sociais com amigos e familiares e, psicologicamente, pelo foco de ambos – e de todos com os que convivem – se concentrar no parceiro e por se evitar sobrecarregá-lo com as próprias preocupações e angústias e fazê-lo sofrer ao pensar no fim de sua vida. A pessoa pensa sobre isso e se sente amedrontada, triste, revoltada e descrente; deseja dividir esse momento, suas angústias e preocupações com o parceiro, mas tende a não fazer isso.

“Despedida”: Embora sejam vividas como grande sofrimento e crescente solidão, quanto maiores e mais intensas as mudanças no comportamento e personalidade dos parceiros, com a perda de habilidades comunicativas, de atividades sociais compartilhadas e da intimidade física e psicológica entre o casal, maior a sensação de que se pôde se despedir deles e de tudo o que significavam antes da morte. A densidade dessa despedida tende a fazer com

que a morte seja vivida como uma ruptura proporcionalmente menos ou mais intensa e ambivalente.

“Dignidade na morte”: A percepção de que a morte do parceiro foi digna, com o máximo conforto e o menor sofrimento possíveis até que acontecesse e com respeito a seus desejos, antes da morte e depois dela, foi vivida pelos enlutados como consolo de terem podido proporcionar um caminho que respeitou a autonomia e o valor do parceiro e o sentido de sua vida.

Elaboração do luto. “Apoio especializado ao luto”: Ambientes e profissionais que estimulam, amparam, acolhem e orientam a reconstrução da vida sem os parceiros contribuíram para a aceitação e elaboração da perda e para adaptação dos enlutados a suas novas condições, momentos de vida e rotinas.

“Ambivalências”: Desde a jornada até a morte, passando pela morte em si e chegando ao luto após a morte, quem perde um parceiro vive profundas ambivalências. Antes da morte, a pessoa deseja o fim do sofrimento do parceiro, enquanto deseja que ele não morra. Na morte, sofre enquanto sente alívio (e culpa por esse alívio). Após a morte, sente indignação e solidão frente à falta do corpo do parceiro e da intimidade física e psicológica que dividiam, ao mesmo tempo em que se sente amparada por amigos e familiares e grata por ter podido viver ao lado dele. A pessoa busca se distrair da perda e se esquecer dela, ao mesmo tempo em que busca manter a memória do(da) parceiro(a) viva realizando atividades e entrando em contato com o que compartilhavam. Ressente-se das condições e do processo da morte e o nega, ao mesmo tempo em que se sente grata por ter podido contribuir para um fim de vida e rituais fúnebres dignos do(da) parceiro(a) e se sente aliviada pelo fim do próprio sofrimento e do parceiro. Mesmo esse alívio é ambivalente, por ser vivido como solitário e ser permeado por culpa, como algo que deve ser escondido dos demais.

“Lembrar para poder esquecer”: O enlutado realiza atividades e rotinas que tinha com a pessoa falecida e, dessa forma, lembra-se dela e a presentifica, sentindo-se mais próximo dela. Além disso, falar sobre a jornada até a morte do parceiro, a morte em si e o novo momento de vida sem ele e tudo o que esses processos suscitam em termos de sentidos, emoções e sentimentos sem censuras, foi importante para os enlutados para atribuírem um sentido a esses diversos momentos e aspectos da vida com o parceiro e de sua morte e para se conectarem consigo mesmos no presente de suas vidas.

Reconstrução da própria vida. “Esquecer para poder lembrar”. Como no mito de Gilgamesh, em que o rei de Uruk só pode acompanhar Enkidu até a soleira da caverna misteriosa em que ascende aos céus (Foster, 2019), após a morte, o enlutado, mais ou menos cansado, com mais ou menos recursos, segue sua jornada sozinho e tenta reconstruir sua vida aos poucos. Sente que precisa se distrair da perda e viver outros aspectos de sua vida e busca um novo sentido para ela após a jornada de vida e morte com o(a) parceiro(a), e volta os cuidados para si mesmo, ainda que por vezes sinta que não há valor ou sentido nisso. Aprende habilidades do parceiro com que contava, preenchendo os dias e rotinas que tinham com outras atividades e companhias.

“Reorganizando a vida relacional”: Nesse novo momento de vida, a pessoa deseja profundamente sentir que vive em uma teia de relações, em que amigos, familiares, vizinhos, colegas de trabalho e conhecidos de outros ambientes que frequenta se importam com ela, veem seu sofrimento e o valorizam e a estimam como membro da comunidade mesmo sem o parceiro. Deseja, assim, sentir que há vida e sentido na existência sem o(a) parceiro(a). Entretanto, sente que, embora o apoio recebido no início do luto após a morte seja importante, ele é insuficiente e interrompido precocemente, com rápido afastamento de amigos e profissionais ligados ao parceiro e de familiares. Contudo, frequentemente não busca esse

apoio por temer ser um peso para os demais e opta pelo isolamento solitário e silencioso em que deseja interagir com os demais e viver com eles, mas não sabe como fazê-lo.

Síntese Narrativa. O luto de idosos pela perda de parceiros amorosos foi compreendido como uma travessia que se deve fazer sozinho, uma vez que o mundo da vida a dois deixa de ser habitável. A travessia começa após a queda do último grão de areia da ampulheta implacável do tempo, que determina a partida do parceiro rumo ao mistério, e a sobrevivência da pessoa que fica rumo a um mundo sem a convivência física com quem faleceu. Começa com a percepção da perda do parceiro e de tudo o que ele significa: intimidade física e psicológica, companheirismo, a convivência como casal, os amigos em comum e as contribuições e presenças concretas no cotidiano. Nas variadas partidas, antecipadas ou não, a pessoa deseja que o sentido da vida do parceiro que parte seja preservado durante os últimos momentos juntos e nos rituais de despedida. A pessoa deseja partilhar os próprios sentimentos e angústias quanto à partida, mas não consegue fazê-lo: o medo de atribular o viajante e o desejo de que ele possa se preocupar apenas com sua própria jornada em direção ao fim de sua vida se sobrepõem. Após a partida, a pessoa se sente amedrontada, solitária, com a sensação de que sua vida perdeu o sentido, descrente, revoltada, ressentida e, ao mesmo tempo, aliviada pelo fim do próprio sofrimento e pelo fim do sofrimento do parceiro, sem que deixe de se sentir culpada por isso e grata por ter podido preservar esse sentido maior da vida de quem parte e por ter vivido com essa pessoa.

Nesse novo mundo a pessoa que sobrevive a seu parceiro deseja ser acolhida, compreendida e amada pelos demais, mas não sabe como interagir com eles e teme sobrecarregá-los com seu sofrimento. Não tem certeza de ainda ter algo a viver com eles, algo com que contribuir e que possa acrescentar. Estar com outras pessoas pouco a pouco lhe traz vislumbres de um novo sentido de vida, ainda que sem o parceiro. Entretanto, inicialmente, o consolo encontrado em pessoas que também atravessam o luto – amigos, profissionais e

familiares – embora renovem as energias para a viagem e mitiguem a solidão, não a dissolvem. Permanece a saudade e o silêncio do próprio lar quando se está a sós. Agora, o enlutado deve preencher as horas, os momentos marcantes da rotina com o parceiro – como chegar em casa e dormir ao seu lado –, deve preencher as lacunas das funções que ele desempenhava na casa e na própria vida e deve dar conta de navegar o cotidiano sem ele. Ouvir a si mesmo falando sobre o caminho e o que sente em seu caminhar ajuda a clareá-lo, abre veredas pelas quais seguir em frente e dá esperanças quanto ao que nele se pode encontrar.

Ao longo do tempo, deve se tornar cidadão desse novo mundo e aprender a habitar e encontrar sentido em uma nova vida de atividades e relações; nesta vida em que o parceiro existe apenas como memória viva, e sempre em atualização, do que houve entre duas pessoas e que, agora, é lembrado e carregado apenas por uma.

Discussão da Revisão Integrativa

Na presente Revisão, a perda de parceiros amorosos por pessoas idosas aparece como um fenômeno complexo, fortemente influenciado por variações culturais e extremamente variado em suas manifestações a partir de suas inúmeras possibilidades. Dentre elas, destacam-se as variações a partir do gênero da pessoa que perde o(a) parceiro(a) e de sua cultura, das circunstâncias da morte, com ou sem adoecimento prévio, do histórico de relacionamento anterior (com ou sem alterações cognitivas, comportamentais e afetivas do parceiro), do relacionamento do casal antes da morte e do apoio profissional e comunitário ao cuidado em torno do processo até a morte, da morte em si, e da reconstrução da vida dos enlutados uma vez que esta transcorreu.

Aspectos culturais. Quanto às variações culturais, citam-se estudos como o de Hisamatsu et al. (2020), em que os participantes se sentiram especialmente solitários por uma dificuldade cultural de expressão de sentimentos e emoções. Cita-se, também, o sofrimento vivenciado pelas mulheres da cultura *botho/ubunthu* da África do Sul (Thomas, 2021) por

serem rejeitadas ativamente por sua comunidade durante o luto compulsório. Esses exemplos, e o sofrimento dos participantes em função de variações culturais, ilustram as possíveis influências desses aspectos na vivência da perda e do processo de luto, podendo dificultar sua elaboração e seu curso saudável. Nesse sentido, exemplo oposto é o do intenso apoio comunitário e institucional recebido por idosos canadenses nos *hospices* [comunidades de cuidados paliativos para pessoas idosas e seus familiares], em que viviam coletivamente, embora mantivessem sua autonomia e privacidade no trabalho de Gibson et al. (2019) e que pode ter contribuído para os sentimentos de otimismo e gratidão referidos pelos participantes.

Histórico de relacionamento anterior. Sobre o histórico de relacionamento anterior do casal, como apontado anteriormente por pesquisas como a de Turatti (2012), ilustram sua relevância vivências específicas de idosas mineiras de uma cidade de pequeno porte (Calache et al., 2022), em que as participantes de baixo nível socioeconômico e com baixa escolaridade se sentiram livres e narraram prazer em retomar os cuidados pessoais após o falecimento dos parceiros, vistos como autoritários e impositivos. Entretanto, a falta de sentido no autocuidado e na vida em si, mesmo após a morte de parceiros com os quais se relacionava dessa forma, traz à tona a profundidade da influência que um relacionamento a dois pode ter sobre a vida e identidade dos idosos. Este aspecto também encontra respaldo em outras pesquisas, como a de Morgan et al. (2020), em que desempenhar o cuidado de parceiros com demência foi relatado como mais difícil e sofrido quando o relacionamento do casal vinha enfrentando problemas antes do adoecimento.

Circunstâncias da morte. No que diz respeito às circunstâncias da morte dos parceiros, a presença do luto antecipatório, na morte por adoecimentos que se estenderam no tempo, se mostrou importante como algo que, em alguns casos, pôde atenuar o sofrimento do luto e fomentar o desenvolvimento de seu curso saudável em estudos como o de Näppä & Björman-Randström (2020). Este achado está em conformidade com outros estudos em que o trabalho

de cuidados paliativos despendidos aos parceiros (e.g. Villegas et al, 2022) foi associado a desfechos mais saudáveis nos parceiros sobreviventes após o decesso. Entretanto, a incompreensão das decisões médicas, ainda que visassem objetivamente a qualidade de vida dos parceiros na terminalidade, mostrou-se um empecilho, como visto no estudo de Hisamatsu et al. (2020).

Nesse ponto, um destaque central da presente Revisão diz respeito à especificidade do luto em interface com o envelhecimento enquanto um momento do ciclo vital marcado por perdas físicas, cognitivas e sociais, com desenvolvimento de doenças degenerativas crônicas e frequentes mudanças na identidade e comportamento (Baltes, 2006; Neri, 2006; Papalia & Martorell, 2011). Frente às perdas e mudanças progressivas características da velhice, a experiência de perder um parceiro em todos os estudos incluídos foi precedida por algum grau de perda com relação ao que o parceiro significava, à medida que este apresentava mudanças comportamentais, perdia sua independência – e, em alguns casos, sua autonomia – e que havia uma perda da intimidade física, psicológica e da vida social do casal.

Em todos os artigos incluídos nesta Revisão, exceto nos trabalhos de Calache et al. (2022), Thomas (2021) e Thompson & Kim (2023), o cuidado com o parceiro e suas mudanças antes da morte (mesmo no caso dos que não tiveram doenças como câncer ou demências) foram parte da vivência dos participantes. Mesmo nesses artigos, entretanto, é argumentável que esse aspecto não tenha aparecido por se tratarem de pesquisas que não exploraram a experiência anterior à morte. Além disso, esses artigos não tiveram como foco a perda do parceiro ou o luto em si, mas o autocuidado após a perda, especificidades culturais do apoio social ao luto e a influência de animais de estimação sobre ele, respectivamente. Assim, aventa-se a hipótese de que, com frequência, na velhice, a perda de um parceiro ou parceira implique, em maior ou menor grau e extensão temporal, o cuidado para com este parceiro ou parceira antes da morte e a necessidade de elaboração das mudanças ligadas a ele.

Nesse mesmo sentido, na esteira do cuidado com os cuidadores, idosos que tiveram de cuidar de parceiros cujo adoecimento implicou a perda gradual de capacidades cognitivas, mudanças de personalidade e de comportamento, como no caso das demências, por exemplo no estudo de Gibson et al. (2019), também viveram lutos antecipatórios por perderem aspectos relacionais e viverem mudanças concretas em suas rotinas gradualmente. Cuidados dessa natureza se mostraram especialmente desgastantes, justamente pela solidão crescente frente às mudanças do parceiro e pelo alívio após a morte do(da) parceiro(a) que os idosos e idosas sentiam que deveriam esconder dos demais por o julgarem inadequado.

Neste contexto, para os participantes dos estudos, parece ter havido um início precoce da resignificação da relação Eu-Tu do casal – enquanto forma de abertura para o mundo da vida – que seria exigida pelo enlutamento após a morte (Freitas, 2013). Esses achados, em sua totalidade, também vão ao encontro da relevância da perda simbólica em detrimento da perda concreta, destacada por Freud (1917/2010), em sua obra “Luto e Melancolia” e da perspectiva de Rogers (1947) de que os comportamentos se alteram partir de uma mudança da organização do campo perceptivo, já que, nos estudos incluídos, não foi necessariamente a morte do parceiro o que desencadeou o luto e o sofrimento da perda, mas a percepção de que o parceiro, como era conhecido, estava deixando de existir. Também vai ao encontro da perspectiva de Rogers (Rogers & Rosenberg, 1977) da experiência de solidão como avesso da intimidade, como uma impossibilidade de ser quem se é e ser aceito pelos demais, no caso dos participantes que temiam abordar seus sentimentos com os parceiros até sua morte e que, depois dela, temiam exprimir seu alívio com a morte do parceiro e expressar seu sofrimento aos demais, sentindo-se, assim, isolados e solitários mesmo quando acompanhados do próprio parceiro e dos demais.

Assim, malgrado a solidão, a importância da dignidade na morte e a gratidão observadas pelo fim digno de vida do parceiro em artigos como os de Gibson et al. (2019) também encontra respaldo em perspectivas como a da logoterapia de Viktor Frankl (1946/1991). Para o autor, o

desespero seria o sofrimento sem sentido e haveria sempre a possibilidade de que o sofrimento adquirisse uma dimensão de dignidade e força pessoal a partir de um posicionamento existencial e de um sentido atribuído a ele.

Gênero e sexualidade. Outra dimensão que merece destaque é a de gênero e sexualidade. A respeito dela, é relevante a rejeição e hostilidade mais intensa para com as mulheres em culturas específicas após a morte do marido, como no estudo de Thomas (2021), e a tendência masculina de não expressar os sentimentos relacionados à perda identificada no estudo de Hisamatsu et al. (2020). Destaca-se, ainda, a vivência específica de mulheres idosas com baixa escolaridade e nível socioeconômico no estudo de Calache et al. (2022), em que as participantes relataram se sentirem livres após a morte de parceiros impositivos e autoritários.

Os resultados relativos a questões de gênero e sexualidade desta revisão reforçam a necessidade de exploração das especificidades do luto de homens por suas parceiras, já que tendem a ser minoritários em pesquisas sobre o luto – até por tenderem a não sobreviver a elas. O fato de homens tenderem a desenvolver sintomas de depressão e quadros de alcoolismo com mais frequência após a morte de suas parceiras quando comparados com mulheres que perdem seus parceiros (Thompson & Kim, 2023) também implica a necessidade de aprofundar a compreensão deste fenômeno neste recorte populacional.

Ademais, destaca-se o luto pela perda da intimidade física antes da morte, por exemplo no caso de parceiros com demência (Gibson et al., 2019) e a ausência de estudos com populações idosas LGBTQIAPN+ em relacionamentos não heterossexuais ao longo de todo o levantamento desta Revisão. Esta ausência configura-se como uma importante lacuna científica, tendo em vista que dados recentes do IBGE (2022b) apontam que quase 5% da população nacional com mais de 18 anos não se declarava heterossexual em 2019 e que esta proporção em 2024 tenha sido estimada em 13% entre pessoas de 18 a 24 anos por outros

levantamentos (Ipsos, 2024). Internacionalmente, em estudo com 26 países, este mesmo levantamento estimou essa proporção em 9%.

Esses achados reforçam, ainda, a influência de marcadores sociais como classe social e gênero sobre a constituição da personalidade e vida das mulheres. Estes temas, já amplamente discutidos por clássicos da Psicologia Social (e.g. Ciampa, 1983), têm sido centrais em outras áreas da Psicologia como, no caso da Psicologia do Trabalho, no modelo da Psicologia do Trabalho (e.g. Duffy et al., 2016). Finalmente, estes aspectos têm se mostrado importantes variáveis de desfechos em saúde mental em revisões sistemáticas amplas no que toca aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (e.g. Oswald et al., 2024), que incluem a igualdade de gênero, redução das desigualdades nacional e internacionalmente, a promoção de bem-estar e saúde para todos em todas as idades e a erradicação da pobreza (United Nations, 2025b).

Reestruturação da vida. Quanto ao que contribuiu para a reestruturação da vida das pessoas idosas que perderam seus parceiros após o decesso dos mesmos, foi importante entrar em contato com os próprios sentimentos, seja falando com animais de estimação (Thompson & Kim, 2023) ou participando de grupos de luto (Näppä & Björkman-Randström, 2020). Por outro lado, a participação em grupos de apoio mútuo (Gibson et al., 2019), embora tenha aparecido como importante fonte de apoio e interações sociais, não teve influência significativa sobre o curso do luto e foi vivenciada como insuficiente e precoce. Este resultado está em conformidade com outros trabalhos acerca do tema como a *Scoping Review* de Davidow et al. (2021), em que grupos de apoio mútuo de idosos enlutados e visitas domiciliares não apresentaram relevância estatística na melhora de sintomas ansiosos e depressivos, exceto no caso das visitas domiciliares para pessoas idosas com altos escores de solidão. Estes dados sugerem a necessidade de outras formas profissionais de apoio ao luto no longo prazo para além dos seis meses após a morte para intervenções dessa natureza, como referido pelos

próprios estudos de Näppä & Björkman-Randström (2020), já citado, e de Thomas (2021). Estes achados também vão ao encontro de estudos como o de Davidow et al. (2021) em torno da eficácia de intervenções psicoterapêuticas individuais e grupais e terapias medicamentosas – especialmente quando associadas à psicoterapia – para a melhora de sintomas de ansiedade, depressão e estresse para pessoas idosas que perderam seus parceiros.

Pensando o luto por parceiros amorosos atravessado pelos desafios do envelhecimento, com esvaziamento da rede social, alta frequência de perdas e a deterioração da própria saúde e capacidade de aprender novas habilidades e estabelecer novas relações (Morgan et al, 2020), especialmente para aqueles com mais de 75 anos (Baltes, 2006), todos os artigos incluídos nesta Revisão apontaram a importância do apoio social antes da morte, nos ritos fúnebres e no processo de luto. O apoio, compreensão e acolhimento de familiares, amigos, comunidades religiosas, colegas de trabalho, patrões e membros da comunidade dos idosos desempenharam um papel central em proporcionar um senso de amparo, pertencimento e sentido da vida após a perda do parceiro para os idosos.

Finalmente, neste estudo, o Modelo Dual do Luto (Stroebe & Schut, 1999) e a perspectiva do luto, como a resignificação de uma relação Eu-Tu (Freitas, 2013), tiveram suas hipóteses corroboradas. Quanto ao Modelo Dual do luto, houve a necessidade de oscilação entre momentos orientados à Restauração, Evitação e Negação da perda, permeados por distrações e o desenvolvimento de novas atividades e relações sociais, de um lado, e momentos orientados à Perda e ao seu Enfrentamento, marcados pelo contato com os próprios sentimentos relacionados à perda e sua expressão e por lembranças, de outro. Quanto à resignificação de uma intercorporeidade, de uma forma de abertura ao mundo da vida, vivenciar profundamente o luto, lembrar o parceiro, e viver outras experiências sem conexão direta com a pessoa falecida em alternância com reconstruir a vida em termos relacionais e concretos (finanças, atividades cotidianas et cetera) mostrou-se relevante em todos os estudos incluídos.

Ter apoio de pessoas com que se convive em uma teia densa de relações de interesse e cuidado para vivenciar ambos os processos e momentos também. Nesta Revisão, pessoas idosas que perderam seus parceiros se sentiram importantes, úteis e capazes de contribuir com os demais e desenvolverem novas relações foi importante na reconstrução de suas vidas e do sentido que atribuíam a elas após a perda.

Conclusão da Revisão Integrativa

Nesta Revisão Integrativa, a perda vivenciada por idosos que perderam seus parceiros amorosos aparece como fenômeno complexo, multifacetado e plural em suas manifestações. As inúmeras possibilidades de experiência antes da morte, nos ritos fúnebres, e após a morte, sob as mais diversas tecituras culturais e situações produziram um caleidoscópio de vivências que, a rigor, podem ser tão plurais quanto forem as pessoas e contextos, embora apresentem aspectos significativos que as constituem como experiência humana universal.

Neste sentido, como estrutura essencial do fenômeno, a necessidade de vivenciar os sentimentos relativos à perda percebida e concreta do parceiro, em alternância com a de reconstruir a vida relacional e material e de reencontrar sentido e valor em um mundo sem o parceiro, foi identificada. Além disso, identificou-se a relevância, especialmente tendo em vista as particularidades da velhice, do amparo de uma comunidade humana composta por todos com os quais se convive ao longo de ambos os processos e em ambos os momentos para o processo de reorientação existencial implicado pelo luto.

Finalmente, observou-se uma importante lacuna na literatura científica a respeito do fenômeno estudado no que diz respeito ao luto de homens idosos por suas parceiras e de pessoas idosas da população LGBTQIAPN+ em relações não-heteroafetivas. Estas lacunas, sugerem a necessidade de novas investigações que explorem as manifestações particulares do fenômeno nessas populações. Além disso, a falta identificada de estudos qualitativos empíricos de natureza exploratória recentes que investiguem a vivência do luto de idosos por parceiros

amorosos de forma mais ampla, sem focar aspectos de apoio social, aspectos culturais específicos, o adoecimento anterior à morte ou intervenções, também sugere a necessidade de novos estudos capazes de trazer à luz aspectos, mecanismos, e dimensões relevantes inexplorados do fenômeno.

Capítulo 3 – O caminho metodológico da pesquisa

Objetivo

Esta pesquisa teve como objetivo: Compreender a experiência vivida de pessoas idosas que perderam seus(suas) parceiros(as) amorosos(as) de longa convivência.

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa empírica de natureza exploratória, ou seja, sem o intuito de confirmar hipóteses, realizada em situação natural (Flick, 2009; Flick, 2014). Baseou-se nos pressupostos da Fenomenologia Clássica desenvolvida pelo filósofo alemão Edmund Husserl, na Antropologia Filosófica desenvolvida por sua discípula Edith Stein e nos princípios teóricos e éticos propostos pela Abordagem Centrada na Pessoa, criada pelo psicólogo norte americano Carl Rogers, para a área da Psicologia Clínica, e ampliada para o campo das relações interpessoais em geral.

Primeiramente, será apresentada a base filosófica do método a partir da Fenomenologia de Edmund Husserl e da Antropologia Filosófica de Edith Stein; também, a perspectiva inspiradora do cientista social Walter Benjamin acerca das narrativas orais. Na sequência, serão apresentados os princípios norteadores da Abordagem Centrada na Pessoa como proposta psicológica clínica de base humanista. Finalmente, explorar-se-á como estas perspectivas e fundamentos se concretizaram no delineamento da pesquisa, de modo a cumprir seu objetivo científico de forma eticamente alinhada, tendo os Encontros Dialógicos, a construção de Narrativas Compreensivas e de uma Narrativa Síntese como estratégias metodológicas desenvolvidas no contexto do Grupo de Pesquisa “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: prevenção e intervenção”.

Fenomenologia Clássica de Edmund Husserl, emergência histórica e desenvolvimento

A Fenomenologia Clássica de Husserl, também chamada Fenomenologia Transcendental, segue um movimento de superação da cisão sujeito-objeto na compreensão da

realidade e produção de conhecimento iniciado pela chamada Revolução Copernicana da Filosofia de Immanuel Kant (Luft, 2007). Kant, voltou sua atenção não ao mundo empírico (sensível), como na tradição aristotélica e empirista (que dava primazia aos objetos do conhecimento) ou a suas representações racionais (*logos*), como na tradição platônica e racionalista (que dava primazia ao sujeito do conhecimento), mas ao processo de compreensão e apreensão da realidade externa e interna a partir do sujeito cuja consciência se volta a elas, reequilibrando a relação sujeito-objeto. Ela interessou-se pela estrutura da experiência humana da realidade e, a partir disso, chegou à noção da apercepção transcendental, do movimento intencional da consciência humana como doadora de sentido aos fenômenos que nela se registram à medida que se lança, que se “projeta” para o mundo externo e interno tomado como objeto do conhecimento (Tourinho, 2011).

Após estudar com o filósofo e psicólogo alemão Franz Brentano (1838-1917) e ter contato com sua teoria dos atos psíquicos, enquanto percepções e impulsos que eram representados na consciência, Husserl partiu dos desenvolvimentos aristotélicos de Brentano acerca de potências e atos para aprofundar-se não nos impulsos e atos psíquicos como seu mestre, mas na percepção, suas lógicas, estrutura e funcionamento (Bello, 2017). Desta forma, a Fenomenologia de Husserl se desenvolveu como importante contraponto histórico à proposta do positivismo de aplicação do método das ciências naturais às ciências humanas e à Psicologia (Moreira, 2002), que, à época (virada do século XIX para o XX) ainda se consolidava como campo científico independente (Schultz & Schultz, 2015). Assim, frente aos vetos kantianos quanto à possibilidade de uma Ciência Psicológica, dada a impossibilidade de quantificar e abordar objetivamente os fenômenos humanos e obter deles regularidades matemáticas (Gomes, 2005), o movimento iniciado por Husserl foi o de partir da própria relação sujeito-objeto e da dinâmica psicológica de funcionamento para propor uma nova acepção de ciência e de Psicologia Científica que não buscasse objetividade ou mensurabilidade, e que Edith Stein

situaria ora como Ciência do Espírito apriorística, ora Ciência do Espírito qualitativa empírica (a depender de seus objetos e objetivos) (Bello, 2005).

Assim, a proposta de Husserl foi o desenvolvimento de uma ciência rigorosa fundamentada na consciência individual como ponto de partida de todo conhecimento. Seria uma ciência noética, por voltar-se à noese, ao processo intuitivo e pré-reflexivo de desvelamento dos fenômenos à consciência, e seria oposta à ciência noemática, dita ingênuo por tomar dados da realidade interna e externa como objetos em si mesmos. O rigor da filosofia Fenomenológica e das ciências que dela partissem adviria, portanto, de não assumirem a possibilidade da objetividade e do conhecimento de aspectos da realidade interna ou externa em si mesmos, descolados do sujeito que se volta a eles intencionalmente e os percebe (Moreira, 2002). Um corolário interessante desta proposta é a posição de Husserl – oposta à do positivismo que punha em cheque a introspecção e a investigação a partir da consciência que se deseja conhecer (Schultz & Schultz, 2015) – de que seria mais fácil compreender fenômenos humanos com os quais temos contato direto e intuitivo (por serem os investigadores humanos eles mesmos) do que fenômenos da natureza para além do humano, com os quais teríamos apenas contato indireto a partir da corporeidade (Bello, 2017).

Quanto ao caminho percorrido por Husserl (Bello, 2015) para desenvolver a base filosófica de uma ciência rigorosa, a partir de seu trabalho com a percepção advieram compreensões como a da síntese passiva e dos movimentos de apercepção e intencionalidade da consciência. Nesse sentido, a partir da compreensão da consciência como sendo sempre consciência de algo a que nos direcionamos (intencionalidade), Husserl toma suas experiências conscientes (vivências) como ponto de partida para a investigação da estrutura da experiência humana. Entretanto, não o faz de forma indutiva como os empiristas que tomavam os fenômenos como objetos e fatos a partir dos quais obtinham generalizações. O que Husserl faz

é suspender a questão da existência das coisas para interrogar-se a respeito de seu sentido, de sua essência intuitiva, uma vez que direcionava sua consciência a elas.

Segundo Fadda (2020), a extensa obra de Husserl apresenta procedimentos e conceitos que se metamorfoseiam ao longo do tempo, de modo que sistematizações precisas e “definitivas” de seu pensamento não tenham sido levadas a cabo pelo próprio autor. Ainda assim, a estrutura geral do caminho fenomenológico se manteve com a redução eidética e com a redução transcendental/fenomenológica. Quanto à primeira, ela inicia-se com a *epoché*, com a suspensão de juízos apriorísticos e concepções a respeito de um dado fenômeno de modo a garantir um contato intuitivo, consciente e direto com ele. A partir desta essência, realiza-se uma variação imaginativa livre para identificar elementos constituintes/estruturantes do fenômeno sem os quais ele deixaria de ser o que é, e a redução fenomenológica transcendental visando identificar a estrutura essencial da experiência humana (de um “Eu puro/estrutural”) com um dado fenômeno, apreendido a partir das vivências de um ou mais “Eu”s “particulares/empíricos” (Fadda & Cury, 2021).

Husserl, como Leibniz (Schultz & Schultz, 2015), concebia o ser humano como mônada, ou seja, unidade autônoma consciente, viva, na figura de um Eu próprio/empírico e de um núcleo pessoal, identitário. Entretanto, o concebia como mônada aberta, capaz de afetar as demais e de ser por elas afetado; no caso, concebia o ser humano como uma entidade que se afeta pelas outras e as afeta (Bello, 2017). A partir da compreensão intuitiva que tinha de que os demais humanos eram humanos como ele, analogamente ao que Kant havia postulado quanto a dimensões como tempo e espaço serem parte de uma estrutura experiencial humana universal (Tourinho, 2011), Husserl, ao tomar suas próprias vivências conscientes como ponto de partida, propôs uma estrutura humana universal composta por corpo, psique e espírito, e aprofundou a relação entre eles, principalmente no que diz respeito à percepção e às

implicações que essas propostas tinham para as ciências como um todo (Bello, 2015). Essa concepção de estrutura humana é a base da Antropologia Filosófica de Edith Stein.

Antropologia Filosófica de Edith Stein

Segundo Angela Ales Bello (2015), para Edith Stein, filósofa, membro do círculo de Göttingen e canonizada pela Igreja Católica, há duas esferas da estrutura humana: uma dita ativa e superior e a outra dita passiva e inferior, hilética. Passiva é a esfera do que acontece às pessoas independentemente de sua volição; ativa é a esfera da deliberação, da reflexão do que é proposital. A esfera passiva é composta por corpo e psique – compondo o corpo vivo (*der Leib* em alemão), oposto ao corpo meramente material (*der Körper* em alemão) = e a esfera ativa é composta pelo espírito. O acesso e compreensão desta estrutura, assim como em Husserl, só é acessível para nós de forma indireta, a partir das vivências puras da consciência, originárias, daquilo que se mostra a nós e de que estamos cômicos a cada momento. Na consciência, as vivências se desvelam como um fluxo; há um senso de continuidade entre passado – e o que dele se preserva nas vivências (retenção) – e o presente e uma inclinação para o futuro (protensão). Entretanto, embora Stein siga esse caminho (das vivências puras para a compreensão de uma estrutura e do substrato das vivências) e haja uma influência recíproca entre esfera passiva e ativa, a apresentação que se segue será realizada a partir da ordem de desenvolvimento destas esferas no humano e de manifestação das vivências, começando pelo corpo, passando pela psique e chegando ao espírito (Bello, 2015).

Ainda segundo Bello (2015), na esfera passiva (hilética) há leis de causalidade no sentido de uma relação entre força vital e os estados e sentimentos vitais e que dela emergem a partir de sua intensidade e direção/distribuição. Os sentidos, impulsos, atrações, repulsões, emoções e sentimentos são acontecimentos necessários que independem da vontade e que são registrados na consciência e por isso seguem a lógica da causalidade, embora não se trate de uma determinação previsível ou mensurável. Os conteúdos da consciência ligados ao Eu são

ditos egológicos e, na esfera passiva, compreendem o Eu implícito/escondido e suas intencionalidades (implícitas); aquilo a que tendemos no mundo interior e exterior. São contingências do encontro entre corpo vivo e o mundo que nos acontecem à revelia de nossa vontade.

Para Stein (Bello, 2015), na esfera ativa há o espírito, a dimensão deliberativa, intencional, que faz escolhas, reflete, pondera; é a dimensão da abertura ao mundo e ao espírito dos demais. Nos atos espirituais (livres), ao invés de atração e repulsão por exemplo, como na psique, há aceitação ou rejeição, há um direcionamento ativo de nossa atenção e consciência a determinados fenômenos. Essa é a dimensão humana, por excelência por nos diferenciar dos demais animais e inaugurar em nós a dimensão da moralidade, das escolhas que fazemos baseados em valores, em ações que julgamos mais valorosas, melhores que outras, frente a dadas situações e impulsos, e por inaugurar a dimensão do Eu explícito, dos conteúdos egológicos de que temos clareza e consciência. Na dimensão ativa, o que rege é a motivação, a ligação entre atos e intencionalidades que impelem umas às outras.

Segundo Fadda & Cury (2021), no contato com a realidade, entretanto, o que existe, do ponto de vista do sujeito das vivências, é a presença de um corpo vivo que impulsiona em um ou outro sentido, e de uma dimensão espiritual. Por meio da dimensão espiritual, o sujeito se volta ativamente a algo no intuito de percebê-lo (apreensão), faz psíquica e involuntariamente sínteses passivas (etapas não conscientes, automáticas, da percepção), atribui um sentido intuitivo ao fenômeno a que se voltou, e, na sequência, procura atribuir-lhe um fechamento, um contorno (síntese ativa), fechando-o em um conteúdo de sentido e incorporando essa percepção às demais em um fluxo de apercepção. Nesse contexto há vivências corporais e psíquicas de que não nos damos conta, embora pudéssemos nos voltar a elas, e há as vivências puras, originárias, corporais, psíquicas e espirituais a que nos voltamos e de que estamos cômicos. Essas compõem a experiência para este paradigma. A experiência a respeito de nós

mesmos, a clareza e registro na consciência de estados e sentimentos vitais, impulsos, emoções, pensamentos, reflexões e decisões uma vez que nos voltamos a algo de nosso mundo interior ou exterior, compõem a experiência vivida (Bello, 2015), foco desta pesquisa.

A partir desta antropologia filosófica, Stein aprofunda a questão da empatia (tema de sua tese de doutorado) e o tema da intersubjetividade como uma capacidade inerentemente humana de intuir que outro ser humano possui uma estrutura semelhante à sua, de perceber que experimenta algo em seu corpo que podemos compreender em essência e de nos voltarmos a esse algo, atribuindo-lhe um sentido no mundo interno do outro (Takaki, 2023). Esse processo, uma vez que o espírito se volta a um outro e busca percebê-lo (apreensão), começa no corpo, nas sensações que nos chegam com dados objetivos de que o outro é um outro (síntese passiva) e vivencia algo, passa pela psique, com a intuição da essência universal desse algo vivenciado, e chega novamente ao espírito na doação de um sentido à vivência do outro (síntese ativa) que nos afeta e de que passamos a ter clareza como uma vivência secundária (Fada & Cury, 2021).

Esta é a base para toda convivência humana e passa pela compreensão intuitiva de que outros animais possuem psiquismo, embora não possuam espírito (Bello, 2017). Fenomenologicamente, é a estrutura essencial de relações psicoterapêuticas em que se privilegia essa forma de abertura ao outro enquanto um gesto que o convida a se perceber e a se explorar a partir de um interesse genuíno e não julgador que demonstramos por compreendê-lo e aceitá-lo no que é e como é (Oliveira et al., 2019; Cury, 2024).

A intersubjetividade, assim compreendida, em que afetamos os demais e por eles somos afetados, é a base da formação de grupos humanos (Fadda & Cury, 2021). Segundo Bello (2015), Stein aprofunda esse estudo demonstrando como, em agremiações de massas, há ligações corporais e psíquicas em que ocorre um contágio psíquico, e a dimensão espiritual tem ativação reduzida; em sociedades há essa ativação espiritual (decisões, aceitações e recusas), uma agremiação com uma finalidade em que cada membro é importante, à medida em que

contribui ou não para esta finalidade, e não em si mesmo; e em comunidades há ligações espirituais e uma coexistência entre vivências individuais e vivências comunitárias (embora não haja uma vivência originária coletiva ou psique coletiva).

Para Stein (Bello, 2015) a comunidade seria a forma mais elevada de convivência humana, por conciliar a preservação de um senso de coletividade e de necessidades e interesses coletivos com a singularidade e a coerência de cada pessoa com seu núcleo pessoal e suas necessidades singulares. Em outras palavras, na comunidade haveria uma tendência a que todos se preocupassem com as necessidades, sentimentos e vivências do grupo sem perder de vista as necessidades, vivências e sentimentos de cada um de seus membros. Caso houvesse um interesse em ser um Estado, esta passaria a ser uma comunidade estatal. Entretanto, nem todo Estado, composto para o campo da Teoria do Estado, por um povo, uma nação, um ordenamento jurídico, um território e uma finalidade (Ranieri, 2015), é uma comunidade, e um mesmo Estado ou comunidade estatal pode ser composto por diversos povos e comunidades, estatais ou não, menores (Bello, 2015).

Finalmente, enfatiza-se que, neste paradigma, embora haja uma estrutura humana típica (corpo, psique, espírito, tempo, espaço, eu e alteridade/intersubjetividade) universal, com um Eu puro/estrutural, há desenvolvimentos idiossincráticos a partir de cada biologia, contexto macro e microcultural e horizonte histórico (Freitas, 2024), história de vida e desenvolvimentos (e.g. Fadda, 2020; Silva, 2025). Há, assim, a singularidade de cada corpo, do funcionamento e tendências de cada força vital, de cada núcleo pessoal, de cada espírito e do Eu próprio/empírico implícito e explícito em interação com seu contexto e imerso em uma rede de intersubjetividades (Fadda & Cury, 2021). Há ainda a singularidade de cada núcleo pessoal, como o que guia cada pessoa em termos de sua identidade, de como deve agir e reagir ao mundo interno e externo e ao que sente. Ele seria, nesta perspectiva, o que há de permanente no humano sempre em transformação (Bello, 2015).

Assim, pesquisas psicológicas pautadas na antropologia filosófica, para Stein, enquadrar-se-iam ora como Ciências do Espírito apriorísticas, ao voltarem-se à estrutura humana e à compreensão de leis de causalidade e motivação ora como Ciências do Espírito empíricas qualitativas ao voltarem-se à compreensão de vivências particulares de uma pessoa ou grupo de pessoas (Bello, 2015). O método de pesquisa desta dissertação transita entre ambas ao identificar estruturas essenciais (universais) de fenômenos humanos a partir de experiências vividas singulares, a partir de fatos da vida dos participantes e das vivências originárias que estes participantes têm ao se voltarem a estes mesmos fatos em busca de seus sentidos (Cury, 2021). A Estratégia Metodológica empregada para acessar essas vivências foi a produção de Narrativas.

A perspectiva de Walter Benjamin a respeito das Narrativas

Walter Benjamin (1936/1987), expoente da chamada Escola de Frankfurt e da Teoria Crítica (Jacó-Vilela et al., 2005), interessado nos narradores da tradição oral, define a morte como o início da transmissibilidade da experiência de vida de alguém, a partir da noção de que a finitude implica um fechamento, um encerramento. Até a morte, ao contrário, mudanças súbitas e significativas, da realidade externa ou interna, ainda poderiam mudar completamente o sentido da vida de alguém.

Thomas Mann, escritor alemão do início do século XX, laureado com o prêmio Nobel de literatura, a respeito das Narrativas e do narrar, em seu livro “A Montanha Mágica” escreveu:

Queremos narrar a história da Hans Castorp, não por ele, a quem o leitor em breve conhecerá (...), mas pela história em si, que nos parece em alto grau digna de ser narrada (e cabe dizer a favor de Hans Castorp ser essa a história *dele*, já que não é a qualquer um que cada história acontece): esta história já se passou há muito tempo, está recoberta

pela pátina do tempo e deve ser relatada, incondicionalmente, na forma do passado mais remoto.

Isto talvez não seja desvantagem para história alguma, mas vantagem; é necessário que as histórias já se tenham passado, e quanto mais mergulhadas no passado, caberia dizer, melhor corresponderão à sua qualidade essencial de histórias, e mais adequadas serão ao narrador, esse mago que evoca o pretérito. (Mann, 1924/2016 p.11)

Na sequência, o escritor apontará o curioso fato de que a história que narrará não é antiga por ter se passado há muito tempo, mas por se dar antes de um evento que recriou o espírito de sua época, a “Grande Guerra” (primeira Guerra Mundial) (Mann, 1924/2016, p. 12). As Narrativas Compreensivas desta dissertação também têm esse caráter especial de serem a história “*dele*”s, por narrarem o vivido por cada participante a partir de seus contextos e características, e englobarem boa parte de um tempo cronológico que, ainda quando próximo, em muito se distingue de seus momentos atuais de vida devido a um evento significativo, a morte de seus(suas) parceiros.

Para Benjamin (1936/1987), o trabalho com narrativas abertas opor-se-ia aos romances modernos e à lógica da informação enquanto textos fechados, acabados, do narrador encerrado em si mesmo. Na narrativa, ao contrário, a cada narração, para um outro (ou outros), sua presença, abertura e disponibilidade influenciariam o narrar. Isto porque, em uma narrativa (oral), os ouvintes podem fazer perguntas, intervir, apropriar-se da narrativa, continuá-la, dar-lhe vida e novos sentidos, de modo a impingir-lhe para além da marca do narrador original, indelével, a dos subsequentes que porventura a recontem ou participem de seu recontar. A imagem metafórica que Benjamin empresta de Paul Valéry a este respeito é a de fenômenos naturais e artesãos que formam imagens e conformações a partir da superposição paciente de finas camadas de tinta, sedimentos ou materiais, de modo a compor um todo significativo e

distinto da soma de suas partes. A proposta da Narrativa como forma de apropriação de sua experiência por parte do narrador que a comunica – atualizando seu sentido – e seu aspecto processual e aberto propostos por Benjamin (1936/1987) embasaram as Narrativas Compreensivas e a Narrativa Síntese do método desta pesquisa (Cury, 2021).

Princípios da Abordagem Centrada na Pessoa

Segundo colaboradores de Rogers e continuadores de sua obra (Wood, 1994/2020b pp.11-12), a Abordagem Centrada na Pessoa é um jeito de ser frente a situações que consiste de: (a) uma perspectiva positiva da vida; (b) uma crença na tendência das pessoas à atualização em ambientes relacionais facilitadores; (c) uma intenção de ser eficaz em seus objetivos; (d) respeito pelo indivíduo, sua autonomia e dignidade; (e) flexibilidade de pensamento e ação; (f) tolerância a incertezas e ambiguidades e paciência para construir compreensões; e (g) senso de humor, humildade e curiosidade. Esta Abordagem é uma decorrência da Terapia Centrada no Cliente e do trabalho clínico de aconselhamento e psicoterapia de Carl Rogers, bem como uma ampliação de suas descobertas e suas aplicações e implicações para a comunicação, contextos de grupo, educação, organizações e comunidades como o próprio Rogers avalia em artigo retrospectivo de sua obra e atuação profissional (Rogers, 1974).

Especificamente, esta pesquisa se pauta na perspectiva rogeriana de uma natureza humana positiva (Rogers, 1957b), que defende a capacidade das pessoas de reverem seus próprios autoconceitos e comportamentos de forma a sopesarem suas necessidades com a dos demais e às do ambiente (Rogers, 1946; Rogers, 1947) em um processo previsível que se desenvolve a partir de um ambiente relacional facilitador (Rogers, 1957a). Este processo (Rogers, 1961b) levaria as pessoas a se afastarem da incongruência e a se aproximarem da congruência e do que Rogers concebeu como funcionamento pleno (Rogers, 1963).

Em linhas gerais (Rogers, 1961b), o polo da incongruência seria uma dinâmica de funcionamento rígida e defensiva, em que estímulos internos e externos precisariam ser

suprimidos e distorcidos para não ameaçarem o *self* (noção/imagem de si mesma, de quem é/deveria ser, que a pessoa tem a cada momento). Esta rigidez também diria respeito à forma da pessoa de se relacionar com: (a) sentimentos e emoções (sobre os quais teria pouca clareza); (b) problemas (que seriam vistos como fatos externos e imutáveis, independentes de si própria); (c) relacionamentos interpessoais (evitados e superficializados); e (d) consigo mesma, do que decorreria uma certa forma de comunicação do *self* e uma certa forma de experienciação e vivência de si mesma (evitando falar sobre si e relacionando-se consigo mesma de forma estereotipada a partir de constructos racionais prévios, insensíveis ao novo, ao que ocorre no presente da experiência e tratando a si mesma como um objeto, como algo estável e dado, imutável e descolado de suas decisões e vontades).

Essas dimensões seriam fragmentadas e mais identificáveis no polo da incongruência do que no polo da congruência. Isto porque, no polo da congruência, pensamentos, sentimentos e intuições tenderiam a se misturar, dada a fluidez experiencial entre os estímulos externos e internos e devido à sua correta simbolização e à consequente espontaneidade dos comportamentos emitidos deliberadamente pela pessoa (Rogers, 1961b). Assim, a pessoa mais próxima de um funcionamento pleno, mais próxima, portanto, da congruência (Rogers, 1963), tenderia a funcionar de forma oposta à defensiva, a abrir-se para a própria experiência da realidade interna e externa, vivendo a si mesma como um processo com um *self* que emerge no aqui e agora do contato com o mundo. Esta pessoa seria mais imprevisível e criativa (Rogers, 1954) e confiaria em sua experiência organísmica, e dela participaria para guiar seu comportamento de modo a obter a melhor satisfação de suas necessidades pessoais em equilíbrio com as dos demais e as de seu ambiente (Rogers, 1961b).

O ponto chave desta perspectiva, que ajuda a responder a críticas históricas acerca da capacidade destrutiva e autodestrutiva do ser humano como um possível argumento contrário a uma natureza humana positiva e aos questionamentos céticos a seu respeito (e.g. May, 1982),

como o próprio Rogers fez explicitamente em alguns momentos (e.g. Rogers, 1982), é o fato de que esta tendência atualizante, que impele ao crescimento, amadurecimento e saúde, tende a ser obstruída por condicionamentos sociais e ambientes relacionais não-facilitadores. Ao contrário, para que esta tendência ao crescimento pessoal e à organização se manifeste, seria necessário um clima relacional em que houvesse uma dada atmosfera, um convívio com indivíduos e grupos com certas atitudes (Rogers, 1963).

Esta atmosfera relacional, base do acontecer clínico que os Encontros Dialógicos desta pesquisa propõem, alinha-se com as condições necessárias e suficientes para a mudança terapêutica da personalidade propostas por Rogers. São elas:

1. Que duas pessoas estejam em contato psicológico;
2. Que a primeira, a quem chamaremos de cliente esteja em um estado de incongruência, estando vulnerável ou ansiosa;
3. Que a segunda pessoa, a quem chamaremos de terapeuta, esteja congruente ou integral na relação;
4. Que o terapeuta experiencie consideração positiva incondicional pelo cliente;
5. Que o terapeuta experiencie uma compreensão empática do esquema de referência interno do cliente e se esforce por comunicar esta experiência ao cliente;
6. Que a comunicação ao cliente da compreensão empática do terapeuta e da consideração positiva incondicional seja efetivada, pelo menos num grau mínimo (Rogers, 1957/2020, p.146).

Esse ambiente relacional intersubjetivo, somado à proposta de investigação da Fenomenologia Clássica de Husserl e à antropologia filosófica de Edith Stein embasaram o método desta pesquisa e as estratégias metodológicas do subgrupo integrado ao Grupo de Pesquisa Institucional “Atenção Psicológica Clínica em instituições: prevenção e intervenção”

(Cury, 2021; Cury, 2024), exemplificados nos trabalhos de Fadda (2020), Takaki (2023), Wolf (2023) e Roque (2024).

O caminho para compreender experiências vividas de pessoas idosas que perderam seus parceiros

Participantes. Foram convidadas a participar da pesquisa pessoas com idade superior a 60 anos que haviam perdido parceiros(as) amorosos(as) com os quais haviam convivido por pelo menos 20 anos. Foram excluídas da pesquisa: (a) pessoas do círculo de convivência do pesquisador, já que esse conhecimento prévio atrapalharia a escuta suspensiva de noções prévias proposta pelos Encontros Dialógicos; (b) pessoas que não tinham capacidade cognitiva de falar sobre as próprias experiências em decorrência de adoecimentos; (c) pessoas que não tivessem capacidade jurídica absoluta (Código Civil, Lei Nº 10.406 de 2002) (Brasil, 2002) ; e (d) pessoas cujos(as) parceiros(as) haviam tido perdas cognitivas e de autonomia significativos por períodos superiores a 6 meses antes do falecimento. Este último critério de exclusão foi adotado como esforço no sentido de evitar que participassem da pesquisa pessoas cuja perda dos(as) parceiros(as), simbolicamente, pudesse ter ocorrido de forma expressiva nos anos anteriores à morte, o que poderia caracterizar um fenômeno distinto como observado em pesquisas com pessoas mais velhas que perderam parceiros que, antes do falecimento, desenvolveram quadros de demência (e.g. Gibson et al., 2019) ou tiveram de passar a viver em instituições de longa permanência (e.g. Morgan et al. 2020).

Os participantes foram convidados a participar da pesquisa por meio de um convite divulgado nas redes sociais *Instagram* e *Facebook* do pesquisador (Apêndice A – Convite da Pesquisa) e de outros membros do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas e a partir de indicações de pessoas que conheciam os participantes e tiveram contato com a pesquisa ou com o convite para participação na pesquisa.

Tornaram-se participantes 10 pessoas, sendo 7 mulheres e 3 homens, todos residindo na região Sudeste do Brasil. Os participantes tinham entre 63 e 86 anos de idade e haviam perdido seus(suas) parceiro(as) há períodos que compreendiam de 45 dias a 26 anos. O tempo de convivência com os parceiros variou de 21 anos a 68 anos. Todos os participantes viveram relacionamentos heteroafetivos com seus parceiros. Os participantes possuíam variados níveis de escolaridade e condições socioeconômicas. A “Tabela 5 – Dados sociodemográficos dos participantes” ilustra alguns destes aspectos. Nela, os participantes aparecem na ordem cronológica dos Encontros Dialógicos realizados com cada um deles e com os respectivos pseudônimos que lhes foram atribuídos.

Tabela 5

Dados sociodemográficos dos participantes

Pseudônimo	Idade	Gênero	Ocupação	Escolaridade
Catarina	63	Feminino	Analista fiscal aposentada	Ensino Superior Completo
Claudia	79	Feminino	Gestora aposentada	Ensino Médio Completo
Riobaldo	74	Masculino	Pecuarista	Ensino Superior Incompleto
Maria	63	Feminino	Dona de casa	Ensino Médio Completo
Dora	86	Feminino	Dona de casa	Ensino Fundamental I Completo
Dona Benjamin	80	Feminino	Dona de casa	Ensino Fundamental I Completo
Jó	77	Masculino	Tipógrafo aposentado	Ensino Fundamental II incompleto
Xerazade	78	Feminino	Psicanalista/Professora	Pós-Graduação Completa
João	75	Masculino	Auditor da Receita Federal aposentado	Ensino Superior Completo
Gelsomina	75	Feminino	Diretora escolar aposentada	Ensino Superior Completo

A escolaridade dos participantes foi registrada aqui, e na caracterização das Narrativas Compreensivas, em consonância com o grau de escolaridade “equivalente” a partir do Plano Nacional de Educação (Brasil, 2014) vigente.

Na sequência, segue-se a “Tabela 6 – Dados complementares dos participantes” com dados como “Estado Civil” e “Tempo de convívio com o(a) parceiro(a)”.

Tabela 6

Dados complementares dos participantes

Pseudônimo	Renda	Estado Civil	Número de filhos	Tempo de convívio com o(a) parceiro(a)	Tempo desde a morte do(da) parceiro(a)
Catarina	R\$ 7.500,00	Viúva	2	30 anos	12 anos
Claudia	R\$ 7.000,00	Viúva	3	57 anos	1 mês e meio
Riobaldo	R\$ 8.000,00	Viúvo	2	45 anos	2 anos
Maria	R\$ 4.000,00	Viúva	2	34 anos	4 anos
Dora	R\$ 1.000,00	Viúva	6	68 anos	1 ano
Dona Benjamin	R\$ 3.895,00	Viúva	5	56 anos	5 anos
Jó	R\$ 3.000,00	Viúvo	2	52 anos	5 anos
Xerazade	R\$ 8.000,00	Divorciada	2	27 anos	21 anos
João	R\$ 20.000,00	Viúvo	2	47 anos	10 meses
Gelsomina	R\$ 10.000,00	Viúva	2	21 anos	26 anos

Procedimentos

Esta pesquisa envolveu três movimentos compatíveis com uma análise fenomenológica: descritivo, compreensivo e interpretativo. Os Encontros Dialógicos e a produção das Narrativas Compreensivas compuseram os movimentos descritivo e compreensivo de aproximação ao fenômeno. A produção da Narrativa Síntese e a identificação

de campos estruturantes organizadores da experiência vivida dos participantes e a discussão decorrente compuseram o movimento interpretativo da pesquisa.

Encontros Dialógicos. Foram realizados dez Encontros Dialógicos com duração média de 2 horas e 30 minutos. À exceção do encontro com Catarina, que se deu em uma padaria na cidade da participante e do encontro com Riobaldo, realizado na casa de uma de suas filhas, todos os encontros ocorreram nas residências dos próprios participantes em suas respectivas cidades.

Os Encontros Dialógicos foram pautados na lógica de um acontecer clínico e tiveram por Questão Norteadora: “Estou interessado em compreender a vivência do luto e gostaria que você me contasse como tem sido sua vida após o falecimento do(a) seu(sua) companheiro(a)”. A partir dela, o pesquisador facilitou o processo de exploração da experiência vivida dos participantes a respeito do tema. Nesse sentido, o pesquisador se lançou aos encontros imbuído de uma atitude fenomenológica de escuta suspensiva (*epoché*), interessado em compreender as experiências dos participantes como foram vividas e simbolizadas por eles para além de expectativas e conhecimentos prévios, postos, na medida do possível, entre parêntesis. Este movimento foi realizado de forma análoga ao proposto nos Encontros Dialógicos realizados na etapa empírica da Tese de Takaki (2023) acerca da atitude de empatia e em consonância com trabalhos recentes como o de Rockenbach et al. (2025) que aproximam a empatia da perspectiva rogeriana à empatia da perspectiva de Edith Stein.

Nos Encontros, denominados Dialógicos pela irrepetibilidade da dupla presente, de modo que sem aquele pesquisador e aquele participante específicos, os Encontros teriam sido outros, o pesquisador procurou criar um clima relacional facilitador com as características pormenorizadas anteriormente (Rogers, 1957). Em outras palavras, por meio de uma escuta ativa e interessada, o pesquisador, buscando ter clareza a respeito de seus próprios sentimentos e vivência dos encontros (congruência/autenticidade), comunicou sua compreensão a respeito

da experiência vivida dos participantes a partir de seus próprios quadros de referência (compreensão empática) e procurou transmitir uma atitude calorosa e confirmadora da singularidade do participante à medida que este se abria a respeito do tema, sem julgamentos ou juízos de valor externos (consideração positiva incondicional), de modo a favorecer o aprofundamento e atualização das vivências dos participantes a partir desta vivência intersubjetiva (Cury, 2021; Oliveira et al., 2019; Takaki, 2023; Fadda & Cury, 2021). Esta postura fenomenológica e facilitadora esteve presente desde as interações via aplicativos de mensagens até as interações posteriores aos Encontros.

No primeiro contato com os participantes, quando alguns deles mencionaram aspectos de suas vivências que emergiram ao entrarem em contato com o Convite da Pesquisa (Apêndice A) e com a pesquisa em si, o pesquisador, sem aprofundar precocemente o intercâmbio a ser estabelecido sobre o tema, reagiu de modo a transmitir sua compreensão empática do que os participantes haviam expressado. Ao encontrar os participantes, quase todos em suas casas, como supracitado, houve da parte do pesquisador essa abertura para adentrar e tentar compreender, em um movimento de apreensão e síntese ativa, o mundo circundante (*die Umwelt*, em alemão) (dos participantes (Bello, 2015) e o sentido de suas vivências contextualizadas.

Dessa forma, houve significativa diversidade quanto às cidades de portes variados dos participantes, quanto a suas casas, quanto à presença ou não de suas famílias ou de outros moradores em suas casas, e quanto à dinâmica de cada encontro, com participações esporádicas de familiares e animais de estimação; e aprofundamentos mais lineares do tema da pesquisa, como no caso de Maria, ou mais oscilatórios, como no caso de Claudia. A presença de fotos da família e/ou do casal, objetos que pertenciam aos/às parceiros(as) falecidos(as) e até mesmo a ausência ou presença de objetos, como no caso do carro de João, foram aspectos do mundo dos participantes que ganharam outro sentido ao decorrer dos Encontros Dialógicos e após a

produção das Narrativas Compreensivas e do intercâmbio intersubjetivo relativo à sua leitura no Grupo de Pesquisa.

A respeito do caminho dos Encontros Dialógicos em si, após a chegada, o pesquisador solicitou aos participantes que lessem e, caso concordassem, assinassem o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (Apêndice B) e o “Termo de consentimento para Tratamento de dados pessoais” (Apêndice C). Após a assinatura dos termos, em meio a conversas mais superficiais de aproximação entre o pesquisador e os participantes, o pesquisador lhes apresentou a Questão Norteadora e seguiu o fluxo narrativo, com o tempo, ritmo e ordem, lógica ou cronológica, de cada participante, auxiliando-os a aprofundarem a exploração de si mesmos a respeito do tema à medida que emergia em suas falas.

Ao final de cada encontro, o pesquisador preencheu um Questionário Sociodemográfico (Apêndice D) com dados dos participantes e seguiu o fluxo que intuiu como mais natural de cada encerramento. Com alguns participantes, após o preenchimento do Questionário Sociodemográfico, pareceu haver um fim natural do Encontro Dialógico, como no caso de Maria. Com outros, pareceu haver a necessidade de uma suavização do impacto emocional do Encontro, como no caso de Claudia. Com outros participantes, ainda, houve momentos de interação com as famílias com as quais moravam, e que foram acolhidas em suas preocupações a respeito do Encontro Dialógico em si ou a respeito dos participantes, como no caso de Riobaldo ou de Jó.

Após os Encontros, houve ainda participantes que interagiram com o pesquisador por meio de mensagens em que expressavam o sentido que sua participação havia tido para eles, expressando alívio, gratidão e maior clareza a respeito de si mesmos e de suas vivências. Estas expressões foram acolhidas e a compreensão empática delas foi comunicada aos participantes.

Durante os encontros, não foram realizadas gravações de áudio ou vídeo ou anotações escritas de modo a estimular o senso de presença e abertura do pesquisador ao encontro

intersubjetivo e a evitar o distanciamento afetivo e atencional que a tranquilidade de um registro ou gravação poderia proporcionar. Além disso, a ausência de registros e gravações teve por intuito facilitar o estabelecimento de um ambiente de confiança e horizontalidade entre pesquisador e participante e a primazia do encontro como vivenciado intersubjetivamente pelo pesquisador, não como poderia ser objetivamente descrito ou transcrito; visou-se enfocar, assim, seu sentido e não seu aspecto factual.

Tem disso em vista, após cada um dos Encontros, o pesquisador produziu uma Narrativa Compreensiva, contendo suas impressões e vivências intersubjetivas do Encontro, bem como sua compreensão da experiência vivida dos participantes como empaticamente compreendida por ele. As Narrativas Compreensivas preservaram a ordem dos acontecimentos e de sua vivência intersubjetiva por parte do pesquisador, de modo a transmitir/capturar o fluxo de vivências espirituais, psíquicas e corporais, com seu ritmo e elos próprios entre si, em consonância com a lógica de motivação como ligação entre atos espirituais e com a intencionalidade dos atos psíquicos (regidos pela lei da causalidade psíquica) preconizada por Edith Stein como estrutura do processo vivencial humano (Bello, 2015). Analogamente, o processo de aproximação do fenômeno como um todo e de cada Encontro Dialógico, por parte do pesquisador, também se configura como relevante e foi apresentado em conjunto com as Narrativas.

Estas Narrativas Compreensivas foram organizadas e estruturadas até que uma versão preliminar fosse obtida. Esta versão foi, então, lida e discutida com os demais membros do subgrupo do grupo de pesquisa institucional “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: prevenção e intervenção” em que esta dissertação foi desenvolvida. A partir dos insights dos demais membros do grupo de pesquisa e de sentidos que foram atualizados e se decantaram no pesquisador, novas versões de cada Narrativa Compreensiva foram produzidas até que versões

consideradas suficientemente representativas do vivido nos Encontros tivessem sido obtidas para cada um deles.

Após a obtenção de versões consideradas suficientes de todas as Narrativas Compreensivas, o pesquisador passou ao movimento interpretativo da etapa empírica da pesquisa e produziu uma Narrativa Síntese (que também teve reescritas sucessivas e insights dos demais membros do subgrupo do grupo de pesquisa), de modo a identificar a estrutura essencial da experiência humana do fenômeno enquanto vivência universal (redução fenomenológica transcendental) a partir de suas vivências e manifestações particulares.

Análise dos Resultados

Após a escrita da versão considerada suficiente da Narrativa Síntese, foram identificados 3 campos estruturantes, organizadores da experiência vivida dos participantes. Estes campos guiaram a Discussão dos Resultados à luz da Abordagem Centrada na Pessoa, da Fenomenológica Clássica de Husserl e de Edith Stein e de alguns autores identificados na revisão integrativa da literatura apresentada no Capítulo 2 desta dissertação.

Cuidados éticos

Como cuidados éticos principais, esta pesquisa levou em conta procedimentos necessários e universais na pesquisa empírica em Psicologia, como a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas (Apêndice E – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas), aprovado sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 85212624.9.0000.5481, a explicitação dos objetivos e usos possíveis da pesquisa aos participantes e sua assinatura do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (Apêndice B) e do “Termo de Consentimento para Tratamento de dados pessoais” (Apêndice C).

Além disso, o pesquisador manteve o sigilo referente ao material produzido, armazenando-o em locais físicos seguros e de uso privado e em arquivos digitais protegidos

por senha e de uso privativo. Adicionalmente, a pesquisa contou com a ocultação de detalhes dos participantes que possibilitassem sua identificação, suprimindo-os e, no caso dos nomes, lançando mão de pseudônimos da cultura nacional e internacional que capturassem aspectos significativos das experiências vividas dos participantes como compreendidos pelo pesquisador nos Encontros Dialógicos.

Em segundo lugar, há um posicionamento ético em propor um caminho metodológico que considera e respeita o participante como alguém com quem se estabelece uma relação de equivalência, como defende a Fenomenologia Clássica de Husserl e Stein (Bello, 2015) e não como objeto de estudo (Rogers, 1955), assumindo-se e valendo-se da humanidade e subjetividade do próprio pesquisador como instrumento de pesquisa (Brisola & Cury, 2016). A intenção do pesquisador, neste sentido, é de oportunizar ao participante, por meio de um Encontro Dialógico, uma experiência que possibilite uma atualização de vivências a respeito do tema da interlocução, tendo como premissa que pesquisas qualitativas empíricas em Psicologia sempre se configuram como intervenções capazes de beneficiar seus participantes (Szymanski & Cury, 2004).

Capítulo 4 – Narrativas da vida após a perda de um parceiro amoroso

Life must be understood backwards; but...it must be lived forwards [A vida só pode ser compreendida em retrospecto/olhando para trás; mas... só pode ser vivida de forma prospectiva/olhando para frente] (Kierkegaard, 1843/2016)

A caminho dos Encontros Dialógicos

Depois de meses pensando nos Encontros Dialógicos, esperando pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas e refinando os critérios de inclusão e exclusão dos participantes, finalmente começaria a parte prática da pesquisa. Imprimi os termos exigidos e meu Questionário Sociodemográfico, comprei caixinhas de lenço e montei uma “bolsa de pesquisador” que me acompanharia nos Encontros. Catarina¹ seria minha primeira participante.

Quando me contatou pelo Whatsapp [aplicativo de mensagens e chamadas de áudio e/ou vídeo], Catarina disse que tinha 63 anos, que havia perdido seu parceiro há 12 anos e que gostaria de participar de minha pesquisa. Chamou minha atenção o fato de ela se oferecer para me colocar em contato com “companheiras de viuvez”. Entretanto, mais chamativa, para mim, foi a idade em que havia perdido seu parceiro: 51 anos. Entretanto, não fiz essa observação em nossa breve troca de mensagens. Nela, Catarina contou que havia tido contato com o convite por intermédio de sua sobrinha e se interessado em participar. Combinamos de nos encontrarmos no domingo de manhã, em uma padaria que ela disse ter vontade de conhecer em uma cidade vizinha à sua.

Catarina era de outra cidade, por isso, acordei mais cedo no dia de nosso Encontro e saí de casa com alguma folga no horário. Como havia mais de uma padaria com o mesmo nome, essa decisão se revelou oportuna, já que investi meia hora de trajeto rumando a uma cidade

¹ Pseudônimo inspirado na personagem Katerina Ivanovna Marmeladova, de Crime e Castigo, de Fiódor Dostoiévski (1866/2016)

diferente daquela em que havíamos combinado de nos encontrarmos. Corrigido o trajeto, cheguei a tempo. No caminho, havia revisado diversas vezes a sequência prevista: Termos, Encontro Dialógico, Questionário Sociodemográfico, Termos, Encontro Dialógico... Finalmente, cheguei.

Catarina

Caracterização

Mulher, 63 anos de idade, aposentada como analista fiscal, possui Ensino Superior Completo. É viúva, tem dois filhos e mora com o mais novo em uma capital regional² do interior paulista (IBGE, 2025). Conviveu por 30 anos com o parceiro, que morreu há 12 anos.

Narrativa Compreensiva

Já no local, sentei-me no andar de baixo da movimentada padaria e imediatamente me preocupei com o barulho considerável que os preparos da cozinha e as falas das pessoas produziam. Passados alguns minutos Catarina, sua sobrinha e a namorada de sua sobrinha chegaram. Cumprimentamo-nos e a sobrinha e sua namorada nos deixaram a sós, ocupando uma mesa no andar de cima. Pensei que talvez Catarina estivesse insegura em me encontrar, um homem desconhecido que vinha de outra cidade. Mais tarde, entretanto, compreendi que Catarina provavelmente havia mesmo ficado insegura, mas pelo receio de dirigir longas distâncias sozinha.

Expliquei brevemente o objetivo da pesquisa, situando-a como um projeto de Mestrado que eu estava desenvolvendo, pedindo a ela que lesse e, caso concordasse, assinasse o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” e o “Termo de Consentimento para Tratamento de dados pessoais”. A essa altura, já me sentia mais presente e focado. Mal me lembro se o barulho inicial persistiu. Assinados os termos, começamos.

² Essa classificação se baseou na Hierarquia Urbana do IBGE (2021).

Disse a ela que havia proposto aquele Encontro para que pudéssemos conversar um pouco sobre como vinha sendo sua vida depois da morte de seu marido. Catarina iniciou nossa conversa como quem quer esclarecer algo importante desde o princípio, garantindo-me que estava bem, que vivia bem, que levava uma “vida boa”. Feita essa ressalva contou sobre como vivera por 30 anos com Simão,³ sendo que os três primeiros anos foram de namoro e os 27 posteriores, de casamento. Ao longo de nossa conversa três momentos muito distintos se demarcaram em sua convivência com o marido: um primeiro diz respeito ao período anterior a seu afastamento do trabalho (e posterior aposentadoria por invalidez), enquanto um segundo diz respeito ao período de afastamento em que ainda não compreendia “sua doença” e o terceiro compreende o período de reaproximação em que ela passou a compreender “sua doença”, vendo-a de outra forma.

Sobre o primeiro período de sua vida com o marido, Catarina apenas mencionou brevemente que se amavam muito e que ele já tinha certos traços de personalidade e características que se manteriam após o afastamento do trabalho, como sua alegria, seu bom humor e sua amabilidade para com ela e os demais, fossem eles próximos ou não a ele, ricos ou não, benquistos ou não pela sociedade. Nesse período, o marido já demonstrava sinais de que poderia desenvolver a “doença” que mais tarde desenvolveu, o alcoolismo. Entretanto, embora bebesse com certa frequência, para Catarina, seu trabalho como motorista de empilhadeiras o obrigava a manter uma rotina e ocupava seu tempo. Quando um problema visual que Catarina não nomeou o afastou do serviço (ao qual jamais retornaria), quando tinha 46 anos, Simão se deprimiu. Tendo desenvolvido uma deficiência e estando afastado do trabalho, não era aceito em outros trabalhos, tanto por suas necessidades específicas em termos laborais quanto por sua situação legal de afastado, o que o impedia de contrair novos vínculos

³ N.M. – Pseudônimo inspirado no personagem Semyon Zakharovich Marmeladov, marido de Katerina em Crime e Castigo (Dostoiévski, 1866/2016).

empregatícios. Impossibilitado de trabalhar, Simão passou a beber mais e com mais frequência que antes. Tornou-se um alcoolista.

Nesse momento Catarina passou a narrar o segundo momento de sua vida com Simão. Contou que, apesar de compreender as dificuldades e o sofrimento do marido em não poder trabalhar e não se sentir útil e importante, sentia muita raiva e vergonha dele. Não aceitava que seu marido tinha um problema (“sua doença”) e se sentia completamente sobrecarregada em casa, tendo de cuidar dos filhos (que eram dois e estavam na adolescência à época), pagar a maior parte das contas (devido à redução dos rendimentos do marido, uma vez que este passara a receber auxílios do Instituto Nacional do Seguro Social – INSS – ao invés de seu salário anterior) e não apenas não podendo contar com o marido para ajudá-la, mas tendo de cuidar dele também. Nesse período, a faculdade de Administração que Catarina começara a fazer para poder contribuir mais na empresa de Contabilidade de sua irmã, em que já trabalhava, somou-se a suas condições de vida como “um peso a mais para carregar. Foi bem pesado”.

Nessa época começaram a ocorrer situações que trouxeram, e seguiriam trazendo, sofrimento a Catarina até a morte de seu cônjuge, como donos de bares ligando para que ela buscasse Simão, seguranças do bairro levando-o quase inconsciente para casa, e Simão contraindo dívidas e doando dinheiro a jovens usuários de droga do bairro e a pessoas que pediam dinheiro a ele na rua. Conta que essas situações, que incluíam cenas como Simão indo a reuniões de pais na escola dos filhos alcoolizado e se esquecendo compromissos com os filhos, fizeram com que os filhos também sentissem muita raiva e vergonha de Simão, desgastando profundamente a relação de seu marido com Catarina e com seus filhos.

Ao longo dos anos, Catarina, que já era uma pessoa religiosa (católica) se aproximou da Igreja e do “Grupo Catecúmeno”, de que fez parte por mais de 20 anos desde então, e começou a atribuir um sentido diferente à dependência de álcool do marido. Passou a vê-la como uma doença, e conta que se libertou ao compreender que se preocuparia com ele e o

ajudaria no que pudesse, mas que não conseguia mais escolher por ele, sentir-se responsável pelas escolhas dele, comunicando isso explicitamente a Simão. Começava a fase final da convivência dos dois.

Durante esse período, os problemas de saúde ligados ao alcoolismo aumentaram e, malgrado os esforços de Catarina para cercear o uso de álcool do marido, pedindo a bares e restaurantes dos arredores que não lhe vendessem bebidas alcoólicas, deixando-o sem dinheiro e pedindo que, ainda que lhe vendessem bebidas alcoólicas, ligassem para que ela ou para seus filhos para que fossem buscá-lo, ainda era comum recebê-lo trazido por terceiros quase desacordado, buscá-lo em bares e até mesmo na rua em estado de confusão. Entretanto, embora os eventos fossem os mesmos, o sentido que tinham para a família, para Catarina e para Simão era, em alguma medida, outro. Simão e Catarina se reaproximaram, mas nunca voltaram a ter a intimidade que tinham antes do afastamento. A esse respeito, Catarina disse: “Dizem que o amor cura tudo. Não é verdade. O amor ajuda, mas tem outras coisas que são importantes”. A essa altura conta, emocionada, sobre a força de vontade do marido de não beber durante um ano frente ao ultimato de sua filha de que, desorganizado mentalmente e incapaz de honrar seus compromissos como estava, Simão não poderia levá-la ao altar. Todavia, seu tom rapidamente se tornou de desapontamento, quando contou que precisamente no dia do casamento, antes da cerimônia, o marido voltara a beber e ela havia percebido. “Nós nos amávamos muito. Tinha tudo para dar certo o nosso casamento. Mas essa situação... essa coisa dele... afastou a gente”.

Aproximando-se do fim da narrativa de sua convivência com Simão, Catarina anunciou, como quem se lembrava de algo importante: “Bom... o luto”. Contou, então, sobre seus últimos meses, quando Simão passou a ter inchaços por conta da cirrose que desenvolveu, levando-o a internações frequentes e ao que Catarina considerava como o período mais difícil de seu adoecimento. Complicações haviam levado Simão a perder boa parte dos movimentos do lado direito do corpo e Catarina precisava trabalhar, cuidar dos netos e cuidar até mesmo das

necessidades de higiene de Simão. Esse período culminou em sua última internação, quando Catarina teve de ficar no hospital por 60 dias até que o marido fosse transferido para a Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) e ela pudesse visitá-lo durante apenas 20 minutos. Conta que o apoio de seus irmãos (Catarina possui 7) e filhos foi muito importante nesse período, inclusive como companhia para que dirigisse até o hospital, já que, até então, não dirigia longas distâncias e se sentia insegura ao volante.

Simão estava em coma e ela e seus filhos não chegaram a se despedir dele como gostariam. Tinham a esperança de que ele ainda seria transferido de volta ao quarto do hospital e de que poderiam conversar. A filha de Catarina, também religiosa, acreditava, até a morte de seu pai, “que Deus daria uma segunda chance para ele”. Mesmo sem o que a família consideraria uma segunda chance, Catarina enfatiza que esses 60 dias, por mais difíceis que tenham sido, foram importantes por possibilitarem aos filhos uma reaproximação do pai de quem tanto haviam se ressentido ao longo dos anos.

Nesse momento, tive a nítida sensação de que Catarina se dera conta de que havia narrado toda uma vida vivida com Simão e, agora, a observava já à distância e podia finalmente dar-lhe um contorno. Catarina contou, então, sobre como se sentia grata por ter podido viver com Simão, sobre como era grata por ter tido o apoio de sua família e de sua comunidade religiosa durante os períodos difíceis até o falecimento do marido. "Sozinha ninguém consegue. Não culpo ninguém que ponha a pessoa na sarjeta e abandone. Eu graças a Deus nunca abandonei. Sem o apoio todo que eu tive, não teria conseguido. Não sinto culpa. Só por como eu era talvez na época em que eu ainda não entendia. Mas depois não. Meu filho falou: ‘A senhora nunca abandonou ele’. E não abandonei mesmo’. Senti sua força pessoal e a dignidade que havia encontrado nessa resiliência que tivera na vida com o marido, com o qual, apesar das agruras, havia vivido uma intimidade que, em alguma medida, havia permanecido até o fim: “Quando ele aprontava, vinha depois e me dizia – a gente se chamava de paixão, né? – ‘Paixão,

por que você tá assim? Você sabe que eu te amo...' nunca foi uma pessoa que bebia e ficava agressivo. Pelo contrário. Era ainda mais amoroso, mais carinhoso. Mas as pessoas até tiravam vantagem disso: pediam dinheiro, faziam ele pagar coisas...". Parecendo reviver sentimentos despertados por essas lembranças e pela totalidade do que contou disse então: "Saudade eu sinto. Tristeza, não. Penso às vezes na gente junto, ouço uma música e me lembro dele e digo 'era nossa música', mas não fico triste".

Pensando em sua vida presente, Catarina diz que acredita que as coisas sempre acontecem como têm de acontecer e que, nos 12 anos que se transcorreram desde a morte de seu marido, não procurou outra pessoa porque sentiria que estaria traindo Simão, traindo algo que tiveram juntos, "ele foi meu marido". Pensando um pouco mais a esse respeito, Catarina explica que reconstruiu sua vida de uma forma que não sente falta de ter um parceiro e que sequer haveria espaço para um.

Sobre isso, contou como, em um primeiro momento, ajudou a bancar as contas referentes a seus netos (filhos de sua filha mais velha) mas deu-se conta de que sua filha precisava mais de ajuda com a rotina e com os cuidados do dia a dia que estavam sendo exercidos pela irmã de Catarina, do que com a parte financeira do cuidado. Assim, a fim de ajudar a filha da forma que julgava ser a mais importante, e não querendo ser injusta com sua irmã, aposentou-se e passou a cuidar dos netos, levando-os à escola e ficando com eles enquanto a filha trabalhava.

Além dos cuidados com os filhos da filha, ainda despende cuidados para com seus próprios pais, ainda vivos, que moram em uma casa geminada à sua e que precisam de apoio para levarem suas vidas. Embora em alguns momentos pareça se ressentir da falta de liberdade que todas essas responsabilidades implicam em um momento da vida em que poderia pensar mais em si mesma do que nos outros ("agora que estou aposentada, não posso aceitar um simples convite para almoçar, porque tenho que cuidar dos meus netos e dos meus pais"). Sente

que deve ajudar sua família em função da gratidão que tem pela ajuda que recebeu de seus irmãos e de sua comunidade religiosa: “Quando eu precisei, me ajudaram. Hoje que eu posso, também devo ajudar”. Pensei sobre como sua vida toda havia sido atravessa pelo cuidado, mas, à época, receei aprofundar um tema sensível que poderia ficar em aberto e optei por não explorar esse caminho.

Apesar de não gozar da liberdade mais ampla com que devaneia em alguns momentos, Catarina afirmou ter vivido, e ainda viver, muitas aventuras e novas experiências após a viuvez: Fez aulas de francês e foi à França, fez viagens de peregrinação, viaja com frequência com sua sobrinha e com a namorada dela e é muito atuante em sua Igreja. Em um silêncio que pareceu de introspecção, como o de quem descobre um objeto em uma sala escura, embora familiar, ela parece explorar um caminho novo: “Agora pensando, não sei se teria sentido falta de ter alguém se meu filho não morasse mais comigo... muitas pessoas se sentem muito sozinhas. Não sei como teria sido se fosse só eu. Mas isso já passou”. Como me disse muitas vezes em nosso Encontro, as coisas foram como foram. Pensando sobre elas, em uma nota final, como que completando um círculo de nossa espiral em torno do tema da vida após a morte de seu parceiro, ela me disse: “É isso... como eu vivo? Bem. Vivo bem” e sorriu.

Preenchi o questionário sociodemográfico com a ajuda de Catarina e perguntei a ela como havia sido falar comigo sobre aquele tema. Ela pareceu se alegrar com essa pergunta. Talvez por esperá-la, talvez por dar-se conta do conteúdo da resposta: “Adorei! Foi muito bom lembrar de todas essas coisas, me abrir... Eu podia chegar aqui e não te contar nada disso. Mas não ia adiantar nada! Falar é libertador!”. Fiquei contente com essa resposta. “Que bom que foi assim para você”, disse. A seguir agradei-lhe a confiança e a abertura que tinha tido comigo e lhe disse que poderia divulgar a pesquisa para outras pessoas que pudessem se interessar em participar. Ela disse que faria isso e agradeceu. Subimos, encontramos a sobrinha e sua namorada e Catarina e eu nos despedimos.

Claudia

Caracterização

Mulher de 79 anos. Gestora aposentada. Possui Ensino Médio Completo. Viúva, tem 3 filhos e mora com o filho do meio em uma grande metrópole nacional (IBGE, 2025). Conviveu por 57 anos com seu parceiro, que havia perdido há 1 mês e meio à época do Encontro Dialógico.

Narrativa Compreensiva

Claudia⁴ me procurou a partir de um contato que teve com o convite da pesquisa enviado a ela por sua neta. Expressou empolgação a respeito da ideia de participar e disse acreditar que pudesse se beneficiar de compartilhar sua experiência com alguém. Havia perdido o marido há 30 dias quando me contatou. Desde nosso primeiro contato, ainda à distância, senti que ela tinha uma grande necessidade de dividir seu sofrimento e suas vivências com alguém que as compreendesse e que estivesse disposto a escutá-la. Provavelmente muito dessa sensação veio do tom melancólico e terno dos áudios que Claudia me enviou quando nos falávamos para acertar os detalhes de nosso Encontro. O fato de já me contar brevemente sobre sua rotina sem o parceiro e sobre como vinha se sentindo, e a certa ansiedade que observei em sua voz quando perguntava se eu estaria em sua cidade em breve, me deram a impressão de uma urgência em falar sobre sua perda.

10 dias depois desse primeiro contato, 40 após a morte de seu marido, encontramos em sua cidade, a cerca de duas horas da cidade em que resido. Quando não nos encontramos de imediato após eu haver lhe dito que tinha chegado, ela pareceu segura a respeito de seu conhecimento do bairro e da rua. Mais tarde, essa impressão se confirmou: Claudia havia

⁴ Pseudônimo inspirado na personagem Claudia Chauchat de “A montanha Mágica” de Thomas Mann (1924/2016).

morado naquela rua por 57 anos. 2 anos em uma casa e 55 na outra. Nosso Encontro aconteceu nesta última.

Depois de me contar brevemente sobre seu interesse em participar da pesquisa, Claudia dividiu comigo a desconcertante informação de que havia comparecido ao enterro da cunhada naquela manhã, no mesmo cemitério e no mesmo jazigo em que o marido havia sido enterrado 6 semanas antes. Claudia me contou sobre como havia sido emocionante e impactante ter contato com praticamente os mesmos familiares e amigos que havia encontrado há tão pouco tempo. Naquele mesmo dia e período, também havia sido enterrada, para sua surpresa, uma empregada doméstica que havia trabalhado por décadas para sua família. Ela pareceu se impressionar com a presença da morte em sua vida.

Claudia começou nossa conversa me contando que havia conhecido seu marido, Miller⁵, quando tinha 15 anos de idade e ele 22. Passava os verões na praia, na casa de um tio que, apesar de mais velho que o marido de Claudia, o tinha como amigo. Lá se conheceram e Claudia conta que, desde que se viram pela primeira vez, sentiu um carinho terno e uma admiração por ele, que os ligou até o fim da vida do marido, e que pareceram estar presentes até hoje. Inicialmente, a família imaginava que o marido de Claudia pudesse se envolver com sua prima, mais velha, de modo que Claudia não supunha que tê-lo como parceiro romântico fosse uma opção. Entretanto, para grande contrariedade do tio, depois deste primeiro contato na praia, começaram a se ver com mais frequência e, após alguns meses de encontros esporádicos, começaram a namorar. Seis anos depois, se casaram.

Embora tivessem se conhecido em uma cidade praiana, ambos moravam e haviam nascido no mesmo grande centro urbano. Tiveram três filhos, todos do sexo masculino. No início de sua vida conjugal, o marido sustentava Claudia e seus filhos. Ela contou como o

⁵ Pseudônimo inspirado no par romântico de Claudia Chauchat, Mynheer Peeperkorn em “A montanha mágica” de Thomas Mann (1924/2016).

marido, “apesar de não ter cursado Ensino Superior”, era inteligente, como era um trabalhador valioso e honesto e como era capaz de agregar em qualquer ambiente de trabalho, sendo contratado por grandes empresas e assumindo cargos de liderança em pouco tempo. O tom de admiração de Claudia atravessaria seu discurso até o fim de nosso Encontro e não se restringiria a aspectos profissionais do marido. Quando me contou sobre como ele sempre esteve à frente da casa, dos problemas, das decisões, enfatizando como ele a fazia se sentir segura em sua vida, não pude deixar de me perguntar se certa admiração da jovem adolescente de 15 anos por um jovem adulto de 22, como eram os dois quando se conheceram, não havia permanecido na dinâmica da relação deles até perto do fim e se ainda não era presente na visão que Claudia tinha dele.

Ela então me contou sobre como a parceria entre ela e o marido havia sido capaz de atravessar mesmo “as piores coisas”. Contou como chegaram a ter uma empresa juntos, com mais de 100 funcionários, até que mudanças da política econômica nacional os levasse à falência. Orgulhosa, contou como eles permaneceram juntos e se apoiaram em situações e períodos difíceis quando situações e períodos menos difíceis haviam sido capazes de separar outros casais que conheciam. Nesse ponto, enfatizou o apreço que o marido dedicava à sua família, dizendo que ele sempre havia feito questão de viajarem com os filhos, recusando-se a viajar sem que eles pudessem acompanhá-los. Contou, ainda, como a havia apoiado quando um dos filhos do casal, que morava em uma cidade litorânea havia pedido a ajuda de Claudia para conduzir seus negócios. À época, Miller⁶ a havia incentivado a ajudar o filho, mesmo que isto significasse que ela tivesse de viver em outra cidade por um período, deixando a ele e a um de seus filhos para trás. O plano, a essa altura da vida do casal, era de que mais tarde Miller

⁶ Pseudônimo inspirado no personagem Mynheer Peeperkorn de “A Montanha Mágica” (Mann, 1924/2016).

e o filho que ainda morava com eles pudessem se unir a Claudia na cidade litorânea, vivendo de novas oportunidades geradas pelos negócios do filho que Claudia estava indo ajudar.

Mudar-se para outra cidade sem o marido foi difícil para Claudia: “respirei fundo e fui sem olhar pra trás. Olhar pra trás não dava!”. Mesmo assim, Claudia se surpreendeu com o período que viveu com o filho, aproximando-se dele, de sua nora e de suas netas que, até então, via apenas em datas comemorativas. Além disso, sentiu-se capaz e gratificada por estar à frente dos negócios do filho e por desenvolver novos laços de amizade em uma cidade com um ritmo de vida mais acolhedor do que o do grande centro urbano em que morava. Chegou inclusive a frequentar cursos de idiomas e de arte com as novas amigas que fez. Nesse período de sua vida, Claudia não via o marido com tanta frequência, mas se falavam sempre e procuravam se encontrar a cada uma ou duas semanas. Quando recebeu a notícia de que o filho que havia ido ajudar, com o qual morava então, teria de se mudar novamente para a cidade de que Claudia havia saído, sofreu muito ao se despedir da vida mais pacata que havia criado para si e do sonho de levar o marido e seu outro filho para morarem consigo: “a gente sonha, né? Eu tinha sonhado em ficar lá, em levar eles, em viver de um outro jeito... mas aí tive que voltar”.

A essa altura, apontei para Claudia a percepção de que ela e o marido pareciam se admirar e conseguirem se amparar em momentos difíceis. “Ah sim! A gente se apoiava muito. E é isso, né? Todo casal tem problema. A gente também tinha. Mas o bom era maior do que o ruim”. Claudia se emocionou e chorou. Contou que sentia falta dele e que era estranho estar sozinha depois de ter vivido por 57 anos com uma pessoa. Como quem pondera e revisa parcialmente o que havia dito, Claudia então me contou sobre os problemas que havia enfrentado com o Marido. Senti que viria o “ruim” que ela via na relação dos dois.

Primeiro contou sobre um problema ambivalente a respeito do marido com relação ao trabalho: Miller era capaz de conversar em alto nível e propor soluções no trabalho para pessoas que haviam tido mais tempo de estudo do que ele, mas que sua capacidade de desenhar sistemas

e logísticas mais eficientes do que a dos locais em que havia tentado trabalhar (depois de terem fechado a empresa do casal) e sua honestidade o impediam de ter estabilidade nos trabalhos que havia procurado. Contou, em um tom que misturava admiração com crítica, que o marido via com muita clareza os gargalos logísticos das empresas em que entrava e não era capaz de se adaptar a formas de trabalhar que percebia serem “piores”, e que era intolerante a desonestidades e corrupções, de modo que saía das empresas quando se deparava com elas. Claudia disse que gostaria que o marido tivesse sido mais flexível, para se adaptar a oportunidades de trabalho que poderiam ter aliviado a sobrecarga dela com as contas do casal.

Na sequência, Claudia me contou sobre um problema menos ambivalente: uma visão de masculinidade que levava Miller a se comportar de uma forma que ela julgava irresponsável. Quanto a isto, contou que, com frequência, o marido bebia mais do que deveria em reuniões sociais e insistia em dirigir. Claudia o proibia, especialmente se estivessem com os filhos. Entretanto, propunha uma solução de compromisso que era frequentemente adotada pelo casal: saíam de onde estavam com Miller no volante, e assim que estavam a alguma distância, trocavam, de modo que Claudia assumia o controle do carro daquele ponto em diante. Assim, Miller não era visto sendo levado para casa por ela, uma mulher. Claudia me disse, com firmeza: “Essa era a única coisa que já pensei que poderia ter feito a gente se separar. Falei isso na frente dele uma vez. Ele ficou bobo... Me disse: “Que isso, bem?!” Mas é isso... Todo casal tem problema, a gente também tinha os nossos, também se desentendia por uma coisa ou outra às vezes, mas o bom era muito maior, pesava muito mais do que o ruim”.

Claudia passou a me contar, então, sobre a morte de Miller. Ele havia tido problemas circulatórios por anos. Nos dois anos anteriores à sua morte, entretanto, esses problemas haviam se agravado, levando Miller a ter flebites nas pernas e necroses nos dedos dos pés. Segundo ela, os médicos diziam que o tabagismo intenso de Miller piorava seu quadro. Nesse período, o marido começou a depender mais de Claudia. Teve internações sucessivas, os

médicos cogitaram amputar seus dedos e Claudia temeu que não voltasse mais para casa. Seu marido, entretanto, teve uma melhora súbita, voltou para casa e passou a ter uma rotina de cuidados intensa, com fisioterapeuta, enfermeiro e com um cuidado intenso e frequente dos filhos. Miller não pôde mais, nestes dois anos, subir as escadas de sua casa para dormir em seu quarto e teve de dormir em uma maca na sala. A mesma sala em que estávamos eu e Claudia. Enquanto me contava, ela parecia visualizar a maca do marido contra parede, vendo ele, os profissionais e familiares que estavam envolvidos nessa rotina. Quando sinalizei isso a ela, ela sorriu pensativa, assentindo com a cabeça. Entretanto, enfatizou que não via isso de uma forma traumática, como algo que a angustiasse, mas como algo que havia sido muito importante por um período de sua vida. “Não é um trauma... mas foram dois anos da minha vida assim”.

Antes da piora do quadro de Miller que o levaria à morte, o marido de Claudia teve apoio dos filhos, que sempre se revezavam para dormir com ele no andar de baixo da casa de Claudia. Chegou a andar sozinho, subir e descer escadas novamente e a “ter uma carinha normal mesmo, de saudável. Os médicos não acreditavam”. Essa melhora deu esperanças a Claudia e à sua família, e quando Miller voltou a piorar, relutaram em compreender esse processo: “Custou pra gente aceitar. A gente tinha sonhos... eu falava pra ele: a gente tem que voltar praquele lugar! Se perder nos restaurantes lá de novo” (em referência a uma viagem que haviam feito com os filhos há alguns anos). Entretanto, ela e a família intuía que Miller não se recuperaria desta vez, e optaram por não o internar para poderem estar com ele como família, interagindo, tendo conversas e visitas e, enfim, despedindo-se dele de uma forma que seria impossível caso houvesse todas as restrições de uma internação hospitalar.

Nesse período, Miller, apesar de lúcido, já tinha alguns esquecimentos e se sentia envergonhado de depender de Claudia, de não conseguir mais encontrar soluções de informática com a velocidade de antes. Se incomodava por ser visto debilitado por pessoas de que gostava. Apesar de vê-lo dessa forma, Claudia ainda sentia que conseguia ter trocas

significativas com ele e ainda observava nele certa inteligência intuitiva/afetiva a respeito das pessoas que sempre havia admirado no marido. Como exemplo, citou um episódio em que, nos meses anteriores a sua morte, Miller havia tido uma impressão negativa do novo namorado da irmã de Claudia, com que ela mais tarde concordou.

Claudia passou a me contar, então, sobre seus dias. “As pessoas me perguntam ‘Como você tá?’. Como eu tô? Eu tô bem. Eu tenho momentos. Tem dias que eu vejo que eu tô melhor, que eu trabalho, faço minhas coisas... mas tem dias que é muito difícil! Que eu queria mostrar pra ele o muro que minha nora pintou, que eu sento pra ver um filme e ele não tá...”. Claudia chorou e começou a me contar como oscilava entre esses momentos e sobre como se sentia solitária, como gostaria que sua família estivesse mais próxima dela e demonstrasse mais preocupação com ela. Disse: “Não vêm para me ver. Só vêm para ver jogo do... [time da cidade]!”.

Contou como, ainda antes do falecimento, gostaria que um de seus filhos (que morava em outro centro urbano) tivesse feito mais questão de tornar sua casa adaptada para receber o casal, como se sentia sozinha agora que a irmã, com 77 anos, havia começado a namorar há poucos meses, distanciando-se dela. Contou, ainda, que gostaria de ter visitado mais seu outro filho que mora longe, de poder estar mais perto de suas amigas da cidade litorânea em que morara e que havia um vazio imenso em sua vida que ela agora precisava preencher.

Contou que, nos últimos dois anos, havia trabalhado e contado com a ajuda dos filhos, inclusive do filho que ainda mora com ela, e de diversos profissionais da saúde para cuidar do marido, mas que viveu sobrecarregada física e emocionalmente. Esses cuidados compreendiam desde a logística envolvendo as pessoas que a ajudavam, passando pelos cuidados da enfermagem de que ela precisava participar, e chegava até cuidados de higiene básica, como banhos e outras necessidades. Ainda carrega as marcas desse cuidado no corpo: tem problemas de bexiga (que não menciona a seus familiares) por conta do esforço que tinha de fazer para

levantar o marido, 40kgs mais pesado que ela, colocá-lo na maca, trocar suas roupas et cetera. “Eu me sentia tão cansada! Era tão desgastante que tinha dias que eu só queria deitar e morrer, porque parecia que não ia dar!”.

Apesar do desgaste, contou que sente falta do marido e da convivência com ele, de “ter sonhos com ele”, de planejar coisas com ele. Contou que sente falta dos filhos e dos profissionais da saúde que cuidavam do marido (e de que ela mesma havia se aproximado antes de seu falecimento), de alguém quando chega em casa do trabalho de meio período que desempenha: “Essa é a pior hora... quando eu chego e não tem ninguém. Ninguém pra eu ver, ninguém pra eu contar nada... Antes eu não tinha tempo pra nada! E eu que era tão arrumada, tão preocupada, fiquei com uma casa que era uma zona por dois anos! Agora eu pego às vezes e lembro que tem um armário pra eu arrumar, algum cantinho pra pôr em ordem...”. Mesmo o filho que mora com Claudia passa longos períodos fora de casa trabalhando como médico veterinário e raramente se encontra com a mãe, embora ela o perceba mais carinhoso e preocupado após a morte de Miller.

Em uma nota de conclusão, Claudia disse: “Como eu tô? As pessoas ficam me perguntando isso... É difícil falar de sentimentos, né? As emoções mudam muito. Tem hora que eu tô bem. Tem hora que alguém me liga no trabalho, alguma amiga, e eu fico muito emocionada. Tem dias que eu vejo que eu tô melhor, que eu trabalho, faço as minhas coisas... e tem dias que eu vejo uma foto, alguma coisa que me lembra ele e eu sinto muita falta... me sinto muito sozinha! Nas coisas dele por exemplo eu ainda não mexo... É muito pra mim, ainda não consigo! Mas é assim. As pessoas me dizem que eu tenho que respeitar meu luto, chorar, fazer o que dá vontade mesmo... Sei que o tempo vai melhorando as coisas. Agora tô tentando me cuidar e voltar pra minha vida”.

Em uma mesa de café da tarde farta, a partir de detalhes e objetos decorativos cheios de significado, na tarde que passei com Claudia na casa em que havia vivido com seu parceiro

por 55 anos, pude imaginar as cenas vivas que ela me descrevia. Vendo as fotos de seus filhos, netos e marido, pude colocar rostos nos nomes e acompanhar visualmente as diversas mudanças de Miller ao longo de sua vida. Vendo o álbum de casamento de Claudia, diante de comentários como “Nossa... dessa foto todos já morreram”, feito no dia de um duplo velório em que falávamos sobre a morte de seu marido, pude sentir de novo a presença da morte se impondo a ela, levando parentes e pessoas significativas em um momento em que se sente tão solitária. Quando me contou sobre amigas que não tinham quem cuidasse delas, pareceu se ressentir da “ingratidão” dos filhos delas e se identificar com a presença que sente ser insuficiente de sua própria família. Disse: “É aquela história: uma mãe cuida de dez filhos, mas às vezes dez filhos não cuidam de uma mãe... abandonam!”.

Apesar de certa inexperiência de minha parte em conduzir Encontros como este, acredito que as idas e vindas em temas e profundidades foram inevitáveis. Senti que ela precisava fazer esse movimento oscilatório para me contar sobre suas vivências com o marido e após sua morte, oscilando comigo como tem oscilado em seus dias; ora entrando em contato com seu luto, ora voltando-se outros aspectos de sua vida, com mais ou menos profundidade e vivacidade.

Além disso, o quanto precisou contar sobre outros assuntos e a duração de nosso encontro também foram, para mim, sinais de que ela precisava muito de alguém com quem dividir afetos e experiências. Essa percepção foi reforçada por um áudio de WhatsApp que Claudia me enviou no dia seguinte, agradecendo pelo encontro e desculpando-se pelo “desabafo”, por dizer “um monte de coisas que não tinham nada a ver”. Tranquilei-a no sentido de que havia me sentido muito bem-vindo e de que havia sido um prazer para mim conhecê-la, a sua casa e a sua vida e que compreender como havia sido sua vida com o marido e como era sua vida nesse momento eram objetivos da pesquisa.

Riobaldo

Caracterização

Homem de 74 anos de idade. Pecuarista com Ensino Superior Completo. Viúvo, tem duas filhas. Mora sozinho em um centro sub-regional do interior paulista (IBGE, 2025). Conviveu com sua parceira por 45 anos. Ela faleceu há 2 anos.

Narrativa Compreensiva

A ideia de que Riobaldo⁷ participasse da pesquisa veio de sua filha, que teve contato com o convite por meio de uma amiga sua que o compartilhou com ela. A filha de Riobaldo, então, me contatou. Como, segundo ela, Riobaldo não se dava bem com tecnologias, fui pessoalmente à casa de sua filha, que fica na região metropolitana da cidade em que moro, onde ele estava passando algumas semanas, para convidá-lo. Expliquei brevemente a respeito do tema da pesquisa e propus um encontro no fim de semana seguinte. Neste primeiro contato Riobaldo se mostrou motivado em participar da pesquisa e concordou em me encontrar. Despedimo-nos e seu genro me levou até a porta. Para meu desânimo, disse que não sabia o quanto eu poderia aproveitar aquele Encontro com seu sogro, já que Riobaldo estava “ficando demente já”. Disse a ele que compreendia e que agradecia o aviso, mas que o encontraria mesmo assim, com a condição de que era possível que aquele Encontro não entrasse como resultado da pesquisa a depender do estado cognitivo de Riobaldo. Nesse momento, bem como nas interações que havia tido com a filha pelo telefone, tive a sensação de que a família de Riobaldo estava preocupada com ele e depositava esperanças de que nosso Encontro pudesse fazer bem a ele de alguma forma, talvez “animando-o” ou estabelecendo um tipo de conexão com ele que eles mesmos não se sentiam capazes de estabelecer. Os agradecimentos copiosos que eu receberia após o Encontro reforçaram essa impressão.

⁷ N.M. – Pseudônimo inspirado no personagem homônimo de “Grande Sertão: veredas” (Rosa, 1956/2019).

No dia combinado, uma tarde de domingo de outono, fui à casa da filha de Riobaldo e, dessa vez, ele mesmo me recebeu. A casa estava silenciosa no andar térreo. Supus que todos estavam no andar de cima, e que talvez estivessem dormindo. Atravessando o silêncio do interior da casa, Riobaldo me levou à área externa, onde nos sentamos ao redor de uma mesa.

Comecei nosso encontro reiterando que ele fazia parte de minha pesquisa de mestrado e explicitando o objetivo da pesquisa. Expliquei brevemente o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” e o “Termo de Consentimento para Tratamento de dados pessoais”. Riobaldo os leu e, apesar de alguma dificuldade, por conta da acuidade visual reduzida de que se queixou, assinou-os. Assim, começamos. Inicialmente ele me perguntou sobre o que eu gostaria de saber. Seu olhar intenso, seu tom de voz calmo e seu vocabulário amplo me chamaram a atenção. A eloquência e a fagulha de inteligência madura que entrevia em suas falas me fizeram questionar a visão de seu genro sobre seu estado cognitivo: Riobaldo me pareceu mais lúcido e capaz de se conectar comigo e disposto a fazê-lo do que muitos jovens adultos que eu conhecia.

Riobaldo começou contando que seu pai era de outra região do Brasil que não aquela em que vieram a morar ao longo de sua vida, e que sua mãe era descendente de imigrantes de outro país. Mudaram-se para a cidade em que Riobaldo viveria por toda a sua vida após um pedido de casamento que seu pai havia feito ao grupo de imigrantes de que a mãe de Riobaldo fazia parte, sob a ameaça de raptá-la caso recusassem permitir a união dos dois. Após alguns anos juntos, seus pais tiveram o primeiro filho e, quando sua mãe engravidou dele (que era o segundo) mudaram-se para a cidade em que ele passaria toda sua vida. No momento de nosso Encontro, ainda morava nesta cidade. Nela, Riobaldo nasceu, em um Domingo de Páscoa, para surpresa de todos, já com um dente, como me fez prometer que contaria nesta narrativa.

Contou, então, sobre como havia crescido “sob a asa de seu pai”, um fazendeiro que “mesmo analfabeto, sabia mais que todos os médicos e engenheiros da região”, já que, “eles

sabiam de medicina e engenharia e ele sabia da terra”. Crescera admirando o pai e aprendendo o ofício de pecuarista na grande propriedade que tinham. Nela, havia uma cultura variada de plantações e criações. Gado leiteiro e de corte, porcos, milho, algodão, café. Segundo Riobaldo, a fazenda da família era modelo na região. Contou sobre a sabedoria do pai e do cunho humanitário de seu trabalho, que sempre era pensado de modo a proporcionar empregos à comunidade local. Contou sobre ações filantrópicas do pai, que distribuía colheitas aos pobres e com frequência trazia pessoas em situação de rua para morarem em sua fazenda, arrendando-lhes terras e ensinando-lhes a fazê-las prosperar. Orgulhoso, Riobaldo falou sobre como mais tarde em sua vida os filhos dessas pessoas o procuraram para agradecer a ele pelo acolhimento de sua família.

Esse pai, tão central na narrativa de Riobaldo tinha características em comum com seu futuro sogro e, como ele se daria conta a partir de apontamentos que fiz ao longo de nosso Encontro, com sua parceira também. Nesse momento de sua narrativa, entretanto, Riobaldo enfatizou que seu sogro, outro grande fazendeiro da região, compartilhava da popularidade de seu pai, atuando como importante fonte de empregos para a comunidade e desempenhando papéis de liderança mais significativos que o de políticos e clérigos locais. “Quiseram até que ele fosse prefeito. Mas ele nunca gostou de política”. Das muitas histórias de ambos que Riobaldo dividiu comigo, marcaram-me a história de seu pai buscando ativamente pessoas desabrigadas que mendigavam na estação de trem da cidade para oferecer-lhes trabalho, e a história de seu sogro que havia feito uma festa de bodas que durara 5 dias, fretando ônibus para levar pessoas desconhecidas das vilas do entorno para a comemoração. Além do perfil solidário e carismático que Riobaldo me descreveu, entretanto, seu pai e seu sogro também compartilhavam negócios e frequentavam as fazendas um do outro. Foi em uma dessas visitas que Diadorim⁸, a futura esposa de Riobaldo, o viu e se interessou por ele.

⁸ Pseudônimo inspirado na personagem homônima de “Grande Sertão: veredas” (Rosa, 1956/2019).

Apesar de sua falecida esposa ter se interessado por ele quando Riobaldo saía da adolescência, esse interesse só se tornou conhecido para ele quando já estava em outra cidade para estudar Agronomia e Zootecnia. Quando recebeu um telefonema de Diadorim, que se ofereceu para visitá-lo em sua cidade, chegou a confundi-la com outra pessoa, e só após alguma insistência da parte dela se deu conta de se tratar de uma investida romântica da menina que visitara sua fazenda anos antes. Poucos meses depois, começaram a namorar e, alguns meses mais tarde, casaram-se. Seu matrimônio duraria 45 anos.

Nesse ínterim, já namorando Diadorim, quando Riobaldo estava a um semestre de concluir seus estudos, seu pai teve um infarto e faleceu. Seu irmão mais velho, veterinário, bem-sucedido na região, não poderia cuidar da fazenda, de modo que esta responsabilidade recaiu sobre Riobaldo. Exortado pelo irmão, então, trancou sua matrícula na faculdade e acabou por nunca se formar. A essa altura, aproveitei para incrementar o panorama da vida de Riobaldo que se formava em minha mente: “Então eram apenas você e seu irmão na sua família?”. “Não. Mas as outras seis eram mulheres”. Compreendi que, para ele, isso implicava uma obviedade sociocultural a respeito do porquê de ele ser a única opção para estar à frente da fazenda. Essa compreensão pareceu se confirmar quando Riobaldo explicou os impedimentos dos demais homens da família: “Até tinha meus cunhados, mas eles eram de outras áreas, não se interessavam muito por isso”.

Os anos seguintes de Riobaldo e Diadorim foram de muito trabalho: ele como pecuarista, ela como fisioterapeuta. Desempenharam suas profissões na cidade por décadas: Diadorim, em uma clínica que o sogro de Riobaldo dera de presente para ela; Riobaldo, na fazenda, com a ajuda da esposa e de um dos cunhados. Nas histórias e experiências desse período que Riobaldo dividiu comigo, ficou claro para mim que o casal assumiu o lugar do pai de Riobaldo e de seu sogro na comunidade: constituíram-se como referência para muitos dos moradores, sendo consultados a respeito de como lidar com problemas os mais variados, e

ofertavam inúmeros empregos e oportunidades de crescimento para a comunidade local. Riobaldo oferecia empregos diretos e dividia conhecimentos práticos com outros fazendeiros, ao passo que sua esposa se dedicava intensamente ao trabalho como fisioterapeuta. Ao contar sobre sua atuação, Riobaldo pareceu admirá-la profundamente: “Ela era a pioneira nisso. Era a única fisioterapeuta da região. Não fazia diferença entre ricos e pobres, entre quem tinha dinheiro e quem não tinha. Recebia muitos estagiários, ficou parte do SUS de lá que não tinha fisioterapia e recebeu muita gente. Depois que trabalhavam com ela o povo falava: ‘Não! Agora eu quero ficar trabalhando aqui!’”. O povo gostava muito dela. Ela era uma pessoa muito boa”. Não consegui afastar da mente a ideia de que essa admiração de Riobaldo pela esposa era a mesma que tinha por seu sogro e por seu pai. Então, dividi com ele minha impressão já citada de que eles mesmos tinham ficado à frente dos negócios da família e pareciam desempenhar as lideranças comunitárias que seus pais tinham desempenhado antes deles. “É! É verdade... Era assim mesmo”.

Essa admiração, que também transpareceu quando contou sobre a competência da esposa que o tranquilizara ao recomendar uma faculdade de fisioterapia onde as duas filhas do casal se formaram, foi matizada com certa tristeza quando Riobaldo foi se aproximando do tempo presente do seu relato. “Ficamos 45 anos juntos. Vivemos muito bem graças a Deus. Ela era uma mulher muito boa. Sempre me ajudava com as coisas, me puxava pra fazer as coisas... Agora é tudo mais difícil... Muito mais difícil! Até hoje, quando vou na missa aparecem pessoas dizendo: ‘Eu não andava! Cheguei na clínica da sua esposa numa cadeira de rodas trazida pela minha netinha. Agora eu ando! E é graças à sua esposa!’ Ela era o esteio da família dela”. Então perguntei: “Da sua também?”. “Da minha também. Agora é tudo mais difícil. Ela se preocupava com todo mundo. Eu falava pra ela: ‘Bem, você precisa parar um pouco, precisa se cuidar, precisa cuidar da sua saúde também...’. Ela trabalhava muito!”. Riobaldo conta, então, como Diadorim se esforçava para atender a todos que a procuravam e como se

preocupava em garantir uma boa qualidade de vida para seus pacientes. “Mas foi assim. Por isso que ela enfartou. E aí acabou falecendo. Nossa... Foi muito difícil pra mim, eu sinto muita falta!”. A emoção de Riobaldo, apesar de expressa discretamente, contagiou-me. Não pude deixar de pensar nas pessoas que havia perdido antes do que o curso típico da vida prediria: seu irmão mais velho, quando ainda era jovem, e o pai, que morrera da mesma forma súbita que Diadorim, em mais uma semelhança, embora trágica, que guardavam entre si. Recontando o encontro agora, gostaria de ter dividido com ele essas últimas compreensões. Não devolvi.

Aproximando-se de seu presente, Riobaldo passou a contar, então, que sempre havia sido uma pessoa mais passiva, mais calma e que, após a morte de sua parceira, sentia-se intensamente desanimado e desmotivado para realizar as atividades do dia a dia, especialmente aquelas ligadas à sua saúde com as quais sua esposa o ajudava, cobrando-o e preocupando-se junto a ele. Frequentar compromissos sociais que tinham em comum deixou de ser prazeroso: “Tentei ir no [nome de grupo que recebe intercambistas de outros países]... A gente sempre ia junto. Mas, sem ela, não tem a mesma graça”. “É muito difícil. A pessoa ficar 40, 50 anos com uma pessoa e depois não ter, é muito difícil”.

O escasseamento de seus compromissos sociais, entretanto, contrastava com suas atividades laborais. Riobaldo, apesar de legalmente aposentado, considerava-se um pecuarista “em atividade” e gostava de ainda exercer seu trabalho e participar da gestão de seus negócios. Em sua cidade, falou sobre o contato que valoriza profundamente com sua sogra, ainda viva. Ao falar sobre como a visitava com frequência e sobre como ela se preocupava com ele, perguntava-lhe sobre sua saúde e sobre suas tarefas, tratando-o “como um filho dela, que trata melhor ela que os filhos dela”, tive a impressão de que sua sogra ocupara, em alguma medida, o lugar da esposa falecida, como alguém que ajudava Riobaldo a cuidar de si e se preocupar consigo mesmo, motivando-o para suas tarefas e ajudando-o a sentir que era importante para alguém com quem convivia mais proximamente.

Finalmente, pensando em seus últimos dias, Riobaldo contou que suas filhas se preocupavam com ele, temendo que se sentisse solitário e deixasse de cuidar de si e da própria saúde (é diabético). Mais tarde, pensando nesse momento do Encontro, senti que poderia ter explorado esses aspectos da experiência atual de Riobaldo. Especificamente, penso que ele adotava, então, um tom de encerramento, talvez por não conceber a riqueza de sua experiência presente, como se, fora das histórias ricas de conteúdos objetivos, não houvesse muito a ser dito e compreendido por mim, nada que visse como potencialmente interessante.

Mesmo assim, houve ainda aspectos do presente de Riobaldo que emergiram, como sua curiosidade e satisfação a respeito de seu novo momento de vida, em que frequenta mais assiduamente a casa das filhas, passando semanas na casa de cada uma delas, e em que tem podido passar mais tempo com os netos e netas, aproximando-se deles e alegrando-se com esse contato. Enquanto Riobaldo falava sobre isso, lembrei a pequena menina de 4 ou 5 anos de idade que havia acenado para nós através do vidro que separava a parte interna da externa em algum ponto de nosso Encontro. O olhar de Riobaldo para esse ponto do vidro enquanto falava me deu a sensação de que pensáramos na mesma coisa.

Encerrando nosso Encontro, agradei a ele pelo tempo que havia me concedido e pelo privilégio de poder ouvir sua história e conhecer um pouco mais sobre ele e sobre sua vida. Despedimo-nos e, a caminho de casa, pensei sobre como, afora certo tom digressivo e repetitivo presente em alguns momentos de nosso Encontro e o tremor essencial em suas mãos, a capacidade de Riobaldo de compreender sua vida e a si mesmo, e de se conectar com alguém que se interessasse por ele pareciam bastante subestimadas por sua família, que, por inúmeras razões, aqui insondáveis, talvez perdesse a oportunidade de dividir com ele as ricas memórias e trocas que dividiu comigo.

Maria

Caracterização

Mulher, 63 anos, dona de casa aposentada. Possui Ensino Médio Completo. Viúva, tem dois filhos. Mora sozinha em uma metrópole do interior paulista (IBGE, 2025). Conviveu por 34 anos com seu parceiro que morreu há 4 anos.

Narrativa Compreensiva

Entrei em contato com Maria⁹ após uma indicação de seu genro que, ao ficar sabendo da pesquisa, disse que sua sogra provavelmente se interessaria em participar. Quando expliquei a ela a proposta da pesquisa em linhas gerais, ela se interessou em participar e marcamos nosso encontro para a véspera do dia das mães. Estava curioso a respeito de sua aparência, já que sua foto de perfil no aplicativo de mensagens por meio do qual havíamos nos comunicado era uma imagem de uma mulher de aparência jovem gerada por inteligência artificial. Ao chegar à sua casa, que fica a cerca de 40 minutos de carro da minha, escapei de uma forte chuva que se anunciava e fui recebido por uma mulher de cabelos grisalhos, porte atlético e uma blusa estampada de onça. Tinha um cachorro pequeno a tiracolo. Ela me cumprimentou com um aperto de mão para não despertar ciúmes no possessivo Zeca (que segurava) e me convidou para entrar e me sentar à mesa da varanda, que ficava na área externa de sua casa. Falamos sobre a chuva que começava a cair e sobre outras amenidades, enquanto retomei com ela brevemente o tema da pesquisa e lhe expliquei alguns detalhes do “Termo de consentimento livre e esclarecido” e o “Termo de Consentimento para Tratamento de dados pessoais” que pedi a ela que lesse e, caso concordasse, assinasse.

A conversa foi naturalmente se aproximando da questão norteadora à medida que ela, talvez em uma tentativa de se aproximar de mim ou de se assegurar de que fazia sentido se

⁹ Pseudônimo inspirado na personagem homônima Maria Marruá da novela “Pantanal” (Folha de São Paulo, 2022).

abrir com uma pessoa que ela considerava muito jovem, perguntava a respeito do meu interesse, como uma pessoa “tão novinha” em “conversar com os véio” e, mais especificamente, com os que “perderam alguém”. Expliquei a ela, então, que havia me interessado em compreender as experiências das pessoas que haviam vivido tanto tempo com um(a) parceiro(a) e passavam a viver sem eles(elas) depois de ter tido contato com pessoas que haviam passado por essa experiência. Conteí que tinha percebido como havia histórias e experiências significativas que muitas vezes jamais eram ouvidas ou contadas, e que havia me interessado em ouvi-las e compreendê-las a partir disso. Isso pareceu tranquilizá-la. Seu tom de voz ficou mais calmo e pensativo e ela mesma falou sobre a riqueza das histórias das pessoas mais velhas, como sua mãe e seu pai, que gostavam muito de contar histórias às pessoas e que as divertiam e encantavam com elas. Ela então me disse que não conseguia saber se fazia muito ou pouco tempo que seu marido havia morrido. Que quando via o calendário, parecia muito tempo, mas quando pensava sobre ele parecia muito recente, “até porque foi muito traumático o jeito que ele foi”.

Tive então a impressão de que o tema da morte havia passado ao primeiro plano já que, para falar sobre a morte de seu marido, Gil, falou da morte de seu pai, que havia nascido e morrido antes do genro. O pai de Maria havia morrido aos 87 anos, semanas antes do próprio aniversário. Em uma ligação telefônica, havia dito a Maria, em um gesto que ela considerava profético, que ele não faria 87 anos, mas que havia vivido bem. Maria não havia acreditado nessa intuição do pai, mas, quando ele foi internado com problemas cardíacos e entubado teve certeza de que o vaticínio do pai se concretizava. Ele havia chegado a ser extubado e recebeu visitas da família, mas, alguns dias depois, ainda internado e novamente entubado, morreu. Para Maria, seu pai havia morrido “bem idoso”, tendo “vivido uma boa vida” e tendo podido se despedir da família. “Isso pra mim é um privilégio, né? Saber de uma coisa dessas e poder se despedir”. A ênfase dessa frase e seu sentido, como compreendi depois, era para ela a de

que nem todos têm esse privilégio. No caso, seu marido, Gil¹⁰ (e seu irmão, como vim a saber) não tiveram.

Quanto a ele, Maria me contou que seu marido havia tropeçado no trabalho, pisando em falso em um degrau e começando a sentir um desconforto na coxa e na perna direitas. Esse desconforto cresceu progressivamente. Inicialmente, Gil mancava, depois não conseguia mais mexer a perna e, no dia seguinte à queda, teve de ser levado ao hospital por conta da dor. Foi diagnosticado com um rompimento de dois ligamentos, mas sua dor não diminuiu ao longo dos dias seguintes. A única das dez sessões de fisioterapia que fez, segundo Maria, só produziu uma piora de sua dor. Duas semanas após sua queda ainda não haviam diagnosticado nenhum problema para além do rompimento dos ligamentos que as tomografias acusavam. Nesse período, os genros de Maria a ajudavam a movimentar Gil em casa e a levá-lo a consultas. Uma de suas filhas, fisioterapeuta, havia tentado ajudar o pai a retomar suas funções, mas a dor era intensa demais e nem com andadores Gil conseguia mexer a perna. Com o tempo ele mal conseguia se mexer sem gritar de dor. Após sucessivas idas a ortopedistas e tentativas frustradas de se recuperar em casa, Gil pediu para ser internado.

Nesta última ida ao hospital, levado por uma ambulância, uma médica cogitou que ele estivesse com uma infecção e prescreveu um antibiótico para ele, além de analgésico fortes. Na sequência, Maria e seus genros, que o haviam acompanhado até o hospital com a expectativa de que fosse internado, foram mandados de volta para casa com ele, com indicações de que o tratamento com antibióticos fosse continuado em casa. Maria, indignada, enfatizou, ao reviver estas lembranças enquanto as narrava para mim, o quanto não compreendia aquela decisão de mandarem seu marido de volta para casa sem novos exames e sem um diagnóstico que explicasse seus sintomas e sua dor. Na volta para casa, mal conseguiam mantê-lo acordado

¹⁰ Pseudônimo inspirado no personagem homônimo da novela “Pantanal” (Folha de São Paulo, 2022).

e precisaram usar uma cadeira com rodinhas do escritório de Gil para levá-lo para a cama do casal.

Na manhã seguinte Maria tentou alimentá-lo para ajudá-lo a tomar seus remédios de uso contínuo e os prescritos pela médica do hospital que os atendera, mas Gil se recusava a comer. Sendo um homem pesado, Maria estava preocupada com o peso que ele havia perdido nos quinze dias em que adoecera. Tentando ajudá-lo a se alimentar, o gesto que me descreveu pareceu particularmente simbólico da parceria dos dois: oferecendo-lhe uma banana, que ele se recusara a comer disse: “Vai, Gil, você come meia e eu como meia”, em um gesto sem consequências objetivas, mas que subjetivamente representava seu desejo de compartilhar com ele a carga emocional de seu sofrimento, que ela via e que a afetava.

Nesse dia, Gil comeu a meia banana e tomou os remédios, mas, horas depois, tentando atravessar um espaço de um metro entre a cama do casal e seu banheiro, sentado na cadeira de rodinhas de seu escritório em que Maria e sua filha o haviam colocado, Gil começou a passar mal. Maria nunca soube se ele teve um derrame, um infarto, um mal súbito ou qualquer outro problema, mas algo aconteceu e, em poucos minutos, Gil estava morto. Maria e sua filha gritaram por socorro, chamaram uma ambulância e a vizinha chamou o Corpo de Bombeiros que tem uma base perto da casa de Maria. Logo, os bombeiros chegaram. Tiraram Maria, que começou a se sentir mal, com formigamentos por todo o corpo, do quarto do casal e, alguns minutos depois, chegou a polícia. A filha de Maria se indignou. “Por que polícia aqui?”. “Ah, dona, o que mais tem é filha e esposa que dão chumbinho”. Indignada com o absurdo da situação e com a violência de acusarem uma pessoa que acabava de perder o marido, Maria disse: “‘É, mas ninguém deu chumbinho para ele não. Ele tava doente. O senhor pode ver os documentos aqui se quiser’. Aí eles disseram: ‘Não, não precisa não, dona. Meus sentimentos’, e eles foram embora. E assim ele foi. Agora me fala: como que uma pessoa que torce o pé morre assim!?”.

Entendi, então, o caminho percorrido por Maria ao me contar sobre a morte de seu pai. O pai, que tivera o privilégio de viver uma “vida boa”, de morrer “bem velho já”, de “saber” de antemão que morreria, e que pôde se despedir da família era um exemplo diametralmente oposto a seu marido, uma pessoa com quem ela acreditava, como me disse, que viveria mais 20 ou 30 anos, que após pisar em falso em um degrau no trabalho, morreu, em casa, 15 dias depois, tendo sido mandado de volta para casa pela equipe médica que o atendeu. Maria pareceu indignada e frustrada: “Eu não tenho dó de mim. As pessoas ficam com pena de mim. Eu não tenho dó de mim, eu tenho dó dele!”. Maria então me contou que haviam feito um diagnóstico póstumo de síndrome de Fournier, uma infecção que havia sido causada por uma hemorragia que se instalou quando os ligamentos de Gil foram rompidos, devido ao uso que ele fazia de anticoagulantes. “Como que não pensaram nisso!? Como que mandaram ele urrando de dor de volta pra casa? Eu não aceito isso! Um homem tão bom...”.

Maria então pareceu sentir a necessidade de retomar sua vida com Gil para dar contornos ao que perdera. Passou a contar, então, que o conheceu quando trabalhava em um mercado. Embora ele tivesse chamado sua atenção desde a primeira vez em que o vira, não tinha alimentado esperanças por vê-lo usando uma aliança de noivado. Algumas semanas depois o irmão de Maria, que morreria assassinado poucos anos mais tarde, passou a trabalhar na empresa de Gil e os dois passaram a ter contato. Ele, então, pareceu flertar com Maria, que o interpelou a respeito de sua aliança. Gil disse que era de seu irmão e que ele apenas a usava. “Ah tá que eu vou acreditar nisso!”, disse ela. Maria passou a sair com outro homem e não se surpreendeu quando Gil lhe telefonou, dizendo que queria ser um casal com ela. Ela, no entanto, o recusou “enquanto ele não estivesse solteiro”. O irmão mais velho de Gil, como Maria veio a saber depois, o avisara à época do risco de “perder Maria”: “Gil, pensa bem, ainda tá em tempo”. Mesmo assim Gil se casou e três dias depois mandou flores para Maria e telefonou a ela dizendo novamente que queria estar com ela. Maria lhe disse: “Você não me

ligue mais! Você tomou sua decisão. Agora arque com as consequências”. Apesar do tom assertivo, ao me falar sobre as flores e sobre a insistência, tive a impressão de que, mesmo decidida a respeito de como proceder naquele momento, esse gesto a havia lisonjeado.

O tempo passou e, menos de um ano depois, Gil se separou. “É, ele não aguentou”, disse Maria triunfante, “não ficou um ano casado e veio atrás de mim de novo”. Dessa vez, ela o aceitou. Começaram a morar juntos na casa em que eu e Maria estávamos nos encontrando, e a mobilharam meticulosamente. Mas, antes que Maria e Gil se estabilizassem, ainda viveriam reviravoltas. Alguns meses depois de terem se mudado para morarem juntos, Gil passou a visitar sua mãe em São Paulo com frequência. Maria estranhou: “Nunca tinha visitado a mãe direito. Agora ia toda semana!”. A certeza veio, entretanto, quando Gil teve uma arritmia e foi internado em São Paulo. Ao ligar para o hospital ficou sabendo que a ex-esposa de Gil estava no quarto com ele como acompanhante. Quando conseguiu contato com Gil pelo telefone lhe disse: “Quero que você morra. Espero que você morra do que quer que você tenha tido. Não me procure mais”. Fez as malas e voltou para a casa dos pais.

Algum tempo se passou e ela já estava envolvida com outro rapaz quando Gil entrou em contato novamente com ela, dizendo que “mudaria”, que “agora era sério”, que “só queria ela para sua vida”. Ela então lhe disse: “Agora só com papel meu filho! Só casando. E digo mais, se quiser frequentar a minha casa, vai ter que falar com meu pai e minha mãe”. Ele então a interpelou: “Mas você não tá saindo com aquele cara?”. “Tô! E vou continuar saindo! A gente não tem nada! E enquanto a gente não casar, vai continuar não tendo! Quando a gente casar sim, vou ficar só com você, porque você ficou com as duas, mas eu não vou ficar. Vou ficar só com ele e quando a gente casar, fico com você!”. Apesar da raiva e do ressentimento, não pude deixar de notar como Gil parecia ter sido alguém que era capaz de despertar reações em Maria e alguém que ela não parecia disposta a cortar de sua vida. Disse a ela, “parece que você gostava muito dele, né?”. Ao que ela respondeu: “É. A merda é essa. Que eu gostava muito dele”.

Começou então o processo de reaproximação definitiva entre Maria e Gil. Após uma conversa tensa entre ele, o pai e o irmão de Maria em que “explicaram direitinho pra ele como tinha que ser agora”, ele passou a frequentar a casa dela e, ao contrário do que ela havia dito, mudaram-se de volta para a casa que haviam mobilhado e não se casaram até poucos anos antes de sua morte. Ao longo dos anos seguintes, Maria teve um longo processo de se aproximar e ser aceita pela família de Gil. “Pra eles eu era a outra, né? Era a amante. Amante nunca tá certa. É sempre a errada, a ruim”, mas, gradualmente, contou que conquistou cada um dos membros da família e se tornou próxima de suas cunhadas e sogra. A vinda de suas duas filhas selou o pacto entre ela e a família de Gil.

Nos 34 anos que viveram juntos, Maria contou que Gil havia sido “um cara que todo mundo gostava. Que brincava com todo mundo, que era alegre, que divertia as pessoas”. Maria conta como ele era um bom pai e bom marido, sempre disposto a agradar a ela e às filhas. “Ele não media esforço. Ele buscava as meninas de madrugada em festinha, levava na escola e na faculdade mesmo quando elas tinham aprendido a dirigir...” Ela então pareceu se dar conta de algo: “Sabe que eu acho que a gente nunca brigou? A gente tinha um combinado de um brigar com as meninas e o outro não. Não era pra desfazer o que o outro tinha dito, mas o outro tinha que apoiar pra criança não ficar desamparada”. Comentei que parecia que ela e Gil “se davam bem” e conseguiam chegar a acordos. Ela então disse: “Ah sim. A gente se dava muito bem. Ele não era perfeito. Perfeito não existe. Ele era malandro. Ele chegava de carro e não punha o carro na garagem. Entrava a pé, tomava banho e ia dar uma voltinha. Ele ia era no bar. Ele era muito inconveniente. Passava a mão na bunda de todo mundo! Mas as pessoas já sabiam. Ele não era perfeito, mas tinha esse lado dele que era muito bom. Eu relevava umas coisas que não precisava brigar e ele fazia a mesma coisa. Acho que ele nunca na vida dele me disse um não”.

Maria passou a me contar sobre como Gil seguia suas orientações e fazia suas vontades. Comprava as roupas que ela escolhia para ele, dirigia um carro alto porque era o tipo de carro

de que ela gostava, concordara com a escolha dela a respeito de quem seria a madrinha das filhas deles e respeitava suas decisões a respeito da vida do casal com as filhas. Ao longo da conversa devolvi a ela que se ele parecia muito importante para ela, ela também parecia ter sido muito importante para ele: “É. Sim. Eu acredito que eu fui sim”. Ela então me contou uma série de histórias em que a orientação dela o havia ajudado a lidar melhor com alguma situação e em que ele havia confiado na decisão dela a respeito de algo e havia se satisfeito com isso. Contou ainda de uma ocasião em que achou que o perderia, quando estavam para fazer 18 anos de casados, após uma internação a que Gil tivera de se submeter às pressas por conta de uma nova arritmia. Ela pareceu se lembrar com carinho desse momento, pois, apesar do susto, haviam comemorado os 18 anos de casados no hospital e haviam recebido luvas cirúrgicas com escritos de caneta da equipe do hospital, parabenizando-os e desejando-lhes muitas felicidades pela data.

Nesse ponto, percebi que Maria se aproximava do presente da sua narrativa. “Ali eu achei que eu ia perder ele. Mas depois, não. É isso que eu não consigo aceitar. Como pode? Como pode um homem tão bom desses morrer assim? Como pode meu marido torcer o pé e morrer? Achei que ia viver mais 20, 30 anos com ele, ele era tão novo, tinha acabado de trocar de carro, tava empregado, tinha acabado de reformar a casa, tinha uma netinha, a gente se dava tão bem! Que lógica tem isso?”. Essa frase me remeteu à primeira vez que Maria havia empregado essa expressão em nossa conversa, dizendo que haviam se casado depois apenas para regularizar a documentação das filhas no cartório, mas que, mesmo tendo se casado com esse intuito, nunca chegaram a retificar essa documentação. Pensei em quantas experiências da vida de Maria permaneciam como fatos sem sentido, sem lógica para ela: a morte do irmão assassinado aos 20 anos, a morte de uma de suas cachorras há alguns meses por um câncer de mama, a premonição de seu pai que sabia que iria morrer e a perda do marido quinze dias depois de tropeçar no trabalho.

À medida que nossa conversa progredia, construí com Maria a noção de que, atualmente, ela vivia sozinha com o marido, em sua presença simbólica. “Isso. É isso. Eu vivo sozinha com ele. Porque ele não tá aqui fisicamente, mas ele tá sempre comigo”. Essa noção foi construída a partir dos relatos de Maria, que me contava sobre como ainda o via perambulando pelo bairro ao cruzar com homens minimamente semelhantes a ele, sobre como ainda ouvia o barulho da chave de Gil girando no portão em torno do horário em que ele chegava, como sentia seu perfume ao entrar no quarto do casal, como se lembrava dele ao assistir a algum dos filmes a que ele assistia, como se lembrava dele ao comer alguma comida, como achava que sua cachorra que morreu de câncer o via e assim por diante.

Contou, então, que a morte de Gil fazia parte do passado para sua família, mas que, para ela, ainda era parte do presente. Contou que sofria pela falta que sentia do apoio que recebeu da família logo após o falecimento e que minguou à medida que os meses se passaram. “É como se as pessoas tivessem esquecido, mas eu não esqueci”. A esse respeito Maria contou que havia se ofendido com a sugestão de seu irmão de que ela se cassasse novamente, já que ela não se via vivendo novamente com outra pessoa e acreditava que compararia qualquer nova pessoa com Gil e com o que havia vivido com ele a acharia insuficiente.

Maria me contou, então, que, para ela, seu luto era algo aberto. “Ainda não tive coragem de vender o carro dele, de vender essa casa, de dar as coisas dele embora... Como ele morreu em casa, nem cremar ele eu consegui ainda porque precisa de uma ordem do juiz! Quando a gente foi exumar ele, ele também não tava pronto ainda. Falei: ‘tá dando trabalho hein Gilzinho!’. Ele vive comigo. As pessoas me perguntam se eu ainda penso nele. Todo dia! Quase o tempo todo! Eu não consigo aceitar isso. Eu acho que eu nunca vou aceitar! Pode até ser que eu aceite, que isso mude. Eu achei que nunca ia conseguir deixar minha cachorrinha ir dormir, mas eu consegui. Pode ser que isso mude, mas hoje pra mim não consigo aceitar”.

À medida que nosso encontro foi se aproximando de seu fim natural, Maria me contou sobre como havia sido importante para ela nossa conversa: “Acaba sendo um escape, né? Antes eu tinha a loja com a minha filha, mas agora estou em casa e preciso achar alguma coisa pra fazer. Não tenho amigas, tenho colegas. Até vou na academia e minha irmã fala: ‘Olha que véio ajeitado’ e eu digo ‘Só se for pra você! Eu não quero’. As pessoas até perguntam, mas é difícil alguém que pergunte e se interesse, que escute sem dar palpite”. Senti então, inclusive por conta dos assuntos amenos que tentou introduzir em nossa conversa depois de quase três horas comigo, que Maria resistia à minha partida. Como havia me tido, nosso Encontro era o único compromisso que tinha naquele dia e pensando nisso e em tudo o que ela havia me contado, senti todo o peso de sua solidão e imaginei o evento de Dia das Mães que, como ela havia me contado, seria realizado ali no dia seguinte, sem a presença alegre de Gill. Ao sair, malgrado o ciúme de Zeca, que ameaçou avançar sobre mim, Maria me abraçou longa e apertadamente e me agradeceu. No carro, indo para casa, emocionado, ecoava em mim a frase que ela havia dito a seu marido em seu último dia juntos, símbolo de sua parceria: “Vai, Gil, você come meia e eu como meia”.

Dora

Caracterização

Mulher de 86 anos. Dona de casa aposentada, possui Ensino Fundamental I Completo. Tem 6 filhos. Mora sozinha em uma metrópole do interior paulista (IBGE, 2025). Conviveu por 68 anos com um parceiro que perdeu há 1 ano.

Narrativa Compreensiva

Quando entrei em contato com Dora¹¹ para convidá-la a participar da pesquisa, fiquei preocupado: na ocasião, disse-me que não sabia se queria de fato participar, mas que o faria para me ajudar. Meu receio, então, era o de trazer à tona memórias e sentimentos com os quais

¹¹ Pseudônimo inspirado na personagem homônima de “Capitães da Areia” (Amado, 1937/2009).

ela não quisesse entrar em contato, ainda que beneficiasse a pesquisa. À época, disse-lhe que ela poderia pensar a respeito e decidir posteriormente. “Não, fique tranquilo, quero participar”, foi a resposta. Essa conversa aconteceu por meio de aplicativos de mensagem, antes dos primeiros encontros dessa pesquisa, mas só me encontrei com Dora alguns meses mais tarde. Na semana cogitada para nosso encontro, ela ainda não sabia se conseguiria me receber em virtude de um compromisso religioso com sua irmã na cidade vizinha. Já aí, sua agenda me pareceu movimentada. Na semana anterior não havíamos conseguido nos encontrar porque estaria em outra cidade na casa de um de seus filhos. Todavia, Dora confirmou sua disponibilidade e conseguimos nos encontrar.

Cheguei à sua casa no começo da tarde. Explicados brevemente os objetivos da pesquisa e lidos e assinados os “Termos” pertinentes, expressei a ela meu interesse em compreender como pessoas idosas que perderam seus parceiros vivem após a perda. Inicialmente, sua fala lacônica e repetitiva, com frases como “é difícil, né? Mas a vida é assim” reavivaram em mim o medo de que eu estivesse pressionando-a a vivenciar algo que não desejava. Entretanto, depois de uma ou outra pergunta pontual, Dora pareceu ficar um pouco mais à vontade. Essas primeiras perguntas foram a respeito do tempo que havia passado com Pedro¹², de quando se mudara para aquela casa, se havia morado com ele nela e assim por diante.

Mesmo mais à vontade, Dora, a princípio, contou-me sua história com Pedro de forma mais lacunar e superficial. Depois, provocada e estimulada por recordações, recontou-a de forma mais aprofundada, vivida e detalhada.

Na primeira versão de sua narrativa, Dora contou que havia vivido por 68 anos com Pedro, sendo que 65 deles haviam vivido casados e 3 deles haviam sido de “conhecimento”. Disse que tiveram 6 filhos, que conseguiram “educar” e “encaminhar”, que Pedro havia feito

¹² Pseudônimo inspirado no personagem “Pedro Bala”, par romântico da personagem “Dora” em “Capitães da Areia” (1937/2009).

muitos negócios e que não havia enriquecido porque havia tido parceiros desonestos e porque havia sofrido um grande revés na juventude (quando vendia café) em função de uma geadas. Pareceu se orgulhar do marido. Contou que ele havia trabalhado até ter mais de 80 anos, que havia deixado seu último negócio para um dos filhos, e que, mesmo doente, com problemas cardiovasculares, havia se preocupado em deixá-la “protegida” jurídica e financeiramente depois de sua morte.

Ainda nessa primeira versão, aproximando-se de seu presente, contou que o marido havia morrido em um dia em que todos os filhos estavam em casa e que, atualmente, vivia cercada pelos filhos, que se rodiziam para que ela nunca dormisse sozinha e para garantir que ela levasse uma vida rica em atividades e momentos em família com eles mesmos e com seus netos. Ela então contou que, mesmo assim, julgava esse momento de vida “estranho”, e disse que se sentia sozinha. Apontei que mesmo estando sempre acompanhada, parecia sentir falta da companhia dele em especial. Ela concordou, dizendo que sim, que ainda tinha muitos sonhos com ele, bons sonhos, sonhos alegres e que se davam muito bem. “Nunca brigamos! Só uma coisinha ou outra por causa de filho. Você sabe, né? A mãe é sempre protetora dos filhos. Ele queria bater e eu falava: ‘Não vai bater não, para que isso?’. E ele ria. No final acabava em risada”. Em função dessas falas e de outras, como as relativas ao amor de Pedro por fotos e a seu bom humor, apontei a ela que, apesar do sofrimento que ele havia tido no final da vida, quando já estava cansado, sem poder caminhar e mais dependente, como ela mesma havia me contado brevemente, parecia que ela havia mantido uma memória alegre dele. Ela concordou e disse que ainda era muito estranho. Disse a ela, então, que imaginava que deveria ser estranho mesmo, já que ela havia vivido apenas 13 anos até conhecê-lo, que convivera com ele por 68 anos depois disso e que estava sem ele há apenas um ano. Nesse momento, tive a impressão de que algo em seu semblante havia mudado e que adentrávamos uma camada mais profunda de suas vivências.

Dora deu início, então, à versão mais completa e experiencial de seu relato. Começou contando vividamente das memórias que tinha de quando conhecera Pedro. Lembrou como ele havia passado por ela, todo vestido de marrom, brincando com um molho de chaves entre os dedos quando ela se mudara para um pequeno vilarejo (atualmente, Centro de Zona, pela classificação do IBGE consultada em 2025) de 32 casas na Região Sul do país. Enquanto ela contava, tive a sensação de vê-lo como ela parecia o ver, diante de si, enquanto gesticulava lentamente. Ela tinha, então, 13 anos.

Na ocasião ele não a notara. Passou a prestar atenção a ela apenas após um incidente em que a defendera de um cachorro que havia avançado sobre ela. Desde então, quis namorá-la. Ela resistia: “Eu era criança, né? E outra, a mamãe não deixava de jeito nenhum”. Um amigo de Pedro também havia se interessado por Dora, mas esse interesse não era recíproco. Aos 16 anos, após três anos de insistência de Pedro, Dora acredita que ele tenha desistido dela, já que passou a namorar uma de suas amigas. Dora, que já se julgava disponível para namoros há algum tempo à época, ainda o rejeitava. Entretanto, ao vê-lo com sua amiga, em um episódio de *footing*, tradição de cortejo dos anos 1950 e 1960 em sua região, passando diante de sua casa, sentiu-se enciumada e ofereceu-lhe jocosamente uma laranja que chupava sentada em um degrau do alpendre. Ele foi até ela de braços dados com a amiga e aceitou a laranja, que parece ter sido interpretada por ele como símbolo de esperança de conquista. Assim, depois de levar a amiga de Dora embora, Pedro voltou para a casa de Dora e se sentou ao seu lado. “Daí em diante ele nunca mais saiu do meu pé”.

Dora contou risonha sobre esse período de cortejo na Região Sul do país e das aventuras dos dois. Contou que sua mãe a admoestava a respeito de Pedro, um rapaz 10 anos mais velho, vindo do nordeste do país, sobre como outros rapazes tentavam competir com ele pelo interesse dela e sobre como ela havia se escondido envergonhada por vários dias depois do primeiro beijo que Pedro lhe dera. Na ocasião, quando ele finalmente conseguiu surpreendê-la fora de

seu esconderijo, teria dito: “Sarou?”. Rimos dessas e de outras histórias que ela contou com ternura e afeto enquanto as revivia. Entretanto, logo seu rosto adquiriu uma expressão mais séria.

Ela então passou a me contar sobre um problema que haviam tido enquanto já namoravam, quando uma funcionária do armazém em que Pedro trabalhava passara a incomodá-la, a ameaçá-la na rua e a trombar com ela em eventos sociais da comunidade, sem que ela compreendesse o porquê desse comportamento. Semanas depois descobrira que ela estava grávida e dizia que Pedro era o pai da criança. Dora então disse: “E acho até que ele era mesmo. Mas ela era uma mulher, no meio de um monte de homem. Devia ser uma coisa fácil ali e qualquer um podia ser o pai. Mesmo assim, desmanchei com ele. Ele quase enlouqueceu. Esse homem ficou desesperado! Só parou quando ela já tava trabalhando em um hospital em outra cidade. Aí ele apareceu, no dia do meu aniversário e me pediu em casamento. Meus pais disseram: ‘Você gosta dele? Você quer?’ E eu disse que queria e noivamos. A gente até procurou ela para dizer que ficava com a criança, que a gente criava, mas ela não quis”. Esse evento marcante na vida do casal parece ter povoado o imaginário da família e pareceu ainda povoá-lo, já que as filhas de Dora haviam procurado esse meio-irmão que nunca mais foi visto e cujo paradeiro nunca mais foi descoberto.

De todo modo, Pedro e Dora se casaram, tiveram três filhos ainda na Região Sul do país e se mudaram para o Sudeste para proporcionar uma educação melhor para eles. Vieram outros três filhos e Dora contou que Pedro havia pulado de ramo em ramo de negócios e que era sensível às questões da família, sempre se preocupando com todos e sempre temeroso de não conseguir prover para sua família.

Na sequência, no que me pareceu ser um momento de menos autocensura, Dora contou que o marido dependia dela e falou sobre a divisão de tarefas do casal: “Olha, não dá para dizer que ele era um pai amoroso, carinhoso, de ficar mimando os filhos. Ele se preocupava. Mas

em casa não fazia nada. Não sabia fritar um ovo e se precisasse cozinhar ele ia passar fome! Ele não trocava uma fralda. Ele me chamava de mãe, né? Dizia: “Mãe, vai lá fazer um café pro fulano”, “Mãe, o ciclano não jantou ainda, faz lá uma janta pra ele”. Ele só comia comida fresca, nunca requentada, e se fosse requentada ele sabia que era e reclamava. Pros outros ele falava: 1A Dora cozinha pra mim todo dia””. A essa altura, senti que havia uma ambivalência a respeito dessas funções que pareciam sobrecarregá-la e, ao mesmo tempo, despertar nela um orgulho. Dora contou que sentia falta de ter essas tarefas, agora que seus filhos eram crescidos e não havia mais ninguém para quem cozinhar e mais ninguém de quem cuidar.

Aproximando-se do presente da narrativa, Dora contou que sempre haviam vivido próximos dos filhos, que se sentia grata e orgulhosa por ter conseguido proporcionar uma boa formação e uma boa educação para todos eles e que fazia questão de tê-los por perto. “Cheguei a morar em outra cidade, mais longe, uma época. Em um ano, vim cinco vezes para cá. Como que fica longe dos filhos assim?”. Quando contou que havia feito muitas viagens e vivido sempre cercada de pessoas com Pedro, meus olhos acompanharam os dela à medida que ela fitava as fotografais espalhadas pela casa, que continham o casal em diversas cidades, com diversos familiares e amigos nas mais diversas idades que os dois já haviam tido juntos.

Circundando o tema da morte, Dora contou que Pedro havia sido o último de seus irmãos a falecer, de modo que havia testemunhado a morte dos demais. Contou, então, que ela mesma havia perdido a mãe há poucos anos, e que o adoecimento de Pedro se dera após a morte da filha mais velha do casal. Era a única que ainda morava com eles e que não havia se casado. Morrera de leucemia um mês após a descoberta da doença, 10 anos mais cedo. Desde então Pedro havia desenvolvido problemas cardiovasculares. “Essa época foi muito difícil pra ele. Pra mim também, claro, mas eu fazia ‘a forte’. Às vezes eu via ele se fechando no escritório com as coisas dela, com fotos dela e chorando. Fui tirando as coisinhas dela aos poucos, mas ele nunca mais foi o mesmo”.

Dessa época em diante, Pedro pareceu, segundo o relato de Dora, perder progressivamente o interesse pela vida e passou a ter experiências cada vez mais frequentes de sonhos com a filha falecida, com os irmãos que havia perdido e que dizia ver pela casa. “Mas ele acordava, e estava perfeito. A gente conversava normal, fazia as nossas coisas... Ele já não andava nessa época direito, mas ficava comigo, eu cuidava dele, cozinhava para ele, dava banho, e a gente sempre conversando. Nessa época às vezes ele fazia xixi na roupa. E a cabeça dele tava perfeita, então ele ficava com muita vergonha, ficava muito chateado... é muito triste, né?”.

Dora contou, então, sobre como esse período havia se tornado progressivamente difícil para ela à medida que o marido se debilitava. Malgrado o apoio constante dos filhos, que sempre visitavam e que eventualmente já não deixavam o casal dormir sozinho no apartamento, Dora sofria por vê-lo triste. “Ele me olhava assim... e eu perguntava: ‘O que você tá olhando?’ E ele dizia: ‘Tô te olhando’. ‘Então pode olhar’ e ele ficava me olhando... pensando... como se quisesse me dizer alguma coisa”. Perguntei, então, o que ela achava que ele poderia querer dizer. “‘Ó, meu bem, eu tô indo. Eu tô morrendo’. Era isso que eu acho que ele estava pensando... Um dia eu tava na cozinha e ele veio, andando daquele jeitinho que ele tava andando no final, devagarinho... e me abraçou e ficou abraçado comigo. Ali eu senti que ele estava se despedindo. Oito dias depois ele foi internado e não voltou mais”.

Pedro havia sido internado em função de uma pneumonia que se agravou. No hospital, Dora e os filhos haviam compreendido que ele morreria e pedido aos médicos que não fizessem nenhum procedimento invasivo ou desconfortável. Depois de quinze dias internado, Pedro morreu, no dia do aniversário de Dora. A data do noivado agora seria também a data de seu falecimento.

Após a morte de Pedro, Dora se surpreendeu positivamente com os cuidados e precauções que ele havia tomado, e se emocionou ao descobrir que ele havia feito um seguro

de saúde cujo regime implicava que ele não teria de pagar por um plano de saúde por 5 anos após seu falecimento, além de já ter feito arranjos jurídicos a respeito de seus imóveis junto às filhas e filhos, deixando Dora em uma situação financeira confortável.

Voltando-se ao presente, Dora disse que os dias vinham sendo mais difíceis agora, logo após a perda. Mesmo com os filhos sempre em casa, revezando-se para estar com ela, sempre levando-a para realizar passeios e atividades, e mesmo passando até menos tempo sozinha do que gostaria, disse que só agora parecia “cair a ficha” de que Pedro estava de fato morto, de que não voltaria. Disse que sentia muita falta dele, que às vezes ficava triste, chorava, desabafava e pedia a Deus que a ajudasse a aceitar. “Peço pra aceitar. Pra esquecer não. Esquecer não vou nunca. A gente nunca vai esquecer. Mas peço pra aceitar que as coisas são assim, que ele foi. A vida é assim. Um dia a gente chega no outro vai embora. Um dia eu vou também”.

Antes de partir, em torno de uma mesa de café da tarde, uma das filhas de Dora, que estava no apartamento, me perguntou se eu havia conseguido “tudo o que eu precisava” para a pesquisa e se sua mãe havia conseguido falar um pouco. A resposta espontânea dela me alegrou: “Falei tudo! Desabafei bastante. Pode voltar quando quiser”.

Dona Benjamin

Caracterização

Mulher de 80 anos. Dona de casa aposentada. Possui Ensino Fundamental I Completo. Viúva, tem 5 filhos. Mora sozinha em um Centro Local do interior de Minas Gerais (IBGE, 2025). Conviveu por 56 anos com um parceiro que perdeu há 5 anos.

Narrativa Compreensiva

Cheguei até Dona Benjamin¹³ por indicação de minha avó materna. Esta participante era uma de suas diversas “amigas do terço” (pequeno grupo católico de oração de que faziam parte juntas). Quando entrei em contato com Dona Benjamin, recebi a notícia de que teria de esperar algumas semanas para poder encontrá-la, já que estava passando alguns dias na casa de um de seus filhos em outro Estado. Em nossa conversa, descobriria que esses períodos na casa deste filho eram frequentes, e que ela não costumava ficar menos que “uns 40 dias, pra poder aproveitar bem na época de calor”. Findada essa estadia, avisou-me que havia voltado para casa e marcamos nosso encontro.

Quando cheguei à sua casa, fui recebido de forma entusiasmada por Dona Benjamin, de quem nunca ouvira falar até algumas semanas antes, e que dizia ter estreitas relações com meus avós. Também fui recebido por um cachorro minúsculo que empurrava uma bolinha com o focinho para que eu interagisse com ele. “Ela quer que jogue a bolinha. Ela é minha companheirinha agora...”. Descobri que a pequena companheira era fêmea. Fiquei intrigado, mas quis esperar para explorar esse tema no momento oportuno.

Sentamo-nos à mesa de sua sala de jantar e, após uma breve explicação a respeito da proposta da pesquisa, Dona Benjamin reforçou seu interesse em participar, dizendo que estava muito animada para conversar comigo, porque gostava muito da minha avó e havia me visto quando criança. Fiquei preocupado que esse conhecimento anterior, do qual eu mesmo não tinha qualquer memória, pudesse influenciar negativamente a capacidade e disponibilidade dela em se abrir comigo. Felizmente, pensando sobre nosso encontro em retrospecto, acredito que o efeito foi o contrário.

¹³ Pseudônimo inspirado no personagem Benjamin Button de “The Curious Case of Benjamin Button” [O Curioso Caso de Benjamin Button] de F. Scott Fitzgerald (1922).

Quando apresentei os termos exigidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade e pedi a ela que os assinasse, Dona Benjamin claudicou até seu quarto enquanto me explicava que havia se machucado tomando banho alguns dias antes e que, por isso, mancava. Na volta do quarto trouxe uma lupa com uma engenhosa lanterna acoplada para ajudá-la a ler os documentos e assiná-los. “Eu tenho uns buracos oculares, agora minha vista tá bem ruim!”, esclareceu. Pensei na fragilidade daquela senhora, claudicante, com uma acuidade visual reduzida, tomando banho sentada em uma cadeira de plástico (como havia detalhado há pouco) e morando sozinha naquela casa de quatro quartos que vim a saber que habitava há mais de 60 anos.

O tema da pesquisa pareceu evocar o tema da morte em si que, agora me dava conta, já estava simbolicamente presente em uma espécie de altar dos mortos que Dona Benjamin mantinha na sala em que estávamos. Em um comprido aparador, havia fotos de seu irmão, de sua mãe, de um de seus netos e de seu marido falecido. Ela me apontou o marido, o homem de cabelos grisalhos, de óculos, sorridente e endomingado na foto do aparador, mas antes de falar sobre ele contou brevemente a respeito de suas outras perdas. Não sem, entretanto, fazer o prenúncio de que a morte dele havia sido um baque terrível pelo quanto havia sido inesperada para ela.

Dona Benjamin, mãe de quatro filhos, sendo três meninas e um menino, havia perdido um neto atropelado quando ele tinha 10 anos de idade. “A gente entrou em depressão. Eu e o meu marido não acreditávamos. A gente teve que começar a tomar calmante... Graças a Deus a gente saiu, mas eu tomo até hoje pra dormir. Mas durmo bem, às vezes até perco a hora!”, disse ela, rindo com essa última frase.

As outras perdas haviam sido interligadas para ela. Seu irmão possuía uma deficiência auditiva e havia se tornado alcoolista após a morte de seu pai. Pelos relatos de Dona Benjamin, por razões que nosso encontro não poderia esclarecer, seu irmão havia tido inúmeras limitações

ao longo da vida. Nunca havia tido um emprego formal ou se casado. Vagava pela cidade e era conhecido e querido por todos, que lhe davam dinheiro para que pudesse fumar seus dois ou três maços de cigarro diários. Vivendo assim, o irmão de Dona Benjamin havia sido a grande preocupação de sua mãe, que, com mais de 90 anos, dizia que precisava ficar viva para cuidar dele, mesmo já acamada e com perdas cognitivas significativas devido a um quadro demencial. Quando o irmão de Dona Benjamin morreu, após um infarto, não contaram à sua mãe, “mas ela sentiu. Nesse dia ela teve uma febre alta do nada, e dez dias depois, a gente nem contou pra ela, mas ela morreu. Ela entregou a missão dela. Ela cuidou dele até o final e aí ela pôde ir”. Senti que minhas intervenções, refletindo o que compreendia de sua experiência a respeito dessas perdas e de suas vivências nos aproximaram e que agora ela parecia mais pensativa, mais introspectiva...

Dona Benjamin então começou a me contar sobre os diversos momentos pelos quais havia passado desde a perda de seu marido, Guido¹⁴. “Lucas! Eu não acreditava. Eu passei por cada coisa! Vejo uns vídeos na internet, sabe aquelas fases do luto? Eu passei por todas as fases! No começo eu só queria morrer. Pedia pra Deus me levar embora. Não dormia, não comia... meus filhos ficaram três meses aqui comigo. Mas eu nunca me revoltei contra Deus. Depois de um tempo eu pedia pra aceitar, pra conseguir confiar pra achar um novo sentido... Mas foi muito difícil! Ele era o ‘vô do paninho’ pros meus netos. Depois que ele aposentou, ele vivia pra mim. Sabia que eu gostava de tudo limpinho e vivia com um paninho pra cima e pra baixo desde cedo. Meus netos passavam e brincavam que ele era o ‘vô do paninho’. Eu nunca fiz nada fora de casa. Ele fazia compra de mercado, pagava as contas, ia na farmácia... Quando meu irmão bebia, ligavam pra ele. A polícia ligava pra ele dizendo que meu irmão não queria obedecer e ele ia buscar. Trazia pra casa dizendo que ia ter uma cervejinha e chegava

¹⁴ Pseudônimo inspirado no personagem Guido de “La vitta è bella” [A vida é bela] de Roberto Benigni (1997).

aqui e dava banho frio nele, dava café, remédio pra dor de cabeça... Ele cuidou tanto da minha mãe! Como que vive sem um homem desse? Eu tive que nascer de novo. Tive que aprender a viver tudo de novo. Primeiro eu engatinhei, depois eu andei... hoje eu faço tudo. Faço compra, vou no banco, dirijo carro... mas no começo foi muito difícil”. Ao dizer isso, tive a impressão de que Dona Benjamin aprofundava seu rememorar.

Dona Benjamin não conheceu Guido no sentido em que jovens costumam conhecer possíveis parceiros amorosos. Ela sempre o havia conhecido. Não havia existido um momento de sua vida em que ela não soubesse quem ele era. Como vim a saber, eles eram vizinhos e Guido era quatros anos mais velho que Dona Benjamin. Viam-se desde sempre e haviam interagido romanticamente desde que ela tinha 13 anos, embora só viesse a o namorar aos 17. Na ocasião, Guido a havia tirado para dançar em um baile de garagem e pedido a seu pai para levá-la à “Missa de Santo Antônio”. “Meu pai falou: ‘É. Achei que era isso mesmo que você ia falar. E é bom você levar ela mesmo e trazer pão de Santo Antônio pra mim. É bom você casar logo!’”. Tive a impressão, por sua fala, que seu pai queria o casamento dos dois, e pelo tom de Dona Benjamin, que ele tinha uma intimidade familiar com o futuro genro.

Ao longo de sua narrativa, Dona Benjamin contou que Guido havia tido vários empregos, que havia se aposentado com menos de 40 anos de um trabalho no banco e que sempre fora muito inteligente. Anteriormente, ela já havia me contado que não namoraram antes porque ela “era muito criança”, mas que sempre o havia admirado e achado “muito bonito”. “Ele era lindo mesmo, sempre foi!”. “Sabe, Lucas, a gente foi muito feliz! A gente sempre teve muitos amigos... Conseguiu encaminhar os filhos, frequentamos – inclusive com seus avós – o encontro de casais... Ele era um ótimo pai, um ótimo marido...”. Senti que Dona Benjamin se aproximava do momento da perda em sua narrativa. “E aí aconteceu isso... Quando ele morreu, eu levei um susto! Era pandemia, né? A gente tava só nós dois em casa há um tempo e ele não queria me deixar preocupada...”.

Então, seguiu-se um relato sobre como seu marido havia passado semanas preocupado com a própria saúde por uma constipação que se prolongava, por sua urina escura e por um mau hálito que havia tentado esconder da esposa. “Ele já sabia que ia morrer. 5 dias antes, ele foi no banco, fez prova de vida, pegou o salário dele, deixou um dinheiro separado pra mim numa bolsinha e pagou as contas... Ele começou a ir no banheiro de porta fechada. Meus netos repararam e falei que era coisa de velho! Como eu fui ingênua!”.

O susto, vim a compreender, parece ter sido fruto da decisão de Guido de não alarmar a esposa, de não a sobrecarregar com seu sofrimento e com a preocupação a respeito de seu estado de saúde. Após semanas sem evacuar, sentindo um intenso desconforto abdominal, Guido finalmente contou à esposa o que vinha acontecendo e foi ao hospital municipal. Lá, entretanto, pediu aos médicos que não contassem a Dona Benjamin sobre a gravidade de seu quadro. Sob o pretexto de uma operação de remoção da vesícula biliar Guido foi transferido para um hospital de uma cidade maior. Pela idade de sua esposa, em meio à pandemia da COVID-19, teve de ir sozinho na ambulância. “Ele chorava e chorava e eu não entendia. Eu falava: ‘Mas Guido! Isso aí é coisa à toa! Daqui a pouco eu vou lá te ver!’. Eu não sabia que era sério, mas o rim dele já tava podre”.

Dona Benjamin contou, então, que Guido passou 45 dias no hospital, pedindo aos filhos que não lhe dissessem o quão grave era seu quadro (tinha um câncer, não diagnosticado até então, no pâncreas). “Ele me mandava vídeos cantando... Ele me mandou um lindo cantando aquela música ‘Amor, I love you’. Ele nem deve saber do que ele morreu. Quando eu fui visitar ele com os filhos logo antes da cirurgia, ele já tinha pedido pro médico não falar nada na minha frente. O médico perguntava se ele tinha alguma dúvida e ele olhava pra mim... apertava a minha mão e dizia que não. Ele me poupou. Ele me protegeu até o fim. Nesse dia, cantei com ela a nossa música”. Essa música era uma canção religiosa, voltada à cura, que o casal sempre cantava em conjunto quando passava na televisão. “Geralmente ele punha a mão no olho assim

porque ele tinha glaucoma... Queria que Deus curasse a vista dele, né? Mas dessa vez ele passava a mão na barriga assim e chorava. Ali foi a nossa despedida. Eu falei pra ele: ‘você vai ficar bom, bem, você já vai estar sem vesícula mesmo, isso aí é coisa à toa, uma amiga minha tirou e dois ou três dias depois tava em casa! Eu vou fazer aquela costelinha com mandioca que você gosta!’. Nessa hora meus filhos não aguentaram. Eles já sabiam e tiveram que sair do quarto”. Guido não voltaria à consciência. Após a cirurgia, passaria uma semana em coma e faleceria.

“Quando ele morreu, ninguém acreditava. Minhas comadres me diziam que não era possível que aquilo estivesse acontecendo! Eu achei que eu ia morrer, que eu ia ficar louca, porque pra mim ele tava ótimo! Ele andava muito, pescava, era muito alegre, cheio de energia! Como que ele morreu assim de uma hora pra outra? Eu fui muito ingênua!”. Dona Benjamin contou então sobre esse período inicial em que teve vontade de morrer, até que encontrasse um novo sentido nos filhos, nos netos e bisnetos. “Eles já tinham perdido o pai. Eles falavam que não iam aguentar perder a mãe também. Então eu fiquei. Fiquei por eles. Mas foi muito difícil. Eu enfiava a cara na fronha à noite e chorava até não ter mais lágrima... mas o tempo foi passando, eu fui me acostumando... E olha, Lucas, eu nunca me revoltei contra Deus, nunca perdi a fé, não perdi 5 minutos num médico por causa de depressão, de ansiedade, de remédio... porque eu sei o que é depressão, eu sei o que é remédio. Quando meu neto morreu com 10 anos a gente teve depressão”.

Nos três meses seguintes, os filhos e netos se revezaram para dormir com Dona Benjamin e já se organizavam para contratar uma cuidadora para ficar com ela quando ela chamou o filho mais velho para uma conversa e disse que queria ficar sozinha, que precisava voltar a viver por conta própria e que agora “dava conta” e que “tinha que enfrentar isso”. “Você é o mais velho, é o homem. Eu tô falando com você e suas irmãs vão te respeitar”.

Nos meses que se seguiram, dona Benjamin ganhou das netas a cachorrinha que me recebera em sua casa. Disse que conversava com ela e que ela a acompanhava a todos os lugares. Retomando a metáfora do renascimento, do nascer de novo como um bebê, que Dona Benjamin havia empregado, ela me contou sobre como gradualmente foi voltando a suas atividades e aprendendo a desempenhar as funções antes desempenhadas pelo marido. “Olha, eu achei que era impossível. Mas hoje eu sou feliz. Agora já faz 5 anos. Eu te contando assim, eu já não choro. Mas até o terceiro ano eu ainda chorava. Hoje eu acho que aconteceu o que tinha que acontecer. Que a gente pediu pra Deus curar ele e Deus curou. Ele não sofreu, ele pôde se despedir da gente... E essa casa... Como que eu saio dessa casa? Ele tá aqui comigo. Eu sempre converso com ele... É claro que eu tenho saudade. Mas eu sonho com ele... São sonhos tão lindos! A gente anda, a gente conversa... E aqui a gente tá de passagem, Lucas. Eu acredito na ressurreição. Se eu merecer, eu ainda vou me encontrar com ele”. Senti meus olhos marejarem.

Aproximando-se do presente de sua narrativa, Dona Benjamin contou que vivia cercada por amigos da igreja, pelos netos e pelos filhos. Contou que logo viajaria para passar algumas semanas na casa de um deles, e que sentia que conseguia viver bem sozinha, à sua maneira, acompanhada sempre que desejava. Contou, então, que, como na situação dos meses posteriores à morte de Guido, em que tivera de se posicionar para manter sua autonomia frente aos filhos que queriam impedi-la de ficar sozinha, havia se posicionado novamente contra uma festa de aniversário de 80 anos que a família estava insistindo em fazer para ela. “Falei pra eles: ‘Vocês podem me respeitar por favor? Não quero festa!’. E aí eles disseram: ‘Não, vó, a senhora que sabe, a senhora é a nossa matriarca, o que a senhora decidir tá decidido’. E agora a gente vai comemorar o meu 80 anos do jeitinho que o Guido queria comemorar o dele”. Ela então contou, satisfeita, que todos os filhos e netos haviam se organizado para fazer uma viagem em família para uma importante cidade da cultura católica brasileira, que haviam

alugado uma casa com antecedência e reservado um dos horários das missas no templo central desta mesma cidade.

Essa última fala me deu a impressão de um ciclo se fechando. Antes, em diversos momentos de nosso encontro, a palavra “entrega” havia aparecido como parte da admiração de Dona Benjamin por seu marido, que, para ela, a havia protegido do sofrimento de seu adoecimento e sido um cristão exemplar ao se resignar aos desígnios de Deus quaisquer que fossem. Em várias ocasiões ela havia expressado o desejo de “estar à altura dele”, de honrar sua memória como, para mim, procurava fazer ao manter sua foto no altar improvisado do aparador. Como disse a ela, que concordou alegremente, compreendi que retomar sua vida e estar com os filhos e netos, respeitar o tempo das coisas, que para ela é o tempo da providência, e esperar pacientemente o fim de sua vida e o reencontro em que acredita com o marido falecido, são formas de honrar sua memória e fontes de novos sentidos para sua vida após a perda.

Jó

Caracterização

Homem de 77 anos. Tipógrafo aposentado. Possui Ensino Fundamental II incompleto. Viúvo, conviveu por 52 anos com sua parceira que faleceu há 5 anos. Tem duas filhas. Mora com uma delas em uma metrópole do interior paulista (IBGE, 2025).

Narrativa Compreensiva

Cheguei até Jó¹⁵ por meio de uma indicação de sua filha, que sugeriu que ele gostaria de participar da pesquisa. “Ele é muito amável, Lucas... Eu acho que ele ia gostar muito de conversar com você!”, ela me disse. Conversando com ele ao telefone, fui surpreendido pelo

¹⁵ Pseudônimo inspirado no personagem Job [Jó] da “King James Bible” [Bíblia do Rei James] (1769/2025, Old Testament, Job)

pedido de que nosso encontro acontecesse no meio de semana, já que aos fins de semana tinha compromissos em sua igreja.

Cheguei e me deparei com um senhor asseado, com bigode penteado e camisa engomada sob um suéter azul-marinho. Recebeu-me sorridente. Cumprimentei sua filha e seu genro e passamos a uma sala de televisão. Sua filha se despediu, fechando a porta atrás de si. Pareceu querer nos proporcionar privacidade. Começamos. Expliquei brevemente os objetivos da pesquisa, o porquê dos termos exigidos e pedi a Jó que os lesse e assinasse.

Comecei dizendo: “Então, a ideia era que nós pudéssemos conversar um pouco sobre como tem sido para você desde que sua parceira faleceu...”, ao que Jó respondeu: “Vamos conversar!”. Agitado, prontificou-se a me apresentar sua falecida esposa em uma foto que haviam tirado em uma viagem de navio que tinham feito pela América do Sul. “É ela ali. Linda, né? A gente viajava muito... Nossa, como a gente passeava! Deu tempo, né, graças a Deus!”. “Mas olha, Lucas, não é fácil, viu? Em 4 anos perder 4 pessoa!”. Jó então contou que era o mais novo de seus 4 irmãos e que havia sobrevivido a todos eles.

Jó passou então a falar sobre sua falecida esposa e sobre como havia sido surpreendido por sua morte. “Ela tava boazinha, Lucas! Saudável!”. Contou então que haviam feito uma viagem para comemorar o aniversário de casamento dos dois, e que, na volta, ela começou a sentir uma dor na perna. Era a vasculite que levaria à sua morte. Contou que em menos de dois meses, ela havia falecido e que, desde seu adoecimento, ele morava com sua filha, na casa em que agora nos encontrávamos. Pareceu resignado e satisfeito com a nova rotina que vivia. “Mas tá bom, né, Lucas? A vida da gente é assim. Curtimos muito graças a Deus. Eu também tô sempre pra lá e pra cá, sou ministro da igreja, tô sempre cercado de irmão... Olha, Lucas é tanto irmão!”. A essa altura, Jó me contou em detalhes sobre sua intensa rotina de atividades na igreja da cidade em que nos encontrávamos e na cidade interiorana em que morava com a esposa antes de seu falecimento. Nesta última, passava parte de seus dias de tempos em tempos.

Feito esse “prelúdio”, Jó fez um novo relato, dessa vez mais aprofundado, do que havia vivido até a perda de sua esposa e no tempo que havia transcorrido desde então.

Contou que sempre haviam vivido em família. Havia sido casados por décadas e morado em um grande centro urbano. O casal havia tido duas filhas e uma delas seguiu morando com eles, no andar de cima da casa em que moravam, mesmo depois de ter se casado. Jó havia trabalhado por anos como tipógrafo e se aposentado antes dos 40 anos. Mesmo assim, seguira trabalhando como mecânico até que o casal decidisse se mudar para a cidade interiorana mencionada anteriormente. Tendo sempre morado com a filha e tendo acompanhado a infância do neto, que à época tinha por volta de 5 anos, contou como havia sido difícil se afastar da família, mesmo desejando uma vida mais pacata em uma cidade menor. “Meu netinho tava de fralda e de malinha arrumada no dia que a gente mudou!”.

Aos poucos, compreendi que a religião ocupava um lugar central na vida de Jó e de sua falecida esposa. “Eu era católico, né? Minha esposa se converteu [a uma religião de matriz protestante neopentecostal] antes de mim e aí eu fui indo junto. É muito bom, né, Lucas? Isso me conforta muito. Saber que Deus já tinha convertido o coraçãozinho dela, que ela não devia nada pra ele, já tava pura quando morreu”. Jó então me contou que havia trabalhado arduamente com a esposa como voluntário na igreja dessa cidade menor para qual haviam se mudado. Contou que visitavam casais e famílias desestruturadas da comunidade e lamentou a impossibilidade de fazer essas mesmas visitas atualmente: “A gente ia junto, né? Um casal é uma coisa muito poderosa, muito pura. Eu sozinho não posso, de jeito nenhum, visitar uma família, uma irmã que esteja precisando. Preciso ir com alguém...”. Gostaria de ter perguntado se, atualmente, não havia quem pudesse ir com ele, mas não perguntei.

Depois de uma longa explicação sobre a dinâmica atual de sua igreja em termos de obras de caridade que fazem, dos critérios objetivos e espirituais para definir quem poderia ser ajudado e por quanto tempo, retomei o fio da narrativa: “Mas parece que vocês eram bem

companheiros, né? Faziam muitas coisas juntos...”. Ele então disse: “Tudo! A gente fazia tudo junto. A gente ia até no banco junto! A mocinha do caixa até brincava com a gente. E agora ela não tá mais, né... Mas tá bom... Sabe Lucas a gente se dava muito bem. Nunca teve um problema maior assim, só uma arriozinho ou outro... aí eu tinha uma técnica. Eu encostava o dedinho do pé nela de noite. Se ela deixasse é porque a barra tava limpa, se não, aí sim a coisa tava feia. Mas a gente sempre se resolveu graças a Deus... E aí, depois dessa viagem, Deus recolheu ela...”.

Jó então recontou o período de adoecimento de sua esposa desde a viagem que haviam feito para comemorar o aniversário de casamento do casal. “Ela chegou e começou a sentir uma dor na perna assim... E aí nada melhorava. A gente foi no médico e pela cara dele eu já sabia que era notícia ruim. Dali a gente já mandou ela pra [nome omitido de um hospital universitário] e ali ela ficou. Nossa, eu ficava numa agonia! Lá parece que nem ligavam pra gente! Meus filhos ficavam indo e voltando de lá comigo. Eu queria tirar ela de lá, mas eles falavam que não podia, que eu ia ter que assinar um termo que eu me responsabilizava... aí eu fiquei com medo, né? Acabei deixando ela lá... Aí o rinzinho dela já foi parando e daí pra frente só piorou”.

“Um dia a gente tava lá e apareceu uma nuvem branquinha bem perto da gente... Olha, parece que ela já sabia!”. Então eu disse: “Já sabia que estava indo embora, se despedindo...?”. Ao que ele respondeu: “Isso... parece que tava vindo buscar ela aquela nuvem. Aí ela me disse: ‘Benzinho... eu queria te pedir um negócio... promete que não vai casar de novo?’ parece que ela já sabia... E eu prometi. Falei pra ela: ‘Fica tranquila, Bem, pode descansar em paz’”.

Jó então passou a me contar que, nos 5 anos desde a morte de sua esposa, diversas mulheres de sua igreja já haviam se aproximado dele e sobre como outras pessoas já haviam tentado uni-lo a algumas delas. Ele sempre rejeitara essas propostas veementemente. Além da promessa, que ele havia mencionado e que pareceu motivá-lo nesse sentido, ele mencionou

como fator relevante para isso a história que também contou sobre seu irmão, que se separou, casou-se novamente e teve problemas com um enteado que era drogadicto. Fui compreendendo que ele chegava a atribuir a morte de seu irmão por problemas cardíacos ao sofrimento vivenciado nesse novo relacionamento e que isso o amedrontava profundamente ao pensar sobre a possibilidade de se envolver romanticamente de novo. Ele disse: “Eu não! Pra que? Pra que arrumar pra cabeça? Tô tão bem assim!”. A aparência atlética, a vivacidade bem-humorada e o asseamento de Jó fizeram com que não fosse difícil que eu o imaginasse despertando o interesse de outras mulheres de sua faixa etária. Por razões explicitadas por ele e talvez por outras imperscrutáveis nesta pesquisa, optou, entretanto, por não se envolver romanticamente de novo até o momento.

À medida que o relato de Jó se aproximava do presente, compreendi que ele não havia mais voltado a morar sozinho desde que sua esposa falecera e que havia voltado à familiar configuração de vida que tinha no grande centro urbano quando morava com a filha em cuja casa, em uma cidade menor, agora nos encontrávamos. Então, se seguiu um relato de como ele vinha se dividindo entre a igreja desta cidade e da cidade interiorana em que havia morado com sua esposa. Contou que estava sempre cercado de pessoas, de sua idade ou até mesmo bem mais jovens, de sua igreja e pela família. Disse que se dava muito bem com as filhas e os netos e que raramente se sentia solitário. “De noite que é a coisa... Nossa... Dormir sozinho assim... Aí é difícil... Foi muito difícil... Às vezes é difícil ainda, mas já é menos... Eu não posso parar lá na casa de [nome da cidade interiorana] porque era lá que a gente sempre ficava junto, né? Mas quando eu tô lá nunca fico em casa direito! Então tá bom, né, Lucas? A vida da gente é assim! Um dia a gente nasce no outro a gente morre! Eu tenho muito que agradecer. Deus recolheu minha esposa, mas teve muito tempo pra gente passear com os amigos, viajar, obrar. E a gente não vive só aqui, né? A gente ainda vai se reunir se Deus quiser... Mas é isso, a gente não pode ficar bravo, achar ruim, maltratar as pessoas... Uma vez eu e um irmão ficamos

sabendo que tinha um irmão de 101 anos na nossa congregação. Fomos perguntar pra ele como ele era tão abençoado, aí ele falou assim: ‘O segredo é sempre dar risada. É ser bem-humorado, é ser alegre!’. Então é isso, eu graças a Deus tô sempre rindo, tô sempre com amigos... Olha, é até amigo demais! Aqui, lá em [nome da cidade interiorana]... Eu nem dou conta de falar com todo mundo, é ou não é?!’.

À medida que nossa encontro caminhava para o fim, depois de ter me mostrado fotos de seus netos, sua extensa lista de contatos de amigos da igreja e de ter me convidado para conhecê-la um dia, Jó me agradeceu por nossa conversa, dizendo que havia gostado muito de ter estado comigo, “uma pessoa bem-humorada”, reforçando sua perspectiva de que, para ele, era prazeroso estar com os demais. Na despedida, cumprimentei seu neto, que, algo constrangido, cumprimentou-me de volta e me agradeceu por ter conversado com seu avô. Senti nele a expectativa que pareceu haver na indicação de sua filha de que Jó, “muito amável”, como ela havia dito, pudesse conversar comigo sobre sua perda de uma forma com que eles mesmos pareciam acreditar que não conseguiam conversar. Fiquei enternecido ao pensar sobre essa preocupação da família de Jó para com ele. Uma preocupação que ia além da óbvia e aparente disposição sociável e alegre com que ele havia me encontrado e com a qual de mim se despediu.

Xerazade

Caracterização

Mulher de 78 anos. Psicanalista e professora de idiomas. Possui Pós-Graduação completa. Divorciada, tem dois filhos. Mora sozinha em uma metrópole do interior de paulista (IBGE, 2025). Conviveu por 27 anos com seu parceiro falecido há 21 anos.

Narrativa Compreensiva

Entrei em contato com Xerazade¹⁶ após a indicação de uma de suas amigas com as quais tenho contato. Expliquei brevemente o objetivo da pesquisa e ela prontamente se interessou em participar, com a condição de que nos encontrássemos em uma quarta-feira, o único dia livre de sua semana. Concordei. Quando recebi seu endereço fui surpreendido: Xerazade morava em um casarão de esquina em frente ao qual eu passava há anos e a respeito do qual sempre havia tido curiosidade. Agora, minha pesquisa me levaria a conhecê-lo.

Cheguei e fui recebido por um caseiro, com uma prótese de membro inferior abaixo do joelho, e por uma mulher que perguntava a ele se o cachorro estava preso. Ele anuiu e uma terceira mulher, com um paninho no ombro, me disse que eu podia subir, que Xerazade me receberia no andar de cima. Tentando ainda me situar, fiquei reparei no jardim limpo e organizado na frente do sobrado que se erguia diante de mim. Subi as escadas em caracol e adentrei uma sala ampla, ricamente decorada com objetos artísticos que iam de esculturas greco-romanas, passando por pinturas de diversos períodos, artesanatos e chegando a tapetes e cortinas ornamentados. Uma mureta dividia essa sala entre o fundo da casa, com acesso ao que imaginei serem os quartos e a cozinha e a antessala em que Xerazade me esperava. Nesta antessala havia três poltronas dispostas em um semicírculo e uma mesinha de centro sobre um tapete de fuxico sobre a qual havia enfeites de cristal e uma caixinha de lenços de papel. Estranhei. Eu mesmo vinha levando caixinhas de lenço de papel a todos os encontros.

Cumprimentei a senhora loira, de olhos verdes, blusa combinando com a calça e colar, anéis e relógio dourados. “Como você é bonito, Lucas! E muito educado!”. Fiquei contente com essa impressão envaidecedora e fiquei satisfeito comigo mesmo por ter optado por um traje mais formal na ocasião. Apresentei a ela os documentos exigidos para a pesquisa e, à

¹⁶ Pseudônimo inspirado na personagem “ahrâzâd” [Xerazade] do “Livro das mil e uma noites” (Anônimo, n.d./2023).

medida que ela os lia atentamente me disse, despretensiosamente: “Ah, você já é formado. É muito bom, né? Aliás, é aqui que eu atendo”. Entendi imediatamente a familiaridade que eu havia sentido: a de um setting terapêutico. Fiquei um tanto desconcertado e vim a compreender que Xerazade havia feito cursos, cuja procedência e profundidade não pude precisar, na área da psicanálise, e que há mais de 10 anos atuava como analista de forma filantrópica naquela casa. Inicialmente, fiquei intimidado. Entretanto, algumas falas descontextualizadas sobre bebês com depressão, sobre a brevidade dos cursos que havia feito e falas de cunho religioso de seus professores que ela havia reproduzido sem qualquer sinal de crítica me tranquilizaram. A impressão que tive de que um analisando ficaria com ela naquela sala aberta pela qual pessoas iam e vinham também me transmitiu a ideia de um processo analítico pouco profissional. Haveria um campo comum entre nós, mas eu não me sentia mais em perigo ou neutralizado.

À medida que nossa interação inicial se reaproximou do tema da pesquisa e que ela terminou de preencher os documentos, Xerazade me adiantou que “seu caso” seria inédito, porque havia perdido o marido quando já não estava mais vivendo com ele como um casal e porque havia “sofrido muito na mão dele”, e que “só teve sossego quando ele morreu”. Continuou: “E o pior é que ele morreu logo quando tava ficando bom. Porque depois que a mãe dele morreu, ele mudou muito. Não era mais possessivo, já não gritava...”. Esse preâmbulo me deixou tenso. Tomei fôlego e começamos.

Xerazade começou contando sobre o auge dos conflitos entre ela e seu ex-marido. “Ele era muito possessivo. Era uma coisa doentia assim. Se eu tivesse uma festa de aniversário e as pessoas ficassem ali em volta de mim, ele ia dormir. Se a gente saía e eu tocava violão e tocava uma música que algum homem me pedisse, era chegar em casa e ele acabava comigo. Falava que eu tava dando trela, me batia... E olha, Lucas, eu acho que ele era doente, porque aí chegava no dia seguinte e ele me dava flores ou agia como se nada tivesse acontecido. Perguntava assim:

‘Porque você tá com essa cara?’”. “Uma vez, eu tava voltando de um jantar com uns amigos meus em [nome de uma cidade próxima] e o guardinha da rua me ligou dizendo pra eu não voltar pra casa que ele tava uma fera aqui na frente desde as 7 da noite. Cheguei e fui entrar pela porta do fundo – você reparou que minha casa é de esquina, né? – mas na hora que eu fui fechar o portão ele passou pelo vãozinho. Nossa, mas ele me bateu tanto! Me deu tanto soco na cabeça assim, bateu minha cabeça, me xingou, cuspiu em mim... Aí eu falei que ia chamar o [nome do filho mais velho] e ele parou, que ele tinha medo dele porque uma vez ele tinha apanhado dele e meu filho trancou ele no quarto. Ele falou assim: ‘Lugar de bicho é na jaula...’ e foi pro quarto chorar. Mas aí foi isso. Chegou uma hora que meus filhos chegaram pra mim e disseram: ‘Olha mãe, a senhora vai ter que escolher: o pai ou a gente’ e eu escolhi eles”. Fiquei impactado com a violência dessa situação que Xerazade me narrava sem poupar detalhes ou palavras. Além do efeito do tempo, que talvez tornasse aquela memória mais distante afetivamente, pensei que também era possível que aquilo tivesse feito parte de sua vida por tanto tempo que havia se banalizado em sua gravidade.

Xerazade continuou: “Mas aí não teve jeito. Nossa, quando o oficial de justiça chegou e deu só o tempo dele pegar as coisas dele, ele me falou: ‘Você vai me pagar por isso!’. Eu fiquei morrendo de medo. Mas mesmo assim eu gostava muito dele. Teve uma época depois que a gente até tentou de novo e ficou um ano e meio juntos, mas não deu certo. Mas a gente era muito amigo, muito parceiro. Quando ele morreu, ele já tava tão diferente... Eu acho até que eu teria tentado de novo com ele se ele não tivesse morrido assim, tão de repente. Mas é isso, ele era um bom pai, um bom marido, eu gostava muito dele, mas essa coisa doentia dele não dava, chegou uma hora que não deu mais”.

A essa altura puxei um fio do novelo narrativo de Xerazade que me pareceu importante para além de outros apontamentos e reformulações empáticas que eu vinha fazendo até então: “Parece que sua relação com ele sempre foi bem ambivalente, né? Porque ao mesmo tempo em

que ele te deixava com tanto medo, te machucava e tal, você também gostava muito dele e ele podia ser carinhoso, né? E ainda tem essa sensação de que vocês talvez ainda tivessem vivido alguma coisa se ele não tivesse morrido, né?”. Agora, em retrospecto, penso que posso ter caído em certa romantização que Xerazade ainda fazia de seu ex-marido e que eu gostaria de ter enxergado já naquele momento. Mas não foi assim. De todo modo, como era compatível com a forma como ela própria simbolizava aquela experiência, senti que esse comentário fez sentido para ela. “Sim, era isso mesmo. Tanto é que assim, depois que ele morreu, eu fiquei triste, eu senti saudades, eu *sinto* saudade, dele como meu marido, como pai dos meus filhos, mas essa coisa toda do ciúme é que não dava...”. Tive a impressão de que Xerazade havia conseguido dar um contorno a muito do que vinha tentando exprimir e que minha compreensão a mobilizou rumo a uma exploração mais profunda de suas vivências. Ela então voltou ao início de seu relacionamento com Ali¹⁷.

“Logo no primeiro ano de casamento ele me bateu muito e meu braço ficou inteirinho roxo. Fui num almoço lá em casa [na casa de sua mãe] e coloquei uma blusinha de manga. A blusinha subiu lá uma hora e minha irmã ficou desesperada. Começou a chorar e eu falei: ‘Não conta nada pro papai!’. Meu pai sempre tinha sido contra. Nunca tinha tido uma boa impressão do Ali. Um mês antes da gente casar, ele me ofereceu pra eu sair do país e desistir do casamento que ele segurava as pontas aqui. Mas eu não quis. Eu achava que eu ia mudar ele”. Eu então disse: “Ou seja, mesmo você já intuía alguma coisa sobre ele ser uma pessoa mais agressiva, violenta?”, ao que ela respondeu: “Ah sim, eu já sabia. Mas eu achava que com amor eu iria mudar ele”. Nesse momento, vi seus olhos se encherem de uma ternura resignada, em um gesto que pareceu carinhoso consigo mesma e com o que havia passado e me comovi. Ela então disse: “Mas não é assim, né, Lucas? Ninguém muda ninguém”.

¹⁷ Pseudônimo inspirado no personagem “Ali Tebelin” de “O Conde de Monte Cristo” de Alexandre Dumas (1846/2020).

Xerazade então pareceu me pedir ajuda para compreender o ex-marido e sua violência que ela mesma atribuía a um pai que preferia o irmão mais velho de Ali a ele e a uma mãe que o “protegia de tudo”, que sempre o ajudava a se safar dos problemas que criava para si mesmo. Gostaria de ter compreendido mais profundamente a constituição de Ali, mas julguei necessário, para o objetivo da pesquisa, manter-me focado em Xerazade. Ela, à medida que conversávamos, pareceu se surpreender, ao se dar conta de que Ali se incomodava não apenas com interações possivelmente românticas de sua parte mas com todas as interações que ela tinha com pessoas que ela valorizava e/ou que a valorizavam. Gradualmente, ela pareceu rever essa compreensão à luz de um novo olhar sobre Ali: “E eu nunca dei motivo! Nunca pensei em traição. Sabe, Lucas, meus filhos não acreditam, mas eu casei virgem! Nunca tive outro homem. Só ele... Na verdade, acho que era *de mim* que ele tinha ciúmes. Da atenção que as pessoas davam *pra mim*, mas também de mim, de eu ser uma pessoa tão alegre, que conseguia fazer as coisas, que todo mundo gostava e ele não. Ele ser um cara polêmico, pessimista, que sempre acha que tudo ia dar errado...”.

Apesar de, na sequência, Xerazade falar sobre como Ali era honesto, bem-intencionado e mesmo bem-humorado no dia a dia com ela e com os filhos, foi ficando cada vez mais clara para mim a imagem de um homem que, por razões que esta pesquisa jamais será capaz de esclarecer, parecia se sentir pequeno, incompetente e prestes a ser rejeitado por essa mulher expansiva, autoconfiante e benquista em seus círculos. Os relatos que se seguiram pareceram corroborar essa impressão. Xerazade contou que Ali havia tentado impedi-la de cursar o Ensino Superior de Pedagogia “porque na faculdade só tem biscate”. À época, Xerazade era professora de Ensino Infantil e fez questão de estudar por se sentir “ficando para trás” em relação a suas amigas formadas. Enquanto estudava, Ali ficava do lado de fora da sala vigiando-a. Contou ainda sobre outras situações, como quando Ali sobrevoava o local do curso de modista que ela fazia quando ele próprio estava tirando uma habilitação de piloto de helicóptero, ou quando

ouvia suas conversas do outro lado da linha ao telefone. “Por isso que assim, quando ele morreu, mesmo eu ficando muito triste, muito chateada eu fiquei muito aliviada também, porque eu podia chegar a hora que eu quisesse, podia fazer o que eu quisesse sem me preocupar”.

O alívio que ela parecia sentir relembando agora esse desenlace e que havia sentido quando ele aconteceu pareceram tão significativos que me perguntei sobre o porquê de ela não ter tentado se separar de Ali antes. Ela pareceu ler meus pensamentos: “Eu até cheguei a tentar me separar dele quando tava grávida do meu segundo filho. A gente tava casado há uns três anos e ele tinha me batido. Fui pra casa da minha mãe e disse que ia ficar lá. Ela me disse: ‘Não. Você vai é voltar pra sua casa! Você sabia quem ele era quando se casou, agora pode voltar!’”. Aí eu voltei. Só me separei dele mesmo quando meus filhos me colocaram na parede”. Algo pareceu se encaixar. À época dessa tentativa de separação, o pai de Xerazade já estava morto e a mãe a havia pressionado a permanecer com Ali. Mais tarde, os filhos a haviam pressionado a se separar. A impressão que fica para mim, em retrospecto, é a de que a mesma Xerazade que ficou casada pela família, separou-se pela família.

Iniciou-se, então, a terceira e última recapitulação da história dos dois. Tratando de eventos marcantes que haviam se transcorrido há pouco mais de 20 anos, em retrospecto, acredito que esse movimento de aproximações sucessivas das vivências de Xerazade tenha acontecido como em uma descoberta arqueológica, em que camada após camada a areia encrustada, uma vez retirada, revela novas formas. Talvez ela não falasse desse assunto com essa profundidade há tempos e, em alguma medida, também estivesse redescobrimo-o ao revê-lo comigo com os olhos que tinha hoje.

Xerazade contou, então, que Ali havia sido um “homem honesto”, que, depois de anos casado, cursara direito. Ele nunca havia sido “bem-sucedido” em alguma profissão exceto no curto período em que integrara o governo municipal como diretor de um órgão importante. Ao

desvendar um escândalo de corrupção, saíra do governo, levando consigo diversas pessoas da família do casal que dele faziam parte. Apesar de tudo, Ali vivia confortavelmente e Xerazade arcava com a maior parte das despesas da família por meio de suas aulas como professora de Ensino Infantil e de violão.

Perguntei-me então sobre como haviam vivido em uma casa como aquela (como ela me contara no início de nosso Encontro) e frequentando clubes e espaços elitizados (cujos nomes aqui convém suprimir) com rendas que pareciam tão parcas, mas isso logo se esclareceu: Xerazade tinha o mesmo sobrenome do bairro em que estávamos. Sua família era dona de uma fazenda de grandes proporções e ela própria era dona de mais de 70 terrenos quando havia se casado. Sempre que precisavam de dinheiro ou que Ali precisava de dinheiro para algo, ele a pressionava a vender um dos terrenos. “Não gosto muito de pensar nisso... de ficar falando disso... me deixa triste”. Agora mais coisas se encaixavam. Aquela casa e mais um terreno, como ela esclareceu, eram o que havia sobrado de sua herança.

Xerazade contou, então, que mesmo pessoas que se mudavam para a cidade e passavam a frequentar os mesmos círculos que ela e o marido logo descobriam sobre seus problemas e passavam a conhecê-la como “a Xerazade do Ali” e a “ter pena dela”. Estas pessoas com frequência uniam-se ao coro de vozes que a exortava a se divorciar e se afastar de Ali. Xerazade, que chegara a tentar esse movimento, rechaçado por sua mãe, havia chegado a prestar queixas de violência doméstica diversas vezes, e disse que as havia retirado por sentir pena do ex-marido.

Depois que se separaram e tentaram se envolver novamente Xerazade disse que havia sido ainda mais difícil para ela. “Ele queria saber tudo o que eu tinha feito quando a gente tava separado!”. Embora exista essa possibilidade, ela não esclareceu se teve novos envolvimento românticos nesse período de separação e não pareceu pertinente perguntar. De todo modo, logo ela e o ex-marido se separaram novamente e, um ano depois Ali morreu em um acidente de

carro. Ali, que estava no banco do passageiro, fora esmagado por uma pilha de sacos de concreto que carregava com um amigo que conduzia o veículo. Xerazade, que disse “detestar” esse amigo de Ali, embora ele mantivesse ótimas relações com seu ex-marido, defendeu-o perante um juiz, no que pareceu um gesto de lealdade para com a memória de Ali. “Eu detestava ele. Mas o Ali gostava muito dele, né? Falei a verdade. Falei que se davam bem e que nunca tinham brigado”.

Nos muitos anos que se passaram, Xerazade, que durante a semana convivia com o “caseiro” com a prótese de membro inferior, que na verdade era seu filho mais velho, havia feito os cursos breves de psicanálise, aprendido italiano e começado a lecionar esse idioma, havia tido netos dos dois filhos que havia tido com Ali e expressava, em suas falas, um intenso desejo de viver, de viajar, de estar com as pessoas. Falou sobre como havia feito viagens em que usara o conhecimento que adquirira da língua materna de sua família (o italiano) e de como vivia cercada dos netos.

Ao falar sobre os netos, pareceu ver no filho mais novo uma identificação consigo mesma, uma herança de seu temperamento alegre e de sua personalidade expansiva que também via nos netos que esse filho lhe dera ao passo que, no filho mais velho e em sua linhagem, parecia ver o fantasma tempestuoso, polêmico e conflituoso do ex-marido. Falou ainda sobre como tinha prazer em sentir que ajudava as pessoas com suas análises gratuitas, contando-me sobre alguns de seus casos bem-sucedidos e de suas dificuldades – já superadas – em aprender a atender as pessoas depois dos 70 anos de idade. Senti um carinho genuíno por Xerazade, que insistiu para que eu me inscrevesse em algum dos cursos de sua escola de psicanálise e pareceu sentir esse mesmo apreço por mim. “Era mais ou menos isso que você precisava, Lucas? Olha, venha sempre que você quiser. Gostei muito de você, de te conhecer... Você ficou meu amigo, né?”. Quis responder que sim, mas me contive. Depois de agradecer a ela pelo tempo, confiança e disponibilidade em dividir comigo memórias que talvez há tempos

estivessem adormecidas ela me disse: “Ah sim... Mas foi bom! Eu é que agradeço. Me fez bem também. Vai fazer bem pra mim...”. Desci os degraus em caracol e vi o portão da casa, agora menos enigmática, se fechar às minhas costas com a sensação de que, apesar das inúmeras interrogações que restaram, conhecia algo de seu mistério e de sua habitante.

João

Caracterização

Homem, de 75 anos. Auditor da Receita Federal aposentado. Possui Ensino Superior Completo. Viúvo, tem dois filhos e mora sozinho em uma metrópole do interior Paulista (IBGE, 2025). Conviveu por 47 anos com sua parceira que faleceu há 10 meses.

Narrativa Compreensiva

Entrei em contato com João¹⁸ por meio de seu dentista, que o havia indicado como potencial participante. Após algumas mensagens trocadas, conseguimos encontrar um horário comum em nossas agendas em uma sexta-feira à tarde. Estranhei a insistência no horário das 16:00 horas em qualquer dos dias da semana que cogitássemos. Mais tarde, vim a saber que, mais cedo, às tardes, João realizava aulas de treinamento funcional no clube da cidade.

Cheguei a seu condomínio e ouvi da portaria: “É Uber ou visitante?”. Disse, com curiosidade, que eu era um visitante. A princípio, não havia conseguido encontrar o número de sua casa. Liguei para ele e dizendo que acreditava estar em sua rua. “Olha, Lucas, você não tá na minha rua! Coloca no GPS não é mais fácil?”, perguntou, aparentemente impaciente. Concordei. Chegando a sua casa, João me orientou a estacionar em sua garagem. Perguntei se não atrapalharia ninguém e ele respondeu que não. Desci do carro e o cumprimentei. Ele apertou minha mão sem me olhar nos olhos, como se estivesse em um devaneio. Olhando para suculentas do pórtico ao lado da garagem disse: “Ela adorava isso daqui... Essas plantas... tudo

¹⁸ Pseudônimo inspirado no personagem “John” de “Brave new world” [Admirável Mundo Novo] de Aldous Huxley (1932/2022).

ela que escolheu. Essa casa na verdade eu comprei pensando nela... Mas vem, Lucas, vamos entrar” A voz calma e tranquila mal parecia a do telefone. Entramos e ele sugeriu que nos sentássemos no sofá da sala. “Isso, senta aí, que aí eu sento do seu lado”.

Como já havia feito nas mensagens, apresentei-me a João, descrevendo minha formação em linhas gerais e reiterando o tema da pesquisa e o objetivo de cada um dos documentos exigidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade. Como parte de um começo de conversa mais superficial, de uma certa aclimatação, uma das perguntas desprezíveis que fiz a ele dizia respeito a sua profissão. João havia sido auditor da receita federal até que se aposentasse há poucos anos. Munido dessa informação, não estranhei que ele lesse atenta e lentamente cada linha dos documentos que pedi a ele que assinasse. Entre o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” e o “Termo de Consentimento para tratamento de dados pessoais”, enquanto explicava os aspectos jurídicos deste último, ele me interrompeu: “Sim, sim, você já falou”. Quando olhou o documento de novo, João se corrigiu: “Ah tá... Esse é outro”. Ele pareceu incomodado com estes aspectos burocráticos, e agitado.

Quis aproximá-lo de mim e refleti minha compreensão de seu incômodo a ele: “Essa parte burocrática é mais chata mesmo, mas é mais para proteger quem participa da pesquisa, né?”. Ele concordou mecanicamente. “Pronto. Pode falar, Lucas. Pode fazer suas perguntas”. Fiquei receoso de que essa fala indicasse uma passividade que eu teria que vencer de modo a facilitar uma exploração conjunta da experiência vivida de João. Sem desapontá-lo, como poderia ter feito há alguns anos, não disse: “Não há perguntas, só uma questão norteadora!”. Disse apenas que a ideia era que pudéssemos conversar sobre como vinha sendo a vida dele depois da perda de sua parceira. Ele, mesmo assim, pareceu um tanto desnorteadado com essa proposta. Começamos.

“Bom, então tá bom. Olha lá, é ela ali”, disse João, enquanto me apontava uma foto em um porta-retrato de um estante à nossa frente. Ele contou, então, sobre como haviam viajado

milhares de quilômetros de carro para que a esposa pudesse reencontrar uma prima do nordeste e explicou que, na foto, visitavam uma cidade famosa por integrar a história do cangaço, e que a pessoa trajada de cangaceira, com um acordeom a tiracolo era sua esposa. “Ela era linda, Lucas, muito bonita mesmo... Nossa, como foi boa essa viagem!”. Essa pequena introdução pareceu um estratagema de João para lidar com certa dificuldade em saber o que dizer frente à ausência das perguntas que havia esperado que eu lhe fizesse, mas, ao mesmo tempo, um desejo de fazer jus a quem a esposa havia sido, apresentando-a a mim. Já parecendo um pouco mais à vontade, disse: “Sabe, Lucas, acredita que eu não tenho o menor interesse em outras mulheres desde que a Maria¹⁹ morreu? Vou no clube, vejo aquela mulherada de roupa colada e tal e não sinto nada”. Ouvindo isso, perguntei, tentando ser cuidadoso: “Você diz isso porque antes você sentia?”. “Ah sim! Antes sim. Mas agora não. Eu converso, sou amigo do pessoal e tudo, mas não consigo pensar em outras mulheres, não consigo desejar outra mulher... Sabe, eu acho que eu ia sentir que eu tô traindo ela sabe?”.

João pareceu, então, se aprofundar em minha questão a respeito de como ele tem vivido, de forma bastante concreta, e contou sobre uma série de atividades que vinha desenvolvendo desde a morte da esposa. Contou que preenchia boa parte do seu tempo com aulas de teclado, forró, bolero, treinamento funcional e outros passatempos. Comentou orgulhoso que sempre o chamavam para dançar nas festas, enfatizando a ausência de homens que gostam de dançar e que sabiam conduzir uma parceira e me mostrou em detalhes os hobbies que tinha em casa: palavras cruzadas, caça-palavras, sudoku e livros. Pareceu, então, voltar-se a um campo mais íntimo: “Você acredita quando eu falo que eu não tô pecando? Que eu estou vivendo sem pecar? Esse é o meu objetivo. O meu objetivo, Lucas, pode parecer arrogante mas eu não tenho

¹⁹Pseudônimo inspirado em Maria Gomes de Oliveira, historicamente conhecida como “Maria Bonita” (Negreiros, 2018).

vergonha nenhuma de dizer: é o céu!”. Gostaria de ter perguntado o que ele queria dizer exatamente com a ideia de pecar, o que era pecado para ele, mas não perguntei.

João passou a descrever uma série de atividades que, em retrospecto, pareceram uma lista de estratégias para aproximá-lo de seu objetivo de ir para o céu. Contou que havia desenvolvido projetos de coleta de lixo reciclável em seu condomínio, pensado projetos de lei para ajudar crianças carentes e que havia se aproximado da religião desde o falecimento de sua esposa. “Eu já era religioso, né? Mas hoje eu sou muito mais! Eu converso com Deus o tempo inteiro! Eu vou comer, eu rezo e agradeço por quem produziu, transportou, por mim que comprei, e por quem vai descartar o que sobrar daquele alimento. Eu vou tomar banho, eu tô lá falando com Deus, eu tô... até treinando às vezes eu tô lá falando com Deus... Outro dia, sem perceber eu falei: ‘Maria passa na frente!’ e até assustei com isso porque foi automático!”. Pensei nessa entidade onipresente e na companhia que ela parecia fazer a João quando ele não estava ocupado com alguma das diversas atividades que havia descrito para mim.

Aquele homem impaciente nas mensagens, ao telefone e que mal havia me olhado nos olhos ao me cumprimentar se reposicionava constantemente durante nossa conversa. Entre uma frase e outra se recostava, balançava-se para frente e para trás de modo a diversas vezes me dar a impressão de que se levantaria, até que eu me acostumasse com esse trejeito. Sozinho, na casa que ele havia adquirido há dois anos pensando na esposa, aposentado de um concurso público que o ocupava das 6:00 às 22:00, como ele havia me dito, formava-se paulatinamente para mim um quadro de um homem que, quando não estava desenvolvendo alguma atividade ou se dedicando a um hobby, conversava com Deus.

João então me contou que sua esposa havia passado por um rápido processo de adoecimento depois de contrair hepatite. Em poucos meses, Maria havia sofrido uma degeneração cerebral e perdido diversas capacidades cognitivas básicas. Já não reagia quando ele punha músicas de que ela gostava, não conseguia dirigir, e, nas últimas semanas, já não

falava. “Olha, Lucas, foi muito triste ver ela desse jeito... Eu colocar um Gonzaga e ela nem reagir, eu entrar no condomínio, dar a chave na mão dela e ela não conseguir nem levar [o carro] até em casa... Quando ela foi eu dei graças a Deus que ela não ficou aqui sofrendo. Mas é isso, quando ela morreu, eu já estava viúvo... Então, aí teve a cremação. Eu gostei. Eu não sabia que o caixão ia lá pra dentro, mas o rapaz me avisou ali na hora e deu tempo de eu dar um último beijo nela”.

João passou, então, a fazer o que me pareceu uma espécie de profissão de fé, que parecia ser tanto para mim quanto para ele próprio a respeito da necessidade de enfatizarmos emoções positivas e sermos pragmáticos na vida, especialmente frente a adversidades, que incluíam a perda que ele experimentara há 10 meses. “Sabe, Lucas, meu pai sempre me disse que a gente tem que ser positivo e eu sempre tentei ser positivo. Eu tento ainda. Se eu fosse fazer algum outro curso hoje seria Psicologia. Eu já li vários livros de Psicologia e acho que a gente tem que ser positivo. E é isso, não adianta a gente ficar chorando por um ente querido. A gente tem que continuar com a vida. Quando eu perdi minha mãe foi assim também, eu tive que continuar com a vida”.

João contou, então, que havia perdido a mãe com 20 anos e que, sendo o mais novo de três irmãos, era o mais “apegado” a ela. Disse que, à época, ainda não tinha a maturidade que tinha hoje e que havia sofrido muito. “Hoje não. Hoje eu aceito. Ver ela doente, sem conseguir entender as coisas foi muito triste, mas ela morreu e eu agradei. Ela tá com Deus agora”. João, a partir de algumas de minhas intervenções que visaram transmitir-lhe minha compreensão de suas vivências, enfatizou o contraste entre os últimos meses da esposa e sua vida de casados, em que ela havia sido muito ativa, tocado sanfona, “administrado muito bem o lar” e feito artesanatos. João então me mostrou alguns tapetes e enfeites de porta, que sua esposa havia produzido antes de adoecer, enquanto elogiava as habilidades culinárias e de limpeza dela.

Retomando o tema do pragmatismo frente a adversidades, João continuou: “Sabe, é igual quando eu decidi prestar o concurso da Receita. Eu tinha meus 20 e poucos anos, parei de trabalhar e fiquei um ano estudando. Era muito difícil, mas eu fui disciplinado, estudei muito e uma hora eu passei. E isso me deu uma vida tranquila. Eu sempre fui um cara tranquilo, positivo. Eu sempre tentei resolver as coisas da melhor forma, viver bem com as pessoas, fazer bem pras pessoas. E não é pensando em mim não, é pensando nos outros! Mas pensando no bem dos outros eu acabo fazendo o meu bem também”. João, então, contou algumas situações em que havia mediado conflitos entre desconhecidos na rua, em que havia conseguido propor soluções para impasses no trabalho e sobre como gostava de viver cercado de pessoas. Contou que sempre enviava mensagens religiosas de que gostava para as pessoas ao seu redor e que com frequência recebia a filha, os netos e os amigos do clube em sua casa, mostrando-me fotos dessas pessoas à medida que as mencionava.

Aquela conversa estava sendo difícil para mim. Eu tinha a impressão de que João tinha uma espécie de discurso pronto superficial que não correspondia a alguns aspectos de seu mundo interno mais profundo, e tinha vontade de encerrar nossa conversa supondo que talvez nada mais significativo viesse à tona. Resisti a esse impulso e busquei ser paciente, apesar do trejeito de quem estava sempre prestes a se levantar de meu interlocutor e de frases que pareciam encerrar nossa conversa, como: “É isso”. Sustentei alguns silêncios entre frases assim e devolvi a ele compreensões que havia tido sobre o que ele parecia querer me comunicar, ainda que na superfície: “Parece que isso foi algo que marcou sua vida, né? Essa vontade de conseguir conviver bem com as pessoas, manter um certo otimismo sobre as coisas, né?”. Ele concordou e, talvez vendo que eu ainda estava interessado em ver o que mais ele poderia me contar disse: “Sim, pois é. Eu falava isso pra Maria. A gente se dava muito bem, mas às vezes ela falava umas coisas pra mim assim que eu falava: “Nossa, Maria, que isso? Pra que falar assim? Calma, vamos resolver!”. Mas era recaída dela”. Eu soube, então, que Maria havia sido

casada anteriormente e tive a impressão de que João atribuía qualquer rispidez ou insatisfação de sua falecida esposa a uma espécie de mecanismo de defesa desatualizado, desenvolvido contra o ex-marido e mantido contra um marido como ele, de que ela não precisava se defender. João continuou: “E ele maltratava muito ela sabe? Minha filha me contou outro dia que ele queria matar ela e que ela dormia com uma faca debaixo do travesseiro. Nossa, me deu até um nó no estômago ouvir isso. Isso não é vida! Então às vezes ela tinha essa recaídas. Mas geralmente não era assim. Ela era muito carinhosa, administrava muito bem o lar, e era linda, Lucas, linda!”. João mostrou algumas fotos de sua esposa com os netos e uma foto dela sozinha, olhando para a câmera sorrindo, em um café. Ele pareceu encantado ao ver esta última foto, sua preferida, movimentando-se a partir de um efeito de inteligência artificial que um amigo do casal havia aplicado sobre ela. “Olha... Ela até mexe!”. “Sabe, Lucas, eu não tenho do que reclamar. A gente viveu muito bem. Ela cuidou muito bem dos filhos, de mim... Sabe, uma coisa que eu nunca esqueço era quando eu chegava cansado do trabalho a semana toda, tinha enxaqueca e ela lia pra mim. Gravava fitas lendo pra mim e me dava pra eu ouvir também”. Fiquei comovido. “E era isso, Lucas, acho que foi bom que foi rápido.”. Em três ou quatro meses a esposa de João havia tido um declínio cognitivo significativo. “Logo antes dela morrer eu lembro que ela foi fazer um macarrão aqui e não conseguiu. Ela era uma pessoa que assim, ia cozinhar uma coisa. faltava um ingrediente, ela ia buscar! E esse dia ela ficou com a panela na mão e não lembrava o que ela tava fazendo direito, eu tive que ajudar ela”. Então eu disse: “Por isso você dizer que já estava viúvo, né? Porque você já sentia que ela não estava mais aqui...”. João disse: “Pois é. O corpo só. O corpo tava, mas ela já não”,

João contou, então, que também havia “cuidado muito dela”. Contou que havia feito uma festa de aniversário para o pai de Maria, que havia se emocionado porque nunca haviam feito uma festa para ele, que havia doado uma cadeira de rodas para uma tia com uma deficiência física de Maria e lembrou novamente a viagem para o nordeste que haviam feito.

“E essa casa, né, Lucas? Eu comprei pensando nela, né? Pensei nela cuidando desse jardim, enchendo a casa de planta... Eu gostava muito de cuidar dela. Gostava de agradar ela. De fazer alguma coisa e ela ficar contente... Aquilo me fazia um bem!”. Escrevendo esta narrativa gostaria de ter comentado que ele parecia sentir falta de agradá-la, mas, então, não comentei. Mesmo assim, fiquei impactado ao imaginar o silêncio daquela casa povoada de fotos, de artesanatos feitos pela falecida esposa de João e das plantas que ela havia escolhido, sendo habitada apenas por ele.

Parecendo voltar ao tema do cuidado que ela despendia a ele, João disse: “E ela me ajudava também, né, Lucas? Ela não era muito estudada, mas era muito sábia...”. Nesse momento, João pareceu vacilar a respeito de por onde prosseguir, mas pareceu se decidir: “Ah, eu vou é contar, vai! Vou contar por que que eu tô sem carro!”. Se não externamente, ao menos internamente “sorri”. Eu havia estranhado a pergunta da portaria sobre carros de aplicativo e a ausência de um carro na garagem de uma casa de alto padrão de um senhor que tinha tantos compromissos fora de casa. João havia feito um mau negócio e comprometido boa parte de suas reservas financeiras. Havia vendido seu carro para concluir o negócio e, em alguns meses, obtendo um retorno, tinha a expectativa de reaver seu dinheiro. “Mas ela não ia deixar. Se ela tivesse aqui e eu tivesse perguntado pra ela, ela ia falar não!”.

Voltando a falar sobre seu presente, João se queixou da falta de solidariedade das pessoas. Dos motoristas de aplicativo que não entravam na garagem com suas compras, apesar de ele contar a eles sobra uma dor crônica no ombro, dos moradores de seu condomínio que não contribuíam para suas campanhas de reciclagem, dos políticos que não acolhiam seus projetos de lei, e dos administradores dos grupos de dança que bloqueavam mensagens por parte dos participantes, privando-o de encaminhar mensagens religiosas que julgava bonitas a seus colegas. Apesar disso, disse João, vivia bem. Contava com uma empregada doméstica que cozinhava e limpava a casa, e com a ajuda da filha mais velha, que morava no mesmo

condomínio que ele, para ir a consultas médicas e resolver pendências fora do condomínio. Sazonalmente, recebia os netos e o filho que vivem no Canadá e ocupava seu tempo com atividades, hobbies, amigos e “Deus”. Ponderando, pareceu concluir nosso encontro a respeito de como tem vivido: “É isso, Lucas, eu vivo bem. Pra mim, viver bem é isso, viver feliz, viver em paz. Fazer meu esporte, fazer minhas coisinhas. Rezar, viver com Deus... Só tem uma coisa que eu ainda quero fazer que não fiz e que até andei pensando que vai ser o melhor pra mim por conta do meu problema no ombro: um cruzeiro”.

Despedi-me de João, que dessa vez me olhou nos olhos enquanto apertava minha mão e já não parecia ter tanta pressa. Imaginei-o vestido de marinheiro em uma espreguiçadeira, desocupeí sua garagem e fui para casa.

Gelsomina

Caracterização

Mulher de 75 anos de idade. Diretora Escolar aposentada. Possui Ensino Superior Completo e vive em uma metrópole do interior paulista (IBGE, 2025). Tem dois filhos. Viveu por 21 anos com um parceiro falecido há 26 anos.

Narrativa Compreensiva

Gelsomina²⁰ chegou até mim por meio de uma divulgação de minha pesquisa nas redes sociais. Inicialmente, entrei em contato com ela, mas não obtive resposta. Estava na última semana do período que havia estipulado para fazer os encontros quando ela me respondeu. Desculpou-se por não ter me respondido antes, dizendo que tinha tido uma série de problemas de saúde e me impressionou com uma foto enviada do hospital, com um acesso no braço. Tive a impressão de que queria me fornecer evidências de sua indisposição. Tranquilei-a no sentido de que seu problema de saúde era mais importante do que minha pesquisa naquele

²⁰ Pseudônimo inspirado na personagem homônima do filme “La strada” [A estrada] de Federico Fellini (1954).

momento e disse que, caso se sentisse melhor, poderia me procurar novamente, mas que, do contrário, deveria priorizar o cuidado consigo mesma. Alguns dias depois, ela entrou em contato comigo novamente, dizendo que estava se sentindo melhor, e, entusiasmada, enviou um áudio por meio de um aplicativo de mensagens prontificando-se a me encontrar ainda naquela semana, “que seria bom para ela também”. Combinamos de nos encontrarmos no dia seguinte pela manhã.

Cheguei à sua casa e me deparei com uma mulher com a mão na cintura conversando com uma senhora grisalha com uma mangueira na mão. A mangueira jorrava. Desci do carro e fui cumprimentá-las. Pela reação, descobri que a senhora grisalha era Gelsomina, que abriu os braços (já livres da mangueira) em minha direção e disse: “Chegou o meu amor!”. Fiquei curioso e um pouco sem graça, afinal, não nos conhecíamos. Ela trocava “receitas saudáveis” com a mulher, que descobri ser sua vizinha de frente. A certa altura, decidi participar da conversa para começar uma aproximação de Gelsomina, que logo se despediu da vizinha e me convidou para entrar. “Eu tava jogando uma água aqui na frente porque você vinha... Olha, eu vou te fazer três perguntas: a gente vai conversar aqui, aqui ou aqui?”, disse ela, enquanto me levava pelos cômodos de sua casa. “Aqui tá arrumado, mas nem tanto... a louça também tá lavada, mas não guardei... tá tudo pela metade”. Ela havia me mostrado uma sala de televisão, que achei escura, a cozinha, que achei mais bem iluminada e uma área externa com uma cadeira de balanço e uma cadeira de chita. Antecipando-se a minha sugestão de que ela escolhesse o local em que conversaríamos ela disse: “Você que vai escolher!”.

Optei pela área externa e, antes de nos sentarmos, ela fez um gesto para que eu a seguisse até uma outra casa nos fundos. Disse que não a alugava e que morava sozinha ali, na casa maior pela qual havíamos passado. “Essa é a minha pitbull!”, disse ela à medida que nos aproximávamos de um portão ao rés dos meus joelhos. Fiquei preocupado. Tenho medo de cachorros e aquele pequeno portão parecia incapaz de prevenir que um cachorro grande como

um *pitbull* chegasse até mim. O tímido *basset* [raça canina] que saiu de trás da porta me fez entender que se tratava de uma piada. Rimos. Gelsomina então disse que acreditava que a cachorrinha tivesse gostado de mim, já que geralmente ela latia e se assustava com facilidade. Contou que ela era sua pequena companheira há dois anos.

Gelsomina começou contando que havia perdido seu marido há 26 anos, em uma época em que ele vinha se sentindo infeliz. Ele havia sido demitido há pouco tempo de um trabalho em uma empresa multinacional e trabalhava em uma empresa nacional no mesmo ramo por um salário menor. Gelsomina contou que, para ele, isso era um grande demérito. Contou que, nos anos anteriores a sua morte, se preocupava com a saúde do marido, que fumava e “bebia bastante” e que a família dele “era muito amarga, deprimida assim” e que se recusava a frequentar médicos para exames gerais. “Ele era um homem desses mais brutos sabe? Ignorante. Gostava de jogar futebol, de tomar cerveja. Nessa época, quando ele andava de bicicleta ele ficava amarelo assim! Ficava se sentindo mal e eu já tava preocupada” Um dia, no trabalho, o marido de Gelsomina havia começado a se sentir mal e ligado para ela, que o aconselhou a buscar a enfermaria da empresa. Andando até lá, Zampanò²¹ enfartou e faleceu. “Ele chegou no hospital em óbito. Sabe, Lucas, isso não entra na cabeça da gente! Eles fizeram tudo o que puderam, mas aquilo não entrava na minha cabeça!”. “Eu comecei a brigar com o médico e meu pai começou a passar a mão nas minhas costas assim, falando: “Eles fizeram tudo”. Mas eu não entendia. Eu falava: ‘Se você tivesse feito tudo ele taria vivo!’ Mas ele nem respondeu. Ele entendeu. Você entende, né? Depois eu pedi desculpas. Fiquei vários anos pedindo desculpas pra esse médico”. Ela pareceu, então rememorar o marido falecido: “Ele era um moreno jam.bo assim... gostava de tomar uma cerveja, de jogar bola... ele era lindo! Nossa, como ele era bonito! Ele morreu tão lindo... Ele jogava bola, tinha umas pernas assim sabe?

²¹ Pseudônimo inspirado no personagem homônimo, par romântico de Gelsomina, no filme “La strada” [A estrada] (Fellini, 1954).

Então, nossa, eu briguei muito com o médico! Eu não aceitava! Depois foi passando... Eu fui entendendo..”.

Gelsomina então disse: “E aí você pergunta: ‘E você nunca quis ter alguém de novo?’ e eu falo. Não, Lucas, nunca! Eu até tive algumas coisas físicas depois que ele morreu. Eu era muito nova... É até saudável, né? Mas era sair, ficar lá e tchau. Meus filhos nunca nem souberam. Mas isso quando eu era mais nova. Com uns 50 e poucos anos eu já parei. Com homem para mais tarde, né? Sei lá! Mas eu era virgem quando a gente casou! E eu nunca tive outro homem assim”. Gelsomina contou, então, que Zampanò era um filho do meio em uma família de 8 irmãos e que havia sido o primeiro a falecer. Os outros 7 já haviam morrido nos últimos anos. “E essa é uma das coisas que tem me feito muito mal...”. Então eu disse: “Ainda mais tendo continuado sozinha, você deve ter continuado próxima da família dele, né? E aí, nos últimos anos, foi perdendo os cunhados...”. Ela começou a chorar e disse: “É... e isso é uma das coisas que tem me feito muito mal...”. Enquanto falava, me mostrava uma mancha roxa no braço, que parecia ser do acesso que eu havia visto na foto que ela me havia me enviado do hospital. Hesitante, ela pareceu ponderar o que dizer em seguida e se decidir: “Ai, Lucas... eu preciso te contar porque eu tô assim... é pesado tá?”, disse ela enquanto chorava. “É muito pesado! Você tem certeza que quer ouvir? Não sei... a sua pesquisa...”. Assegurei Gelsomina de que eu estava interessado em ouvir o que quer que ela se sentisse confortável em dividir comigo, já decidido, dentro de mim, a acolhê-la independentemente do conteúdo que compartilhasse e, se necessário, decidido a renunciar àquele Encontro como parte da pesquisa.

Gelsomina contou, então, que seu pai, agora com 92 anos, professor de inglês aposentado, era “um pedófilo” que havia abusado sexualmente de sua irmã mais velha (Gelsomina era a filha do meio e tinha essa irmã e um irmão mais novo) e assediado diversos alunos e alunas com os quais tivera contato. Contou que sua irmã a culpava por não ter percebido o abuso praticado pelo pai quando eram pequenas, já que dormiam no mesmo quarto

e que acreditava que a vida “totalmente de ponta-cabeça” da irmã se devia a esse histórico. A irmã de Gelsomina havia tentado cometer suicídio duas vezes, havia tido internações psiquiátricas e tido “três filhos de três pais diferentes”.

Então, Gelsomina não entrou em detalhes, mas contou que, apesar desse histórico, de ver seu pai como um homem arrogante, “psicopata” e cheio de preconceitos, procurava “cuidar dele” até que uma denúncia a seu respeito apareceu em um grupo de mensagens da cidade dois meses antes de nosso Encontro. Na denúncia, acusavam-no de assediar alunos e alunas e havia filmagens de câmeras de segurança em que ele aparecia abordando alunos(as) em frente a escolas. Gelsomina contou que seu pai já havia sido denunciado anteriormente e sido inocentado, ainda que ela acreditasse que ele fosse culpado. Após a denúncia, havia, há dois ou três meses, tido uma discussão acalorada com o pai. “Eu chamei ele aqui e falei umas poucas e boas! Eu gritava, Lucas: ‘Pedófilo! Pedófilo!’”. Ele é doente! Um psicopata! Meus vizinhos até vieram aqui e eu pedi desculpas, mas eu falei que eu precisava colocar isso pra fora, colocar ele no lugar dele”.

Nas semanas que sucederam a esse episódio Gelsomina havia tido diversas crises de ansiedade e problemas de enurese, encoprese, apetite e insônia. “É nojo, Lucas! Um psiquiatra falou pra mim: ‘Isso embrulha seu estômago, né? Te deixa enjoada, né?’”. Aí eu falei: ‘É isso! Eu tô com nojo! Com nojo do meu pai, da maldade dele!’”. Ela havia sido internada e estava sendo acompanhada por um psiquiatra, que a havia receitado antidepressivos e neurolépticos. Senti o peso de sua tristeza, do sofrimento dessa pessoa que vivia uma situação impossível ao sentir que precisa cuidar de um pai do qual não consegue cuidar, amar um pai que ela vê como um monstro que, como ela disse, deixa marcas nas crianças como a que ela mesma carregava depois de ter sido assediada em segredo por um açougueiro quando entrava na adolescência. O peso desse indizível que ela não aguentou não dizer me comprimiu. O peso da vivência emocional de alguém que dizia que havia desejado parar de viver nas últimas semanas e que

agora apenas “estava cansada de viver” ... “Mas já é um avanço! Eu tô espanada, que nem um parafuso espanado, mas eu tô melhorando!”.

“Meu filho acha que é por isso que eu fiquei com o pai deles... porque meu pai é assim”. “Meus pais falavam que eu nasci feia, meu pai era muito agressivo, batia muito na gente, enforcava minha mãe... Minha mãe também era muito brava, mas cuidou da gente. E eu sou assim, Lucas, eu penso mais nos outros que em mim. Eu amo, não tem jeito! Eu ainda amo meu pai, amo minha mãe, amava meu marido... Quando minha mãe faleceu, ano passado, eu tava lá com o meu pai e ela olhou assim pra gente junto, mediu bem ele e falou: ‘É muito amor...’ E ele concordou, sabe? E é isso, eu amo ele, mesmo ele sendo esse monstro! Ele vem aqui, pega meu dinheiro, mora de favor na casa que meu irmão dá pra ele, mas fala que eu era autista! Autista, Lucas! O que isso tem a ver comigo? Ele fala que eu sou uma retardada! Então é isso, meu marido às vezes era mau, mas não era o meu pai”.

Gelsomina contou que havia conhecido seu falecido marido aos 17 anos e que havia se casado após quatro anos de namoro. “Mas eu conto! Pra mim são 21 anos de casado, porque nesses quatro eu perdi minha virgindade com ele e moramos juntos.”. Contou que, apesar de “ter tido um casamento infeliz”, “gostava muito dele”. “Ele falava pra mim, Lucas: ‘Você vai sair com essa roupa de piranha?’”. Eu trabalhava em escola infantil e sempre tive cinturinha, bundinha arrebitada, tudo no lugar. E ele tinha ciúme. Falava coisa pior? Falava. Falava assim: ‘Biscate!’. E eu ficava triste. Mas eu amava muito ele. Ele era o meu sonho, aquele homem forte, bonito, voz grossa... E é isso, ele às vezes era ruim, mas não era o meu pai.”.

Avançando no tempo cronológico de sua narrativa, Gelsomina contou então sobre o período imediatamente posterior à morte de seu falecido marido. Contou que havia sido muito difícil estar sozinha e que não quisera ficar com as roupas dele que haviam lhe dado no hospital. Mais cedo, ela havia contado que seu filho mais velho (tem dois filhos e um neto de cada filho) ainda pescava com “as tralhas do pai”. “Pra mim, eu jogava fora! Eu não quero as coisas dele,

eu queria *ele*! E por isso eu saí daquela casa... a casa da morte... a gente tinha construído aquela casa, era uma casa linda... mas a história fica nas paredes, né?”. “E foi muito difícil. Eu não escolhi ser mãe solteira, né? Mas eu fui.”.

Gelsomina contou as muitas formas como a morte de Zampanò havia sido difícil para seus filhos, que, adolescentes, haviam, em momentos distintos, começado a ingerir bebidas alcoólicas com mais frequência e chegado a sofrer acidentes automobilísticos dirigindo embriagados. “Hoje os dois tão bem, graças a Deus. São lindos assim que nem você... São engenheiros, formados, trabalham muito... Mas naquela época foi difícil.”. Imaginei que essa necessidade exagerada de agradar a mim, mesmo a essa altura de nosso Encontro, pudesse ser indicativo da solidão de Gelsomina.

Ela contou então que haviam se mudado para uma casa maior, com piscina, e espaço suficiente para o que precisou ser uma espécie de enfermaria caseira para cuidar de seu filho caçula após um acidente automobilístico que sofrera dirigindo embriagado. “Mesmo assim aquela casa era muito cheia de vida... sempre tinha amigos, namoradas... Era muito gostoso aquilo! Aí uma hora eles casaram, saíram e ela ficou grande pra mim...”.

Gelsomina, a essa altura, recontou sua história do ponto de vista profissional e financeiro. Contou que havia trabalhado durante toda a sua vida como professora de Ensino Infantil até que, por volta dos 40 anos de idade, decidiu, apesar de isso ir contra os desejos do marido, completar seu currículo com uma Licenciatura Plena em Pedagogia, para que pudesse prestar um concurso interno para um cargo de direção. Fez o curso e passou no concurso, obtendo um aumento salarial significativo nos anos anteriores à morte de Zampanò. Considerou que esse aumento havia sido importante por compensar a perda financeira da mudança de emprego do marido.

“Mas é isso, Lucas. Depois que ele morreu eu entrei de cabeça na função, mãe e diretora. Eu queria alguém? Não. Mas mesmo se eu quisesse não tinha tempo. Porque só tinha

eu! O pai faz muita falta. O pai fez muita falta pros meus meninos e eles sentem saudade dele até hoje. Ele era o amor da minha vida. E ele era difícil, mas quando eu virei diretora ele mudou muito! Aí ele tinha muito orgulho de mim, ficava muito orgulhoso de mim. Aí a gente viajava, vivia bem... Aí ele morreu. E morreu muito novo!”. Então eu disse: “Ou seja, agora que vocês estavam vivendo melhor juntos, que ele te admirava, essa pessoa com quem você esperava passar mais 30 ou 40 anos faleceu...”. “Sim! E é isso, Lucas. Eu queria ter tido ajuda? Queria. Seria muito bom ter ele aqui comigo, ter ele me ajudando a cuidar dos meninos... Mas o que eu mais queria era que ele tivesse visto! Tivesse visto os filhos crescendo, tivesse visto os netos... Sabe, Lucas, antes eu tinha muito medo de esquecer. Quando ele morreu, eu tinha muito medo de esquecer dele. De esquecer da voz dele, do cheiro dele, do corpo dele... Mas a gente não esquece. A gente não esquece nunca! Ele tá aqui comigo! Ele tá na voz dos meus filhos, aquela voz grossa de homem assim que eu adorava!”. Gelsomina chorou muito enquanto pareceu acessar a camada mais profunda de nossa conversa do que o marido e seu falecimento despertavam nela e representava para ela. Tive a impressão de que era como se ela o visse à medida que falava e tocava o próprio corpo, como se ele ainda estivesse presente em sua pele. “E é por isso que eu falo: se hoje ele voltasse você casaria com ele de novo? Sim!”.

Gelsomina contou então que depois dos filhos saírem de casa ela havia se arrependido profundamente de ter se aposentado, que gostaria de ter se planejado melhor e que se sentia muito solitária. Queixou-se também de problemas relativos a seu regime de aposentadoria que haviam implicado uma queda de 60% em seu salário. “Eu fiquei depressiva! Mas tudo bem. Dinheiro não é vida!... E é de vida que eu sinto falta!”. Disse então que sempre fora uma pessoa muito atarefada com a maternidade e com o trabalho, que sempre havia sido mais reservada e que, por isso, não apenas não havia se envolvido romanticamente de novo, mas sequer tinha amigos. Disse que amava crianças e bebês e que gostaria de voltar a trabalhar com esse público mesmo que como voluntária, mas que isso era mais burocrático e demorado do que ela gostaria.

Contou, então, que, nos últimos meses, quando vê os filhos e netos, se sente muito bem na companhia deles. A maior parte do tempo, entretanto, disse que se sente muito solitária e ociosa. Nas últimas semanas, além do desgaste e do sofrimento emocionais, ligados especialmente ao episódio da denúncia de seu pai, Gelsomina ainda convivía com uma solidão acentuada pela ausência desse pai, que apesar de, em sua visão, ser cruel com ela e “manipulá-la” para que ela lhe desse dinheiro e cuidasse dele, ainda lhe fazia companhia e ocupava parte do seu tempo. Disse, entretanto, que estava buscando psicoterapia, que estava “se reerguendo”, buscando outras atividades e contato com as pessoas, algo que “não cai do céu”. “Porque é isso, né, Lucas, nada contra ficar vendo televisão, mas é ruim quando é a única coisa que você tem pra fazer!”.

Pensando a respeito de sua necessidade de ter ocupações e outras atividades, Gelsomina disse, então, que já havia se inscrito para um curso de três anos para poder exercer o voluntariado no Ensino Infantil e voltar a ter contato com pessoas. Mais cedo, quando atenuei essa impressão, dizendo a ela que parecia que ela sentia falta desse contato com as pessoas, dessas interações, ela havia me corrigido dando à minha fala o tom que sentia de fato refletir sua experiência: “Carente! Carente, Lucas! Eu tô muito, carente! Por isso você entende também, porque tá sendo tão bom pra mim conversar com você...”. Agora a fala de que nosso encontro faria bem para ela e outros gestos que pareciam querer agradar a mim de fato ganhavam mais sentido.

Terminando nossa conversa, Gelsomina quis contar sobre o momento em que Zampanò saíra de sua vida. “Quando ele morreu, a gente já tava numa maturidade emocional tão grande que se chegasse uma mulher falando que tinha um filho dele eu ia falar. “Ok. Aconteceu, a gente vai cuidar”. Eu nunca soube que ele teve outra. Mas se teve, espero que ele tenha sido feliz e aproveitado... porque ele aproveitou tão pouco da vida, né? Um dia ele chegou bem tarde... tinha dormido fora de casa e eu cheguei e ele tava dormindo no tapete... Não acordei

ele, não briguei com ele... Só abençoei. Rezei por ele, que ele tinha chegado bem e comecei meu dia. Acho que isso termina, né?”. Com essa fala com tom claro de encerramento da parte de Gelsomina, que ao dizer essa última frase chegou a se levantar e fazer um gesto de cruzar e descruzar dos braços, senti-me impedido de fazer qualquer nova pergunta ou apontamento. Ela tinha me dito o que queria dizer e parecia querer terminar nosso encontro em uma “nota positiva”. A pequena mesura sorridente que havia feito ao narrar a cena em que orou sobre o marido adormecido também pareceram indicativos desse desejo. Para mim, entretanto, ficou apenas mais forte a impressão de que o amor, para ela, era algo tão ambivalente que por vezes se confundia com uma anulação de si mesma ou implicava essa anulação de forma banalizada.

Ela me levou até a porta e me disse que achava mesmo que nossa conversa aconteceria ali naquela varanda, que ela “sentia essas coisas”. Fiquei satisfeito em ter escolhido aquela opção. Ela então me disse que aquela era sua casinha, que não era “a casa da morte”, que era dela e de Zampanò, e nem bonita como a “casa da piscina”. Perguntei a ela como era essa então, como ela se chamaria. “Essa casa aqui? Essa é a minha”.

Narrativa Síntese

Perder um parceiro amoroso de longa convivência implica ter dividido uma parte significativa e extensa de sua vida com uma pessoa com a qual se amadureceu, viveu e conviveu como um casal. O sentido dessa parceria e dessa convivência, entretanto, só pode ser compreendido em alguns aspectos a partir de sua ausência, e emerge do processo de reconstituição de si mesmo após a morte do parceiro.

Olhando em retrospecto, percebe-se que a escolha do parceiro passa pela admiração de algo que se tornou importante, e por papéis valorizados a partir de sua constituição como pessoa e do quadro de referências de sua família, comunidade e geração acerca do amor, do que é ser um casal, do que é ter um parceiro. Desejar ou ser desejado, proteger ou ser protegido, cuidar ou ser cuidado são algumas das polaridades que definiram a dinâmica dos casais.

Ao longo dos anos, a criação dos filhos, o convívio com os netos, lutos, dívidas e empreendimentos são compartilhados. Com o tempo, cria-se um dialeto intersubjetivo que só faz sentido para o casal. Brincadeiras, formas específicas de brigar e de fazer as pazes, gestos e silêncios ganham sentidos que os demais ignoram. Constrói-se assim um cotidiano que passa a ter o parceiro como um fio vermelho²² que se entretece nos fios da própria vida.

A dinâmica de relacionamento do casal, estabelecida desde o processo da escolha pelo parceiro, tende a se manter a mesma e eventuais aspectos do parceiro que desagradam e trazem sofrimento tendem a ser eclipsados pelo que uniu o casal em primeiro lugar. Quando esta dinâmica se modifica de modo a produzir incompatibilidades significativas, tende a haver afastamentos e distanciamentos. Se muito expressivos ou persistentes, estes afastamentos podem levar ao fim da convivência como casal.

Por vezes, antes da morte há um esgarçamento do tecido da vida conjunta na forma de adoecimentos mais ou menos súbitos ou duradouros. Familiares e profissionais da saúde, internações e rotinas de cuidado, nesses casos, passam a integrar a rotina do casal e desgastam quem sobrevive ao parceiro e se solidariza com seu sofrimento e fragilidade.

Quer para casais que já haviam se separado e permaneciam ligados por familiares, negócios ou afetos, quer para os que permaneciam juntos, convivendo ou não com adoecimentos, a morte do parceiro é a ruptura do tecido da vida conjunta e do cotidiano. Esta ruptura tende a surpreender mesmo os que imaginavam sua possibilidade. Quando é possível a despedida, estenda-se ela no tempo ou não, vem à tona toda a intimidade do casal, e os parceiros tendem a se protegerem reciprocamente dentro de suas condições presentes.

Após a perda, emerge a necessidade de atribuir um sentido à morte do parceiro, a seu sofrimento, ao sofrimento de si próprio e dos que o conheciam. Defensivamente, tende-se a

²² Metáfora inspirada em “*Die Wahlverwandtschaften*” [“As Afinidades Eletivas”] de Goethe (1809/2011).

atribuir-lhes sentidos positivos. Vistos do presente, frente à perda, sofrimentos e angústias vividos individual ou conjuntamente tendem a perder seu peso afetivo, ao passo que aspectos valorizados da convivência e do parceiro tendem a ganhar relevância. Assim, as pessoas se apegam à ideia do fim do sofrimento do parceiro, à atribuição de um sentido transcendente para a perda, à expectativa de um reencontro no além-vida e à dignidade e cuidado proporcionado aos parceiros em seu processo de morte e no cumprimento póstumo de suas vontades.

Neste mesmo sentido, por vezes a crença de que algo diferente poderia ser feito ou vivido alivia o peso do sentimento de impotência frente à morte do parceiro e das possibilidades encerradas de sua vida. Nada mais será visto ou vivido pelo parceiro, nada mais poderá ele ser, exceto o que já foi, nada mais poderá fazer exceto o que já fez. O que não foi compartilhado com ele, não poderá mais sê-lo. Esse movimento também está presente nas famílias dos parceiros sobreviventes, que tendem a distorcer e suprimir afetos vistos como negativos e angustiantes dos enlutados e a enfatizar aspectos positivos dos parceiros e da convivência.

Essa perda tende a remeter a todas as demais já vividas. Irmãos, pais, amigos, filhos e netos falecidos são perdidos novamente, do ponto de vista afetivo, à medida que a pessoa é obrigada a reviver rituais fúnebres, lidar com burocracias póstumas, noticiar a morte do parceiro e confrontar a inevitabilidade de sua própria morte eventual e a solidão de sua existência como indivíduo que deixa de viver como casal.

A fragilidade e escasseamento desse tecido da vida, que após o rompimento fica frouxo e esburacado, faz com que muitas pessoas tenham receio de seus próprios sentimentos e pensamentos. Teme-se esquecer o parceiro e a convivência com ele ao mesmo tempo em que se teme nunca mais sentir algo não associado à perda. O mundo da vida se torna estranho e imprevisível.

Nessa fase, por vezes, a pessoa busca evitar entrar em contato com seus sentimentos, pensamentos e vivências relacionados à perda e se ocupa avidamente de outros assuntos ou

providências. Amigos e familiares se aproximam e a distraem da necessidade de recosturar a vida enquanto ainda não se sabe com que fios se pode fazer isso. Logo, entretanto, o tempo cronológico passa e as pessoas se afastam, voltam às suas vidas, mas o mesmo não necessariamente acontece para os enlutados. Eles não se esquecem. Para eles, o tempo subjetivo passa mais devagar e seu relógio interior chega a parecer parado. Eventualmente, veem-se sozinhos. A sós, sem distrações, presentificam o parceiro em conversas que têm com a memória deles, imaginam que os abraçam ao se deitarem para dormir, colocam pratos extras para comerem desacompanhados e andam ao seu lado em sonhos.

Algumas pessoas recosturam suas vidas utilizando os fios rompidos do parceiro e seguem vivendo em suas casas; mantêm esse diálogo e essa convivência simbólica com a memória materializada dos que se foram e que são lembrados nos jardins, músicas, fotografias e objetos que apreciavam. Para elas, abandonar a memória física do parceiro, e, com frequência, da própria família nuclear que construíram com ele, seria doloroso e estranho demais e impediria que refizessem suas vidas. Outras pessoas se mudam logo para aprenderem a viver sozinhas ou com a família e recosturam suas vidas com novos fios, guardando os do parceiro em suas recordações e gavetas interiores. Para elas, viver sem o parceiro cercadas de suas memórias físicas seria doloroso e estranho demais, e impediria que refizessem suas vidas.

Amortecido o impacto inicial, a pessoa que perde seu parceiro precisa reconstruir sua vida sem o carinho, sem as habilidades domésticas, administrativas e práticas que se dão conta de que o parceiro trazia para o lar que dividiam; sem a parceria para enfrentar problemas e comemorar vitórias, sem a intimidade do dialeto que criaram juntos ao longo dos anos e que não pode ser ensinado a mais ninguém.

Algumas pessoas, adoecem psicologicamente, ficando presas na vivência do luto, e sobrevivem rememorando o parceiro, e necessitam do afeto e das distrações esporádicas que familiares e amigos conseguem proporcionar. Em alguns casos, esse período se prolonga a

ponto de a pessoa sentir-se impedida de seguir em frente, não conseguindo reconstituir-se subjetivamente fora do casal.

Gradualmente, entretanto, para os que conseguem manter em movimento seu processo de reconstituição, o tecido de suas vidas ganha nova consistência e firmeza à medida que novas pessoas se aproximam e novas atividades despertam seu interesse. Nesse processo, encontrar pessoas para as quais possam expressar o que viveram com o parceiro – e o que têm vivenciado após a perda – contribui para organizar e atualizar suas vivências.

Assim, ao longo do tempo, o peso melancólico do passado que até então fazia a gangorra da vida pender para baixo, pode se tornar menor, possibilitando aos que perderam seus parceiros suportarem o presente e inclinarem-se novamente para o futuro com esperança. Pouco a pouco, conviver com os netos, reaproximar-se de amigos e familiares, frequentar grupos religiosos e aulas diversas (e por vezes fazer novos amigos no processo), cuidar de animais de estimação, viajar e lançar-se em novos projetos proporcionam companhia e senso de propósito e utilidade às pessoas que perderam seus parceiros, auxiliando-os a estabelecerem novos objetivos e sentidos para suas vidas.

A vida refeita, o tecido recosturado será outro, não o mesmo em relação ao que foi vivido com o parceiro. A essa altura, as pessoas que sobreviveram já não temem esquecer o parceiro ou o que viveram juntos. Quem partiu poderá continuar vivo nas lembranças e na saudade de quem com ele compartilhou uma parte significativa da existência. Está nas paredes de onde morou, nos objetos que deixou e no cheiro, calor e afetos que impregnou no corpo de quem fica. No entanto, há os que abdicam de novos relacionamentos amorosos, porque consideram que envolver-se novamente de forma romântica é incompatível com a memória do que se viveu, como uma traição para com a pessoa falecida.

Felizmente, para surpresa de quem fica, de tantas formas quantas forem as pessoas, após a perda nunca se vive da mesma forma, mas ainda se pode viver de forma gratificante e

significativa. Para quem perde um parceiro a tempo e com condições subjetivas propícias, além de recursos materiais e afetivos da família e da comunidade, é possível reconstruir-se criativamente, após a melancolia da perda. A existência humana é pródiga de possibilidades para quem se abre à experiência de viver de modos diversos e interessantes ao longo do ciclo da vida.

Campos estruturantes

Seguem-se os campos estruturantes organizadores da experiência vivida dos participantes.

Tabela 7

Campos estruturantes

<p>Afetos vividos e o espírito do tempo: nossa história está escrita nas paredes</p> <p>O sentido da vida compartilhada como casal emerge da experiência de se reconstituir como pessoa</p> <p>"Achei que era impossível, mas hoje sou feliz"</p>

Capítulo 5 – Discussão

Segue-se a discussão desenvolvida a partir da Fenomenologia Clássica de Edmund Husserl e Edith Stein, da Abordagem Centrada na Pessoa, e das pesquisas psicológicas acerca do luto, em especial aquelas apresentadas no Capítulo 2 desta Dissertação. Serão apresentados e discutidos, a seguir, os três campos estruturantes que emergiram dos encontros com os participantes, compreendidos e interpretados ao longo do processo da análise fenomenológica realizada.

Primeiro campo: Afetos vividos e o espírito do tempo: nossa história está escrita nas paredes

William Shakespeare, renomado dramaturgo inglês, em uma de suas peças mais famosas, *“The tragedy of Hamlet, prince of Denmark”* [A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca] escreveu: *“there is nothing either good or bad but thinking makes it so.”* [não há nada bom ou mau em si mesmo, pensar é que o torna tal] (Shakespeare, 1623/2025, p.100). Também acerca do caráter epocal da constituição de cada pessoa e dos sentidos que atribui a suas experiências, Thomas Mann (1924/2016, p.16), em sua obra *“A Montanha Mágica”*, escreveu: *“O homem não vive somente sua vida pessoal como indivíduo; consciente ou inconscientemente, participa também da vida de sua época e de seus contemporâneos”*.

Nesta pesquisa, as concepções dos participantes acerca do que era uma parceria amorosa e de como deveria ser o amor, do que era aceitável e inaceitável, bom ou mau, ainda que mediadas por aspectos individuais, foram fortemente influenciadas pelos valores de sua comunidade local, pelos modelos amorosos de suas famílias e pelo espírito do tempo de sua geração. Neste sentido, em conformidade com a perspectiva rogeriana da constituição de um quadro de referências e valores a partir da necessidade de consideração por parte de pessoas-critério (Roque et al., 2024), os participantes tenderam a valorizar nos parceiros, em si mesmos

e nas parcerias, aspectos tidos como positivos, e a desvalorizar aspectos tidos como negativos pela sociedade em que viviam e por suas famílias.

Exemplos marcantes foram narrativas como a de Dona Benjamin, em que o homem provedor, que protege a família e resolve os problemas cotidianos sozinho foi muito valorizado, inclusive ao esconder dela seu adoecimento. Já Dora, cujo marido enaltecia suas qualidades maternais para com ele e os filhos, lamentou não poder mais exercê-las após o falecimento dele.

Neste sentido, as participantes mulheres contaram sobre a importância atribuída por elas à aprovação das famílias em relação aos seus jovens pretendentes no início do relacionamento com os futuros maridos, revelando um aspecto geracional significativo no que diz respeito ao papel exercido pelos genitores sobre as uniões amorosas das filhas. Xerazade disse: “Meu pai sempre tinha sido contra”. Já Maria disse a seu marido: “se quiser frequentar a minha casa, vai ter que falar com meu pai e minha mãe”.

Por outro lado, Xerazade relatou que teve que permanecer casada, por pressão da mãe, com um marido que a agredia e perseguia; só conseguiu separar-se dele anos depois, quando os filhos já eram adultos. Em suas palavras: “Fui pra casa da minha mãe e disse que ia ficar lá. Ela me disse: ‘Não. Você vai é voltar pra sua casa! Você sabia quem ele era quando se casou, agora pode voltar!’”. Aí eu voltei. Só me separei dele mesmo quando meus filhos me colocaram na parede”;

Nesse mesmo sentido, o fato do marido de Maria ter traído a esposa no passado para estar com ela teve um peso menor para a família dele do que o fato de ele ter assumido um novo relacionamento com Maria após ter sido casado. Nas palavras dela: “Pra eles eu era a outra, né? Era a amante. Amante nunca tá certa. É sempre a errada, a ruim”.

Em sentido contrário, reforçando esta perspectiva epocal acerca do que se espera em termos do papel a ser desempenhado pelo homem e pela mulher, a traição de Pedro, um homem

mais velho que Dora, que pode ter gerado um filho, foi relevada por ela e por sua família, ao passo que a culpa, e o estigma, enquanto traço social distintivo de um demérito (Goffman, 1981), couberam à mulher com quem ele havia traído a participante: “Mas ela era uma mulher, no meio de um monte de homem. Devia ser uma coisa fácil ali e qualquer um podia ser o pai. Mesmo assim, desmanchei com ele (...) Aí ele apareceu, no dia do meu aniversário e me pediu em casamento. Meus pais disseram: ‘Você gosta dele? Você quer?’ E eu disse que queria e noivamos”.

Desta forma, imersos no espírito de seu tempo e em seu horizonte histórico (Freitas, 2024), a partir dos significados a respeito de si mesmos, do amor e das relações amorosas, ao longo do tempo de convivência os participantes construíram cotidianos e intimidades com seus parceiros, que passaram a mediar uma dada forma de abertura ao mundo da vida (Freitas, 2013). Após o adoecimento e/ou a perda, este modo de vivenciar a relação como casal inaugurou e moldou o processo de resignificação e reposicionamento existencial.

Assim, a experiência vivida ao longo do tempo possibilitou aos participantes desenvolverem no cotidiano formas singulares de comunicação, planos e projetos, compartilhando fracassos e vitórias, dividindo tarefas e funções. Desta forma, após a morte dos parceiros, os participantes foram invadidos pela presença-ausência deles em suas vidas. Deram-se conta da falta que os parceiros faziam ao se deitarem para dormir, ao fazerem as refeições e ao se dedicarem a qualquer outra atividade que, como as anteriores, era feita a dois ou feita na estrutura de vida em que contavam com o parceiro e com sua presença. Falas como a de Jó exemplificam isto: “De noite que é a coisa... Nossa... Dormir sozinho assim... Aí é difícil... Foi muito difícil...”.

Apesar do medo que participantes como Gelsomina relataram de esquecer os parceiros, logo se deram conta de que nunca os esqueceriam e de que a memória dos parceiros estava viva e era revivida a partir de músicas, lugares, objetos, sonhos, expressões e quaisquer outros

estímulos internos ou externos que remetessem a eles. Este elo entre vivências do mundo interno e externo, entre memórias e objetos, está em consonância com a lógica da ligação entre atos psíquicos e espirituais em que uma vivência causa a outra e a convoca respectivamente, como discutido por Angela Ales Bello (2015) em relação à Antropologia Filosófica desenvolvida por Edith Stein.

A fala de Gelsomina é marcante nesse sentido: “Antes eu tinha muito medo de esquecer. Quando ele morreu, eu tinha muito medo de esquecer dele. De esquecer da voz dele, do cheiro dele, do corpo dele... Mas a gente não esquece. A gente não esquece nunca! Ele tá aqui comigo! Ele tá na voz dos meus filhos”. Neste sentido também Dora disse: “Peço pra aceitar. Pra esquecer não. Esquecer não vou nunca. A gente nunca vai esquecer”. Já Claudia disse: “Tem dias que eu vejo que eu tô melhor, que eu trabalho, faço as minhas coisas... e tem dias que eu vejo uma foto, alguma coisa que me lembra ele e eu sinto muita falta... me sinto muito sozinha! Nas coisas dele por exemplo eu ainda não mexo... É muito pra mim, ainda não consigo!”.

A partir disso, houve participantes como Jó e Gelsomina que sentiram a necessidade de se mudarem das casas em que haviam vivido com os parceiros, enquanto outros, pela mesma razão, fizeram questão de permanecer nelas, como Dona Benjamin e João. A esse respeito, Gelsomina disse: “Eu não quero as coisas dele, eu queria *ele*! E por isso eu saí daquela casa... A casa da morte... A gente tinha construído aquela casa, era uma casa linda... mas a história fica nas paredes, né?”. Ao passo que, em sentido oposto, Dona Benjamin disse: “É essa casa... Como que eu saio dessa casa? Ele tá aqui comigo. Eu sempre converso com ele... É claro que eu tenho saudade. Mas eu sonho com ele... São sonhos tão lindos! A gente anda, a gente conversa...”. João por sua vez disse: “É essa casa, né, Lucas? Eu comprei pensando nela, né? Pensei nela cuidando desse jardim, enchendo a casa de planta... Eu gostava muito de cuidar dela. Gostava de agradar ela. De fazer alguma coisa e ela ficar contente... Aquilo me fazia um bem!”.

Para alguns dos participantes, a dinâmica de comunicação e intimidade permaneceu a mesma desde que se conheceram até o falecimento. A este respeito, por exemplo, a comunicação tácita entre Dora e Pedro, quando ela lhe oferecera a laranja quando ele passeava com uma de suas amigas, tinha a mesma essência da comunicação tácita de seus últimos meses: “Ele me olhava assim... e eu perguntava: ‘O que você tá olhando?’ e ele dizia: ‘Tô te olhando’. ‘Então pode olhar’ e ele ficava me olhando... pensando... como se quisesse me dizer alguma coisa”. Perguntei, então, o que ela achava que ele poderia querer dizer. “‘Ó, meu bem, eu tô indo. Eu tô morrendo’. Era isso que eu acho que ele estava pensando... Um dia eu tava na cozinha e ele veio, andando daquele jeitinho que ele tava andando no final, devagarinho... e me abraçou e ficou abraçado comigo. Ali eu senti que ele estava se despedindo”. Outro exemplo da comunicação tácita construída na intersubjetividade do casal (Oliveira et al., 2019; Fadda & Cury, 2021) é o de Jó, falando sobre a resolução de conflitos entre ele e sua parceira: “Aí eu tinha uma técnica. Eu encostava o dedinho do pé nela de noite. Se ela deixasse, é porque a barra tava limpa, se não, aí sim a coisa tava feia.”.

Mudanças significativas de um dos membros do casal, como no caso de Cláudia, que decidiu se mudar para morar com um de seus filhos por um período, quando acompanhadas pelo parceiro (que em seu caso a apoiou e visitou em sua nova casa), produziram aproximação, ao passo que mudanças de um dos membros do casal, como no caso de Catarina, cujo marido se tornou alcoolista, quando não acompanhadas pelo parceiro, produziram afastamentos. Esta mesma participante é exemplo desta dinâmica, à medida que sua resignificação da dependência do uso de álcool por seu marido reaproximou o casal. Outro exemplo nesse sentido é a mudança da dinâmica de relacionamento estabelecida entre Gelsomina e seu marido: “E ele era difícil, mas quando eu virei diretora ele mudou muito! Aí ele tinha muito orgulho de mim, ficava muito orgulhoso de mim. Aí a gente viajava...”

Estes resultados exemplificam a perspectiva rogeriana da organização do campo perceptivo (no caso a percepção que se tem do parceiro, da parceria e de si mesmo) como o que controla os comportamentos dos indivíduos (Rogers, 1947), já que foi a partir da ressignificação da dependência de seu marido (que Catarina passou ver como uma doença) e do valor de Gelsomina (que seu marido passou a ver como mais significativo) que houve mudanças de comportamento das pessoas envolvidas. Neste sentido, ainda, se permanecer no casamento antes tornava Xerazade uma mulher adequada em sua perspectiva, a partir da pressão dos filhos, permanecer no casamento passou a ser visto como sinônimo de ser uma mulher inadequada, por colocar os filhos e a relação que tinha com eles em risco, o que a levou a se separar.

Segundo campo: O sentido da vida compartilhada como casal emerge da experiência de se reconstituir como pessoa

A morte do parceiro operou como um estímulo para que os participantes atualizassem suas experiências não apenas relativas a essa perda, mas também à experiência da convivência, seus limites e possibilidades. Atualizaram o sentido de suas vidas de forma mais ampla, retomando como eram antes do início da vida como casal, em seu decorrer e após o fim do convívio, incluindo o vivido desde a perda até o presente momento.

Como na lógica fenomenológica do fluxo de vivências, o presente só ganhou sentido a partir do movimento estabelecido entre passado (retenção), presente e futuro (protensão) (Bello, 2015). Analogamente, o passado vivido com os parceiros emergiu em sua ausência e ao longo do processo dos participantes de aprenderem a conviver com ela.

Neste sentido, conforme o trabalho de Walter Benjamin (1936/1987) com as narrativas, a memória da convivência apareceu como um texto aberto: sempre presente, sempre cambiante à medida que é narrada. Especificamente, vistas do presente, as experiências passadas negativas com os parceiros em função de características pessoais deles, tiveram o peso afetivo

de sofrimento diminuído. O oposto ocorreu para o que era percebido como positivo e valorizado nos parceiros e na convivência como casal, que tendeu a ser mais relevante afetivamente após a perda.

Esta atualização da experiência vivida foi estimulada a partir do interesse manifestado pelo pesquisador, e facilitou a emergência das vivências, confirmando o aspecto interventivo de pesquisas psicológicas qualitativas empíricas, como discutido por Szymanski & Cury (2004). Assim, os Encontros Dialógicos, pautados na lógica de um acontecer clínico e realizados por um pesquisador com experiência neste campo, propiciaram aos participantes uma reapropriação do vivido, de acordo com a perspectiva rogeriana, do poder das atitudes facilitadoras em relações interpessoais, mesmo naquelas fora de contextos de intervenção psicológica propriamente dita (Rogers, 1961a) e em acordo com propostas de modelos de Atenção Psicológica como o Plantão Psicológico que podem produzir efeitos terapêuticos a partir de um único encontro (Mahfoud et al., 2012).

Especificamente no que diz respeito ao aspecto de atualização do sentido das vivências dos participantes, cita-se o exemplo de Catarina: “Agora pensando, não sei se teria sentido falta de ter alguém se meu filho não morasse mais comigo... Muitas pessoas se sentem muito sozinhas. Não sei como teria sido se fosse só eu.”. Já Cláudia se deu conta do esvaziamento de sua rede social como expresso por frases como: “Nossa... dessa foto todos já morreram”. Gelsomina, por sua vez, atualizou o sentido de morar sozinha na mesma casa: “Ela então me disse que aquela era sua casinha, que não era ‘a casa da morte’ (que era dela e de Zampanò), e nem bonita como a ‘casa da piscina’. Perguntei a ela como era essa então, como ela se chamaria. ‘Essa casa aqui? Essa é a minha’”.

Quanto ao caráter catártico, enquanto liberação de tensões por meio da expressão das emoções e simbolização de vivências, pode-se retomar o que disse Dora: “Falei tudo! Desabafei bastante. Pode voltar quando quiser”. Xerazade assim se manifestou: “Eu é que

agradeço. Me fez bem também. Vai fazer bem pra mim...”. Catarina, por sua vez, disse: “Foi muito bom lembrar de todas essas coisas, me abrir... Eu podia chegar aqui e não te contar nada disso. Mas não ia adiantar nada! Falar é libertador!”. Além disso, dias ou meses após o fim dos Encontros Dialógicos, alguns dos participantes, enviaram mensagens ao pesquisador agradecendo por sua participação na pesquisa e referiram uma redução na intensidade de seu sofrimento relativo à perda e reforçaram a importância da elaboração de suas vivências facilitada por intervenções realizadas pelo pesquisador durante os Encontros.

No que diz respeito à morte dos parceiros em si, uma vez transcorrida, foi vivida pelos participantes como o fim da intimidade e de um dado modo de existência. Foi vivida como o fim de todas as possibilidades do que poderia ser ainda vivido pelo casal como ilustra a fala de Gelsomina: “Mas o que eu mais queria era que ele tivesse visto! Tivesse visto os filhos crescendo, tivesse visto os netos...”.

Mesmo para pessoas que vivenciaram muito sofrimento ao longo da dinâmica como casal, permaneceu um sentido de fidelidade ao parceiro, um desejo de honrar sua memória, como no relato de Xerazade sobre seu posicionamento durante o julgamento do amigo do marido em decorrência do acidente que ocasionou sua morte. Além disso, para ela, a morte do marido também implicou a morte das fantasias que tinha a respeito do que ainda poderiam viver: “Quando ele morreu ele já estava tão diferente...Eu acho até que eu teria tentado de novo com ele se ele não tivesse morrido assim, tão de repente.”

Durante o adoecimento que levou à morte do parceiro, os participantes se empenharam em cuidar deles não só fisicamente, mas tentando acolhê-los emocionalmente em relação à expectativa da morte próxima. Conforme relatado por Hisamatsu et al. (2020) em estudos com parceiros de pacientes oncológicos cujas quimioterapias paliativas haviam sido interrompidas, constatou-se que eles evitavam falar sobre os próprios sentimentos e aflições face à iminência da morte. Mesmo em casos como o de Claudia e Dora, em que parte da parceria se baseava na

admiração que tinham por seus maridos, vistos como poderosos e bem-sucedidos, o adoecimento físico não diminuiu esse sentimento, despertando a intenção de protegê-los da sensação de impotência e fragilidade. Nas palavras de Dora: “Mas ele acordava, e estava perfeito. A gente conversava normal, fazia as nossas coisas... Ele já não andava nessa época direito, mas ficava comigo, eu cuidava dele, cozinhava para ele, dava banho, e a gente sempre conversando. Nessa época, às vezes, ele fazia xixi na roupa. E a cabeça dele tava perfeita, então ele ficava com muita vergonha, ficava muito chateado... é muito triste, né?”. Outros exemplos desta dinâmica são os de João, que sofreu compassivamente por sua parceira que já não era capaz de cuidar dele como ele apreciava e que dela cuidou em seu adoecimento e o de Maria, que, frente a sua impotência quanto à piora progressiva do quadro de Gil, apoiou-o em um gesto de solidariedade a seu sofrimento para se alimentar (Oliveira et al., 2019): “Vai, Gil, você come meia e eu como meia”.

Estes achados vão ao encontro da perspectiva adotada pelo filósofo francês Comte-Sponville (2016), que se dedicou ao estudo das virtudes, a respeito da fidelidade. Para ele, a fidelidade seria honrar o sentido de uma relação e do que foi vivido conjuntamente. Assim, em parcerias amorosas, após a morte do parceiro, seria sinônimo de honrar a memória do parceiro e o que viveram com ele e não necessariamente não se envolverem novamente de forma romântica com outra pessoa. Ainda assim, um aspecto a ser observado é que, para todos os participantes que discutiram sobre a possibilidade de se relacionarem amorosamente novamente, esta ideia foi vista como estranha, como algo simbolizado como uma traição ao parceiro e à sua memória. João a esse respeito disse: “Não consigo desejar outra mulher... Sabe, eu acho que eu ia sentir que eu tô traindo ela, sabe?”. Já Catarina disse: “Ele foi meu marido”, enfatizando a estranheza que a ideia de se casar novamente lhe proporcionava.

Para os participantes, a morte do parceiro remeteu a outras mortes e perdas que já haviam experienciado, como a morte de irmãos, animais de estimação, netos, filhos e amigos

como é emblemático no caso do pequeno “altar” que Dona Benjamin tinha no aparador de sua sala, com fotos de pessoas queridas falecidas. De acordo com a Psicoterapia Existencial de Irving Yalom (1980), psiquiatra estadunidense, escritor e professor emérito da Universidade de Stanford, a morte dos parceiros operou como um evento de vida que trouxe à tona a solidão existencial constitutiva dos seres humanos e a ansiedade da morte com as quais não costumamos ter contato consciente em nossos cotidianos. Ou seja, a proximidade da perda de alguém com quem se partilhou a vida por muitos anos, e que na velhice por vezes é a única relação íntima de alguém (Silva & Ferreira-Alves, 2012), fez emergir a angústia associada à inevitabilidade da finitude de entes queridos e de si próprio e a percepção da falta de relações profundas e de conexão na própria vida. Dora, por exemplo, lembrou-se da morte de sua filha, ao passo que João se lembrou da morte da mãe; já Riobaldo se lembrou da morte do pai.

Ainda nesta perspectiva, a morte dos parceiros expôs não apenas a inevitabilidade da morte dos que sobreviveram a eles, mas sua fragilidade. Isto foi particularmente observado no caso dos participantes que tiveram de cuidar de seus parceiros por longos períodos. O trabalho de Morgan et al. (2020) a respeito do desgaste físico e emocional experienciado por cuidadores de parceiros que desenvolveram demências é outro exemplo dessa experiência. Neste sentido, sobre a jornada do cuidado, Claudia disse: “Eu me sentia tão cansada! Era tão desgastante que tinha dias que eu só queria deitar e morrer, porque parecia que não ia dar!”. Após esse período, Ela desenvolveu problemas de bexiga devido ao esforço exercido para despender os cuidados físicos ao marido, e se sentiu sozinha com o fim do convívio com a equipe de profissionais da saúde que haviam integrado sua rotina: “Essa é a pior hora... Quando eu chego e não tem ninguém. Ninguém pra eu ver, ninguém pra eu contar nada... Antes eu não tinha tempo pra nada! E eu que era tão arrumada, tão preocupada, fiquei com uma casa que era uma zona por dois anos!”

Mesmo no caso de mortes súbitas, analogamente ao que foi vivenciado pelos participantes que cuidaram dos parceiros por meses ou anos, a morte dos parceiros expôs a fragilidade e dependência dos participantes quanto à sua capacidade de viverem suas rotinas sozinhos e tomarem suas próprias decisões, como no caso de Riobaldo: “Ficamos 45 anos juntos. Vivemos muito bem, graças a Deus. Ela era uma mulher muito boa. Sempre me ajudava com as coisas, me puxava pra fazer as coisas... Agora é tudo mais difícil... Muito mais difícil!”. Também é emblemática a fala de João sobre uma decisão que gostaria de ter tido ajuda de sua esposa para tomar: “Mas ela não ia deixar. Se ela tivesse aqui e eu tivesse perguntado pra ela, ela ia falar não!”. Assim manifestou-se Dona Benjamin: “Como que vive sem um homem desse? Eu tive que nascer de novo. Tive que aprender a viver tudo de novo. Primeiro eu engatinhei, depois eu andei... Hoje eu faço tudo. Faço compra, vou no banco, dirijo carro... Mas no começo foi muito difícil”. Esses achados estão de acordo com a perspectiva do Modelo Dual do Luto (Stroebe & Schut, 1999) ao destacarem, no polo da Restauração, a necessidade dos enlutados de aprenderem novas tarefas, atividades e funções antes exercidas pelo ente querido.

Após a morte do parceiro, em meio à angústia e ao sofrimento despertados por ela despertados, os participantes tiveram necessidade de atribuir-lhe um sentido; e, com frequência, um sentido positivo. Assim, tenderam a enfatizar o fim do sofrimento dos parceiros adoecidos, como João, o curto período de adoecimento, como Dona Benjamin, ou mesmo a expectativa da salvação espiritual do parceiro e do reencontro no além-vida, como Jó. Dona Benjamin disse: “Eu acredito na ressurreição. Se eu merecer, eu ainda vou me encontrar com ele”. Ao passo que Jó disse: “Isso me conforta muito. Saber que Deus já tinha convertido o coraçãozinho dela, que ela não devia nada pra ele, já tava pura quando morreu”. Já João disse: “Quando ela foi eu dei graças a Deus que ela não ficou aqui sofrendo”.

Este movimento foi reforçado pelos familiares, que com frequência tentaram compactuar com essa distorção de sentimentos expressos pelos participantes e reprimiram seu próprio sofrimento de modo a evitar que a vivência do adoecimento e da morte viessem à tona. Este funcionamento está em conformidade com a dinâmica da incongruência conceituada por Rogers (e.g. 1963) como distorção ou supressão de dados aspectos da experiência orgânica, de modo a proteger uma visão que se tem de si mesmo (*self ideal*).

Do ponto de vista cultural, é o mesmo movimento observado em estudos como os de Hisamatsu et al. (2020), em que a baixa expressividade emocional característica da cultura japonesa produziu experiências de solidão e isolamento entre parceiros à medida que um deles enfrentava a terminalidade e ambos evitavam expressar um para o outro seus sentimentos e pensamentos a esse respeito. Neste mesmo sentido, o estudo de Thomas (2021) explorou a experiência de sofrimento de mulheres da cultura *Botho/Ubuntu* da África do Sul, que foram ativamente rechaçadas a partir de crenças religiosas e tenderam a ser culpadas pela morte do parceiro pelos próprios familiares e pelos do parceiro. Essa falta de acolhimento e apoio social é a mesma observada no estudo de Thompson & Kim (2023), em que homens idosos que perderam suas parceiras por vezes só se sentiam à vontade para expressar seus sentimentos relacionados à perda nas interações com seus animais de estimação.

A necessidade de acreditar que o parceiro teve uma morte digna e a satisfação e serenidade advindos dessa percepção também estão de acordo com estudos como o de Näppä & Bjorkman-Randström (2020), que pesquisaram sobre como a percepção da dignidade em relação à morte dos parceiros pode operar como forma de intervenção terapêutica. Também estão de acordo com estudos como o de Villegas et al. (2022), em que os cuidados paliativos disponibilizados aos parceiros de pessoas mais velhas contribuíram para desfechos positivos em relação à saúde física e mental, após a perda.

Nem todos os participantes, entretanto, distorceram sua experiência no sentido de valorizar aspectos positivos do processo de morrer e da morte do parceiro. Exemplo disso é Gelsomina, que, vivendo dilemas de vida em seu contexto familiar, teve o sofrimento de seu luto reavivado. Outro exemplo a esse respeito foi o de Maria, que, 4 anos após a morte do parceiro, ainda expressava indignação e raiva a respeito das condições de seu falecimento. Ela disse: “E assim ele foi. Agora me fala: como que uma pessoa que torce o pé morre assim!?”; “Como que não pensaram nisso!? Como que mandaram ele urrando de dor de volta pra casa? Eu não aceito isso! Um homem tão bom...”. Mesmo nesse caso, para além do aspecto objetivo a respeito da condição médica do parceiro de Maria e da questão da adequação das condutas adotadas frente a seu quadro, psicologicamente, a crença de que sua morte poderia ter sido evitada ainda pode se estabelecer pela mesma dinâmica defensiva da supressão de aspectos negativos da própria experiência supracitada. Esta indignação, também expressa por participantes como Gelsomina e Jó, foi igualmente observada em estudos como o de Hisamatsu et al. (2020), em que a interrupção da quimioterapia paliativa dos parceiros foi vivida com indignação e frustração pelos participantes, que não se conformavam com a terminalidade dos parceiros.

Depois do falecimento de seus parceiros, de forma mais ou menos abrupta, considerada digna e natural em diversas medidas pelos participantes, vários deles sentiram falta de um apoio mais significativo da família e de amigos ao longo do tempo. Este aspecto reforça a diferença entre tempo cronológico e psicológico denotada por Edith Stein (Bello, 2015) à medida que, para os participantes, após meses ou até anos, a intensidade dos sentimentos ligados à perda por vezes permaneceu a mesma, enquanto, para os demais, tendeu a diminuir. A este respeito Maria disse: “É como se as pessoas tivessem esquecido, mas eu não esqueci”.

Neste sentido, a não aceitação, especialmente no decorrer dos meses, da expressão dos sentimentos dos participantes ligados à perda ou mesmo à memória do parceiro, como no caso

de Maria ou de Gelsomina, produziram experiências de profunda solidão, como falta de intimidade e validação de suas experiências por pessoas de referência (Rogers & Rosenberg, 1977). Frente a essa ausência, os participantes se sentiram tristes, isolados e, por vezes, ressentidos, como ilustram falas de Cláudia: “Não vêm para me ver. Só vêm para ver jogo do... [time da cidade]!”; “É aquela história: ‘Uma mãe cuida de dez filhos, mas às vezes dez filhos não cuidam de uma mãe...abandonam!’”. A esse respeito, Maria disse: “Antes eu tinha a loja com a minha filha, mas agora estou em casa e preciso achar alguma coisa pra fazer. Não tenho amigas, tenho colegas”. Sobre esse mesmo aspecto, Gelsomina disse: “nada contra ficar vendo televisão, mas é ruim quando é a única coisa que você tem pra fazer!”.

Analogamente ao observado por estudos como o de Näppä & Björkman-Randström (2020), em que os participantes consideraram a interrupção dos grupos de apoio ao luto precoce, para os participantes da presente pesquisa, o apoio familiar e comunitário inicial não foi considerado por eles suficiente para o processo de reconstrução de suas vidas. Neste sentido, participantes como Gelsomina e Cláudia, que desenvolveram doenças crônico-degenerativas comuns neste momento do envelhecimento (e.g. Baltes, 2006; Neri, 2006), provavelmente teriam se beneficiado do apoio oferecido a participantes como Riobaldo e João e do acolhimento comunitário recebido por Jó, que disse ter “tanto irmão!”, e por Dona Benjamin, que convive frequentemente com os netos e filhos que a veem como “matriarca”. Catarina disse: “Sozinha ninguém consegue. (...) Eu graças a Deus nunca abandonei. Sem o apoio todo que eu tive, não teria conseguido.”. Dona Benjamin, por sua vez, com sua mobilidade reduzida e baixa acuidade visual atual, talvez não gozasse da autonomia de que goza sem esses apoios.

A questão referente ao apoio necessário à pessoa enlutada reforça o caráter coletivo do processo de luto (Stroebe & Schut, 1999) e a importância do papel a ser desempenhado pela comunidade humana ao redor (Bello, 2015), no sentido de oferecer acolhimento e ajuda no processo de reconstrução da própria vida e no cuidado consigo mesmo. Adoecimentos e a

ausência de apoio familiar e comunitário podem fazer com que a ressignificação da relação Eu-Tu (Freitas, 2013) e a reconstrução da vida (Stroebe & Schut, 1999) sejam indefinidamente impedidas, como pode ter acontecido com as participantes Claudia e Gelsomina.

Analogamente, estudos com o de Davidow et al. (2021), que investigaram a eficácia de intervenções de diversas naturezas sobre desfechos em saúde física e mental de pessoas mais velhas que haviam perdido seus parceiros, evidenciaram a eficácia de grupos terapêuticos, da psicoterapia e até mesmo de visitas domiciliares para pessoas mais velhas que vivenciam a solidão. Estes achados também vão ao encontro da relevância destacada pelo estudo de Gibson et al. (2019) quanto ao apoio comunitário recebido por pessoas mais velhas que moravam em *hospices* [comunidade para idosos canadense] após a perda de seus parceiros que haviam desenvolvido demências.

Estes resultados reforçam o potencial do apoio intersubjetivo para a reconstrução da vida e de seu sentido por parte de pessoas idosas que perderam seus parceiros.

Terceiro campo: “Achei que era impossível, mas hoje sou feliz”

A possibilidade contida nessa frase de Dona Benjamin é a da reconstrução da própria vida e da ressignificação da relação Eu-Tu (Freitas, 2013) após a morte do parceiro: “Olha, eu achei que era impossível. Mas hoje eu sou feliz. Agora já faz 5 anos. Eu te contando assim eu já não choro. Mas até o terceiro ano eu ainda chorava”. Para participantes como Maria, essa realidade segue sendo apenas uma possibilidade: “As pessoas me perguntam se eu ainda penso nele. Todo dia! Quase o tempo todo! Eu não consigo aceitar isso. Eu acho que eu nunca vou aceitar! Pode até ser que eu aceite, que isso mude. Eu achei que nunca ia conseguir deixar minha cachorrinha ir dormir, mas eu consegui. Pode ser que isso mude, mas hoje pra mim não consigo aceitar”.

Assim, ainda que não para todos, para diversos participantes, com o tempo, novos sentidos de vida emergiram, de modo a proporcionar-lhes satisfação e entusiasmo em relação

à nova vida. João, a esse respeito, disse: “Hoje eu aceito. Ver ela doente, sem conseguir entender as coisas foi muito triste, mas ela morreu e eu agradei. Ela tá com Deus agora”; “É isso, Lucas, eu vivo bem. Pra mim viver bem é isso, viver feliz, viver em paz. Fazer meu esporte, fazer minhas coisinhas. Rezar, viver com Deus...”. Sobre esse mesmo tema, contando-me a respeito de suas viagens e rotinas com os netos e filhos Catarina disse: “É isso...como eu vivo? Bem. Vivo bem.”.

Apoio familiar e comunitário, crenças religiosas e segurança financeira foram aspectos citados pelos participantes como relevantes no processo de reconstrução de uma vida gratificante após perda do companheiro. Assim, o acolhimento de amigos e familiares que se aproximaram dos participantes e proporcionaram espaços de escuta e apoio emocional contribuíram para a elaboração de suas vivências, como observado no estudo de Thomas (2021), em que padrões, familiares e as *burial societies* [sociedades Sul-Africanas voltadas ao apoio a ritos fúnebres e aos enlutados] desempenharam um papel significativo. Esta contribuição também foi observada no estudo de Thompson & Kim (2023) em que a presença do animal de estimação e o senso de propósito ao cuidarem dele foi significativo para os homens mais velhos que haviam perdido suas parceiras. Especificamente, participantes como Dora e Dona Benjamin citaram a companhia representada pelos animais de estimação.

Desta forma, gradualmente, os participantes desenvolveram novas atividades de lazer e profissionais, aproximaram-se dos filhos e netos, desenvolveram novos laços de amizade, adquiriram animais de estimação e se vincularam a eles afetivamente, passando a conviver melhor com a presença-ausência do parceiro à medida que estabeleceram novos sentidos de vida para si mesmos. Conforme apontado por Freitas (2013), isto não significou a dissolução do luto enquanto ressignificação de uma dada relação Eu-Tu que mediava uma abertura ao mundo da vida, já que esse processo é permanente. Assim, se participantes como Catarina disseram que “vivem bem”, isto não implica o fim de ambivalências e de novos dilemas de

vida, como ilustram algumas de suas falas: “agora que estou aposentada não posso aceitar um simples convite para almoçar porque tenho que cuidar dos meus netos e dos meus pais”

Neste sentido, para participantes como João, conviver bem com essa presença-ausência é “seguir com a vida” cercado das recordações de sua falecida esposa enquanto conversa com Deus e frequenta aulas de dança, desenvolve projetos de mudança social e cultiva sua espiritualidade. Para outros, mesmo convivendo de forma mais ambivalente com a perda, como no caso de Maria, há como presentificar o parceiro: “Eu vivo sozinha com ele. Porque ele não tá aqui fisicamente, mas ele tá sempre comigo”. Para outros ainda, como Riobaldo, é sinônimo de se aproximar dos filhos e netos, seguindo desenvolvendo os trabalhos em sua comunidade que desenvolvia com esposa falecida, enquanto, para participantes como Jó, é resignar-se com o que pôde viver com a esposa e seguir atuando na igreja em que atuavam juntos.

Considerações Finais

Nesta pesquisa, reafirmamos a importância dos Encontros Dialógicos e da escrita de Narrativas Compreensivas e da Narrativa Síntese como estratégia metodológica (e.g. Cury, 2021): ao dialogarem com o pesquisador sobre as experiências vividas após a morte de seus parceiros, os participantes retomaram os significados simbolizados sobre a vida compartilhada com os que partiram e, ao fazê-lo, atualizaram o sentido dessa convivência, de seu término, assim como de suas próprias vidas antes, durante e depois do fim desta convivência, sem que estas narrativas tenham se fechado para cada um deles. Assim, os parceiros falecidos tiveram suas histórias de vida preservadas por meio dos que com eles conviveram intimamente por muitos anos. Já para os participantes, que atualizaram o sentido de suas vivências nos próprios Encontros Dialógicos, esse processo de atualização em primeira mão seguirá até que eles mesmos já não estejam vivos. Em segunda mão, as narrativas dos participantes serão rememoradas e revisitadas por aqueles que os conheceram e deles se lembrarem, inclusive por meio dos leitores desta pesquisa.

Estas histórias de vida, apreendidas em Narrativas Compreensivas, compuseram, em conjunto uma nova imagem, como na metáfora supracitada de Paul Valery, da sobreposição de finas camadas que formam um novo todo ao integrarem de forma fluida a Narrativa Síntese e os Campos Estruturantes organizadores da experiência vivida dos participantes. Esta imagem é a do luto vivido por pessoas idosas que perderam seus parceiros amorosos de longa convivência como um fenômeno multifacetado, fortemente influenciado pela cultura, contexto de socialização, valores geracionais, histórias e dinâmicas de relacionamento de casal e atravessado por possibilidades e desafios do desenvolvimento humano e pelas condições de saúde, financeiras e sociais das pessoas envolvidas.

Além disso, este fenômeno foi compreendido como um processo de reposicionamento existencial e ressignificação infindável de uma dada abertura para o mundo da vida, antes mediado por uma relação Eu-Tu em que um “Tu” deixa de estar presente fisicamente, como relatado em estudos fenomenológicos anteriores acerca do luto (Freitas, 2013). Foi compreendido, ainda, como um processo em que se deve aprender a conviver com a presença-ausência do parceiro, reconstruir a própria vida e oscilar entre momentos de restauração e enfrentamento (Stroebe & Schut, 1999) em busca de novos sentidos e propósitos de vida. Por outro lado, compreendeu-se que o processo de reconstrução de significados pessoais, especialmente em interface com as mudanças biopsicossociais ligadas ao envelhecimento (Baltes, 2006; Neri, 2006) e idiosincrasias de cada história de vida, pode ser indefinidamente impedido. Analogamente, constatou-se que, de formas tão distintas e plurais quanto forem as pessoas, é possível encontrar satisfação e novos sentidos de vida e viver de uma forma que se considere satisfatória e gratificante nesta fase do desenvolvimento, mesmo após a perda de um parceiro amoroso de longa convivência.

Ademais, a imagem resultante desta pesquisa é a de um processo coletivo em que a comunidade humana de que os enlutados fazem parte exerce papel definitivo. Amigos,

familiares, membros de grupos e de instituições frequentados pelas pessoas enlutadas e profissionais das diversas áreas com que têm contato desempenham papel central no apoio aos cuidados com sua saúde física, mental e social; da mesma forma, em relação a disponibilizarem Atenção Psicológica durante o processo de reconstrução da vida e na busca por novas formas de sentido e pertencimento. O caráter processual da vida e do viver dos participantes desta pesquisa segue em aberto como interpretação inesgotável de um fenômeno humano que como tal se transforma continuamente no mundo da vida. Espera-se que novos estudos na área de Psicologia possam trazer contribuições científicas relevantes para além dessas que emergiram de nossa pesquisa.

Neste sentido, destaca-se a relevância de novas pesquisas qualitativas empíricas de natureza exploratória e inspiração fenomenológica para compreender a experiência vivida de pessoas mais velhas que se envolveram novamente em relacionamentos românticos e/ou que tenham convivido com parceiros amorosos em relações não heteroafetivas. Em relacionamentos heteroafetivos ou não, novas pesquisas desta natureza também poderiam trazer novas contribuições, se realizadas com pessoas cujos parceiros tenham tido perdas cognitivas e mudanças comportamentais significativas nos anos anteriores à morte. Igualmente, destaca-se a relevância de pesquisas quantitativas longitudinais e transversais que explorem correlações e relações de causalidade a respeito de variáveis ligadas à dinâmica de relacionamento e às diversas modalidades de Atenção à saúde física e psicológica e desfechos em saúde física e mental de pessoas mais velhas que perderam seus parceiros. Parafraseando John Wood (1994/2020a, p. 242) sobre a proposta de Carl Rogers, espera-se que este projeto integre um esforço científico de aprofundamento do humano que valorize “não a verdade já conhecida ou formulada, mas (...) o processo pelo qual a verdade é vagamente percebida, testada e aproximada”.

Intencionamos que os resultados dessa pesquisa possam contribuir para o desenvolvimento de intervenções psicológicas em instituições da área da saúde e da assistência social condizentes com a crescente população de pessoas em processo de envelhecimento (IBGE, 2022a). Também, esperamos contribuir para o delineamento de políticas públicas mais sensíveis à experiência vivida de pessoas idosas que perderam seus parceiros amorosos de longa convivência. Que este trabalho possa motivar a ampliação do acesso e da garantia de direitos como os previstos no Estatuto da Pessoa Idosa (Brasil, 2003) e para a realização de objetivos de cooperação internacional como os relativos à Década do Envelhecimento Saudável da Organização Pan-Americana de Saúde (2021) e das Nações Unidas (United Nations, 2025a).

Encerramos esta pesquisa convidando os leitores a contribuírem dando sequência ao diálogo entre a experiência vivida e o conhecimento científico a respeito de um dado fenômeno. Nosso modo fenomenológico de pesquisar configura-se eticamente como uma proposta de abertura do saber acadêmico à sociedade por meio de informações relevantes a respeito das vivências da população idosa, não apenas para profissionais diretamente ligados a seu cuidado e pesquisadores, mas para as famílias e demais pessoas que com ela convivem. A sociedade como um todo precisa sensibilizar-se face às especificidades dessa população, que incluem vulnerabilidades e potencialidades, uma vez que este é segmento que vem se constituindo na atualidade como cada vez mais numeroso no Brasil (IBGE, 2022a) e no mundo (United Nations, 2024). Faz-se mister gerar uma comunidade humana cujas necessidades e sentimentos de seus membros sejam levados em conta em sua singularidade e assumidos como responsabilidade de todos (Bello, 2015).

Referências

- Amado, J. (2009). *Capitães da Areia*. Companhia de Bolso. Originalmente publicado em 1937.
- Anônimo (2023). *Livro das mil e uma noites* (M. Mustafa, Trad.). Data original de publicação desconhecida.
- Baltes, P. (2006). Facing our limits: Human dignity in the very old. *Daedalus*, 135(1), 32-39.
<https://www.jstor.org/stable/20013453>
- Bee, H., Boyd, D. (2011). *A criança em desenvolvimento* (12ª Ed.). Artmed.
- Bello, A. (2015). *Pessoa e Comunidade – Comentários: Psicologia e Ciências do Espírito de Edith Stein*. Artesã.
- Bello, A. (2017). Introdução à Fenomenologia (M. Mahfoud & S. Maximino, Eds.). Spes.
- Benigni, R. (Diretor) (1997). *La vitta è bella* [A vida é bela] [Filme]. Miramax: Hollywood Pictures.
- Benjamin, W. (1987). O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In W. Benjamin, *Magia e técnica, arte e política – Walter Benjamin, obras escolhidas* (3ª Ed., Vol. 1, pp. 197–221). Brasiliense. Originalmente publicado em 1936.
- Bowlby, E. (1998). *Loss – Sadness and Depression* (Attachment and Loss, Volume 3). Pimlico.
- Brasil. (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. *Diário Oficial da União*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
- Brasil. (2002). Lei Nº 10.406 de 2002. Institui o Código Civil. *Diário Oficial da União*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406compilada.htm
- Brasil. (2003). Lei Nº 10.741, de 1º de Outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências (Redação dada pela Lei nº 14.423, de 2022). *Diário Oficial da União*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm

- Brasil. (2014). Lei Nº13.005, de 25 de Junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. *Diário Oficial da União*.
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm
- Brisola, E., & Cury, V. (2016). Researcher experience as an instrument of investigation of a phenomenon: An example of heuristic research. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(1), 95–105. <https://doi.org/10.1590/1982-027520160001000010>
- Calache, J., Coutinho, T., Silva, J., Quintiliano, G. & Reis, R. (2022). Viuvez: modificações no autocuidado e na saúde entre pessoas idosas. *Enfermagem Brasil*, 21(1), 29–42.
<https://doi.org/10.33233/eb.v21i1.5002>
- Camões, L. (2013). *Rimas: primeira, segunda e terceira parte*. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. <https://www.cervantesvirtual.com/descargaPdf/rimas--primera-segunda-e-terceira-parte/>. Originalmente publicado em 1598.
- Canuto, L. & Oliveira, A. (2020). Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. *Psicologia Em Revista*, 26(1), 83–102.
- Ciampa, A. (1983). *Estória do Severino e História da Severina*. Brasiliense.
- Comte-Sponville, A. (2016). *Pequeno tratado das grandes virtudes* (3ª Ed.). WMF Martins Fontes.
- Cury, V. (2021). Intervenções psicológicas e processos intersubjetivos: pesquisas em psicologia clínica sob uma perspectiva Humanista e Fenomenológica. In E. Dutra & V. Cury (Eds.), *Pesquisas Fenomenológicas em Psicologia*. (pp. 93-109). CRV.
- Cury, V. (2024). A clínica-escola como propiciadora de interlocuções fenomenológicas: a formação de Psicólogos sob uma perspectiva centrada na pessoa. In A. Feijoo & L. Bloc (Orgs.), *A escuta em psicologia nos diversos espaços: diálogos inter e transdisciplinares* (pp. 125-150). Edições IFEN.

- Davidow, J., Zide, B., Levin, L., Biddle, K., Urizar, J. & Donovan, N. (2021). A Scoping of Interventions for Spousal Bereavement in Older Adults. *American Journal of Geriatric Psychiatry*, 30(3), 404–418. <https://doi.org/10.1016/j.jagp.2021.08.002>
- Dostoiévski, F. (2016). *Crime e castigo* (7ª Ed.). Editora 34. Originalmente publicado em 1866.
- Duffy, R., Blustein, D., Diemer, M., & Autin, K. (2016). The Psychology of Working Theory. *Journal of Counseling Psychology*, 63(2), 127–148. <https://doi.org/10.1037/cou0000140>
- Dumas, A. (2020). *O Conde de Monte Cristo* (3ª Ed.). Zahar. Originalmente publicado em 1846.
- Fadda, G. (2020). *A experiência vivida por pessoas diagnosticadas como autistas a partir de encontros Dialógicos* [Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas]. Repositório Institucional PUC-Campinas. <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/15743>
- Fadda, G. & Cury, V. (2021). O Fenômeno da Intersubjetividade na Relação Psicoterapêutica. *Subjetividades*, 21(Esp.1). <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v21iesp1.e9445>
- Fellini, F. (Diretor) (1954). *La strada* [A estrada] [Filme]. Paramount Pictures.
- Fitzgerald, F. (Diretor) (1922). *The Curious Case of Benjamin Button* [O Curioso Caso de Benjamin Button] [Filme]. Zenith Horizon Publishing.
- Flick, U. (2009). *Desenho de pesquisa qualitativa*. Artmed.
- Flick, U. (2014). *The Sage handbook of qualitative research*. SAGE.
- Folha de São Paulo (2022). *A história da novela “Pantanal”*. Folha de São Paulo. <https://www1.folha.uol.com.br/webstories/cultura/2022/01/a-historia-da-novela-pantanal/>
- Foster, B. (2019). *The Epic of Gilgamesh – A Norton Critical Edition* (2nd ed.). W.W. Norton & Company.

- Frankl, V. (1991). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração* (60ª Ed.). Vozes. Originalmente publicado em 1946.
- Freitas, J. (2013). Luto e Fenomenologia, uma proposta compreensiva. *Revista da Abordagem Gestáltica – Phenomenological Studies*, 19(1), 97-105.
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180968672013000100013
- Freitas, J. (2024). A Fenomenologia Crítica como uma Epistemologia para uma Escuta Localizada em especializada em Psicologia In A. Feijoo & L. Bloc (Orgs.), *A escuta em psicologia nos diversos espaços: diálogos inter e transdisciplinares* (pp. 35-55). Edições IFEN.
- Freud., S. (2010). Luto e melancolia. In S. Freud. *Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos (1914-1916²³)* (Vol. 12). Companhia das Letras. Originalmente publicado em 1917.
- Gibson, K., Peacock, S., & Bayly, M. (2019). Qualitative exploration of emotional and social changes from diagnosis to bereavement for spousal caregivers of persons with dementia. *British Medical Journal Open*, 9(9). <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2019-031423>
- Goethe, J. (2011). *As Afinidades Eletivas* (4ª Ed.). Nova Alexandria. Originalmente publicado em 1809.
- Goffman, I. (1981). *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada* (4ª Ed.). LTC.

²³ A data de escrita dos textos de Freud, nesta coletânea, nem sempre coincide com a data de sua publicação. É o caso deste texto referido, publicado em 1917, mas escrito em 1915.

- Gomes, A. (2005). Uma ciência do psiquismo é possível? A psicologia empírica de Kant e a possibilidade de uma ciência do psiquismo. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, 17(1), 103-111. <https://doi.org/10.1590/S0104-80232005000100008>
- Gorz, A. (2018). *Carta a D. – Uma história de amor*. Companhia das Letras. Originalmente publicado em 2008.
- Hisamatsu, M., Shinchu, H., & Tsutsumi, Y. (2020). Experiences of spouses of patients with cancer from the notification of palliative chemotherapy discontinuation to bereavement: A qualitative study. *European Journal of Oncology Nursing*, 45. <https://doi.org/10.1016/j.ejon.2020.101721>
- Hout, E., Peters, S., Jansen, L., Rober, P., & Akker, M. (2020). An exploration of spousal caregivers' well-being after the death of their partners who were older cancer patients – A phenomenological approach. *European Journal of Oncology Nursing*, 47. <https://doi.org/10.1016/j.ejon.2020.101779>
- Huxley, A. (2022). *Brave new world*. Colossal Publications. Originalmente publicado em 1932.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021). *Hierarquia urbana: níveis de articulação dos centros urbanos brasileiros*. <https://tinyurl.com/y4y987e8>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022a, 27 de outubro). *Censo 2022: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos*. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/22827-censo-demografico-2022.html>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022b). *Em pesquisa inédita do IBGE, 2,9 milhões de adultos se declararam homossexuais ou bissexuais em 2019*. <https://tinyurl.com/9afkxkw5>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2025). *Cidades e Estados do Brasil*. <https://cidades.ibge.gov.br/>

- Ipsos (2024). *LGBT+ 2024 – A 26-Country Ipsos Global Advisor Survey*.
<https://tinyurl.com/5ceammnf>
- Jacó-Vilela, A., Ferreira, A. & Portugal, F. (2005). *História da Psicologia – Rumos e percursos*.
 NAU.
- Kierkegaard, S. Journals and papers (2016). In S. Ratcliffe (Ed.), *Oxford essential quotations*
 (4th Ed.). Oxford University Press. Originalmente publicado em 1843.
- King James Bible (2017). *King James Bible Online* (Old Testament, Job). Originalmente
 publicado em 1769.
- Kübler-Ross, E. (1996). *Sobre a morte e o morrer* (7ª Ed.). Martins Fontes. Originalmente
 publicado em 1969.
- Luft, S. (2007). From Being to Givenness and Back: Some Remarks on the Meaning of
 Transcendental Idealism in Kant and Husserl. *International Journal of Philosophical
 Studies*, 15(3), 367–394. <https://doi.org/10.1080/09672550701445258>
- Mahfoud, M. (Org.), Drummond, D., Brandão, J., Wood, J., Rosenthal, R., Silva, R., Cury, V.,
 Cautella Junior, W. (2012). *Plantão Psicológico: novos horizontes*. Companhia
 Ilimitada. 'UNI
- Mann, T. (2016). *A montanha mágica*. Companhia das Letras. Originalmente publicado em
 1924.
- May, R. (1982). The Problem of Evil. *Journal of Humanistic Psychology*, 22(3), 10–21.
<https://doi.org/10.1177/0022167882223003>
- Mendes, K., Silveira, R. & Galvão, C. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a
 incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto –
 Enfermagem*, 17(4), 758–764. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>
- Moreira, D. (2002). *O método fenomenológico na pesquisa*. Thomson Pioneira.

- Morgan, T., Bharmal, A., Duschinsky, R., & Barclay, S. (2020). Experiences of oldest-old caregivers whose partner is approaching end-of-life: A mixed-method systematic review and narrative synthesis. *PLoS ONE*, 15(6): e0232401. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0232401>
- Moustakas, C. (1994). *Phenomenological Research methods*. Sage.
- Näppä, U., & Björkman-Randström, K. (2020). Experiences of participation in bereavement groups from significant others' perspectives; A qualitative study. *BPMC Palliative Care*, 19(1). <https://doi.org/10.1186/s12904-020-00632-y>
- Negreiros, A. (2018). *Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço*. Objetiva.
- Neri, A. (2006). O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. *Temas Em Psicologia*, 14(1), 17–34. <https://tinyurl.com/43eh6h8y>
- Oliveira, A., Fadda, G., Bezerra, M. & Cury, V. (2019). O Gesto Fenomenológico em Husserl: implicações para a pesquisa e a clínica psicológicas. In A. Feijoo & M. Lessa (Orgs.) *O gesto fenomenológico – corpo, afeto e discurso na clínica*. Edições IFEN.
- Onrust, S. & Cuijpers, P. (2006). Mood and anxiety disorders in widowhood: A systematic review. *Ageing and Mental Health*, 10(4), 327-334. <https://doi.org/10.1080/13607860600638529>
- Organização Pan-Americana de Saúde (2021). *Década do Envelhecimento Saudável nas Américas (2021-2030)*. www.paho.org/pt/decada-do-envelhecimento-saudavel-nas-americas-2021-2030
- Oswald, T., Nguyen, M., Mirza, L., Lund, C., Jones, H., Crowley, G., Aslanyan, D., Dean, K., Schofield, P., Hotopf, M., & Das-Munshi, J. (2024). Interventions targeting social determinants of mental disorders and the Sustainable Development Goals: a systematic review of reviews. *Psychological Medicine*, 54(8), 1475–1499. <https://doi.org/10.1017/S0033291724000333>

Ovid [Ovídio], N. (2011). *Metamorphoses* (Ian Johnston, Trans.). Vancouver Island University.

Originalmente publicado em 8 A.C..

Page, M., McKenzie, J., Bossuyt, P., Boutron, I., Hoffmann, T., Mulrow, C., Shamseer, L., Tetzlaff, J., Akl, E., Brennan, S., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J., Hróbjartsson, A., Lalu, M., Li, T., Loder, E., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ*, 372(71). <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>

Papalia, E., & Martorell, G. (2021). *Experience human development* (14th ed.). McGraw-Hill.

Purrington, J. (2023). Psychological Adjustment to Spousal Bereavement in Older Adults: A Systematic Review. *OMEGA – Journal of Death and Dying*, 88(1), 95-120. <https://doi.org/10.1177/00302228211043702>

Ranieri, N. (2015). *Teoria do estado – do Estado de direito ao Estado democrático de direito*. Manole.

Reis, M., Souza, D., & Carlos, V. (2023). Entre lutos e lutas: vivências emocionais do idoso na clínica psicanalítica. *Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento*, 28. <https://doi.org/10.22456/2316-2171.128301>

Rockenbach, I., Felix, V. & Silva, S. (2025). Empatia Fenomenológica por Edith Stein e Atitude Empática por Carl Rogers: um diálogo possível?. *Ágora filosófica*, 25(3), 178-202. <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2025.v25n3.p178-202>

Rogers, C. R. (1946). Significant aspects of client-centered therapy. *American Psychologist*, 1(10), 415–422. <https://doi.org/10.1037/h0060866>

Rogers, C. (1947). Some observations on the organization of personality. *American Psychologist*, 2(9), 358–368. <https://doi.org/10.1037/h0060883>

Rogers, C. (1954). Toward a theory of creativity. *Etc*, 11(4).

- Rogers, C. (1955). Persons or science? A philosophical question. *American Psychologist*, 10(7), 267–278. <https://doi.org/10.1037/h0040999>
- Rogers, C. (1957a). The necessary and sufficient conditions of therapeutic personality change. *Journal of Consulting Psychology*, 21(2), 95–103. <https://doi.org/10.1037/h0045357>
- Rogers, C. (1957b). A note on “the nature of man”. *Journal of Counseling Psychology*, 4(3), 199-203. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/h0048308>
- Rogers, C. (1961a). The characteristics of a helping relationship. In C. Rogers, *On becoming a person – A therapist’s view of psychotherapy* (pp.39-59). Houghton Mifflin Company.
- Rogers, C. (1961b). The process equation of psychotherapy. *American Journal of Psychotherapy*, 15, 27-45. <https://doi.org/10.1176/appi.psychotherapy.1961.15.1.27>
- Rogers, C. (1963). The concept of the fully functioning person. *Psychotherapy: Theory, Research & Practice*, 1(1), 17-26. <https://doi.org/10.1037/h0088567>
- Rogers, C. (1974). In retrospect forty-six years. *American Psychologist*, 29(2), 115-123. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/h0035840>
- Rogers, C. (1982). Reply to Rollo May’s Letter to Carl Rogers. *Journal of Humanistic Psychology*, 22(4), 85-89. <https://doi.org/10.1177/002216788202200407>
- Rogers, C. (2020). As condições necessárias e suficientes para a mudança terapêutica na personalidade. In J. Wood, J. Doxsey, L. Assumpção, M. Tassinari, M. Japur, M. Serra, R. Rosenthal, S. Loureiro & V. Cury (Orgs.) *Abordagem Centrada na Pessoa* (6ª Ed., pp. 146). Companhia Ilimitada. Originalmente publicado em 1957.
- Rogers, C. & Rosenberg, R. (1977). Capítulo IV – Ellen West e a solidão. In C. Rogers & R. Rosenberg. *A pessoa como centro*. Editora Pedagógica Universitária.
- Roque, P. (2024). *A experiência vivida de mulheres sobre abuso sexual na infância ou adolescência* [Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas].

- Repositório Institucional PUC-Campinas. <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/17525>
- Roque, P., Andrade, E. & Brisola, B. (2024). Abuso sexual na infância e a teoria da personalidade de Carl Rogers. *RNUFEN*, 16, 23-37, e245201. <https://doi.org/10.26823/rnufen.v16i01.24520s>
- Rosa, G. (2019). *Grande sertão: veredas* (22ª Ed.). Companhia das Letras. Originalmente publicado em 1956.
- Schaan, B. (2013). Widowhood and Depression Among Older Europeans – The Role of Gender, Caregiving, Marital Quality, and Regional Context. *The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 68(3), 431–442. <https://doi.org/10.1093/geronb/gbt015>
- Schultz, D., & Schultz, E. (2015). *History of modern Psychology* (11th ed.). Cengage Learning.
- Shakespeare, W. (2025). *The tragedy of Hamlet, prince of Denmark*. Folger Shakespeare Library. <https://www.folger.edu/explore/shakespeares-works/hamlet/>. Originalmente publicado em 1623.
- Silva, M. & Ferreira-Alves, J. (2012). O luto em adultos idosos: natureza do desafio individual e das variáveis contextuais em diferentes modelos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(3), 588–595. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000300019>
- Silva, G. (2025). *A delícia de ser quem se é* [Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas]. Repositório Institucional PUC-Campinas. https://repositorio.sis.puccampinas.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/18068/cv_ppgpsico_tese_silva_gra.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Singham, T., Bell, G., Saunders, R. & Stott, J. (2021). Widowhood and cognitive decline in adults aged 50 and over: A systematic review and meta-analysis. *Ageing Research Reviews*, 71. <https://doi.org/10.1016/j.arr.2021.101461>

- Souza, M.; Silva, M. & Carvalho, R. (2010). Revisão Integrativa: o que é e como fazer? *Einstein*, 8 (1), 102-106. <https://dx.doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>
- Stroebe, M., & Schut, H. (1999). The dual process model of coping with beareavement: rationale and description. *Death Studies*, 23(3), 197–224. <https://doi.org/10.1080/074811899201046>
- Stroebe, M., Schut, H. & Stroebe, W. (2007). Health outcomes of bereavement. *Lancet*, 370 (9603), 1960-1973. [https://doi.org/10.1016/s0140-6736\(07\)61816-9](https://doi.org/10.1016/s0140-6736(07)61816-9)
- Suy, A. (2022). *A gente mira no amor e acerta na solidão*. Paidós.
- Szymanski, H. & Cury, V. (2004). A pesquisa intervenção em psicologia da educação e clínica: pesquisa e prática psicológica. *Estudos de Psicologia*, 9 (2), 355-464. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000200018>
- Takaki, N. (2023). *A atitude de empatia revisitada na relação de médicos residentes com seus pacientes: um estudo psicológico* [Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas]. Repositório Institucional PUC-Campinas. <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/17044>
- Thomas, T. (2021). Social Support Experiences of Spousally Bereaved Individuals in a South African Township Community: The Botho/Ubuntu Perspective. *Frontiers in Psychology*, 12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.604987>
- Thompson, M. & Kim, A. (2023). Understanding the Experiences of Elderly Bereaved Men and the Bond With Their Pets. *Omega – Journal of Death and Dying*, 0(0), 1-21. <http://dx.doi.org/10.1177/00302228211004820>
- Tourinho, C. (2011). A ampliação da auto-reflexão da consciência: Kant e sua influência sobre a fenomenologia transcendental de Edmund Husserl. *Princípios*, 18(30), 199-210. <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/1721>

- Turatti, B. (2012). Implicações da viuvez na saúde: uma abordagem fenomenológica em Merleau-Ponty. *Saúde e Transformação Social*, 3(8), 31-38.
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217870852012000100006
- United Nations. (2024). *World Population prospects*. <http://population.un.org/wpp/>
- United Nations. (2025a). *UN Decade of Healthy ageing*.
<https://www.decadeofhealthyageing.org/>
- United Nations. (2025b). *Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development*. <https://sdgs.un.org/2030agenda>
- Velsen, L., Schokking, L., Siderakis, E., Knospe, G., Brandl, L., Mooser, B., Madörin, S., Jacinto, S., Gouveia, A., & Brodbeck, J. (2024). Development of an online service for coping with spousal loss by means of human-centered and stakeholder-inclusive design: the case of LEAVES. *Death Studies*, 48(2), 187–196.
<https://doi.org/10.1080/07481187.2023.2203680>
- Villegas, V., Imagava, A., Roussenq. & Ferraz, N. (2022). Idosos em cuidados paliativos. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, 17(44), 2947.
[https://doi.org/10.5712/rbmfc17\(44\)2947](https://doi.org/10.5712/rbmfc17(44)2947)
- Wolf, G. (2023). *A experiência vivida por médicos cirurgiões: um estudo psicológico* [Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas]. Repositório Institucional PUC-Campinas. <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/17043>
- Wood, J. (2020a). Da Abordagem Centrada na Pessoa à Terapia Centrada no Cliente, uma retrospectiva de 60 anos. In J. Wood, J. Doxsey, L. Assumpção, M. Tassinari, M. Japur, M. Serra, R. Rosenthal, S. Loureiro & V. Cury (Orgs.) *Abordagem Centrada na Pessoa* (6ª Ed., p. 242). Companhia Ilimitada. Originalmente publicado em 1994.

- Wood, J. (2020b). Prólogo. In J. Wood, J. Doxsey, L. Assumpção, M. Tassinari, M. Japur, M. Serra, R. Rosenthal, S. Loureiro & V. Cury (Orgs.) *Abordagem Centrada na Pessoa* (6ª Ed., pp. 11-12). Companhia Ilimitada. Originalmente publicado em 1994.
- Worden, J. (2013). *Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto – Um manual para profissionais da Saúde Mental* (4ª Ed.). Roca.
- Yalom, I. (1980). *Existential Psychotherapy*. Harper Collins.

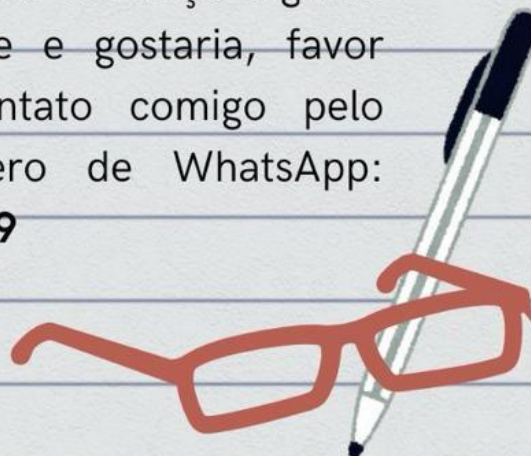
Apêndice A – Convite da Pesquisa

Olá, pessoal!

Meu nome é Lucas Silva Suniga. Sou psicólogo formado pela PUC-Campinas e estou desenvolvendo uma pesquisa de mestrado a respeito de pessoas idosas que perderam seus(suas) parceiros(as) amorosos(as). Gostaria de conversar com pessoas que queiram compartilhar sua experiência e que...

- Tenham mais de 60 anos
- Tenham um(a) parceiro(a) que faleceu
- Tenham vivido com o(a) parceiro(a) por pelo menos 20 anos

Caso você seja uma pessoa que se encaixa nessa descrição e gostaria de participar, ou conheça alguém que se encaixe e gostaria, favor entrar em contato comigo pelo seguinte número de WhatsApp:
(19) 994047549



Apêndice B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado “A experiência vivida de idosos do luto por parceiros amorosos de longa convivência”, de responsabilidade do pesquisador Lucas Silva Suniga, mestrando do programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), com o objetivo de compreender a experiência vivida de idosos(as) que perderam seus(suas) parceiros(as) amorosos. Os participantes serão pessoas com 60 anos ou mais que conviveram por pelo menos 20 anos com parceiros que morreram.

Sua participação nesse estudo é voluntária, e se dará a partir de um Encontro Dialógico individual com o pesquisador responsável e do preenchimento de um Questionário Sociodemográfico. Os encontros terão duração média de 1 hora. Não haverá gravações de áudio e/ou vídeo durante o encontro. Seus dados pessoais de identificação serão mantidos em sigilo e os resultados obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho, exposto acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada.

A participação nessa pesquisa não lhe trará qualquer prejuízo ou benefício financeiro ou profissional e, se desejar, a sua exclusão da pesquisa poderá ser solicitada, em qualquer momento até a publicação dos dados. Os riscos em participar da pesquisa são mínimos e, caso sinta desconforto emocional, o pesquisador responsável indicará profissionais e serviços adequados para procurar cuidados psicológicos. Os benefícios potenciais são refletir sobre suas experiências e atribuir novos significados a elas.

Caberá ao pesquisador manter em arquivo, sob sua guarda, por cinco anos, os dados da pesquisa, contendo fichas individuais e todos os demais documentos. Após este período, os dados serão descartados.

O projeto em questão foi analisado e aprovado pelo **Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade da PUC-Campinas**, telefone de contato (19) 3343-6777, e-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, endereço Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516, Parque Rural Fazenda Santa Cândida – CEP 13087-571 - Campinas – SP, horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h às 12h e das 13h às 17h, que poderá ser contatado para quaisquer esclarecimentos quanto à avaliação de caráter ético do projeto. Caso tenha outras dúvidas, favor entrar em contato com o pesquisador responsável Lucas Silva Suniga, telefone de contato (19)994047549, e-mail: lucasuniga@gmail.com.

Caso concorde em dar o seu consentimento livre e esclarecido para participar do projeto de pesquisa supracitado, assine o seu nome abaixo.

Atenciosamente,

Lucas Silva Suniga

CRP: 06/205656

Estou esclarecido(a) e dou consentimento para que as informações por mim prestadas sejam usadas nesta pesquisa. Também, estou ciente de que receberei uma via integral deste Termo.

Nome/assinatura do(a) participante da pesquisa:

Data:

Apêndice C - TERMO DE CONSENTIMENTO PARA TRATAMENTO DE DADOS PESSOAIS

TITULAR:

Este documento visa registrar a manifestação livre, informada e inequívoca pela qual o(a) Titular concorda com o tratamento de seus dados pessoais para finalidade específica, em conformidade com a Lei nº 13.709 – Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD).

Ao declarar que concorda com o presente termo, o(a) Titular consente que a ***SOCIEDADE CAMPINEIRA DE EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO (SCEI)***, Mantenedora da ***PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS (PUC-Campinas)***, sediada à Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, nº 1.516, Parque Rural Fazenda Santa Cândida, CEP 13087-571, Campinas/SP, inscrita no CNPJ sob o nº 46.020.301/0001-88, doravante denominada Controladora, tome decisões referentes ao tratamento de seus dados pessoais, bem como realize o tratamento de seus dados pessoais, envolvendo operações como as que se referem à coleta, produção, recepção, classificação, utilização, acesso, reprodução, transmissão, distribuição, processamento, arquivamento, armazenamento, eliminação, avaliação ou controle da informação, modificação, comunicação, transferência, difusão ou extração deles.

Dados Pessoais

A Controladora fica autorizada a tomar decisões referentes ao tratamento e a realizar o tratamento dos seguintes dados pessoais do(a) Titular:

- Nome completo
- Data de nascimento
- Idade
- Nacionalidade
- Gênero
- Renda

Finalidades do Tratamento dos Dados

O tratamento dos dados pessoais listados neste termo tem a finalidade de:

- possibilitar que a Controladora utilize tais dados em Pesquisas Acadêmicas e de Mercado;
- possibilitar que a Controladora preste contas aos órgãos governamentais e/ou judiciais responsáveis por fiscalizar as Pesquisas Acadêmicas;
- possibilitar que a Controladora utilize tais dados na elaboração de relatórios e emissão de Pesquisa Acadêmica.

Compartilhamento de Dados

A Controladora fica autorizada a compartilhar os dados pessoais do(a) Titular com outros agentes de tratamento de dados, caso seja necessário para as finalidades listadas neste termo, observados os princípios e as garantias estabelecidas pela Lei nº 13.709/18.

Segurança dos Dados

A Controladora responsabiliza-se pela manutenção de medidas de segurança, técnicas e administrativas aptas a proteger os dados pessoais de acessos não autorizados e de situações acidentais ou ilícitas de destruição, perda, alteração, comunicação ou qualquer forma de tratamento inadequado ou ilícito.

Em conformidade com o art. 48 da Lei nº 13.709, a Controladora comunicará ao(à) Titular e à Autoridade Nacional de Proteção de Dados (ANPD) a ocorrência de incidente de segurança, que possa acarretar risco ou dano relevante ao(à) Titular.

Término do Tratamento dos Dados

A Controladora poderá manter e tratar os dados pessoais do(a) Titular durante todo o período em que estes forem pertinentes ao alcance das finalidades listadas neste termo. Dados pessoais anonimizados, sem possibilidade de associação ao indivíduo, poderão ser mantidos por período indefinido.

O(A) Titular poderá solicitar via e-mail (dpo@puc-campinas.edu.br) ou correspondência à Controladora, a qualquer momento, que sejam eliminados os dados pessoais não anonimizados do(a) Titular.

O(A) Titular ficará ciente de que, com a eliminação de seus dados pessoais, ficará excluído da Pesquisa Acadêmica.

Direitos do(a) Titular

O(A) Titular tem o direito de obter da Controladora, em relação aos dados por ela ele tratados, a qualquer momento e mediante requisição:

1. confirmação da existência de tratamento;
2. acesso aos dados;
3. correção de dados incompletos, inexatos ou desatualizados;
4. anonimização, bloqueio ou eliminação de dados desnecessários, excessivos ou tratados em desconformidade com o disposto na Lei nº 13.709/18;
5. portabilidade dos dados a outro fornecedor de serviço ou produto, mediante requisição expressa e observados os segredos comercial e industrial, de acordo com a regulamentação do órgão controlador;
6. portabilidade dos dados a outro fornecedor de serviço ou produto, mediante requisição expressa, de acordo com a regulamentação da autoridade nacional, observados os segredos comercial e industrial;
7. eliminação dos dados pessoais tratados com o consentimento do(a) Titular, para as seguintes finalidades: (i) cumprimento de obrigação legal ou regulatória pela Controladora; (ii) estudo por órgão de pesquisa, garantida, sempre que possível, a anonimização dos dados pessoais; (iii) transferência a terceiro, desde que respeitados os requisitos de tratamento de dados dispostos nesta Lei; ou (iv) uso exclusivo da Controladora, vedado seu acesso a terceiro,

e desde que anonimizados os dados, excetuada a hipótese do inciso VII do artigo 18 da Lei nº 13.709/18, com relação à informação das entidades públicas e privadas, com as quais a Controladora realizou uso compartilhado de dados;

8. informação sobre a possibilidade de não fornecer consentimento e sobre as consequências da negativa;

9. revogação do consentimento, nos termos do § 5º do art. 8º da Lei nº 13.709/18.

Direito de Revogação do Consentimento

Este consentimento poderá ser revogado pelo(a) Titular, a qualquer momento, mediante solicitação via e-mail dpo@puc-campinas.edu.br para a Controladora.

Por ser esta a expressão da verdade, firma o presente em **duas vias** de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo identificadas, para que produza seus efeitos jurídicos e legais.

Campinas, ____ de _____ de 20__.

TITULAR

Testemunhas:

1) _____

Nome:

CPF:

2) _____

Nome:

CPF

Apêndice D – Questionário Sociodemográfico

Nome:

Data de nascimento:

Local de nascimento:

Gênero:

Estado civil:

Profissão/ocupação:

Nível de escolaridade:

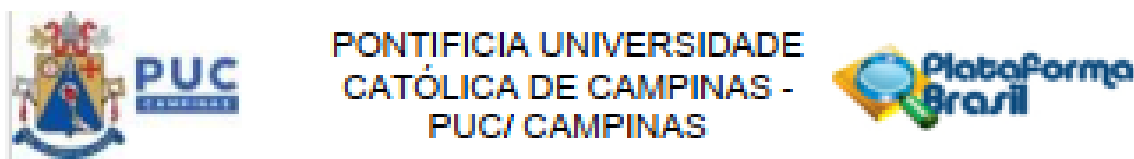
Renda média mensal:

Tem filhos? Se sim, quantos?

Tempo de convívio com o(a) parceiro(a):

Tempo desde a morte do parceiro(a):

Apêndice E - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A experiência vivida por idosos do luto por parceiros amorosos de longa convivência

Pesquisador: LUCAS SILVA SUNIGA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 85212624.9.0000.5481

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC/ CAMPINAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.309.035

Apresentação do Projeto:

Sensível à compreensão sobre os mecanismos, cursos, manifestações particulares e vivências do processo de envelhecimento, a pesquisa busca compreender a experiência vivida por idosos do luto por seus(suas) parceiros(as) amorosos.

Fundamentada na Fenomenologia Clássica de Edmund Husserl e no conceito de experiência vivida/vivência, propõe o desempenho de um estudo qualitativo empírico transversal de natureza exploratória por meio de Revisão Integrativa sobre a questão.

Para tanto, quer realizar 10 encontros dialógicos com pessoas com mais de 65 anos cujos parceiros morreram há pelo menos 6 meses, e cuja convivência se deu por ao menos 20 anos. A pergunta norteadora será a seguinte: ¿Como tem sido para você viver depois da morte do seu(sua) parceiro(a).

Tal pesquisa de campo estará referenciada na Abordagem Centrada na Pessoa, de Carl Rogers, e na ideia de Intersubjetividade desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa: Atenção psicológica clínica em Instituições: prevenção e intervenção (CNPq).

O material produzido a partir dos encontros corresponderá a narrativas compreensivas que transmitam os sentimentos, impressões e pensamentos do participante como empaticamente vividos pelo pesquisador, além de uma narrativa síntese visando identificar os elementos constituintes do fenômeno e sua estrutura essencial enquanto experiência humana universal (vivência) a partir de experiências singulares e contextualizadas.

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, nº 1516 - Bloco D

Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571

UF: SP **Município:** CAMPINAS

Telefone: (19)3243-6777

E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE CAMPINAS -
PUC/ CAMPINAS



Continuação do Parecer: 7.209.005

Os resultados esperados implicarão no aprofundamento do conhecimento científico a respeito do luto de idosos por seus parceiros amorosos, possibilitando o desenvolvimento de políticas públicas e intervenções em saúde mental mais sensíveis às vivências e adequadas às experiências singulares e heterogêneas dessa crescente população.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO PRIMÁRIO:

Contribuir para a compreensão da experiência de luto vivida por idosos, por seus(suas) parceiros(as) amorosos de longa convivência.

OBJETIVOS SECUNDÁRIOS:

Contribuir para:

1. o aprofundamento do conhecimento científico do luto vivido por pessoas idosas que perderam seus(suas) parceiros(as) amorosos;
2. o delineamento de políticas públicas e intervenções em saúde mental mais efetivas e sensíveis a vivência dessa população;
3. aprofundar a compreensão científica a respeito do luto, do luto por parceiros amorosos e do luto em Interface com o envelhecimento de forma mais ampla.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS:

Por se tratar de um tema sensível, ainda que pelo menos seis meses após a morte de seus(suas) parceiros(as) é possível que durante e depois dos encontros dialógicos, os participantes revivam o sofrimento envolvendo a perda e se fragilizem emocionalmente. Além disso é possível que, ao atualizarem o sentido da perda, os participantes se deparem com sentimentos e significados angustiantes.

BENEFÍCIOS:

A natureza intersubjetiva (Fadda & Cury, 2021) dos encontros dialógicos tende a produzir mudanças no participante e no pesquisador que os constituem como uma intervenção psicológica com possíveis efeitos terapêuticos (Szymanski & Cury, 2004). Especificamente, ao atualizarem o sentido da perda com a facilitação do ambiente relacional proporcionado pelo pesquisador (Rogers, 1957) é possível que os participantes integrem aspectos de sua experiência de que não tinham consciência, ganhando em clareza a respeito de si mesmos e do sentido atribuído a suas experiências. Especificamente, é possível que os participantes, ao

Endereço: Rua Professor Doutor Eurýclides de Jesus Zerbini, nº 1516 - Bloco D

Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida CEP: 13.082-571

UF: SP Município: CAMPINAS

Telefone: (19)3243-6777

E-mail: comitedetica@puc-campinas.edu.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE CAMPINAS -
PUC/ CAMPINAS



Continuação do Parecer: 7.309.035

entrarem em contato com aspectos de suas experiências dos quais se defendiam e os vivenciarem nos encontros (e a partir deles ao longo do tempo), liberem tensões e se tornem mais sensíveis a novas experiências de sua vida atual a partir da simbolização de experiências passadas até então não simbolizadas (ou simbolizadas parcial ou distorcidamente) e da vivência de sentimentos ligados a elas até então não vivenciados.

Finalmente, espera-se que esta pesquisa possa contribuir para o aprofundamento do conhecimento científico a respeito do luto vivido por pessoas idosas que perderam seus(suas) parceiros(as) amorosos. A partir disso, espera-se que possa contribuir para o delineamento de políticas públicas e intervenções em saúde mental mais efetivas e sensíveis à vivência dessa população. Potencialmente, é possível, ainda, que esta pesquisa contribua para aprofundar a compreensão científica a respeito do luto, do luto por parceiros amorosos e do luto em Interface com o envelhecimento de forma mais ampla.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto em tela explicita pesquisa pertinente à área à qual se vincula.

Demonstra-se, nele, apropriação de larga bibliografia sobre a temática, inclusive de literatura atualizada.

Fundamentada na fenomenologia e referenciada no método de Carl Rogers - Abordagem Centrada na Pessoa -, o proponente pretende produzir, a partir da pesquisa de campo, 1) narrativas compreensivas que transmitam os sentimentos, impressões e pensamentos do participante como empaticamente vividos pelo pesquisador; e 2) uma narrativa síntese visando identificar os elementos constituintes do fenômeno e sua estrutura essencial enquanto experiência humana universal (vivência) a partir de experiências singulares e contextualizadas;.

A problematização (expressa na pergunta mobilizadora da pesquisa de campo), bem como os objetivos gerais e específicos estabelecidos, inspiram contribuição para os estudos da área. As medidas protetivas previstas no plano de trabalho são adequadas e estão previstas as garantias apropriadas à preservação dos direitos fundamentais das pessoas a serem entrevistadas.

Em custos e recursos, atendendo à solicitação feita no parecer anterior, preveem-se gastos como com deslocamento das pessoas que participarão das entrevistas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto observa os protocolos da pesquisa em Ciências Humanas. Apresentam-se os documentos indicados e sua redação é adequada. A não previsão de gravações na pesquisa de

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zarbin, nº 1516 - Bloco D
Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida CEP: 13.082-571
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3243-6777

E-mail: comitedetica@puc-campinas.edu.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE CAMPINAS -
PUC/ CAMPINAS



Continuação do Parecer: 7.309.005

campo sugere dispensa do termo de autorização de uso de Imagem e voz, documento que não se apresenta na solicitação em tela.

O TGE, redigido em linguagem adequada ao nível sócio-cultural dos participantes de pesquisa, descreve suficientemente os procedimentos de pesquisa a serem aplicados, identifica os riscos e desconfortos esperados e explicita as garantias referentes à ética na pesquisa.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando que o pesquisador atendeu adequadamente todas as pendências apontadas anteriormente pelo CEP, o projeto está aprovado.

Considerações Finais e arquivamento do CEP:

Dessa forma, e considerando a Resolução CNS nº. 466/12, Resolução CNS nº 510/16, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, e, ainda que a documentação apresentada atende ao solicitado, emite-se o parecer para o presente projeto: **Aprovado**. Conforme a Resolução CNS nº. 466/12, Resolução CNS nº 510/16, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, é atribuição do CEP acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa. Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá encaminhar para o CEP PUC-Campinas os Relatórios Parciais a cada seis meses e o Relatório Final de seu projeto, até 30 dias após o seu término.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PE_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2438597.pdf	17/12/2024 17:27:56		Acelto
Orçamento	declaracao_de_custos_e_recursos.pdf	17/12/2024 17:27:19	LUCAS SILVA SUNIGA	Acelto
Solicitação registrada pelo CEP	carta_de_resposta_de_pendencia_do_projeto_de_pesquisa.pdf	17/12/2024 17:25:57	LUCAS SILVA SUNIGA	Acelto
Outros	Instrumentos.pdf	22/11/2024 16:44:15	LUCAS SILVA SUNIGA	Acelto
Outros	termo_de_consentimento_para_tratamento_de_dados_pessoais.pdf	22/11/2024 16:43:54	LUCAS SILVA SUNIGA	Acelto
Outros	declaracao_de_responsabilidade_co	22/11/2024	LUCAS SILVA	Acelto

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, nº 1516 - Bloco D

Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida CEP: 13.067-571

UF: SP Município: CAMPINAS

Telefone: (19)3043-4777

E-mail: comitedetica@puc-campinas.edu.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE CAMPINAS -
PUC/ CAMPINAS



Continuação do Parecer: 7.209.005

Outros	mpromisso_e_confidencialidade_pesquisador.pdf	16:43:14	SUNIGA	Acelto
Outros	declaracao_de_responsabilidade_compromisso_e_confidencialidade_orientador.pdf	22/11/2024 16:42:08	LUCAS SILVA SUNIGA	Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	22/11/2024 16:40:14	LUCAS SILVA SUNIGA	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_detalhado.pdf	22/11/2024 16:39:48	LUCAS SILVA SUNIGA	Acelto
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	22/11/2024 16:37:57	LUCAS SILVA SUNIGA	Acelto
Cronograma	Cronograma.pdf	22/11/2024 16:37:01	LUCAS SILVA SUNIGA	Acelto
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_de_infraestrutura.pdf	22/11/2024 16:36:46	LUCAS SILVA SUNIGA	Acelto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 19 de Dezembro de 2024

Assinado por:

GISELE MARA SILVA GONCALVES
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Professor Doutor Euríclides de Jesus Zerbini, nº 1516 - Bloco D

Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida CEP: 13.083-571

UF: SP Município: CAMPINAS

Telefone: (19)2043-6777

E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br